Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social

O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul
- A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-
1960)

Rebecca Guimarães Enke

São Paulo

2013

Versão Corrigida

Rebecca Guimarães Enke

O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul
- A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-
1960)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do grau de Doutor em História Social.

Orientadora: Prof^a. Dra. Raquel Glezer

São Paulo

2013

Versão Corrigida

A Cesar, meu mar de felicidade!

Resumo

ENKE, Rebecca Guimarães. O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul - A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960). 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O presente trabalho procurou analisar a fundação da Estação de Banhos da Villa Sequeira no final do século XIX sob o olhar da modernidade, suas consequências para a cidade de Rio Grande e as transformações que ocorreram no balneário ao longo de meio século de história. Nossa narrativa enfocou o desejo dos homens em usufruir dos banhos de mar, seus benefícios terapêuticos e as diferentes formas de viver os espaços de lazer das estações balneares. Apresentamos o cenário da Villa Sequeira, um local construído para os lazeres das elites, mas que passou a ser vivenciado por vários segmentos sociais e dessa forma, constituiu-se em uma estação balnear para "todos", popularizando os banhos de mar e a vilegiatura marítima na região sul do Estado do Rio Grande do Sul. Objetivando focar os aspectos gerais que envolveram os veraneios no "Cassino" apresentamos as diversas formas de sociabilidade representadas por seus frequentadores no espaço da praia, da avenida, e em locais privados, como os hotéis, os salões de festas e bailes e a Sociedade Amigos do Cassino (SAC).

Palavras-chave: Estação balnear; banhos de mar; praia; terapêutica marítima; vilegiatura; sociabilidades; cidade do Rio Grande; Rio Grande do Sul.

Abstract

ENKE, Rebecca Guimarães. The sea show in a beach in Rio Grande do Sul – The maritime "La villegiatura" in Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960). 2013. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

The present work analyzed the foundation of "Estação de Banhos da Villa Sequeira" in the end of the XIX century in a modern point of view, the consequences for the city of Rio Grande and the transformations that happened in the beach during a half century of history. Our narrative focused in the desire of men to enjoy the sea baths, their therapeutic benefits and the different ways to live the leisure places of the beaches. We show the scene of Villa Sequeira, a place built for elite leisure, but that was lived for several social classes and, in this way, contributed for the popularization of the sea bath and for the maritime "La villegiatura" in the south region of the State of Rio Grande do Sul. Aiming to focus in the general aspects that evolved the vacances in "Cassino" we show the several ways of sociability demonstrated by its visitors in the beach space, in the avenue, and in private locals, as hotels, party saloons and balls and the Sociedade Amigos do Cassino (SAC).

Keywords: Seaside resorts; sea bathing; therapeutic benefits; "La villegiatura"; sociability; city of Rio Grande; Rio Grande do Sul.

Agradecimentos

À professora Dra. Raquel Glezer. Obrigada por me dar esta oportunidade.

À colega Marly Spacachieri, sua ajuda foi fundamental nos momentos do "sufoco".

Aos meus familiares, a todos, carinho e amizade.

Aos amigos.

Cristian, meu companheiro na vida e no amor.

E a Cesar meu tudo!

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Clio representada por Pierre Mignard.

Figura 2 – Mapa da Capitania do Rio Grande de São Pedro. 1809.

Figura 3 – Viajantes rio-grandenses representados por Jean-Baptiste Debret.

Figura 4 - Vila do Rio Grande: População livre em abril de 1776.

Figura 5 – Demonstração da Vila do Rio Grande de São Pedro (1776).

Figura 6 – “Boutique de carne seca” representado pelo francês Jean-Baptiste Debret.

Figura 7 – Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (por volta de 1825).

Figura 8 – Aquarela de Hermann Wendroth (1852).

Figura 9 – Planta da Vila do Rio Grande de São Pedro, feita a pedido da Comarca Municipal em 8 de abril de 1829.

Figura 10 – Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (por volta de 1825).

Figura 11 - Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (por volta de 1825).

Figura 12 – Litografia atribuída ao viajante e aventureiro Sir Richard Francis Burton. Década de 1860.

Figura 13 - Cia. de Tecelagem Ítalo-Brasileira de propriedade de Giovanne Heusemberger.

Figura 14 - Cia. União Fabril (Rheingantz) em 1910.

Figura 15 - Hospedaria da Cia. União Fabril. Início do século XX.

Figura 16 - Planta que mostra o crescimento horizontal da cidade de Rio Grande, em 1904.

Figura 17 - Sede da União Operária. Década de 1920.

Figura 18 - O conhecido calçadão da cidade de Rio Grande com grande movimento de pedestres, denotando o estilo de vida do cidadão rio-grandino ao transitar pelas ruas do centro.

Figura 19 - Avenida Rheingantz. Década de 1930.

Figura 20 – Interior de uma confeitaria em Rio Grande provavelmente no início do século XX.

Figura 21 - Fábrica Leal, Santos e Cia.

Figura 22 - Bonde movido a eletricidade.

Figura 23 - Cartão postal de Rio Grande (1933). Praça Xavier Ferreira.

Figura 24 - Desembarque de locomotiva no Porto de Rio Grande.

Figura 25 - Foto de bonde de tração animal na cidade de Rio Grande.

Figura 26 - Horários dos trens de excursão de Rio Grande e Pelotas a Cerro Chato.

Figura 27 - Cartão postal de Rio Grande. Praça Xavier Ferreira.

Figura 28 - Imagem do início do século XX do balneário de Pocitos no Uruguai.

Figura 29 - Chamada de propostas para a construção do abrigo para o material rodante.

Figura 30 - Publicidade para o aluguel de casas de veraneio na Costa da Mangueira.

Figura 31 - Imagem da construção da Estação de Banhos da Villa Siqueira. Final do século XIX.

Figura 32 - Chegada do trem a estação balnear da Villa Sequeira. Final do século XIX.

Figura 33 - Descontração a beira mar. O espaço da praia atrai para o passeio a pé, as conversas e as brincadeiras.

Figura 34 - Movimentação de pessoas para embarcar ou desembarcar na Villa Sequeira.

Figura 35 - A vilegiatura marítima proporcionou novas formas de lazer para a sociedade rio-grandina do final do Século XIX.

Figura 36 - Monstros marinhos e terrestres que povoaram a imaginação dos homens durante muitos séculos.

Figura 37 - *Large bathers*, 1887 de Pierre Auguste Renoir.

Figura 38 - A estância termal de Bath.

Figura 39 - O velho porto de Biarritz, 1858 de *Alban Lesgallery*.

Figura 40 - Praia, 1904. Paris, Biblioteca Nacional.

Figura 41 - A praia de Dieppe. Pintura do artista francês impressionista Eugène-Henri-Paul Gauguin.

Figura 42 - *The bathers*, 1918. De Pablo Picasso.

Figura 43 - *Os bulevares*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936).

Figura 44 - *Em frente ao Teatro de Vaudeville, Paris*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936).

Figura 45 - *Paris, o Café de la Paix*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936).

Figura 46 - *Nas margens do Sena*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936).

Figura 47 - *Avenida Central, Rio de Janeiro*, 15/12/1905.

Figura 48 - *Cortiço no Rio*. Estalagem existente nos fundos do prédio da Rua do Senado. Início do século XX.

Figura 49 – Foto de uma locomotiva em sua viagem para a Villa Sequeira.

Figura 50 - Na fotografia observamos os camarotes ainda em construção localizados no espaço a beira mar.

Figura 51 - Camarotes para trocas de roupas a beira mar.

Figura 52 - Prédio da administração do estabelecimento de banhos da Villa Sequeira.

Figura 53 - Com vista para o mar, o *chalet* foi construído pela Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar com o intuito de ser um restaurante.

Figura 54 - As quarenta casas geminadas foram construídas próximas ao hotel Casino, sendo dezoito casa de frente para a Avenida Rio Grande.

Figura 55 - Fotografia do restaurante do hotel Casino. Final do século XIX.

Figura 56 - O salão de jogos do Hotel Casino era uma das atrações do estabelecimento. Final do século XIX.

Figura 57 - O interior do salão de baile do Hotel Casino. Final do século XIX.

Figura 58 - O salão de baile e teatro do Casino possuía um palco, no qual ocorriam diversas encenações teatrais.

Figura 59 - Nesta imagem da praia na Villa Sequeira podemos observar ao fundo os camarotes para a troca de roupa, pessoas apreciando a paisagem a pé ou a cavalo.

Figura 60 - Aspecto das barracas para a troca de roupa, ao fundo os camarotes com suas varandas em frente ao mar.

Figura 61 - Este cartão postal da Villa Sequeira revela três aspectos da estação balnear. O salão de bailes do hotel Casino, um chalet em frente a linha férrea provavelmente localizado na Avenida Rio Grande e um quarto de banhos.

Figura 62 - *Chalet* do Cônsul da Alemanha Charles Nieckeke.

Figura 63 - *Chalet* do Comendador M. Fernandes Moreira.

Figura 64 - *Chalet* da viúva de J. Soares Vianna.

Figura 65 - *Chalet* do Comendador Carlos Guilherme Rheingantz.

Figura 66 - *Chalet* do comerciante A.J. Pinto da Rocha.

Figura 67 - *Chalet* da Sra. Maria José Araújo.

Figura 68 - Exterior do salão de baile e restaurante do hotel Casino.

Figura 69 - Catavento importado de Illinois, Estados Unidos.

Figura 70 - Barracas de madeira para a troca de roupas localizadas a beira mar.

Figura 71 - Planta da estação de banhos da Villa Sequeira do ano de 1907.

Figura 72 - A "Villa Francisca" é uma das poucas construções que ainda se encontra na Avenida Rio Grande. Data do início do século XX.

Figura 73 – Reprodução de anúncios no *Echo do Sul*, anos diversos. Década de 1890.

Figura 74 - Anúncio da Estrada de Ferro Southern Brazilian Rio Grande do Sul com os horários dos trens.

Figura 75 - Vista parcial do início da estação de banhos da Villa Sequeira.

Figura 76 – Anúncios no *Echo do Sul*, anos diversos. Início do século XX.

Figura 77 – Anúncios no *Echo do Sul*, anos diversos. Início do século XX.

Figura 78 – Anúncio no *Echo do Sul*, 12/12/1916.

Figura 79 – Anúncio para arrendamento do Hotel Casino. *Echo do Sul*, 10/04/1917.

Figura 80 – Anúncios em *Echo do Sul* e *Rio Grande*, anos diversos. Década de 1910.

Figura 81 - A conhecida "Quinta do Leandro" de propriedade de Joaquim Alves e gerenciado por João Francisco Leite tornou-se uma pensão na Villa Sequeira.

Figura 82 - Anúncio publicitário do Armazém e Bar Casino de Hilário Gomes.

Figura 83 - Anúncios de aluguel de *chalets* no Casino para a temporada balnear de 1916/1917.

Figura 84 – Anúncios em *Echo do Sul*, anos diversos.

Figura 85 - Provável ponte sobre o arroio do Bolaxa.

Figura 86 - A ida ao balneário de automóvel foi comemorada pelos veranistas.

Figura 87 – Trechos de relatórios de intendentes referentes à construção da estrada.

Figura 88 - A imagem mostra veranistas à beira do mar.

Figura 89 - Aspecto dos quiosques instalados na praia do Casino.

Figura 90 - Publicidade sobre programação de carnaval na Villa Sequeira em 1920.

Figura 91 - Anúncio publicitário do hotel Casino.

Figura 92 - Grupo de veranistas na praia do Casino. Década de 1930.

Figura 93 - Horários dos trens para a temporada de 1920.

Figura 94 - A implantação de uma linha de ônibus para o balneário Casino levou maior número de turistas para o local.

Figura 95 - Horário dos ônibus para o Casino. 1934.

Figura 96 - O destaque são as barracas de lona, coloridas e listradas davam um charme a mais na paisagem da praia. Década de 1950.

Figura 97 - Veranistas na praia do Casino. Década de 1950.

Figura 98 - Grupo de casais em baile na SAC. Veraneio de 1956.

Figura 99 - Baile de carnaval na SAC. Verão de 1956.

Figura 100 - Armazém de secos e molhados no Casino. Final da década de 1950.

Figura 101 - Banhistas da praia do Casino. Década de 1950/1960.

Figura 102 - Momentos passados a beira mar no Casino. Passeios e festividades carnavalescas. Década de 1960.

Figura 103 - Banhistas da praia do Casino. Década de 1950.

Figura 104 - O veraneio no Casino atrai turistas de todas as partes do Brasil. Encontro de família. Década de 1960.

Figura 105 - Em dias ensolarados, famílias dirigiam-se ao balneário Casino em seus automóveis ou em lambretas, como a da foto. Década de 1950.

Figura 106 - Jovens em passeio pela Villa Sequeira. Década de 1950.

Figura 107 - Típico veranista do Casino e seu "chalezinho" para a temporada de vilegiatura marítima. Década de 1960.

Figura 108 - Moça posa para fotografia na beira mar no Casino. Década de 1950.

Figura 109 - Aglomeração de banhistas na praia do Casino. Corrida de carros? Carnaval a beira mar? Década de 1960.

Figura 110 - Imagem dos molhes da Barra. Observam-se as vagonetas. Década de 1970.

Figura 111 - Base de foguetes instalada no Casino. Década de 1960.

Figura 112 - Corridas de carros na praia do Casino. Década de 1960.

Figura 113 - Moça posa para foto na praia do Casino. Década de 1960.

Figura 114 - Divertimentos a beira mar. Ao fundo os molhes da Barra. Década de 1960.

Figura 115 - Banhistas dirigem-se a praia contornando as dunas próximas a beira mar. Década de 1960.

Figura 116 - Turistas em passeio pelas vagonetas. Década de 1960.

Figura 117 - Passeio nas vagonetas. Década de 1960.

Figura 118 - Um domingo de sol no Casino. Crianças divertem-se. Década de 1970.

Figura 119 - Dias de sol, dias de mar...a praia e a sociabilidade. Década de 1970.

Figura 120 - E no entorno da Avenida Rio Grande... . A interação e os divertimentos entre os veranistas em suas temporadas no Casino. Década de 1970.

Figura 121 - No final do século XIX e início do XX, o *chic* em Rio Grande era frequentar locais como cafés, salões e confeitarias.

Figura 122 - Casa comercial Palhares. Especializada em modas e tecidos. Início século XX.

Figura 123 - Interior da Confeitaria Papagaio.

Figura 124 - A loja do Pêgas.

Figura 125 - Loja A Miscellanea Rio Grandense. Século XX.

Figura 126 - Casa comercial *Paris na América*.

Figura 127 - Interior de uma tipografia.

Figura 128 - Casa Martensen. Ano 1919.

Figura 129 - Na *A Semana Elegante* observa-se a veiculação do marketing de lojas, cafés, restaurantes e empreiteiras de Rio Grande.

Figura 130 - Tabela de divertimentos. Ano de 1922.

Figura 131 - Tabela de divertimentos. Ano de 1927.

Figura 132 - Principais fábricas e indústrias em Rio Grande no ano de 1919.

Figura 133 - Bonde de tração animal estacionado entre as ruas 24 de Maio e General Vitorino.

Figura 134 - Bonde parado na saída de fábrica em Rio Grande. Década de 1930.

Figura 135 - Interior de um vagão de trem da Companhia Viação Rio-Grandense. Década de 1920.

Figura 136 - Anúncio do Echo do Sul da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira. 30/01/1889.

Sumário

Resumo	iv
Abstract	v
Agradecimentos	vi
Lista de ilustrações	vii
Sumário	xiv
Considerações Iniciais	17
1. Rio Grande: a cidade e a modernidade	30
1.1. À Villa de Rio Grande de São Pedro (1737-1835)	31
1.2. Um olhar sobre a cidade de Rio Grande do final do século XIX e início XX	47
1.3. Encurtando caminhos: A linha férrea e a construção do espaço balnear	71
1.4. A Estação de Banhos da Mangueira - Villa Sequeira	84
2. O desejo de estar à beira mar	95
2.1. O cenário do vazio	96
2.2. A praia terapêutica e a vilegiatura marítima	110
2.3. O prazer do mar: emoções e sensações na primeira década de funcionamento da Villa Sequeira	143
2.4. Algumas construções que moldaram o estilo europeu da Villa Sequeira	168
3. A vilegiatura marítima na Villa Sequeira (1890 - 1960)	173
3.1. O desejo de frequentar a praia da Villa Sequeira	176
3.2. Uma rápida viagem pela praia do Cassino	187

3.3. O cenário cassinense: veranistas buscam seu espaço no balneário	195
3.4. Enfim... o espetáculo do mar no Cassino	243
Considerações Finais	258
Referências Bibliográficas	267
Anexos	286
Anexo 1: Imagens do cotidiano da Cidade de Rio Grande do final século XIX e início do XX.	287
Anexo 2: Tabelas de impostos sobre divertimentos 1922 e 1927.	294
Anexo 3: Fábricas/Indústrias de Rio Grande em 1919.	296
Anexo 4: Bondes e locomotivas da cidade de Rio Grande.	300
Anexo 5: Companhia Bonds Suburbanos da Mangueira em 30/01/1889.	302
Anexo 6. Trechos e imagens do projeto de L.A. Ubatuba de Faria.	303
Anexo 7. Imagens de <i>chalets</i> e residências existentes em 2011.	304
Anexo 8. Panfleto dos leilões 1913-1914-1915.	312
Anexo 9. Informes publicitários: produtos destinados aos banhos de mar.	313
Anexo 10. Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da Estação Balnear.	316
Anexo 11. Panfletos de concerto em 1897-1898 e concerto para abertura da capela em 1899.	318
Anexo 12. Eventos sociais, bailes e festividades realizados na Villa Sequeira entre o final do século XIX e a década de 1950 e alguns trechos de crônicas sociais e notícias do balneário.	323

Os mares do Rio Grande foram sempre objeto de pavor, ou pelo menos inquietação para os navegantes, mormente para os estrangeiros, e, com efeito, a navegação daquelas paragens não é sem dificuldades, nem mesmo sem perigos.

Nicolau Dreys, 1961.

O banho de mar tem tido uma frequência notável nestes últimos anos. É um lindo fato a consignar. Tudo progride neste país essencialmente elegante e o banho de mar também teve seu progresso.

Crônica Cassinense, 23/01/1918.

Considerações iniciais

Figura 1 - Clio representada por Pierre Mignard. Extraído de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Clio> (Acesso: 12/06/2013)

Ambiente simbólico, a praia foi e é um cenário no qual tendências de comportamento, de moda, os esportes e os banhos de mar estão presentes no seu cotidiano. O espaço praiano traz para a "vida" de seus frequentadores a "energia" que lhes falta. Tentar entender a atração dos homens pelo "território do vazio" e sua adaptação no ambiente "inóspito" foi um dos nossos objetivos do presente estudo.

Ao se tomar como ponto de partida as representações relacionadas ao mar, procuramos entender as relações que os homens estabeleceram com o espaço praiano, buscando dessa

forma compreender o que levou a esta mudança de mentalidade da sociedade frente aos espaços litorâneos.

O desejo de frequentar os espaços litorâneos surgiu em torno de 1750 com a "invenção" de um novo lazer, a vilegiatura marítima. O ir a banhos passou a fazer parte do roteiro de férias da burguesia em ascensão na época, estabelecendo uma ligação de cumplicidade do homem com o mar ao tratar e revigorar o corpo humano com suas águas salgada e fria e curar as ansiedades da alma.

Em tempos passados, o espaço litorâneo era apresentado como um local de perigo para os homens, onde inúmeras embarcações desapareciam na imensidão do mar, resultando em imagens repulsivas que acabariam por impedir a apreciação do espaço marítimo. A mudança do olhar sobre o litoral marítimo foi sendo gradual, e aos poucos incorporada à sociedade europeia que passou a se beneficiar da atmosfera litorânea. Esta mudança deu-se em primeiro lugar em um quadro científico, onde profissionais de diversas áreas da saúde indicavam os banhos de mar para tratamento de inúmeras enfermidades.

O discurso médico contribuiu para o desenvolvimento de novas práticas marítimas, através da "cura" de pacientes que passavam temporadas a beira mar, os higienistas provocaram uma corrida às estações balneárias, promovendo caminhadas a beira mar e banhos de sol e incentivando a natação.

A nobreza e a burguesia seguidores do discurso médico não só passaram a frequentar as praias, como também disseminaram a prática dos banhos de mar pelo mundo ocidental, determinando que o espaço se tornasse *locus* da moda.

O tratamento terapêutico realizado nos hospitais e hotéis das estações balneares provocaram uma corrida de doentes aos locais. Os enfermos, alguns acometidos pela melancolia e pela depressão, tentavam acalmar suas angústias. O tratamento proporcionava aos pacientes qualidades curativas através da água fria do mar e do ambiente litorâneo. A prescrição de passeios à beira mar permitia a interação social e o privilégio da apreciação do mar, um verdadeiro "espetáculo" para o deleite dos banhistas. Para o tratamento das doenças pulmonares os "ares" marítimos revigoravam os corpos, e os exercícios a beira mar enalteceram a importância do respirar o ar do litoral reforçando o papel da praia nos tratamentos terapêuticos.

Dentro do contexto do litoral sul praiano no Rio Grande do Sul passei a observar a importância do mar para a vida das pessoas que frequentam ou frequentavam as praias. Dessa forma, ao investigar a fundação da Estação Balnear da Villa Sequeira na cidade de Rio Grande deparei-me com uma história particular: um balneário que havia sido planejado e

construído em território "inóspito" com o objetivo de atender as elites regionais, concorrendo com balneários uruguaios. Através de informações encontradas em periódicos do final do século XIX e início do XX passei a estudar os acontecimentos ocorridos nos veraneios na Villa Sequeira.

Em minha monografia de conclusão do curso de História fiz um levantamento parcial da vida social e cultural dos espaços de sociabilidade do Balneário Cassino durante a década de 1950.

No final do ano de 2002 preparei-me para a seleção do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, onde fui aprovada com o tema *Balneário Villa Siqueira – A invenção de um novo lazer (1890-1905)*.

A vida social e cultural do Balneário Cassino são temas até agora pouco abordados nos estudos sobre a cidade de Rio Grande. O material encontra-se em parte na Biblioteca Rio-Grandense e em coleções particulares, onde há valioso material fotográfico. Na elaboração do projeto somaram-se vários periódicos, documentos oficiais, manuscritos, revistas, mapas, fotografias de época, assim como monografias de graduação e dissertações de mestrado.

No ano de 2003, cursei as disciplinas do Mestrado, e no ano de 2005 obtive o grau de Mestre em História – Área de concentração: Estudos Históricos Latino-Americanos, com a dissertação: *Balneário Villa Siqueira – A invenção de um novo lazer (1890-1905) – Rio Grande* na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

No ano de 2004, concluí o curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Rio Grande do Sul: Sociedade, Política e Cultura, defendendo a monografia: *O planejamento e construção da Estação de Banhos da Vila Siqueira no final do século XIX sob o olhar da modernidade*. Durante este ano, escrevi minha dissertação de Mestrado, realizando pesquisas, coletando material e finalizando a parte escrita.

O ano de 2004 marcava os rumos da minha vida acadêmica e profissional, de "malas prontas" para a cidade de São Paulo afastei-me das pesquisas e de meus projetos acadêmicos. Dediquei-me a lecionar para o ensino fundamental II e médio da rede particular de ensino, e paralelamente, exerci a função de monitoria no Museu da Casa Brasileira, onde entrei em contato com a história de São Paulo, sendo colaboradora nas pesquisas do livro *Coleção do Museu da Casa Brasileira*.

Em 2007, analisando o material de minhas pesquisas, escrevi o pré-projeto: *O Espetáculo do Mar - História social da Estação de Banhos Villa Sequeira/Cassino (1885-1960)*, para a seleção do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de

São Paulo. No 2º semestre de 2008 ingressei no Programa, sob a orientação da Prof.^a Dra. Raquel Glezer, a quem agradeço por me dar a oportunidade de retornar à vida acadêmica.

Neste mesmo ano realizei levantamento bibliográfico na Biblioteca Rio-Grandense sobre a fundação do Balneário Cassino. Encontrei material em jornais da época e alguns dados em documentos como Atas de Assembleias e Prospectos.

No primeiro semestre de 2010, me dediquei a analisar o material coletado, na construção de um blog sobre o balneário Cassino, intitulado “A vilegiatura marítima no Balneário Cassino” e na escrita de dois artigos para o blog. Durante a análise do material algumas questões pertinentes foram surgindo e passei a analisar o balneário não apenas sob o olhar da elite e sim das diversas classes sociais que ao longo dos anos passaram a frequentar a Villa Sequeira com assiduidade. Dessa forma, me deparei com vasto material sobre os frequentadores dos banhos e passei a buscar material em periódicos a partir da década de 1940, observando as mudanças ocorridas no balneário, como: a construção de uma estrada de rodagem, reclamações de abandono e manutenção de ruas, falta de serviços básicos, como luz, água e telefone, aumento das passagens dos trens. Nos periódicos também observei que o Cassino não era mais aquele balneário frequentado apenas pelas elites gaúcha e brasileira, e sim, uma estação de banhos para todos, democrática, mesmo com certo preconceito. Através de alguns relatos de veranistas levantamos a informação de que pela manhã as famílias iam a praia para desfrutar do espaço e tomar seus banhos e a tarde a praia recebia as “empregadinhas”.

A história da Villa Sequeira começou a ser planejada nos idos de 1885, quando um grupo de empresários rio-grandinos viu na extensa faixa litorânea localizada próxima a cidade uma oportunidade de negócios lucrativos. O empreendimento passou a ser planejado, levando cinco anos para sua inauguração oficial; os trâmites burocráticos e a falta de investidores dificultaram a ação dos visionários. Estes propagandeavam nos periódicos que não haveria estação de banhos melhor em todo o Brasil e nos países vizinhos do que a Villa Sequeira. Seus construtores basearam-se em balneários europeus em seu planejamento.

Através de pesquisa minuciosa observamos que as elites do sul do Estado apreciaram a ideia da instalação de um balneário em Rio Grande, e logo adquiriram lotes de terrenos no local, onde construíram belas vivendas, os conhecidos *chalets*, ao longo do bulevar que estava sendo aberto e ajardinado. Os interesses deste segmento social "ajudaram" a construir o estabelecimento de banhos da Mangueira utilizando-se de seu poder e influências. Estas elites

precisavam afirmar-se perante as mudanças decorrentes do Regime Republicano e na Villa Sequeira encontraram o cenário propício para a ostentação de seu poder por meio de belas casas, charretes, vestimentas e as maneiras como se portavam.

A urbanização e a crescente indústria do final do século XIX intensificaram e diversificaram as atividades de lazer na cidade de Rio Grande. O desembarque da modernidade no Brasil trouxe consequências para os centros urbanos do país, que realizaram mudanças em seus traços urbanísticos e adotaram novas práticas comportamentais. Os espaços públicos de Rio Grande foram ampliados dentro da política higienista e novas formas de sociabilidade nas ruas e avenidas da cidade passaram a ser representados. Neste contexto "civilizatório" e dinamizador, a Villa Sequeira passou a ser planejada e construída e a sua inauguração foi bem muito bem recebida pela população riograndina, que lotava os vagões dos trens para conhecer o local.

Ao longo dos anos o Cassino passou a receber um público variado, pessoas de diversas partes do Estado do Rio Grande do Sul, de outros estados e países como argentinos, uruguaios e paraguaios. Devido à extensão de sua praia é permitido o tráfego de veículos automotores, o que atualmente tem criado um problema para a circulação no espaço da praia de pedestres e ciclistas devido ao excesso de veículos, geralmente em alta velocidade.

A partir da década de 1940 há um fluxo maior de pessoas no balneário. Os veranistas dirigiam-se a praia com guarda-sóis, cadeiras, bolsas, chapéus, tomavam seus banhos de sol e de mar, caminhavam pela água, corriam pelas areias, jogavam futebol, frescobol, andavam de bicicleta, trafegavam de carro ou moto.

O comportamento das pessoas no espaço da praia do Cassino é característico, observamos que alguns frequentadores ao chegarem ao ambiente, dirigem-se ao mar, comentam com pessoas próximas se a água está fria, sentam-se em suas espreguiçadeiras, conversam, tomam chimarrão, refrigerantes, cervejas, sucos, água e “beliscam” algo para comer. O período do ano escolhido para a ida aos banhos é o verão, os meses de dezembro a fevereiro são os mais concorridos.

A população riograndina tem por hábito possuir uma casa ou apartamento na praia, dessa forma, no verão, famílias deslocam-se para o balneário para passar as férias, alguns possuem seu imóvel mobiliado, outros realizam uma verdadeira mudança, levando móveis e

objetos pessoais para "veranear". Observamos que há demanda pela procura de imóveis para alugar durante o verão e neste período os valores dos aluguéis triplicam em relação a outras épocas do ano.

Através das pesquisas e de relatos de veranistas começaram a surgir diversos questionamentos quanto à ida ao balneário e quem o frequentava. Ao longo do ano de 2010 decidi pesquisar a popularização dos banhos de mar na praia do Cassino. Surgiram questões que compartilho aqui:

- Por que este fascínio dos homens pelas praias/mar?
- Onde você gostaria de estar em um dia de sol?
- Quando os homens passaram a querer estar na praia, não apenas em busca de tratamento terapêutico?
- Com a fundação do balneário Cassino aumentou o fluxo de turistas na cidade de Rio Grande?
- O balneário Cassino ajudou no desenvolvimento dos transportes ferroviário e de rodagem na cidade?
- Houve aumento por parte de comerciantes em adquirir produtos específicos para praia, nacionais e importados? Como exemplos: roupas, acessórios, guarda sóis, espreguiçadeiras, material para pesca?
- Em que momento ocorreu à popularização dos banhos de mar na praia do Cassino?

Este estudo buscou responder estas questões de forma a abrir novos caminhos para futuras pesquisas sobre a dinâmica da vida social e cultural da praia do Cassino. Sua história vinculou-se a história da cidade de Rio Grande, tornando-se um importante centro turístico, atraindo um público consumidor e que movimenta a economia da cidade, gerando empregos no período de verão.

Através de material fotográfico de períodos distintos da vilegiatura marítima no Balneário Cassino construímos nosso texto, refletindo sobre as diversas formas de sociabilidade que construídas e delineadas nas areias no cenário do vazio.

As lembranças preservadas do Cassino remetem, em sua maioria, a um tempo diferente do cotidiano das férias escolares de verão, esperadas durante o ano todo e quando chega novembro é o momento de "mudar", arrumar as malas, carregar o carro (carroça, kombi ou caminhão) e partir para o Cassino, até o final de fevereiro.

A Villa Sequeira foi construída para atender as elites do sul do Estado do Rio Grande do Sul, no entanto já em suas primeiras temporadas de funcionamento observamos o abandono de alguns serviços e a depreciação do patrimônio da empresa concessionária. Dessa forma, seus diretores buscaram formas de evitar a degradação do estabelecimento através da venda de lotes de terrenos a preços acessíveis, a diminuição dos preços das passagens de trens e bondes e a redução das tarifas do hotel Casino. Outra medida foi a construção do Quadro, um conjunto de casas de porta e janela para aqueles que não poderiam vir a construir seus próprios chalés.

Nosso estudo, intitulado *O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul - A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960)* está estruturado em três capítulos:

Capítulo I - *Rio Grande: a cidade e a modernidade*

Nesse capítulo apresentamos a Vila do Rio Grande de São Pedro, em que expomos a trajetória histórica da cidade desde sua fundação, passando pelo olhar dos viajantes em textos carregados de sentidos e que tornaram-se fonte importante para a compreensão da vida cotidiana local. Abordamos o desenvolvimento e a urbanização da cidade de Rio Grande sob o olhar da modernidade. Através da modernização de seus transportes e indústrias e de um porto bem equipado, Rio Grande tornou-se grande centro exportador do Estado do Rio Grande do Sul e a instalação da linha férrea e a construção do espaço balnear da Mangueira dinamizaram a atmosfera social da cidade. Nossas leituras concentraram-se em obras sobre a História do Rio Grande do Sul e em autores como Maria Luiza B. Queiroz, Francisco das Neves Alves, Ézio da Rocha Bittencourt e Sandra J. Pesavento, nos quais encontramos subsídios para a construção do texto.

Capítulo II - *O desejo de estar a beira mar*

Enfoca o desejo de usufruir dos banhos de mar, seus benefícios terapêuticos e de cura de enfermos e as diferentes formas de viver os espaços de lazer das estações balneares. No início do século XVIII, a sociedade europeia buscou na natureza, a liberdade que não possuía

mais no ambiente citadino, e é através do seu tempo destinado ao lazer que esta sociedade encontra nos *spas* e logo após nas estâncias balneares, o prazer do descanso e do ócio, do divertimento familiar e no contato com os banhos de mar frios, nos quais o cidadão renova-se para outras jornadas de trabalho. Entrou em cena o culto ao bem estar físico e mental.

Ao apresentarmos o cenário do vazio encontramos em Alain Corbin, André Rauch, Georges Vigarello, Anne Martin Fugier, Julia Csergo, Nicolau Sevcenko e Ramalho Ortigão um importante suporte teórico para a narrativa aqui apresentada.

O uso dos tempos livres nos remete aos meados do século XIX, pois a reformulação dos ritmos do trabalho, decorrentes da Revolução Industrial, impôs uma nova distribuição dos tempos sociais, possibilitando a separação dos destinados ao lazer e ao descanso. A prática do lazer passou a fazer parte do cotidiano do burguês e mesmo dos operários após as árduas horas de trabalho.

Neste capítulo retratamos os prazeres e as sensações atribuídas ao espaço banhar sob a perspectiva dos periódicos. Nos na análise de cronistas que publicavam em suas colunas, quase que diariamente, os acontecimentos do balneário e que utilizavam-se de escrita ornamentada para descrever a "emoção" de estar a beira mar e nos estabelecimentos do balneário.

Capítulo III - A vilegiatura marítima na Villa Sequeira

Neste capítulo apresentamos o cenário cassinense no século XX enfocando suas sociabilidades, o viver no balneário e no espaço da praia, seus hotéis e clubes, seus lazeres ao ar livre, suas festas, bailes, matinês, espetáculos teatrais e atrações itinerantes.

Durante todo o período do veraneio, ao longo da praia, os banhistas aglutinavam-se em barracas de lona de variadas cores, transformando a paisagem da beira mar em um "verdadeiro arco-íris". Este fato fez parte da paisagem do Cassino desde a década de 1950. Os modismos¹ criados na praia eram logo "copiados" pelos veranistas/turistas do balneário Cassino. Segundo o memorialista Floriano Beirão, todos ali estavam convidados a desfrutar *a necessidade absoluta de repouso, de revigoração, distraindo-nos, com deleite na doce*

¹ O termo 'modismo', para nós, consiste num comportamento acentuadamente novo, trivial e efêmero que se espalha rapidamente por qualquer camada da sociedade que o adota. O uso mais comum do termo tem o seguinte sentido: uma adoção coletiva rápida e momentânea de comportamento novo que atinge áreas superficiais e triviais da vida. Tem de ser novidade, pois seu efeito é impressionar. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986. p. 775..

*contemplação das ondas do mar a se estenderem nas areias douradas molhando meigamente os nossos pés*². Mas a praia era também locus de outras atividades, para aqueles que, conforme dizia Beirão, *não queriam passar o dia fitando a orla marítima*³, podendo então envolverem-se em jogos, gincanas, corridas de cavalo e de automóveis (apesar da contrariedade de alguns veranistas), campeonatos de pesca, cabo de guerra, ou apreciarem exposições. Muitas vezes as pessoas se reuniam à beira-mar para a realização de bailes carnavalescos.

Expomos neste capítulo a popularização dos banhos de mar na praia do Cassino, quando nos deparamos com a procura de espaços "vagos" na praia. Os banhos diferenciados não fazem mais parte do veraneio no balneário, pois a praia tornou-se democrática e os veranistas do Cassino partilham de seus momentos de lazer a beira mar a qualquer tempo. As lembranças de veraneios no balneário Cassino fazem parte da memória de muitos rio-grandinos. Segundo Maurice Halbwachs, podemos reconstruir um conjunto de lembranças, mas a forma com que ela será repassada para a posteridade será determinada pelos grupos sociais que elas foram construídas. Para ele, *os indivíduos são os que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é memorável, e também como será lembrado*⁴.

Nesta última parte de nosso trabalho exibimos algumas impressões que configuraram a imagem do Cassino. Nesse espaço "construído" para o veraneio poderíamos ter opiniões divergentes sobre seus frequentadores. Descrevemos três exemplos, ambientados na alvorada do século XX baseando-nos em nossas leituras sobre os acontecimentos e o público presente naquela estação balnear.

O personagem número um, denominado por nós de Carlos Guilherme, empresário do setor têxtil, homem rico e de grande influência na sociedade rio-grandina que foi um assíduo frequentador da Villa Sequeira, possuía um belo *chalet* na Avenida Rio Grande e aproveitava seus momentos de lazer na praia em passeios a cavalo, fazendo refeições no restaurante a beira mar e em rodadas de jogos no Hotel Casino.

O segundo personagem, a quem chamaremos de João Petronilho, funcionário de uma repartição pública, comprara um lote de terreno na "praia", lá para os lados da "Querência",

² Jornal *Rio Grande*, Janeiro de 1954.

³ Jornal *Rio Grande*, Janeiro de 1954.

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 30.

distante uns quinhentos metros da Avenida e ali construira seu "chalesinho". Passava seu mês de férias junto com a família e os "agregados, indo à praia em carroças alugadas, em passeios pela costa e Avenida e em viagens de trem a cidade para a compra de mantimentos.

Nosso terceiro personagem, Mário Pedro hospedou-se no Hotel Casino com sua esposa para "cobrir" a temporada de verão para o jornal local. Mário descreve com precisão as atividades de lazer promovidas pelo estabelecimento hoteleiro, evidenciando os personagens presentes e detalhando algumas das conversas ocorridas em almoços e chás da tarde.

O que nossos três personagens tem em comum? Apenas o fato de passarem o verão no Cassino já os destacava na sociedade na época. Para cada um deles a estação calmosa era apreciada de determinada maneira. "Carlos Guilherme" não preocupava-se com as chuvas e com a ação dos ventos, já "João Petronilho" tentava evitar que seu "chalesinho" desaparecesse entre as dunas e "Mário Pedro" não saberia descrever qual sobremesa do almoço fora a mais pedida entre os presentes. Dessa forma, pretendemos afirmar que a Villa Sequeira desde sua fundação foi um balneário que recebeu frequentadores dos mais diversos segmentos sociais. Sua fundação deu-se com o objetivo de atender as elites regionais, mas no decorrer dos anos transformou-se em um local democratizado.

Para nós, a história deve ser partilhada entre todas as pessoas, dessa forma, em nosso texto procuramos compartilhar nossas "descobertas" sobre o balneário de uma maneira clara e sucinta. Pretendemos, através das imagens aqui inseridas, aguçar o olhar do leitor e transportá-lo a uma viagem em um tempo passado, um tempo dedicado aos momentos de lazer passados ao lado de familiares e de amigos.

A vida social é produtora de valores e normas e de sistemas de representação. Segundo Eduardo Mattos Cardoso, é através de um conjunto de representações sociais que se formam os grupos e seus respectivos imaginários, que por sua vez, produzem sentido para estes grupos, formando suas identidades⁵. O imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a

⁵ CARDOSO, Eduardo Mattos. *A invenção de Torres: do Balneário Picoral a criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres - SAPT (1910-1950)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, 2008.

mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e instituições sociais⁶.

Buscamos compreender o papel das novas representações e práticas sociais disseminadas no Brasil República importadas da Europa e dos Estados Unidos, e que moldaram a sociedade da *Belle Époque* com seus hábitos e práticas de comportamento e consumo próprios para a época. Segundo Nicolau Sevcenko,

no afã modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos⁷.

A construção de um novo país tornou-se o cerne para as autoridades políticas, que a exemplo das reformas urbanas na Paris de Haussmann, conceberam e executaram grandiosas obras para a modernização do espaço público. As reformas urbanas realizadas na cidade do Rio de Janeiro serviram de modelo para outras cidades brasileiras, e o ideal modernizador pregava o saneamento da cidade e a reforma de seus espaços.

Nesse contexto de reformas política e urbana, discursos médicos pregando a higiene dos corpos, cuidados com a saúde, as elites brasileiras, "dispostas" a experimentar os "novos" comportamentos que aqui desembarcavam adotavam as "modas" europeias e norte americanas e a inserção dos banhos de mar figurou como mais uma forma de expressão para este segmento social exercer o seu "aparecimento" no ambiente "construído" para tal.

Nosso estudo procura reconstruir no espaço da Villa Sequeira/Cassino acontecimentos vivenciados no cotidiano da estação balnear e para isso, recorreremos as "maneiras de imaginar, utilizar ou simplesmente viver" os tempos dispensados aos lazeres por parte dos veranistas.

⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginário social. *Enciclopédia Einaudi* (Edição portuguesa). Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. vol. 5, p. 307.

⁷ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 27.

No âmbito da História Cultural procuramos trabalhar com o simbólico, o valor que o "espaço" vem a "pesar" e "interferir" nas práticas cotidianas dos personagens que o frequentam.

A capacidade que os indivíduos possuem de viver em sociedade, interagindo entre si e com seus pares, trocando ideias durante as conversas, cruzando olhares que dialogam por si, em locais tanto abertos como fechados, onde possam ver e ser vistos, relacionam-se ao tema da sociabilidade.

Segundo Jean Baechler, na sociabilidade os indivíduos possuem a capacidade de estabelecer “redes”, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões: vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações. O sentido das redes é visto, conforme Alain Degenne, como os grupos considerados como atores coletivos, procurando determinar não apenas quais associações que, numa determinada área, desenvolvem relações entre si, mas, sobretudo quais de seus membros pertencem a várias dentre elas e asseguram a continuidade e a realidade da rede⁸.

Na sociabilidade encontramos todas as formas de convívio e interação entre os indivíduos, até o simples distrair-se em conversas realizadas após a jornada de trabalho, ou seja, a noção de uso coletivo dos tempos livres. Conforme Alain Corbin, a história do tempo livre deve captar o sentido das representações do tempo, a distribuição dos tempos sociais, a sutileza de sua hierarquia, as modalidades da sua disposição e da sua confrontação. Para Corbin *pousar os olhos sobre a história das maneiras de viver ou, se preferir, sobre a dos usos do tempo revela compassos despercebidos e leva a propor novas divisões do passado*⁹.

Empenhados nesta aventura de pesquisa histórica, onde tentamos capturar a vida, os sentimentos e as lógicas dos homens de outros tempos, citamos Sandra Pesavento:

A História Cultural se deve as novas indagações manifestas em estudar as representações que se constroem sobre o mundo, em todas as décadas; em entender o imaginário como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que atribuem significado as coisas; em discutir o caráter da escrita da História, introduzindo a

⁸ BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: BOURDON, Raymond (org.) *Tratado de sociologia*. Trad. Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 65-106.

⁹ CORBIN, Alain (org.) *História dos tempos livres - O advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001, p.500.

ficção e a verossimilhança frente as reivindicações de veracidade da disciplina; em trabalhar com a fabricação da memória e do esquecimento, como formas de presentificar ausências; em estudar não só a produção e a escrita como a leitura e a recepção dos textos, passando também a analisar a fabricação, os significados e o consumo das imagens através da história; em resgatar no tempo as sensibilidades, as razões e as sociabilidades que pautaram a conduta e a percepção dos homens do passado; em entender como são produzidas estas comunidades imaginárias de sentido que constroem pertencimentos, delimitando o in e o out, a identidade e a alteridade, a inclusão e a exclusão; em analisar como são fabricados os recortes de gênero, étnicos, de cor ou etários, e como os integrantes desses grupos se manifestam e agem, construindo valores e estratégias; em entender, finalmente, que a história se expressa e pode ser buscada na gestualidade e teatralidade do corpo, na encenação dos gestos que se justa põem a fala e ao som, na expressão gráfica, pictórica ou do espaço construído, que chega a fazer falar a pedra. E, sobretudo, entender que a metáfora, a retórica e a poesia não são propriedades do mundo das artes e que os homens estão sempre dispostos a inventar e requalificar o passado, assim como em sonhar e imaginar o futuro, para melhor explicar e agir no presente¹⁰.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra J. (org.) *História cultural*. Experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003, p. 07-08.

1. Rio Grande: A cidade e a modernidade

A cidade é grande invenção material do homem e a tal ponto que se torna impossível separar a história do homem da história da cidade, uma vez que, durante milênios, o ser humano se veio inventando e reinventando como indivíduo urbano, como ser urbano.

No curso da história, a cidade vem se tornando a cada dia mais o habitat do homem, a grande máquina de viver que ele veio fazendo até chegar à cidade moderna, sofisticada e tecnológica.

Aquele cenário de flora e fauna encantadas foi substituído, graças à invenção humana, por um espaço mecanizado e técnico, constituído de edifícios e veículos, de avenidas e viadutos e montado numa infraestrutura complexíssima em que se congregam as redes do serviço de água, de eletricidade, de comunicações.

A cidade se é invenção e obra do homem, é também repositório do vivido, guarda as marcas da sua própria história, que é nossa história impressa em seus muros, nas casas, edifícios e monumentos que está estampado o tempo que se foi os resquícios de gerações que viveram e se foram.

A cidade é rica de segredos, de camadas que se rompem e revelam o inesperado, surpresas que subvertem a rotina do dia a dia. Há muitas

idades ocultas numa mesma cidade. (Ferreira Gullar. Labirinto de espantos.)

1.1. A Vila do Rio Grande de São Pedro (1737-1835)

Na costa arenosa e hostil, a tenacidade dos homens vence a inconstância e a agressividade dos elementos¹¹.

Figura 2 – Mapa da Capitania do Rio Grande de São Pedro. 1809. Reconstituição histórico-cartográfica, executada no Departamento de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul por João C. Campomar Jr., em julho de 1942. Neste mapa estão descritos os quatro municípios da Capitania criados por provisão real a 7 de outubro de 1809: Rio Pardo, Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre e Rio Grande. Extraído de: QUEIROZ, Maria Luíza. *A Vila de Rio Grande de São Pedro 1737-1822*. Rio Grande: Ed FURG, 1987, p. 155.

¹¹ CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul*. Estudos de fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos (1605-1801). Porto Alegre: Editora da UFRGS, s.d, p. 99.

Em fins de janeiro de 1737, o Coronel de ordenança Cristóvão Pereira de Abreu¹² escreveu correspondência ao General Gomes Freire de Andrade, com o intuito de lhe por a par dos preparativos realizados para o desembarque da expedição comandada pelo Brigadeiro José da Silva Paes¹³, encarregado de fundar “*aquele que foi o primeiro estabelecimento oficial português na terra gaúcha*”¹⁴.

A diligência comandada por Silva Paes estabeleceu a ocupação do extremo sul brasileiro, introduzindo uma cultura luso-brasileira que iria rivalizar com a do índio e a do castelhano platino, propensa a grandes desafios para moldar uma fronteira obediente a Corte portuguesa. O soneto abaixo foi apanhado junto a um anônimo, na Vila de Rio Grande, depois de 1745, descrevendo a povoação neste período. Camilo Castelo Branco o transcreveu:

*Tetos de ervas, paredes de pântano,
Nome de vila e construção d'aldeia,
Quase coberta de volante areia
Dos combros que aqui crescem todo ano;*

*Brisas do vento leste e minuano,
De moscas, pulgas, bichos é bem cheia;
Não sei quem tanto inseto aqui semeia
Para causar as gentes nojo e dano!*

*De pé um diminuto batalhão,
De cavalo os dragões mais esforçados,
De voluntários uma legião*

*Dizem que há nos campos muitos gados;
Esta é do Rio Grande a habitação
Onde purgando estou os meus pecados*¹⁵.

¹² Para a ocupação do canal do Rio Grande, José da Silva Paes contou com a orientação de Cristóvão Pereira de Abreu, “*grande nome da couranço litorânea, no transporte de gado e de charque*”, que desfrutava do monopólio da caça de gados e exportação de couros pela Colônia do Sacramento desde 1702. Homem de autoridade na região da lagoa Mirim criou currais, estâncias e povoados. VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Rio Grande do Sul – Geografia da população*. Porto Alegre: Sagra, 1985, p. 36.

¹³ “*Atravessar o oceano, franquear a barra, fundar uma fortaleza, repelir os índios e os castelhanos, explorar o território entre as Lagoas e o mar, essa trabalhosa empresa foi executada numa fase em que a sorte das armas parecia repelir os portugueses do Prata. Silva Paes lançou no areal da barra do Rio Grande os fundamentos da futura colonização portuguesa na região*”. CESAR, Guilhermino. *Op. cit.*, p. 99.

¹⁴ Esta correspondência foi obtida por Aurélio Porto do historiador Jônatas do Rêgo Monteiro, não possuindo uma data precisa, mas segundo Porto pode-se assegurar que é de fins de janeiro de 1737. Nela Cristóvão Pereira de Abreu conta que arrebanhara gado vacum, reconduzia cavalos mansos para a localidade e esperava ordens para fundar a Barra e o canal, além de preparar um mapa da região. CESAR, Guilhermino. *Op. cit.*, p. 93-97.

¹⁵ Este soneto faz parte de um folheto de 32 páginas, editado em Lisboa, em 1816, com as iniciais J.M.P.S., e teve a transcrição e comentários de Camilo Castelo Branco em *Mosaico e Silva*. CASTELO BRANCO, Camilo.

A Vila do Rio Grande de São Pedro foi fundada em 19 de fevereiro de 1737. Foi uma estratégia do governo português para expandir e proteger suas terras frente às invasões¹⁶ que vinha sofrendo nesta época. Seu fundador, Silva Paes em correspondência a Duarte Pereira Chaves¹⁷, o Prior de Chaves, contou suas impressões da região, enaltecendo a fertilidade e o bom clima da terra, “exagerando” algumas vezes, com o intuito de atrair a atenção da Metrópole portuguesa para a Vila.

Neste período a Vila de Rio Grande de São Pedro passava por dificuldades de acesso, devido ao fechamento da Barra ocasionado pelas condições físicas da região e o abandono por parte da administração metropolitana. Seus pioneiros tiveram de enfrentar o isolamento, a falta de alimentos e vestimentas, de remédios, falta de pagamento dos soldos, de moradias habitáveis, de material de construção, de mulheres, de novos moradores e de notícias sobre outros núcleos coloniais.

Segundo Guilhermino Cesar, o Rio Grande que nascia era terra despovoada, as condições de vida que esperavam o colonizador eram extremamente precárias¹⁸. Nesse contexto foi deflagrada a Revolta dos Dragões, em 1742, pelo regimento militar com apoio de parte da população, por melhores condições urbanas para a região. Silva Paes, vindo de Santa Catarina, retornou a povoação, desarmando o movimento que resistiu até o desembarque de mantimentos e o pagamento de parte dos soldos.

O pequeno povoado com função militar, “a partir de 1752 ganhou notável impulso com a chegada de colonizadores provenientes do Arquipélago dos Açores”¹⁹. Na pequena Vila,

Mosaico e Silva. Porto: Livraria Chardron, s.d., p. 191. Apud REVERBEL, Carlos. *O gaúcho*. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1998, p. 71-73.

¹⁶ Segundo Maria Luiza B. Queiroz as razões que levavam a Coroa a se preocupar com a segurança desse território, vinculavam-se a defesa da região mineira do interior do país, comprometida com o abandono em que se encontrava o litoral sul do Rio de Janeiro e a presença de navios estrangeiros nesta costa desguarnecida. Além das constantes invasões por parte dos espanhóis que penetravam livremente pela campanha do Rio Grande. QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p.30.

¹⁷ Guilhermino Cesar supõe que o documento seja do ano de 1742, quando Silva Paes já no governo de Santa Catarina teve de voltar ao Rio Grande para reprimir a indisciplina das tropas, sublevadas contra seus superiores. “O documento, sem data, é manuscrito e consta do Códice CV/1-7 da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora onde o lemos, copiamos e microfilmamos em março de 1964”. CESAR, Guilhermino. *Op. cit.*, p. 126.

¹⁸ “Naquela sociedade que brotava do areal costeiro, em função da ocupação política do espaço, da exploração da riqueza das pastagens, das lutas fronteiriças, da comercialização de cavalos e muare para o exército e para as minas do Brasil Central, viver o dia-a-dia já era uma aventura”. CESAR, Guilhermino. *Ocupação e diferenciação do espaço*. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius. (orgs.). *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p.11.

¹⁹ BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Da rua ao teatro – Os prazeres de uma cidade*. Rio Grande: Ed FURG, 2007, p. 31.

os açorianos²⁰ dedicaram-se a agricultura e a pesca, a criação de gado e ao comércio, incorporando ao território sul-rio-grandense hábitos açorianos²¹.

Segundo Eurípedes Falcão Vieira a colonização açoriana mudou o caráter do processo povoador²². Nesta época o Rio Grande do Sul contava com uma população heterogênea, seus núcleos nativos possuíam características culturais e sociológicas próprias. O tropeiro mestiço²³, o negro, o indígena e a chegada dos açorianos, com seus costumes e comportamentos miscigenaram-se, e “a seu próprio modo”, iniciaram a construção da Província.

Moysés Vellinho ao analisar as origens do homem do sul-rio-grandense, o *gaúcho*²⁴ afirma que este personagem do Rio Grande do Sul diferenciou-se do gaúcho platino por sua

²⁰ “A ideia de trazer casais diretamente das ilhas dos Açores e da Madeira também para povoar as terras sulinas do Brasil já fora aventada pelas autoridades régias em Portugal desde quando se começara a cogitar da instalação de uma nova colônia e da fortaleza na margem meridional da barra do Rio Grande, no caso de fracassar o planejado ataque para desalojar os espanhóis de Montevideu e onde constituíam sérias ameaça para a Colônia do Sacramento. Assim, nas instruções datadas de 23 de março de 1736, e enviadas por el-rei D. João V (...) “que tenho resolutu mandar transportar das Ilhas até trezentos casais e alguns soldados para se estabelecerem na dita colônia”, a de Rio Grande”. WIEDERSPAHN, Oscar Henrique. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1979, p. 13-14.

²¹ “A imigração açoriana marcou fortemente o processo de formação de muitos núcleos urbanos sul-rio-grandenses. Em 1752, os primeiros ilhéus se estabeleceram as margens do lago Guaíba, no porto do Arraial de Viamão, que passou a ser conhecido como porto de São Francisco dos Casais, núcleo inicial da futura cidade de Porto Alegre. Os primeiros brancos civis a chegarem a Rio Grande entre os anos de 1737-1738 são de origem espanhola (provenientes de Santa Fé, Corrientes, Entre-Ríos e do Paraguai) ou luso-brasileiros (provenientes de São Paulo, Sacramento e do Rio de Janeiro). Também neste período, índios tapes foram incorporados a colônia. Mais tarde, por volta de 1749, os índios minuanos são igualmente assimilados”. QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p. 53-62. “Essa forma de povoamento iria se repetir em meados do século XIX, como parte de um projeto de ‘branqueamento’ e de preenchimento de ‘vazios’ territoriais, dando o tom da população e da economia local. Diferentemente dos grandes centros exportadores, a região apresentou uma produção voltada para o mercado interno, escravidão de pequena monta e economia diversificada, resultando numa acumulação de pequeno vulto”. PEDRO, Joana Maria. *Mulheres do sul*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 280.

²² VIEIRA, Euripedes Falcão. *Op. cit.*, p. 45.

²³ “No extremo sul os minuanos e os charruas, ao contato com o colonizador, se moldam as atividades campeiras, surgindo um tipo campeiro, afeito as lides com o gado e hábil cavaleiro, o gaúcho. Segundo Vieira, o gaudério, quase sempre mestiço e livre dos condicionamentos sociais da época, o gaúcho constituiu o ponto de partida da nova civilização que se instalava no século XVIII: a courama. A nova civilização emergente congrega, na heterogenia do gaúcho, o nativo, o tropeiro mestiço e o português, num amálgama responsável pela população rio-grandense”. VIEIRA, Euripedes Falcão. *Op. cit.*, p. 34-35.

²⁴ Segundo Carlos Reverbel, o gaúcho apareceu, na sua feição primitiva, em terras do rio da Prata. E começou a esboçar-se, como tipo social, a partir de 1536, data da primeira fundação de Buenos Aires. Seu aparecimento no Rio Grande ocorreu mais tarde, em busca de pastagens abundantes e enormes rebanhos. Surgiria assim o caçador a cavalo de gado chimarrão, ou seja, o gaúcho. REVERBEL, Carlos. *Op. cit.*, p.90-91. O historiador Jaime Cortesão traçou o perfil do gaúcho com poucas e precisas palavras: “Homens rústicos e descalços, envoltos no poncho, hipocentauros ou sátiros aos quais não falta a viola e o cavaco, as bolas e a faca para apanhar uma rês e assar a carne de que se alimentam, apenas para adquirir o tabaco que fumam ou o mate que bebem sem açúcar todo o dia”. Apud WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 168.

índole, sendo este último violento ao extremo²⁵. A consolidação da identidade regional rio-grandense remonta nas relações sociais e políticas do interior das estâncias, das charqueadas e das localidades que foram fundadas com a vinda de imigrantes.

Figura 3 – Viajantes rio-grandenses representados por Jean-Baptiste Debret. Extraído de: LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818*. São Paulo: Livraria Martins, 1942, p. 145.

Entre os anos de 1763 a 1776, a Vila do Rio Grande foi invadida pelos espanhóis. Este período foi marcado pela retirada da população e a ausência das autoridades locais portuguesas. Segundo o General João Henrique de Böhm o esquema de segurança adotado pelos espanhóis impedia a permanência de portugueses no centro da Vila, determinando a mudança de diversas famílias para as imediações²⁶.

Segundo o engenheiro militar Francisco João Roscio, entre os anos de 1774 a 1775, os hábitos dos povoadores eram rudes e campestres. Suas moradias eram pobres cabanas, sem cômodos e conforto, algumas portas de entrada possuíam apenas um couro cru de boi pendurado como cortina. Alimentavam-se, geralmente de carne de vacas e leite. O comércio era realizado em embarcações pela Barra, ou por terra para a Vila de Laguna, onde

²⁵ VELLINHO, Moysés. *A formação histórica do gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1969.

²⁶ Formaram-se quatro núcleos de colonos: o “núcleo da Torotama”, formando o Povo Novo; o “núcleo dos paulistas”; o “núcleo do Saco da Mangueira” e o “núcleo dos Carreiros”. BÖHM, João Henrique de Gal. *Mémoires relatifs à l’expédition au Rio Grande. Simpósio comemorativo da restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Rio de Janeiro, 1976. *Anais*. Rio de Janeiro, IHGB/IHGMB, 1979, v.3, p.120-121. Apud QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p.117-118.

embarcavam os gêneros de exportação e desembarcavam outros de troca ou pequenas mercadorias²⁷.

A Vila do Rio Grande voltaria ao domínio português em 02 de abril de 1776. Nesta época contava com uma população livre de 686 habitantes estabelecidos nos núcleos que se encontravam no entorno da Vila.

Vila do Rio Grande: População livre em abril de 1776			
	Idade	nº	total
Homens	0 – 7	64	362
	8 – 15	60	
	16 – 60	213	
	60 – 90	24	
	+ 90	1	
Mulheres	0 – 7	47	324
	8 – 14	58	
	15 – 40	170	
	40 – 90	48	
	+ 90	1	

Figura 4 – Apud QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p. 129.

A partir de junho de 1776 alguns casais começaram a retornar e recolonizar a localidade. Segundo Maria Luiza B. Queiroz, para a recolonização da Vila do Rio Grande, no período de 1776-1789, uma nova corrente de migração chegou a Vila procedente do Rio de Janeiro e dos Açores²⁸.

A recuperação econômica da região, sobretudo da agricultura, não foi imediata a reconquista. Manteve-se um mercado consumidor retraído, caracterizado pelo abastecimento local. A partir de 1780, a reorganização da agricultura coincidiu com o fim da crise

²⁷ ROSCIO, Francisco João. Compêndio noticioso do Rio Grande de São Pedro até o Distrito e governo de Santa Catarina extraído dos meus diários observações e notícias que alcancei ao dito continente nos anos de 1774 a 1775. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, ano XXII, III e IV trimestres de 1942. Apud CESAR, Guilhermino. *Op.cit.*, p. 99.

²⁸ QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p.117-118.

econômica portuguesa²⁹ e com o emprego de uma série de incentivos por parte do governo de Portugal, como,

*valorizar a produção agrícola no Brasil, sobretudo a partir da introdução de novas culturas como algodão, arroz, anil, cochoilha e linho, visando diminuir o peso desses produtos na pauta de importação do Império. A intenção era exportar produtos para a França e Inglaterra que iniciavam sua fase de processamento industrial de matérias primas*³⁰.

O desenvolvimento da Vila do Rio Grande, nas primeiras décadas do século XIX, esteve ligado às transações comerciais realizadas em seu porto, como o escoamento da produção de charque da região de Pelotas, intensificando as atividades portuárias. Este crescimento se refletiu no prolongamento de sua área urbana, determinando uma nova configuração econômica.

Figura 5 – Demonstração da Vila do Rio Grande de São Pedro (1776). Francisco Ferreira de Souza. Cópia existente na Biblioteca Rio-Grandense. Apud ALVES, Francisco das Neves. *Porto e Barra do Rio Grande*. História, memória e cultura portuária. Porto Alegre: CORAG, 2008. v. 2, p. 700.

²⁹ Segundo Warren Dean “em finais do século XVIII, o Império colonial português passava por um período de reordenamento de suas estruturas políticas e econômicas, já que as minas brasileiras estavam em decadência e isso levava à diminuição da arrecadação do quinto pela Coroa portuguesa. Além disso, o contrabando do ouro era elevado e os produtos tropicais produzidos aqui já não conseguiam competir no mercado internacional frente aos seus concorrentes, e não raro perdiam espaço no próprio Brasil, devido à entrada de produtos melhores e mais baratos de outras potências coloniais”. DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo*. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

³⁰ WEHLING, Arno. *O fomentismo português no final do século XVIII*: doutrinas, mecanismos, exemplificações. Rio de Janeiro: RIHGB, 1977, p. 185.

Em 1804, a elite comercial conseguiu do governo central a instalação da Alfândega na Vila do Rio Grande, revelando sua importância econômica para o desenvolvimento da Província. Em poucos anos, um mercado público, três igrejas (Matriz de São Pedro, a da Ordem Terceira de São Francisco e de Nossa Senhora do Monte do Carmo), um teatro, fruto do empreendimento financeiro de seus comerciantes, fariam parte do núcleo urbano da Vila.

Segundo o artigo escrito por Salvatori, Habiaga e Thormann, o núcleo urbano e econômico³¹ concentrava-se junto ao porto, limitado a leste e sul por alagadiços e a oeste por dunas móveis, que invadiam lentamente a cidade, fazendo-a recuar para leste, a custa de aterros de areia e entulho, assumindo a forma triangular³².

A vinda da Família Real Portuguesa, em 1808 promoveu mudanças significativas no Brasil. À abertura dos “portos as nações amigas”, ou seja, a Inglaterra, afetou o pacto colonial que limitava as relações comerciais com outros países, o exclusivismo “metrópole-colônia”, deixando o Brasil mais aberto ao comércio mundial. A entrada de estrangeiros no país durante esse período aumentou, sendo seus interesses os mais diversos possíveis, variando de questões pessoais (pesquisas científicas e acadêmicas ou apenas turismo) e institucionais (funcionários de governo estudavam o país com fins de especulação econômica e política). Através de suas observações e vivências conseguimos informações valiosas sobre o território brasileiro, como a fauna e a flora.

Nesse contexto, a Vila do Rio Grande passou por um crescimento relevante e suas atividades mercantis sofreram o incremento da presença efetiva do comércio britânico, além do desembarque de viajantes estrangeiros interessados em conhecer, estudar e descrever a região em suas obras.

Já no ano de 1809, o comerciante inglês John Luccock, em sua passagem por Rio Grande a descreve como sendo uma “*pequenina e linda cidadezinha branca, (...) com cerca*

³¹Segundo as autoras, a urbanização de Rio Grande possuiu sete ciclos socioeconômicos: “*Período da conquista (1650-1750), período da posse consolidada (1750-1822), período do comércio atacadista de importação e exportação (1850-1870), período de industrialização (1870-1920), período da modernização industrial (1920-1950), período de estagnação (1950-1970) e período do superporto e distrito industrial (a partir de 1970)*”. SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, jan/mar 1989, p. 46-49.

³²SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. *Op. cit.*, p. 47.

de quinhentas habitações e um total de dois mil habitantes”³³. Ficou impressionado com a abundância e variedades de peixes na baía da Mangueira e com o abastecimento de água proveniente da Ilha dos Marinheiros, além de destacar o progresso do comércio com a importação de produtos ingleses, mais baratos em relação aos produtos portugueses³⁴. Lamenta não ter um espaço de lazer na cidade, e dessa forma, junto com alguns de seus conterrâneos, funda uma “espécie de clube inglês” que frequentava “a miúdo”. Em relação a divertimentos externos elogia os amplos espaços para a equitação, os passeios a pé e os esportes de campo. Luccock faz referência à ação dos ventos, que frequentemente soterravam e danificavam as casas³⁵.

Segundo a obra do botânico e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, em 1820, o município de Rio Grande³⁶ possuía 5125 habitantes³⁷. Conforme o autor, nesta época a cidade era o centro de comércio de carne seca, de couros, sebo e trigo produzidos na Capitania. Havia negociantes ricos e de “boa aparência”, e o mobiliário de suas casas demonstrava “abastança”. Quanto aos hábitos dos habitantes, o botânico observa que promoviam bailes em residências particulares, sendo os homens pouco solícitos junto às mulheres, “*quase não lhes falando e não demonstrando o menor desejo de lhes ser agradáveis*”³⁸.

³³ Sobre as ruas da cidade, Luccock escreve: “*A fileira principal de casas corre em direção Leste-Oeste, gozando de suas janelas de rótula. Por trás dessa fileira de casas, que é realmente bonita e graciosa, ficam uma rua de cabanas pequeninas e baixas, feitas de barro e cobertas de palha, habitações das classes mais baixas*”. p. 117. E descreve a casa que alugou: “*Constava de um pavimento térreo apenas, tinha uma sala, dando para a rua, e iluminada por uma única janela sem vidros nem venezianas. Por detrás ficava uma alcova de dormir e uma cozinha de chão num puxado*”. LUCOCK, John. *Op. cit.*, p. 126.

³⁴ “*Neste período as importações consistiam de lãs, uma variedade de ferragens, louças, sal, fumo, açúcar, aguardente e escravos*”. LUCOCK, John. *Op. cit.*, 122.

³⁵ Luccock escreve: “*Quando o vento sopra com força de sudeste, como frequentemente faz, trás consigo tanta areia, que revolteia do alto das dunas feito a fumaça de um vulcão, que os olhos dificilmente se atrevem a olhar na sua direção. Voltando-se as costas ao vento a fim de abrigar-se, vê-se a areia que avança como uma tempestade de neve; uma parte dela, interceptada pela cidade, amontoa-se de encontro as casas, alcançado e derruindo por vezes seus telhados*”. LUCOCK, John. *Op. cit.*, p. 116.

³⁶ “*Em 1809, o município de Rio Grande possuía 41.000km², compreendendo as terras de Jaguarão, Arroio Grande, Bagé, Canguçu, Piratini, Herval, Pelotas, Pinheiro Machado, São Lourenço do Sul e São José do Norte*”. BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op. cit.*, p. 33.

³⁷ Esta informação foi dada pelo vigário de Rio Grande a Saint-Hilaire, informando-lhe que entre os indivíduos encontravam-se “*1195 brancos, 1388 brancas, 17 índios, 26 índias, 61 mulatos livres, 98 mulatas livres, 32 negros livres, 38 negras livres, 1391 negros e mulatos escravos, 379 negras e mulatas escravas*”. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, p. 123.

³⁸ Auguste de Saint-Hilaire escreve que em um baile oferecido a um Conde havia mais de cinquenta mulheres, “*todas vestidas com elegância e bom gosto (...). Tem na maioria a pele branca, corada, olhos e cabelos negros, algumas são bonitas, porém todas sem atrativos. São para com os homens muito desembaraçadas ou demasiadamente tímidas, (...). É de admirar que conversem tão bem, a vista da pouca educação que recebem*”. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Op. cit.*, p. 145-146.

O conjunto comercial da Vila do Rio Grande em 1822 compreendia “*vinte e quatro lojas de fazenda, quinze armazéns de atacado, três boticas, dois ferreiros, dois tanoeiros, dois ourives, duas lojas de louça, dois latoeiros e um caldeireiro*”³⁹, em sua maioria localizada junto ao porto e a Rua da Praia. Algumas residências eram construídas de tijolos trazidos de Porto Alegre, geralmente pertenciam aos ricos comerciantes e possuíam sacadas e balcões de ferro, e habitavam as seis principais ruas paralelas ao porto. Segundo Luiz Henrique Torres, a população pobre, ocupava cabanas feitas de barro e cobertas de palha, ocupando quatro ruas estreitas, sem calçamento⁴⁰. Nesta época a presença de areia dificultava o deslocamento dos pedestres e de carroças.

Figura 6 – “Boutique de carne seca” representado pelo francês Jean-Baptiste Debret.
Disponível em: www.brasiliana.usp.br/ (Acesso: 07/04/2013)

³⁹ CHAVES, Antonio José Gonçalves. Memórias ecônomo-políticas sobre a administração pública do Brasil: Compostas no Rio Grande de São Pedro do Sul e oferecidas aos deputados do mesmo Brasil. Quinta e última memória sobre a província do Rio Grande em particular. *Revista do IHGB/RS*. Porto Alegre, 2, 3 trim., 1922, p. 325.

⁴⁰ TORRES, Luiz Henrique. *Memórias do cais: O Porto Velho do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2009.

Figura 7 – Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (por volta de 1825). Observamos inúmeras construções, provavelmente armazéns e sobrados, retratando o desenvolvimento da Vila do Rio Grande, além das diversas embarcações na entrada de sua barra. Extraído de: BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 400. Apud BITTENCOURT, Ézio da Rocha. *Op. cit.*, p. 37.

Em 1823, a dragagem do cais e a conclusão da construção do Porto Velho, feito em madeira, permitiram a atracação de navios com mais de 200 toneladas, melhorias que dinamizaram o comércio local⁴¹. Estas obras foram realizadas com a participação financeira de comerciantes da Vila do Rio Grande.

O comerciante e viajante francês Nicolau Dreys, em sua passagem pela Vila do Rio Grande no ano de 1825, faz uma descrição da povoação. Leia-se,

No meio das areias estéreis que a circundam e invadem continuamente, ela se apresenta como uma criação excepcional da política e do comércio: indiferente e como estrangeira ao território que ocupa, não deve nada senão ao caráter ativo, industrioso e empreendedor dos habitantes. Ali, o homem pode mais que a natureza; onde achou impotência e miséria fez nascer prosperidade; pois, a cidade de São Pedro, com suas casas suntuosas, seus ricos armazéns, seus cais regulares e seu porto retificado, pode agora concorrer com as mais notáveis cidades da América do Sul⁴².

Nicolau Dreys aponta os melhoramentos no cais do porto, com a retirada de grande quantidade de aterro, possibilitando o aumento do número de embarcações para a importação

⁴¹ QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p. 157.

⁴² DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Instituto Estadual do Livro: Porto Alegre, 1961, p. 111.

e exportação de produtos⁴³. Segundo Dreys, esta iniciativa de melhorias no porto partiu dos negociantes da praça que,

*mandaram vir e puseram em atividade nos baixios do Rio Grande uma dessas máquinas especiais, conseguindo, por meio dela, desentulhar os canais que circulam entre os bancos de areia e abrir as embarcações carregadas um caminho fácil, até então desconhecido e considerado, como impraticável*⁴⁴.

Segundo o viajante e naturalista francês Arsène Isabelle, em 1834 a Vila de Rio Grande possuía 4.000 habitantes, *edifícios construídos no gosto e na forma dos de Porto Alegre, soberbas casas de três andares, com balcões de ferro e fachada de pedra lavrada*⁴⁵.

Figura 8 – Aquarela de Hermann Wendroth (1852). “Saem e entram, todos os anos, pela barra do Rio Grande, 250 a 280 barcos maiores, carregados de produtos da província: desses barcos, duzentos pertencem aos negociantes da província; os outros são de propriedade estrangeira, pois é espetáculo ordinário ver tremular no porto do Rio Grande, entre as bandeiras brasileira e portuguesa, há bandeiras francesas, inglesas, americanas e italianas”. DREYS, Nicolau. *Op. cit.*, p. 143.

⁴³ DREYS, Nicolau. *Op. cit.*, p. 112.

⁴⁴ Segundo Dreys, “os negociantes do país mostraram-se tão progressivos nas suas ideias como em seu comércio, e souberam remover os obstáculos naturais que entorpeciam a navegação. Com as barcas mecânicas que se mandaram vir de fora, limpavam-se os fundos do mar, e conseguiram abrir, através do lodo e das areias, os acessos do fundeadouro”. DREYS, Nicolau. *Op. cit.*, p. 113 - 144.

⁴⁵ ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 77. Apud BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op. cit.*, p. 36.

Figura 9 – Planta da Vila do Rio Grande de São Pedro, feita a pedido da Comarca Municipal em 8 de abril de 1829. As setas na parte inferior da planta indicam a região de pântanos da povoação. Extraído de: cópia obtida junto a Secretaria de Coordenação e Planejamento da Prefeitura Municipal de Rio Grande. Apud: QUEIROZ, Maria Luiza. *Op. cit.*, p. 159.

A vila de Rio Grande, no ano de 1835 foi elevada a condição de cidade, no mesmo ano em que foi deflagrada a Revolução Farroupilha⁴⁶. A cidade sentiu os efeitos da guerra, com a redução da movimentação de mercadorias no porto, ocasionando prejuízos à economia sul-rio-grandense. Foi mantida sob o controle dos legalistas e não chegou a ser ocupada pelos revoltosos.

Encerrada a revolta em 1845, a província passaria por uma lenta recuperação econômica. Com o retorno da produção na região, o escoamento pelo porto e o aquecimento do comércio, a urbe retomava sua posição econômica no panorama sul-rio-grandense.

No ano do término da Revolução Farroupilha, o viajante belga Alexandre Baguet, a bordo da escuna *Sea Bird*, desembarcou na cidade de Rio Grande, e sua primeira impressão foi o perigo oferecido pela barra, devido aos seus bancos de areia que deslocavam-se

⁴⁶Segundo Sandra Pesavento, um dos pontos para a deflagração da Revolução Farroupilha foi a subordinação da província do Rio Grande do Sul ao centro, que vinha reduzir a esfera de poder dos grupos dominantes provinciais, sobrepondo-se aos interesses da oligarquia gaúcha, mantendo um sistema de dominação política ensejado pela estrutura administrativa imperial. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

frequentemente pela ação dos ventos, fortes e constantes. Iniciou-se assim sua aventura em território gaúcho, após constatar o caráter inóspito da região⁴⁷.

Figura 10 – Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (por volta de 1825). O artista retrata o temível litoral sul-rio-grandense. Apud: ALVES, Francisco das Neves. *Op. cit.*, p. 701. A periculosidade do mar é atestada pelos numerosos destroços de navios naufragados, semi enterrados nas areias que remontam a antigos desastres. HÖRMEYER, Joseph. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1966.

Baguet atribuiu à cidade uma aparência triste, com ruas mal iluminadas, algumas nem pavimentadas, não possuindo nenhum edifício “digno de nota”, nada de verde, de sombra e nenhum passeio. No entanto, elogia o comércio e o porto, prevendo uma rápida transformação que a cidade sofreria com seu comércio ativo e o movimento constante de seu porto⁴⁸.

O viajante Robert Avé-Lallemant, em sua viagem pela Província do Rio Grande do Sul, no ano de 1858, desembarcou na cidade de Rio Grande e ficou impressionado com as ruas regulares, largas, com passeios e casas muito bonitas. Segundo Avé-Lallemant *se come e*

⁴⁷ BAGUET, Alexander. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1997.

⁴⁸ Segundo Baguet, no porto de Rio Grande observa-se embarcações de todas as nações. Seu movimento consistia principalmente em couros secos e salgados, lãs, ossos, sebos, crinas e carne seca. BAGUET, Alexander. *Op.cit.*, p. 29-30.

*se bebe muito bem e há certo bem estar, ou antes, luxo em toda a parte e onde quer que se vá, não se descobre falta de conforto. Algumas damas de aparência anglo-saxã, andavam rugindo seda nas ruas trajavam vestidos muito compridos*⁴⁹.

O cônsul inglês Henry Vereker no ano de 1860 ressalta que o tráfego marítimo era intenso no porto de Rio Grande e os navios lançavam suas âncoras próximas ao prédio da Alfândega para descarregarem suas mercadorias. Observa também que os navios brasileiros ficavam ancorados a oeste do cais e os estrangeiros a leste⁵⁰.

Figura 11 - Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (por volta de 1825). Extraído de: ALVES, Francisco das Neves. *Op. cit.*, p. 701. Segundo Saint-Hilaire, “*de um lado, o oceano, a mugir, e do outro o rio, e nossa alma enche-se pouco a pouco de melancolia e terror*”. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Op. cit.*, p. 113.

No ano de 1865, o Conde D’Eu, esposo da Princesa Isabel, passou pelo Rio Grande do Sul e ao avistar a barra do Rio Grande, relata que o porto estava repleto de mastros, que suas ruas principais possuíam muitas casas de comércio estrangeiras, que grande maioria

⁴⁹ Robert Avé-Lallemant escreve suas primeiras impressões sobre a cidade de Rio Grande no dia 23 de fevereiro de 1858: “*Na manhã de 23 de fevereiro, um fresco vento do norte batia com força na minha janela. Amanhecera um dia magnífico e da janela de meu hotel, no cais, descortinava maravilhoso panorama. Em baixo, no cais, viam-se numerosas embarcações, de diferentes tamanhos, especialmente brigues e escunas. A direita, em direção ao mar, estendia-se um caos de areia e água; a esquerda, elevavam-se em toda parte montes de areia de grão fino e de maior calibre num grande arco de plantações verdejantes, até matas e quintas. Em frente, a extensa Lagoa dos Patos, e que justificadamente recebeu este nome. Se o espectador é atraído pela viva animação dos navios, que vão e vêm, e pelos inúmeros barcos a vela que bordejam mais se fixam os olhos, com admiração, nas inúmeras aves que, como exércitos, cobrem as margens*”. AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul* (1858). São Paulo: Editora USP, 1980, p. 106-107.

⁵⁰ VEREKER, Henry P.. 1860: *Roteiro da costa do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001.

comercializavam couro e carne seca. Destaca que as vias públicas principais estavam calçadas e algumas residências exibiam bandeiras consulares⁵¹.

Segundo Raphael Copstein, na segunda metade do século XIX, a cidade de Rio Grande possuía,

*grandes sobrados revestidos de azulejos muitas vezes com dois pisos, além de térreo, beiral de telha, claraboia iluminando o acesso aos andares superiores, janelas de guilhotina com caixilhos habilmente recortados e em parte preenchidos com vidros coloridos eram comuns nas faces das ruas da Praia e Boa Vista*⁵².

Na província do Rio Grande do Sul, a agricultura, a partir da segunda metade de século XIX obteve sensível progresso. Além do trigo, produzia-se para atender as necessidades de consumo e exportar produtos agrícolas, como feijão, cevada, milho, ervilha, lentilha, arroz, entre outros. A produção para exportação era escoada pelos portos de Rio Grande e de Porto Alegre.

No último quartel do século XIX, a cidade de Rio Grande passou por rápida modernização em sua estrutura urbana. Regiões afastadas do centro da cidade passaram a ser ocupadas principalmente por operários da indústria nascente. Um exemplo foi o bairro Cidade Nova, com maioria de moradores de origem polonesa. Nesta época, a cidade já contava inúmeras indústrias, um novo mercado e matadouro públicos, um serviço de bondes de tração animal, um parque ferroviário, serviço de rede telefônica, um cemitério católico e outro protestante, abastecimento de água e iluminação a querosene.

⁵¹ D'EU, Conde. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: EDUSP, 1981, p. 24.

⁵² COPSTEIN, Raphael. Evolução urbana de Rio Grande. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 122, p. 66, 1982. Apud BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op.cit*, p. 40.

1.2. Um olhar sobre a cidade de Rio Grande do final do século XIX e início do XX

A cidade se aprende antes de tudo pelo olhar. Objeto visual primeiramente, ela dá lugar a uma percepção perpetuamente renovada. Para além das forças técnicas e funcionais que a trabalham constantemente em “sous-oeuvre”, é pelo contato sensível direto e constante que nós a vivemos cotidianamente, pelos seus odores, seus barulhos, antes de tudo pela diversidade de seus espaços.[...] A troca de sensações entre o espaço da cidade e os seres que a habitam é a matéria-prima da vida urbana; as vezes dolorosa, jamais neutra, ela molda dia após dia a existência dos cidadãos⁵³.

Figura 12 – Litografia atribuída ao viajante e aventureiro Sir Richard Francis Burton. Década de 1860. Apud BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op.cit.*, p.38. Nota-se o fluxo intenso de embarcações no próspero Porto de Rio Grande. Segundo Joseph Hörmeyer, chegavam e saíam vapores e nas ruas arenosas do Rio Grande as lojas enfileiravam-se uma ao lado da outra, como no porto se comprimiam os navios em carga e descarga. HÖRMEYER, Joseph. *Op. cit.*, p. 166.

⁵³ BOFILL, Ricardo e VERÓN, Nicolas. *L'architecture des villes*. Paris: Odile Jacob, 1995, p. 127. Apud PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 33.

Na transição do século XVIII para o XIX, as cidades sofreram mudanças em seus traçados urbanísticos propiciando um maior convívio social entre seus habitantes, momento em que Paris “a capital do século XIX” despontava como exemplo de cidade moderna, exportando um modelo de urbe adotado em inúmeras regiões do mundo. Segundo José Luís Romero, a transformação da cidade ocorria porque,

nas cidades provincianas evocava-se o brilho das luzes e o luxo ostensivo que as cidades modernizadas copiavam de Paris. Almejava-se também o gênero de vida mundano que os romances e os jornais difundiam, e um certo tipo de anonimato que caracterizava a existência da grande cidade, graças ao qual a vida parecia mais livre e a possibilidade de aventura mais fácil. E diante desse modelo, a placidez provinciana parecia mais insuportável para quem sentia a tentação da aventura metropolitana⁵⁴.

Esta renovação espacial citadina atribuiu novo sentido nas relações sociais de seus habitantes, que passaram a conviver em locais públicos, como os bulevares e as praças, promovendo a interação e a sociabilidade em um espaço permeado pelo imaginário social⁵⁵ dos indivíduos que habitam as cidades.

Segundo Sandra Pesavento, a nova concepção de cidade apoiada no movimento e na diversidade, é expressão tanto de um processo de transformação capitalista do mundo quanto da renovação cultural trazida pelo Iluminismo⁵⁶.

A emergência da cidade cosmopolita do século XIX caracterizou a vida do centro urbano, com largas avenidas, ruas bem traçadas, limpas e iluminadas, as pessoas se encontravam e ali exerciam a sociabilidade através de cumprimentos e diálogos, contemplando situações cotidianas, atuando como personagens em um palco ao ar livre, identificando-se ou não umas com as outras, ou seja, definindo a construção de uma identidade nacional⁵⁷ e a configuração dos valores da modernidade.

⁵⁴ ROMERO, José Luís. *América Latina. As cidades e as ideias*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, p. 294. Apud CASTRO. Ana Claudia Veiga de. *A São Paulo de Menotti del Picchia*. Arquitetura e arte e cidade nas crônicas de um modernista. São Paulo: Alameda, 2008, p. 131.

⁵⁵ Em nosso estudo, os imaginários sociais constituem representações sociais. Segundo Francisco Falcon, o imaginário social é uma força reguladora da vida coletiva que, ao definir lugares e hierarquias, direitos e deveres, constitui o elemento decisivo de controle dessa mesma vida coletiva. FALCON, Francisco J. C.. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papirus Editora, 2002, p. 53.

⁵⁶ PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade, op.cit.*, p. 38.

⁵⁷ Renato Ortiz alerta que, sendo a identidade uma construção simbólica, este caráter elimina, por aí, as dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido. Ou seja, como imaginário social ela comporta, sem dúvida, elementos de verossimilhança com o concreto real ao qual se refere, mas envolve também uma dimensão ideológica, de noções e crenças intencionalmente falsificadas, assim como ainda um componente de utopia, ou

Com a República, práticas intervencionistas no meio urbano, com o objetivo de modernizar as cidades foram incorporadas as “práticas cotidianas”⁵⁸ das cidades brasileiras. O discurso proferido pelas autoridades governamentais pregou o embelezamento do espaço urbano, através da abertura de ruas e avenidas, construção de praças, e a demolição dos espaços que deixavam os ambientes obsoletos e que geravam mal estar as elites, como os cortiços e a circulação de pessoas “mal vestidas e sem educação” nas ruas.

A historiadora Léa Perez, esclarece que a ideia de modernidade, no Brasil seria

*um valor em si e o paradigma de desenvolvimento, de estabelecimento da Ordem e do Progresso no país. Ela é, assim, antes de tudo, e acima de tudo, o projeto de construção da sociedade e da identidade nacionais, que se realizaria pela via da ultrapassagem da situação de atraso e de subdesenvolvimento resultante da recente e ainda viva condição colonial. Ser moderno, [...] é também o modelo de pensamento e de ação através do qual o Brasil deveria atingir a modernidade, isto é, a substituição das estruturas tradicionais*⁵⁹.

Neste contexto de final do século XIX, a ascensão econômica, social e cultural da cidade de Rio Grande esteve relacionada ao crescimento de seu comércio atacadista de importação e exportação⁶⁰, a instalação de inúmeras indústrias⁶¹ e a adoção de práticas

de objetos que não existem na situação real, mas cuja existência é desejada. Ortiz aponta que toda a identidade se refere a algo que lhe é exterior, apresentando-se como uma diferença em relação “ao outro”. Há também uma dimensão interna, que corresponde ao domínio do conjunto de traços e elementos que dão critério de auto identificação e solidariedade simbólica entre os indivíduos. ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 07-08. Para Sandra Pesavento não se tratava apenas de construir uma imagem do Brasil como nação que, nos trópicos, se tornou independente do Império português, perpetuando a forma monárquica de governo e conservando a mesma dinastia reinante. Mais do que isso, tratava-se de um projeto de construção nacional que se dava no quadro de um processo de modernidade. PESAVENTO, Sandra J. *Exposições universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 67.

⁵⁸Segundo Silvia Regina F. Petersen as práticas cotidianas, reveladoras deste modo de existência, são exaustivamente perseguidas pelos autores, através dos domicílios, parentelas, vizinhanças, locais de lazer e reuniões diversas, já que elas, por um lado, vão ser objeto da atenção da sociedade capitalista, cuja necessidade de perpetuação implica controlar a totalidade das relações sociais, tanto as institucionais como as que se desenvolvem na vida cotidiana e por outro, elas vão constituir inúmeras formas de resistência organizada, de confronto com o sistema, fora das instituições formais da produção e do poder. Dessa forma, a vida cotidiana é trazida a luz como um modo de existência em que o indivíduo cria relações na base de sua própria experiência, de sua própria possibilidade e ação. PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

⁵⁹ PEREZ, Léa. Por uma poética do sincretismo tropical. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 18, n. 2, p. 43-44, 1992.

⁶⁰Neste período o movimento de mercadorias pelo porto ampliou-se, ocasionando mudanças na fisionomia da cidade, através da ascensão social da burguesia comercial, representada por suas construções grandes e assobradadas, por suas vestimentas e por novas práticas sociais. Segundo as autoras, nesta época, alguns imigrantes italianos e alemães, juntamente com portugueses, deram grande contribuição na economia local, tanto no setor comercial quanto industrial. O florescimento econômico permitiu investimentos na cidade, contribuindo

culturais europeias, como o comportamento dos atores sociais no interior da trama urbana. A cidade se transformou e conquistou lugar de destaque no imaginário da população, no momento em que passou a ser vista/apreciada como local de convívio social e cultural e não apenas como um entreposto para o armazenamento de produtos para a importação e exportação.

O cenário citadino de Rio Grande esboçou características sociais europeias, conferindo a seus habitantes, as suas ruas e as formas arquitetônicas de prédios e residências, aos seus hábitos e costumes uma maneira de viver calcada nas experiências trazidas pelos imigrantes, viajantes, navegadores, além da circulação de jornais e revistas com notícias políticas, econômicas e culturais do velho continente.

A entrada de imigrantes estrangeiros no Brasil a partir do século XIX favoreceu o desenvolvimento capitalista, substituindo a mão de obra escrava pela livre, configurou um período de transição na economia do país, com a formação de núcleos de produção agrícola, ou seja, pequenas propriedades, diversificando a produção brasileira e suprimindo o abastecimento do mercado interno.

Os primeiros imigrantes a chegarem ao Rio Grande do Sul foram os alemães no ano de 1824, na Colônia de São Leopoldo. Nesta época praticaram uma cultura de subsistência, para o próprio consumo da Colônia e utilizaram a mão de obra familiar. O desenvolvimento agrícola permitiu ao colono comercializar o excedente e se especializar na produção artesanal. Esta produção agrícola proporcionou aos comerciantes uma acumulação de capital, impulsionando o surgimento e o desenvolvimento da indústria rio-grandense.

Os imigrantes que se encaminharam para o Rio Grande do Sul foram atraídos por uma política governamental que pretendia formar colônias que produzissem gêneros necessários ao consumo interno. Fixando-se no local, os colonos recebiam as terras do governo imperial, as quais exploravam de modo independente, dedicando-se principalmente a agricultura. Devemos lembrar que a colonização da Província visava garantir a posse e a exploração de regiões menos povoadas e conturbadas com questões de limites geográficos.

para melhorar e ordenar o crescimento da cidade. SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. *Op. cit.*, p. 47.

⁶¹ Destacamos a Companhia União Fabril (1873), de Carlos Rheingantz, exportadora de tecidos de lã e algodão para todo o país e para o exterior. Outra importante empresa era a fábrica de charutos Poock & Cia. (1891), que contava com técnicos alemães e cubanos. Ao fim dos Novecentos, a cidade constituía-se no maior parque industrial do Rio Grande do Sul. BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op.cit.*, p. 42. Também em 1891, o comerciante Albino Cunha formou a Moinhos Rio-Grandenses para a fabricação de farinha de trigo.

Segundo Sandra Pesavento, as unidades de produção artesanal disseminada pelas Colônias apresentaram alta diversificação, sendo produzidos objetos de selaria, tecidos, azeite, licores, farinha, banha, vinho, chapéu de palha, ferramentas para lavoura, cerveja, charutos e cigarros, tijolos, sapatos, panelas, rodas de carroça, entre outros⁶². As primeiras indústrias do Rio Grande do Sul estão ligadas a produção agrícola, como a farinha de trigo e a mandioca, e outras a forma artesanal, como a de tecidos.

O desenvolvimento industrial foi um fator de transformação da sociedade gaúcha. O crescimento e a diversificação da indústria atuaram na modificação da organização social, na estrutura da população e no aumento populacional. Segundo Eurípedes Falcão Vieira *o progresso, o bem estar social e a elevação cultural estão profundamente ligados à criação, a implantação e a evolução do processo de industrialização*⁶³. A industrialização teve um papel importante para o desenvolvimento da sociedade gaúcha, gerando empregos e criando novas perspectivas de vida. O processo de industrialização reorganizou os setores das atividades produtivas, bem como transformou a sociedade, criando uma nova dinâmica para a vida urbana.

O desenvolvimento da indústria gaúcha caracterizou-se por atender o mercado interno regional e nacional. Baseado na acumulação de capital, o Rio Grande do Sul viu prosperar sua produção de bens manufaturados, substituindo, aos poucos, as importações de produtos têxteis.

A instalação de empresas com capital para investimento na produção marcou o setor industrial gaúcho têxtil do final do século XIX, destinando boa parte dos produtos ao mercado estrangeiro. Como exemplo, citamos as indústrias Cia. União Fabril (1874-Rio Grande), com capital de 90 contos de réis na fundação; Cia. de Fiação e Tecidos Portoalegrense (1891-Porto Alegre), capital de 1600 contos de réis; Cia. de Tecelagem Ítalo-Brasileira (1906-Rio Grande), com capital de 1.000.000 libras e Cia. de Fiação e Tecidos Pelotense S/A (1908-Pelotas), capital de 1000 contos de réis.

⁶² PESAVENTO, Sandra J. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: Riocel, 1985, p. 27-28.

⁶³ VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Op. cit.*, p. 158-159.

Figura 13 - Cia. de Tecelagem Ítalo-Brasileira de propriedade de Giovanne Heusemberger.
Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/

A Província aproveitou-se de suas riquezas agropecuárias como a lã para a fabricação de tecidos, as frutas para a de conservas e bebidas, o fumo para a de cigarros e charutos e o couro para a de calçados e passou a ocupar lugar de destaque na economia nacional, apresentando uma estrutura industrial significativa. A primeira fábrica de tecidos fundada em 1874 no Rio Grande do Sul foi a Rheingantz & Vater, em Rio Grande, por Carlos Guilherme Vater, de nacionalidade alemã, e convertida em sociedade anônima no ano de 1890.

As exportações de charque, derivados da pecuária, trigo e farinha de trigo e as importações de açúcar, sal, tecidos e outros produtos manufaturados, determinavam intenso movimento de embarcações pelo porto de Rio Grande.

Em 1872 o cais do porto foi ampliado para comportar o movimento de cargas. Segundo Francisco das Neves Alves, a construção do cais e as transformações nas ruas contíguas buscavam promover uma maior comodidade às atividades mercantis e também ao embelezamento da cidade⁶⁴, visando atrair visitantes e indústrias para a região.

⁶⁴ ALVES, Francisco das Neves. *Op. cit.*, p. 174.

Figura 14 - Cia. União Fabril (Rheingantz), que em 1910 contava com 1200 funcionários, produzindo tecidos de lã, derivados de tecidos de algodão e tapetes.

Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/

A passagem do século XIX para o XX foi um período de transformações para a sociedade rio-grandina. A cidade crescia, a população aumentava, a intendência municipal planejava uma nova reordenação espacial, ampliando os serviços públicos para promover o novo viver do espaço público. A sociedade burguesa almejava o progresso, ou seja, as elites buscavam o modelo de “mundo triunfante e otimista”.

A acumulação de capital comercial, proveniente das atividades de importação e exportação, a modernização do maquinário industrial e a diversificação da produção das indústrias, promoveram a expansão e renovação do espaço urbano. Através de melhorias realizadas nos serviços de limpeza pública, abastecimento de água e iluminação de ruas e praças, a cidade passou a se adequar ao aumento populacional e a abertura de novas indústrias.

A necessidade de abastecimento de água deu-se com o aumento da população e a construção de novas residências. Na década de 1870 foi firmado um contrato entre o governo da Província e a empresa Higino Corrêa Durão & João Frick para o estabelecimento da captação e distribuição de água. Em 1879 foi fundada a Companhia Hidráulica Rio-

Grandense, sendo erguido um reservatório metálico importado da França com capacidade para 1.500.000 litros, ficando distantes três quilômetros do centro da cidade⁶⁵.

Com a instalação de novas indústrias, chegaram a Rio Grande, empresários e operários, o comércio expandiu-se a fim de prestar atendimento ao segmento industrial, e as atividades portuárias aumentaram com a importação de matérias primas para suprir a indústria em crescimento. A cidade passou por uma reurbanização em bairros residenciais que circundavam o seu centro urbano.

Figura 15 - Hospedaria da Cia. União Fabril. A construção ao lado servia de escola para os filhos de funcionários e as demais eram usadas como residências do alto escalão dos funcionários. A Vila operária encontrava-se em frente a estas construções, próxima a fábrica. Note-se a arquitetura europeia, a avenida ampla, presença de vegetação e os trilhos dos bondes. Início do século XX. Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/

Paralelamente ao desenvolvimento industrial, o comércio rio-grandino contava com inúmeros estabelecimentos para atender o crescente aumento populacional, conforme pode ser visto no Anexo 1: Imagens do cotidiano da Cidade de Rio Grande do final século XIX e início do XX.

Segundo o Censo realizado no ano de 1890 a cidade contava com 24.653 habitantes, em 1900, 29.492, e em 1911 com 44.835 habitantes⁶⁶. O crescimento populacional, em

⁶⁵ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município do Rio Grande*. v. 2. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944, p. 234.

decorrência da entrada de imigrantes, em parte operários das fábricas de tecelagem teve como consequência a aglomeração desses habitantes em espaços anti-higiênicos, em precárias condições e a expansão da cidade para o Oeste, com a proliferação das vilas operárias entre os anos de 1874 e 1910.

Figura 16 - Planta que mostra o crescimento horizontal da cidade de Rio Grande, em 1904. Apud: SALVATORI; HABIAGA & THORMANN. *Op.cit.*

⁶⁶ CENSOS do Município de Rio Grande. 1890, 1900 e 1911. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O *Echo do Sul* reivindicava junto as autoridades municipais providências em relação a limpeza das ruas da cidade. O mesmo destacava que as ruas da cidade, encontravam-se em estado deplorável, tamanha era a imundície, *a cada passo se encontram sujeiras e lixo, acumulado porque a vassoura há muito não passa pelo calçamento. As águas servidas continuam a ser despejadas diariamente nas ruas, determinando a exalação de miasmas insuportáveis*⁶⁷.

Segundo Ézio Bittencourt, o fluxo migratório com o operariado industrial de baixa renda e pouca instrução, favoreceu a marginalização social na cidade⁶⁸. A atividade fabril levou a criação de um parque industrial afastado do centro da cidade, e zonas residenciais proletárias surgiram ao seu redor. Assim, o operário após exercer sua jornada de trabalho, deslocava-se para sua residência próxima a fábrica e, no cotidiano destas vilas operárias, participava de festas recreativas, bailes e esportes promovidos pelos clubes mantidos pelas fábricas, bem como seus filhos frequentavam a escola mantida pela fábrica⁶⁹.

⁶⁷ *Echo do Sul*, 05/03/1903.

⁶⁸ BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op.cit*, p. 48.

⁶⁹ A fábrica União Fabril possuía 153 casas e a Ítalo-Brasileira 18 casas para uso de seus funcionários em 1919. Também contavam com escolas, creche e um clube. A Escola da União Operária possuía 75 alunos matriculados e a Escola Complementar da União Fabril 105 alunos, ambas com alunos do sexo masculino. A Cia. União Fabril mantinha um fundo de auxílio, um armazém corporativo, uma sociedade de mutualidade e outra de amparo mútuo. No dia 04 de abril de 1886 foi realizada uma festa para a inauguração de uma casa em que foram instaladas a biblioteca e a escola da sociedade de mutualidade que foi formada pelos operários da fábrica Rheingantz e presidida pelo "laborioso e simpático" cavalheiro Sr. Comendador Carlos Guilherme Rheingantz. Segundo o *Echo do Sul* "a casa é um elegante edifício semelhante a um chalet. Dispõe de ampla sala e de vários compartimentos arejados e iluminados. Foi Construída dentro do terreno da empresa, no complexo do quadro formado pelas casas de moradia de seus funcionários". *Echo do Sul*. 06/04/1886.

Figura 17 - Sede da União Operária. Os operários utilizavam o espaço para reuniões e debates. Também era utilizado como local para a realização de eventos recreativos. Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br

Para Charles Monteiro, a cidade começou a ser pensada como uma vitrine, em tamanho ampliado, do luxo e do prestígio burguês, o lugar privilegiado para a manifestação do fetichismo de mercadoria⁷⁰.

A Europa do fim do século XIX, que assistia a consolidação da indústria, o triunfo da ordem burguesa, o advento das máquinas e das novas invenções, presidiu exposições universais⁷¹ mobilizando o mundo para encontros “*em nome do progresso e da concórdia entre os povos, da instrução e do divertimento, das trocas comerciais e da exibição das novidades*”⁷². Em *Relatório da Câmara Municipal de Rio Grande* consta a realização da Primeira Exposição Industrial do município no ano de 1889. Promovida pela própria Câmara, a exposição foi inaugurada a 30 de setembro e encerrada a 4 de novembro. Segundo o *Relatório*,

*Esta festa industrial, apesar de circunscrita ao nosso município, excedeu a geral expectativa e tornou evidente que o município possui já certo número de indústrias em completo desenvolvimento, e outras, que, sendo animadas poderão progredir e converter-se em outros tantos fatores da riqueza e da prosperidade, não só do município, mas também da Província*⁷³.

⁷⁰ MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: Urbanização e modernidade*. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 1995, p. 137-138.

⁷¹ Conforme Sandra Pesavento, “*as exposições universais se constituíram em uma poderosa e fascinante arma para o capitalismo triunfante. Estes eventos funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos novos tempos e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postos a disposição do mundo pelo sistema de fábrica*”. PESAVENTO, Sandra J.. *Exposições universais*, op. cit., p. 14.

⁷² Idem, p. 13.

⁷³ Conforme o *Relatório* os tecidos de lã e de algodão apresentados pela Rheingantz & Cia, competiam com os seus similares estrangeiros, e poderiam “*vir a exhibir-se em qualquer dessas colossais exposições que se efetuam em países mais adiantados, onde não de merecer a séria atenção dos competentes. Também as distinções de que tem sido alvo estes distintos industriais nas exposições de Berlim, da “Philadelphia”, de Buenos Aires, da Antuérpia e do Rio de Janeiro, atestam a perfeição dos produtos mais uma vez exibidos nesta modesta Exposição Municipal*”. *Relatório da Câmara Municipal da cidade de Rio Grande apresentado à Assembleia Legislativa Provincial*. Typ. Do Echo do Sul de Guimarães, Oliveira e C., 1889, p. 07. Cf. *Relatório da Intendência Municipal de 1905*, o Moinho Rio-Grandense, agricultores da Ilha dos Marinheiros e alguns criadores de 2º e 3º Distritos apresentaram produtos nas Exposições Agrícolas Pastorais realizadas em Bagé, Pelotas e Porto Alegre. Compara a feira a grande exposição realizada em Saint Louis, na América do Norte. *Relatório do Capitão Dr. Juvenal Octaviano Müller (Intendente do município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 4 de setembro de 1905 e correspondente ao período de 1º de julho de 1904 a 30 de junho de 1905*. Rio Grande: Oficinas do Intransigente, 1905. Em *Relatório do ano de 1908*, representaram Rio Grande na Exposição Nacional, realizada pelo Governo Federal para comemorar o centenário da abertura dos portos, as seguintes fábricas: Leal, Santos & Cia., a Tecelagem Ítalo-Brasileira Santo Recchi & Cia., Moinho Rio-Grandense, Cia. União Fabril e Charutos Poock, além de pequenos empreendedores com volumes de peixes, cimento, folhetos e cartões postais, vassouras de palha, calçados, sabão, velas, cebolas, balas e xaropes, palitos

Nesse contexto, a elite rio-grandina incrementou suas atividades de lazer e cultura. O processo de urbanização e industrialização favoreceu a fundação e organização de “*teatros, salas de espetáculos, bares, bilhares, cabarets, bibliotecas, escolas, clubes, sociedades dramáticas, sociedades musicais, jornais, etc*”⁷⁴.

Além das opções de lazer, a sociedade rio-grandina passou a copiar o estilo de vida europeu, adquirindo roupas e acessórios, lendo revistas sobre moda e comportamento⁷⁵, aprendendo a língua francesa, inspirando-se principalmente em Paris, exemplo de cidade cosmopolita e grande centro cultural e social.

Figura 18 - O conhecido calçadão da cidade de Rio Grande com grande movimento de pedestres, denotando o estilo de vida do cidadão rio-grandino ao transitar pelas ruas do centro. A direita a conhecida confeitaria “A Dalila”, instalada ao lado do Teatro Carlos Gomes. Fotografia do início do século XX. Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/>

de fósforos, entre outros. *Relatório do Capitão Dr. Juvenal Octaviano Müller (Intendente do município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1908 e correspondente ao período de 1º de julho de 1907 a 30 de junho de 1907*. Rio Grande: Oficinas do Intransigente, 1908.

⁷⁴ BITTENCOURT, Ezio da Rocha. *Op.cit.*, p. 43.

⁷⁵ Cf. a Crônica Elegante da *A Semana Elegante* os habitantes da cidade, cercados de todo o conforto e que conhecem o *footing* e o *rendez-vous*, jamais tornam-se insatisfeitos com a vida moderna. Adotaram as vestimentas elegantes europeias, ou seja, “*o Rio Grande possui gente elegante, eles trajam bem, demonstram o elevado grau de progressismo a que chegamos*”. *A Semana Elegante*. Revista Ilustrada. Rio Grande, 9 de novembro de 1919. N. 12, p. 14.

Segundo Pierre Bourdieu o estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem corporal, a mesma imagem expressiva⁷⁶.

Conforme Sandra Pesavento, conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, as suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e a sociabilidade, podem configurar o imaginário urbano. Para ela, a história da imagem urbana contém um relato das formas de sentir, ver e sonhar a cidade; ponto pelo qual o historiador se aproxima do urbanista e através do qual se estabelece a possibilidade de resgatar, pela imagem urbana as representações das cidades que passaram⁷⁷.

Os registros materiais são portadores de um sentido e de uma função, como diz Lucrécia D'Alessio Ferrara:

*As transformações econômico-sociais deixam na cidade marcas e sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras, que tem como significado o conjunto de valores, usos e hábitos, desejos e crenças que misturam, através do tempo, o cotidiano dos homens*⁷⁸.

Segundo Pesavento, a modificação do espaço de uma cidade, dando a ela forma e feição contém em si um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade. É, por um lado, uma tarefa de profissionais especificamente habilitados para tal, urbanistas, arquitetos, engenheiros, mas também comporta o que se poderia chamar de intervenção do cotidiano. Ou seja, esse espaço sonhado, desejado, batalhado e/ou imposto é, por sua vez, também reformulado, vivido, e descaracterizado pelos habitantes da urbe, que, a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos⁷⁹. E para Marcel Roncayolo, estaríamos diante

⁷⁶ ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia – Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983, p. 83.

⁷⁷ Cf. Sandra Pesavento, toda sociedade elabora para si um sistema de representação coletiva, constituída de ideias e imagens que formam referências para a vida e a compreensão do mundo. Este imaginário social, assim constituído dá legitimidade à ordem vigente, orienta condutas, pauta e hierarquiza os valores, estabelece as metas e constrói os mitos. PESAVENTO, Sandra J.. *Exposições universais*, Op. cit., p. 14.

⁷⁸ FERRARA, Lucrecia D'Alessio. As máscaras da cidade. IN: *O olhar periférico*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993, p. 202.

⁷⁹ PESAVENTO, Sandra J.. *O imaginário da cidade*. Op. cit., p. 16-17.

dos produtores do espaço, no caso dos profissionais do urbano, e diante dos consumidores do espaço, quando se tratar dos habitantes da cidade⁸⁰.

Tomamos por exemplo à cidade de Paris, que sob influência da modernidade⁸¹ passou por um grande processo de planejamento e urbanização. Os *bulevares*, ruas largas e arborizadas, fizeram parte do projeto que colocou abaixo centenas de edifícios, deslocou milhares de moradores e destruiu bairros inteiros. Esta alteração urbana no cenário de Paris reformulada no século XIX, pelo Barão Georges Eugene Haussmann, então prefeito, nomeado ao cargo por mandato imperial de Napoleão III, no final da década de 1850 e na década seguinte, serviu de modelo para outros processos de urbanização de cidades ocidentais. A rua foi transformada, teve nova função, não apenas de espaço para transitar, mas uma nova estética figurou com a construção de jardins e praças. Segundo Julia Csargo,

divertimento mais acessível e mais habitual, o boulevard é, portanto Paris oferecida num passeio aberto a todos. As pessoas encontram lá, ao fim da tarde e à noite, a sua justificação neste modo de deambular e de se entrecruzarem sem se perderem os outros de vista, com o olhar animado pela variedade de um espetáculo de caleidoscópio. No projeto urbanístico que faz dos boulevards “salões ao ar livre”, os bancos públicos, antes reservados aos jardins privados, são citadinizados, sugerindo e inspirando outra sociabilidade e uma nova relação a disposição de quem passeia, permitem a pausa e o repouso enquanto se aprecia as vistas da rua e constituem, pela vista que concedem sobre a perspectiva urbana e sobre as turbulências da vida parisiense⁸².

Ézio Bittencourt escreve que a modernidade enquanto modo de civilização ocidental existe desde o século XVI, e que a partir do XIX se realiza plenamente, com a crença na modernização do espaço urbano entendida como via para o pleno desenvolvimento. O

⁸⁰ RONCAYOLO, Marcel. La ville et ses territoires. Paris: Gallimard, 1990. Apud PESAVENTO, Sandra J.. *O imaginário da cidade*. Op. cit., p. 16-17.

⁸¹ Segundo Baudrillard, o surgimento da palavra modernidade deu-se em torno de 1850, momento em que a sociedade moderna se pensou enquanto tal, em termos de modernidade. Instalando a civilização do trabalho e do progresso a modernidade encontra-se então em profunda mudança, decorrente da passagem desta civilização para uma outra alicerçada no consumo e no lazer. BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: *Biennale de Paris: la modernité ou l'esprit du temps*. Paris: Editions L'Esquerre, 1982, p. 29. Conforme Sandra Pesavento, “ao mesmo tempo individual e social, a modernidade como experiência histórica se caracteriza tanto pela postura dialética de celebração/combate ante as transformações materiais e mentais de um mundo que se converte rapidamente a imagem e semelhança da burguesia quanto pela crescente afirmação das potencialidades da razão no controle da natureza”. PESAVENTO, Sandra J.. *Exposições universais*. Op. cit., p. 14. Cf. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸² CSERGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citadino na Itália unificada (1870-1915). IN: CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres*. Op. cit., p. 156.

processo civilizacional irradiado pelo ocidente carregava também consigo ideais de urbanidade e higienização⁸³.

Os higienistas e engenheiros transformaram-se nos portadores desse novo discurso, na medida em que produziram o conhecimento sobre o urbano, tornando-se agentes de controle da vida pública moderna.

A cidade moderna, concebida pelos planos de reforma constitui-se em um espaço social que deveria ser administrado em sua totalidade. Este espaço social da cidade transformou-se em um espaço social pacificado, segundo Norbert Elias⁸⁴. Em contraponto aos becos e ruelas, as reformas urbanas privilegiavam a abertura de grandes avenidas, simbolizando o espaço pacificado, livre de violência. Neste contexto, há a tendência do controle político do espaço público concomitante ao desenvolvimento urbano.

A estruturação e controle do espaço social representou a exclusão da possibilidade de atos de violência. Sobre este aspecto, Norbert Elias esclarece que,

Ao se formar um monopólio de força, criam-se espaços sociais pacificados, que normalmente estão livres de atos de violência. As pressões que atuam sobre as pessoas nesses espaços são diferentes das que existem antes. Formas de violência não física que sempre existiram, mas que até então sempre estiveram misturadas ou fundidas com a força física, são agora separadas destas últimas. Persistem, mas de forma modificada, nas sociedades mais pacificadas. São mais visíveis, no que interessa ao pensamento padrão de nosso tempo, como tipos de violência econômica⁸⁵.

Sob o signo da modernidade, o crescimento urbano da cidade de Rio Grande seguiu o conceito de embelezamento e de higienização das cidades. O exemplo da cidade de Paris após as reformas do Barão Hausmann serviu de modelo para Rio Grande, onde as elites industrial e comercial procuraram construir uma nova imagem para a cidade. Para Sandra J. Pesavento,

o centro era o cartão de visitas da cidade e quem não tivesse educação, moral e higiene para nele habitar, que fosse instalar-se nos arrabaldes. A varrida dos pobres do centro da cidade começara, assim como a operosa tarefa de destruição dos becos e cortiços. Era

⁸³ BITTENCOURT, Ézio da Rocha. *Op. cit.*, p. 328.

⁸⁴ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: A formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, v. 2, p. 198.

⁸⁵ ELIAS, Norbert. *Op. cit.*, p. 198.

*declarada guerra as tavernas, bordéis e casas de jogos, numa cruzada moral, sanitária e urbanística, de destruição e reconstrução*⁸⁶.

Na esteira do crescimento urbano ocasionado pelo desenvolvimento industrial e a vinda de imigrantes, a cidade presenciou mudanças em sua arquitetura, exibindo o estilo europeu de “ares modernos” nas fachadas dos prédios públicos e residências, parques e jardins públicos, confeitarias, lojas, teatros, cinemas e clubes. O novo cenário urbano incorporou-se a nova sociabilidade moderna do habitante da cidade, que passou a usufruir do espaço público para suas práticas de lazer.

O momento exigia deixar o ambiente externo livre para os transeuntes desfrutarem de experiências antes só vividas em locais privados, tais como a conversação, os romances, “o ver e ser visto”. Georges Vigarello escreve que o que está em jogo é um modo de vida: substituir o velho modelo aristocrático de manutenção física por um modelo mais ativo, fazer da atitude e do movimento um sinal de vigor e de saúde⁸⁷.

No alvorecer do século XX, os jornais rio-grandinos criticavam a falta de limpeza das ruas e a de higiene das empresas de asseio e dos próprios habitantes. Exigiam ao Delegado de Higiene, Sr. Dr. Marciano Espíndola rigor na fiscalização das “imundas carroças” e o controle do despejo de “águas servidas e putrefadas” lançadas nas ruas, incomodando o passeio dos transeuntes. Alegavam que a falta de asseio era o agente gerador da propagação da varíola, que nesta época atingia a cidade, levando a morte de inúmeros habitantes.

Algumas medidas foram tomadas pelo poder público a fim de sanar os problemas sanitários, como a contratação de um número maior de carroças de limpeza para a remoção do lixo e das areias das sarjetas, o alargamento, abertura e empedramento de ruas, a instalação de “pavilhões higiênicos” e um mictório público na Praça Tamandaré (antiga praça da Geribanda), a canalização do canaleta (Rua Major Carlos Pinto) até a fábrica da União Fabril e a confecção de um código de posturas, que no final do século XIX, a legislação municipal não possuía, de acordo com o relatório da Câmara Municipal, que sugere a sua criação para “o progresso e civilização deste grande e próspero município”⁸⁸.

⁸⁶ Idem, p. 198.

⁸⁷ VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 100.

⁸⁸ *Relatório de administração provisória desde 16 de dezembro de 1889 até 8 de novembro de 1891*. Typ. do Trocadero de Reis, Bastos e C.. Rio Grande, 1892. Cf. o referido *Relatório*, a cidade em busca do progresso necessitava a abertura de ruas para o desenvolvimento de suas vias de transporte. As desapropriações e demolições de prédios e residências foram constantes neste período. Um exemplo foi a demolição do prédio que pertenceu a Porfírio Caucero de Lima, entre as ruas Marechal Floriano e General Bacelar para o alargamento da

Segundo *A Semana Elegante*, revista ilustrada que circulava em Rio Grande, em sua crônica elegante, os créditos aos modos e a moda adotados pelos riograndinos deveriam ser dados a Paris,

*o centro criador de todas as modalidades do mundanismo, nos empresta o exagero de suas concepções, através de magazines deliciosamente confeccionados. A nossa gente modifica, em parte o que de francesismo adaptado a criação, substituindo pelo faceto de um nacionalismo à outrance... Daí o gracioso das melindrosas e o bonitinho dos almofadinhas*⁸⁹.

No primeiro quartel do século XX, Rio Grande contava com um *Regulamento Sanitário*⁹⁰, atribuindo ao município um caráter "civilizado" e a Intendência Municipal, através de melhorias no abastecimento de água e na rede de esgotos, forneceu a população rio-grandina espaços públicos mais arejados e um controle maior em relação às epidemias.

Figura 19 - Avenida Rheingantz. Aqui temos o exemplo do bulevar, a grande avenida arborizada, com duas faixas para o trânsito de automóveis e ao centro a passagem para o bonde. Observa-se a presença do bonde e do automóvel, contemporâneos neste período de inovações tecnológicas. Suas calçadas propiciaram o *footing* (ou a *flânerie*), prática adotada pela sociedade rio-grandina. O passeio público tornou-se ponto de encontro para

Rua 24 de Maio. Segundo o *Relatório* diversas mudas de arvoredo vindas de Montevidéu foram plantadas nas praças General João Telles, 7 de Setembro, Marquez do Herval e Tamandaré.

⁸⁹ *A Semana Elegante*. Revista ilustrada. Rio Grande, 18 de janeiro de 1920. Ano 1, v. 21, p. 12.

⁹⁰ Segundo o *Regulamento Sanitário* de 1917 “são proibidos o despejo de impurezas, sólidas e líquidas, nas fontes e nas águas dentro dos limites do Município. A Intendência intimará aqueles que desobedecerem”. *Regulamento Sanitário*, decreto n. 33 de novembro de 1917. Intendente Dr. Alfredo Soares do Nascimento. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1917, p. 03.

caminhadas, conversas (fofocas), para olhar as vitrines em busca de novos figurinos. Fotografia da década de 1930. Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br

Quando carregado de sentido social “o ver e ser visto”, o próprio passeio se distingue da “deambulação” do desocupado, conhecedor do espetáculo das pessoas ou do devaneio solitário⁹¹, da pausa contemplativa de um tempo que se imobiliza, da conversa improvisada num banco de rua, da errância de um jardim público onde se sorve o ar a passos comedidos, se escolhe um assento onde ler ou dormir⁹².

O processo de urbanização ocorrido na Europa expandiu-se pelo mundo ocidental. O Brasil apresentou os primeiros sinais de preocupação com a reurbanização de suas metrópoles no segundo quartel do século XIX. Em um primeiro momento, surgiram ideias de transformar os espaços públicos das cidades em locais para entretenimento e lazer. Neste momento, a cidade passou a ser vista como o lugar onde as coisas acontecem. A proliferação de estabelecimentos comerciais, confeitarias, cafés, bares e restaurantes fizeram com que novos espaços de sociabilidade fossem construídos para estenderem o passeio público. Ao longo do dia acorria a eles uma infinita “multidão elegante” que se entregaria aos consumos do lazer, vestuário, chá, café, tabaco, o “beber em companhia”, jogar cartas, conversar, aproveitar o espetáculo, conforme a documentação localizada e apresentada no Anexo 2: Tabelas de impostos sobre divertimentos 1922 e 1927.

⁹¹Idem, p. 167.

⁹²Idem, p. 151.

Figura 20 – Interior de uma confeitaria em Rio Grande provavelmente no início do século XX. Note-se a disposição do aparelho de chá a mesa, porcelanas pintadas, toalhas bordadas e a elegâncias das clientes. Pressupõe-se uma reunião de amigas. Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br

O comércio de exportação e importação foi um dos ramos mais dinâmicos da economia no desenvolvimento da cidade de Rio Grande, assim, na primeira década do século XX, a Compagnie Française du Porto do Rio Grande do Sul instalou-se em Rio Grande a fim de construir os molhes da barra e realizar melhorias no porto para a expansão do mercado exportador⁹³.

A diversidade de produtos exportados e importados pelo porto da cidade evidencia a importância de Rio Grande para o desenvolvimento da indústria local. Algumas empresas comerciais instalaram-se na cidade exercendo o comércio de importação e exportação. Em sua

⁹³ Cf. Solismar Martins e Margareth Pimenta o novo porto foi arrendado a Cie. Française por 67 anos. Este foi constituído na área localizada na Ilha do Ladino, extremo leste de Rio Grande. A Companhia Francesa construiu 1543 metros de cais, para 10 metros de profundidade d'água em um só alinhamento e, na retaguarda do cais, extensa área foi aterrada com areia dragada e 12 armazéns de 100 metros por 20 metros de largura foram edificadas. Durante os anos da referida obra, a Companhia empregou 4 mil trabalhadores, vindos de diversas locais do Rio Grande do Sul e até mesmo de fora do país. Também foi responsável pela construção de usinas elétricas que abasteceram o porto e parte da cidade, além da implantação de um sistema de bondes para o transporte da população, contando com 19 carros. Os franceses foram responsáveis pela construção de vinte casas de madeiras destinadas aos mestres e contramestres vindos da França, assim como quarenta casas de madeira mais simples destinadas a abrigar parte de seus operários. MARTINS, Solismar Fraga. e PIMENTA, Margareth Afeche. A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais - O caso do município do Rio Grande (1874-1970). *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. v. 6, n. 1, maio, 2004, p. 91.

maioria importavam da Europa fazendas, secos e molhados, querosene, ferragens, tintas, e exportavam couros secos e salgados, lãs, crinas, chifres, sebo para a Europa, Argentina e Estados Unidos.

O progresso material modernizou a cidade de Rio Grande. O telégrafo e a rodovia uniram os principais pontos da cidade. O porto, principal escoador de produtos da região sul da Província passou por reformas, com a construção de um novo terminal. A navegação a vapor e as obras da barra tornaram as viagens e a comunicação com a Europa mais ágil. Os capitais e as técnicas estrangeiras permitiram a instalação de indústrias que promoveram um significativo aumento da malha urbana e o progresso econômico e social da região.

Durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a industrialização rio-grandina obteve um crescimento relevante, abastecendo as potências beligerantes e o mercado interno brasileiro, conforme a documentação apresentada no Anexo 3: Fábricas/Indústrias de Rio Grande em 1919.

Para Luiz Henrique Torres, as primeiras décadas do século XX para Rio Grande foram de transformações econômicas com as obras de construção do Porto Novo e dos molhes da Barra, com a instalação da Companhia Swift do Brasil⁹⁴ e a continuidade do processo industrial que empregava milhares de pessoas⁹⁵.

A instalação de frigoríficos estrangeiros no Rio Grande do Sul foi uma solução para a exportação do rebanho americano que necessitava suprir o seu mercado interno e o europeu. Em sua maioria, os estabelecimentos fabricavam carne em conserva e exportavam carne congelada.

A expectativa de emprego trouxe milhares de pessoas para a cidade provocando o aumento populacional, mas no ano de 1918, a cidade foi assolada pela Gripe Espanhola. Em Rio Grande a epidemia durou aproximadamente 31 dias, com 540 óbitos em um universo populacional com menos de 50.000 habitantes. Segundo Torres, a maioria das vítimas foram

⁹⁴ A Companhia Swift do Brasil foi constituída em julho de 1917, abatia mil reses ao dia, vindas principalmente de Santa Vitória do Palmar e de Bagé e contava com 1,8 mil funcionários. Empresa moldada pelo padrão taylorista de produção, ou seja, produção fragmentada em larga escala. Para Francisco das Neves Alves, a fim de facilitar as suas operações a empresa construiu um cais próprio junto ao porto. O Decreto nº 13.019, de 4 de maio de 1918, autorizava a Companhia Francesa a ceder por venda e aforamento à Companhia Swift do Brasil um trecho de terreno no Porto do Rio Grande, com destino as instalações frigoríficas já ali iniciadas. ALVES, Francisco das Neves. *Op. cit.*, p. 433.

⁹⁵ TORRES, Luiz HENRIQUE. *Rio Grande, 1918: A Gripe Espanhola e o colapso do cotidiano*. Rio Grande: Ed. FURG, 2008, p. 08.

operários, comerciários, jornaleiros, militares e agricultores. O comércio e a indústria fecharam as portas⁹⁶.

Conforme Eurípedes Falcão Vieira, a indústria rio-grandina, a partir da década de 1920 diversificou-se com o crescimento das fábricas de pescado, conservas, bolachas, bebidas outras⁹⁷. Exemplo é a fábrica de Leal, Santos e Cia., produzindo alimentos em conserva e biscoitos, comprando os legumes e frutas para a conserva das ilhas adjacentes a cidade. Já o imigrante italiano Luiz Loréa pluralizou sua produção com uma fábrica de aniagem, de cordoaria, de óleo vegetal e também construiu um estaleiro.

Paralelamente a industrialização, a cidade diversificou-se nos mais diversos ramos comerciais e de serviços. No começo da década de 1920, a cidade dispunha de novecentas casas comerciais, com um capital investido de 30 mil contos de réis. Segundo A. Costa, dentre as atividades comerciais destacavam-se doze confeitarias, três funerárias, oito casas destinadas a vendas de frutas e legumes, duas "garages", três casas que vendiam bilhetes de loteria, três relojarias, três cigarrarias, trinta e um depósitos de casas importadoras e exportadoras, dez casas de material de construção, duas casas de comercialização de bebidas e cerveja, duas casas comerciais de máquinas de costura, sete engraxatarias, dez escritórios e comissões e corretagens, quatro livrarias, cinquenta e três leiterias, quinze lojas de variedades, dez tipografias, quinze padarias, dezenove farmácias e cinco hotéis⁹⁸.

⁹⁶ Idem, p. 31.

⁹⁷ VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Op. cit.*, p. 85.

⁹⁸ COSTA, A.. *O Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1922; MARTINS, Solismar Fraga e PIMENTA, Margareth Afeche. *Op. cit.*, p. 93.

Figura 21 - Fábrica Leal, Santos e Cia. Foi fundada na cidade de Rio Grande em 1898, sendo o capital em fevereiro de 1903 de 350:000\$000 e contava com 120 funcionários entre homens e mulheres. Chegou a produzir 1200 quilos de alimentos em conserva e biscoitos. *Echo do Sul*, 03/02/1903.

Em 1937 foi fundada a Companhia de Petróleo Ipiranga, localizada junto ao Porto Novo, próxima as margens que permitiam o acesso a navegação e a captação de águas. Neste período ocorreu a construção de habitações, decorrente do fluxo migratório provocado pela industrialização, constituído de operários de baixa remuneração do Frigorífico Swift. Segundo Salvatori, Habiaga e Thormann, este núcleo localizou-se nas áreas públicas reservadas para a ampliação do Porto Novo, onde está localizado o bairro Getúlio Vargas (conhecido como Cedro)⁹⁹.

Conforme as arquitetas Salvatori, Habiaga e Thormann o período de industrialização, compreendido entre 1920 e 1950, propiciou um importante fluxo migratório com operariado industrial clássico de baixa renda e pouca instrução. Em 1945, foram fixadas zonas de permissão para a construção de habitações econômicas e de madeira, sempre periféricas ao centro urbano. O crescimento horizontal de Rio Grande é contínuo até 1950, quando teve início a paralisação de diversas atividades fabris, refletindo uma diminuição do ritmo de ocupação. As décadas de 1940/50 caracterizaram-se pela grande oferta de terrenos. Estes

⁹⁹ SALVATORI, HABIAGA & THORMANN. *Op. cit.*, p. 31.

terrenos localizaram-se em áreas distantes do centro urbano, e deram início aos loteamentos ao longo da Estrada Rio Grande-Cassino¹⁰⁰.

Sob a ótica da industrialização e as consequências da modernidade para a sociedade brasileira e rio-grandina, a cidade foi o espaço que mais absorveu a dinâmica da vida moderna. Os hábitos, os costumes, o comportamento das pessoas no viver urbano foram transformados neste processo "modernizador". Os novos códigos de conduta que esta ação "civilizadora" do urbano exigia gerenciaram uma nova constituição do espaço urbano. Estas mudanças, além de modificarem o viver do espaço público, ocasionaram mudanças também no ambiente doméstico, no momento em que a sociedade passou a frequentar locais como cafés, padarias e restaurantes.

A cidade de Rio Grande, ao acompanhar o ritmo do crescimento de sua indústria, proporcionou a seu espaço urbano e a seus habitantes a inserção de novos hábitos e práticas, alicerçados no ideal do progresso e bem estar social. Assim, a cidade moderna tornou-se o lugar para que as formas civilizadas de conduta pudessem ser disseminadas. No Brasil, observamos que algumas cidades inseriram-se neste processo civilizador, ao passarem pela reestruturação de seu espaço urbano, adotando o ideário da higienização dos espaços.

Para Sandra Pesavento, a cidade é um espaço de transformação econômico-social, onde apresenta-se a renovação da esfera e das formas de ação política, no bojo dos movimentos sociais urbanos¹⁰¹. Assinala que a cidade é sociabilidade, ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, prática de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. A cidade também é sensibilidade, a cidade sensível é um local onde o imaginário é construído pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade palpável¹⁰².

Conforme Pierre Bedin, viver na cidade significa ser sujeito e objeto de um processo civilizacional, é partilhar de uma experiência coletiva de construção e reconstrução

¹⁰⁰ Idem, p. 32-33.

¹⁰¹ PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 27, n. 53, jan./jun., 2007.

¹⁰² Idem, ibidem.

permanente de laços sociais, fundados em princípios reguladores que, em nosso cotidiano são elaborados repetidas vezes¹⁰³.

Em todos os sentidos a cidade invoca os tempos, velhos tempos, novos tempos. Lembranças de dias antigos estão presentes na memória das cidades, sejam elas retratadas por seus habitantes, ou por suas construções. O seu espaço contempla o passado que se mistura ao presente, e empurra-nos para o futuro. Acontecimentos de ontem e hoje nos propiciam desvendar as tramas do que passou e que ficam enraizadas em nossas lembranças.

¹⁰³ BEDIN, Pierre Gabrielli. Olhar a cidade no Brasil, ver a modernidade a brasileira. *Biblos*. Rio Grande: FURG, 1998, p. 164.

1.3. Encurtando caminhos: A linha férrea e a construção do espaço balnear

Os bondes anunciavam, pelos seus itinerários, que a cidade expandia-se e que as necessidades da população em se locomover aumentavam. Eram sinal de mudanças. Viajar, ou passear, por um quarto de hora ou por meia hora ao lado de um desconhecido, sem dirigir-lhe a palavra, ou então trocar conversa formalmente sobre a política ou os costumes, com alguém que não se sabia exatamente quem era, revelava o sinal de novos tempos que o bonde poderia proporcionar¹⁰⁴.

Figura 22 - Bonde movido a eletricidade. A instalação da rede elétrica de bondes ajudou a expandir o centro urbano de Rio Grande, facilitando o transporte da população que residia em áreas afastadas deste centro e auxiliando o deslocamento dos operários para o trabalho. Disponível em: www.tramz.com.br/br/rg/rg.html

Conforme Ézio Bittencourt, o transporte público em Rio Grande data da década de 1850, por meio de "carretões", carroças puxadas por cavalos e até mesmo bois¹⁰⁵. No ano de

¹⁰⁴ NASCIMENTO, Mara Regina do. *Sobre os trilhos do bonde, os caminhos de uma cidade brasileira*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, PUCRS, 1996, p. 14.

¹⁰⁵ BITTENCOURT, Ézio. *Op. cit.*

1876 foi fundada a Companhia Carris Urbanos do Rio Grande¹⁰⁶, realizando o transporte de passageiros em vagões sobre trilhos e puxados por burros. A linha tinha início na Praça Xavier Ferreira e finalizava na Estação Central. Foi construído o parque ferroviário no ano de 1879, ampliando as linhas para alguns pontos da cidade. Mara Regina do Nascimento resume a expectativa dos habitantes da cidade ao passar do bonde.

*O bonde era associado a ideia de cidade maravilhosa, organizada e asseada. ao vê-lo passar, o habitante citadino podia admirar-se com o desenvolvimento tecnológico que sua cidade alcançara, e quando nele andava, era participante e testemunha desse progresso*¹⁰⁷.

Figura 23 - Cartão postal de Rio Grande (1933). Homens e mulheres encontram-se na Praça Xavier Ferreira, desfrutando o passeio em meio ao cenário citadino. Ao fundo destaque para o prédio neoclássico da Alfândega e o bonde elétrico. Em torno da Praça Xavier Ferreira, estão alguns dos prédios mais antigos e mais importantes da cidade, como o da Alfândega, o da Câmara do Comércio, o Mercado Público, a Biblioteca Rio-Grandense e a Prefeitura municipal. O local foi inspirado nos jardins de Versalhes, possui Chafariz e lago, seu estilo

¹⁰⁶ Em dezembro de 1891, a empresa Carris Urbanos do Rio Grande foi incorporada a Cia. Estrada de Ferro a Costa do Mar. Em fevereiro de 1894 tomou o nome de Companhia Viação Rio Grandense. A 28 de maio de 1900, tendo sido vendida a Companhia Southern Brazilian (Estrada de Ferro Rio Grande a Bagé), o trecho de estrada de ferro denominado Estrada de Ferro Rio Grande a Costa do Mar, ficou a Companhia Viação Rio Grandense limitada ao serviço dos Carris Urbanos na cidade do Rio Grande para o serviço de transporte de passageiros e cargas (nos bondes) e ao serviço da Estação Balnear na Costa do Mar. PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais do município do Rio Grande*. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944. v. 02, p. 275.

¹⁰⁷ NASCIMENTO, Mara Regina. No andar do bonde, a vivência da cidade. *Biblos*, Rio Grande: FURG, 1998, n. 10, p. 142-143.

neoclássico é presença no centro de Rio Grande e complementa a paisagem com a beleza de seu jardim. Disponível em: www.tramz.com.br/br/rg/rg.html

Quanto à ferrovia, que cumpria um papel muito importante na região sul da Província, em especial na cidade de Rio Grande, teve sua história ligada à chegada dos primeiros imigrantes, pois com a construção de uma estrada de ferro que ligava Porto Alegre ao município de São Leopoldo, no ano de 1874, o Rio Grande do Sul começava a formar uma extensa malha ferroviária. No município de Rio Grande os trilhos não tardaram a chegar, sendo inaugurada no dia 2 de dezembro de 1884 uma ligação com a cidade de Bagé.

Figura 24 - Desembarque de locomotiva no Porto de Rio Grande. Provavelmente do início do século XX. Disponível em: www.tramz.com.br/br/rg/rg.html

Segundo Luiz Henrique Torres, em novembro de 1912, iniciou-se o serviço de bondes movidos à eletricidade em Rio Grande. A empresa norte americana Westinghouse executou a instalação dos trilhos e os carros foram importados da Filadélfia¹⁰⁸. O alto investimento fez-se necessário devido ao desenvolvimento da zona industrial, principalmente nos setores têxtil e

¹⁰⁸ TORRES, Luiz Henrique. A cidade e os bondes. *O Peixeiro*. Rio Grande, 20/07/2010, p. 06.

de conservas de alimentos, conforme a imagens coletadas e apresentadas no Anexo 4: Bondes e locomotivas da cidade de Rio Grande.

Em 1923, os bondes passaram a ser propriedade da Viação e Iluminação Elétrica do Rio Grande, deixando de serem abertos, evitando acidentes, como as quedas, frequentes nesta época. Segundo Olavo Bilac “*o bond assim que nasceu matou a gôndola e a diligência, limitou despoticamente a esfera de ação das cabeças e dos coupês, tomou conta da cidade [...], tornando-se servidor dos ricos e a providência dos pobres [...] pondo todas as classes no mesmo nível [...]*”¹⁰⁹.

Figura 25 - Foto de bonde de tração animal na cidade de Rio Grande. Este meio de transporte circulou pelas ruas do município até o ano de 1922, quando foi totalmente substituído pelos bondes elétricos. Os bondes representaram o progresso dentro da cidade. Arquivo pessoal de RGE.

As atividades comerciais e industriais de Rio Grande intensificaram-se a partir de 1884, com a instalação de novas indústrias e o constante movimento portuário. Nesta época a cidade, inserida nos projetos de ordenação de seu espaço público, buscava novas formas de

¹⁰⁹ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: Técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 526.

entretenimento e lazer. O embelezamento e a higiene do município propiciaram a prática do *footing* e as vivências da rua favoreceram a integração dos habitantes e a valorização do espaço em si. As ruas da cidade passaram a ser apreciadas como locais para o passeio, espaços de consumo, de divertimento e de trabalho.

Neste período o *Echo do Sul* retratava o "aformoseamento" da cidade como sinal de "novos tempos", onde o "cidadão rio-grandino poderia vir a apreciar a sua bela e próspera cidade em ambientes livres da putrefação dos dejetos despejados nas ruas"¹¹⁰.

Inserida em um ideal de cidade moderna e civilizada, Rio Grande contava com inúmeras praças, teatros, cinemas, cafés, confeitarias, salões, clubes e associações. As diversões públicas tornaram-se uma extensão do lazer doméstico. A industrialização favoreceu este convívio social fora do ambiente do lar e transformou o espaço urbano em um local cada vez mais presente nos divertimentos familiares.

A cidade possuía na época inúmeros estabelecimentos hoteleiros, sendo que alguns proprietários trouxeram da Europa o hábito das casas de banhos, instaladas nas dependências dos próprios hotéis e que fizeram sucesso entre os hóspedes e até mesmo entre os habitantes de Rio Grande. Circulavam nos jornais do final do século XIX, propagandas referentes a estes locais de banhos. O Grand Hotel enfatizava que dispunha de uma casa de banhos de "alta qualidade" e seu proprietário o Sr. Carlos Scotto trouxe a ideia de uma viagem a Europa. Já o Sr. J. Mucke construiu sua casa de banhos em um edifício localizado em frente ao "Beco do Louzada, próximo ao litoral para o aproveitamento da brisa da lagoa"¹¹¹.

Segundo Bittencourt, a sociedade local passou a se organizar em torno de associações recreativas, artísticas, culturais, esportivas, carnavalescas, classistas, políticas, filosóficas, filantrópicas. Os clubes constituíam-se em importantes espaços de recreação, atendendo as necessidades de lazer, divertimento e sociabilidade de seus associados e dependentes, principalmente dos trabalhadores de baixa renda¹¹². Era comum a realização de excursões para Pelotas, Piratini, Quinta e Povo Novo após a instalação do caminho do ferro. Aos domingos estas excursões chegavam a levar uma média de cem pessoas para estes locais. Em sua maioria partiam da Estação do Parque e eram muito concorridas.

¹¹⁰ *Echo do Sul*. 08/11/1885.

¹¹¹ *Echo do Sul*. 08/11/1885.

¹¹² *Echo do Sul*. 19/12/1885.

ESTRADA DE FERRO
Southern Brazilian Rio Grande do Sul

Trem d'excursão directo
Do Rio Grande (estação marítima)
e Pelotas a Cerro Chato
Domingo, 13 de Janeiro de 1889

IDA	Manhã	VOLTA	Tarde
Part. Est. marit.	6, h	Part. Cerr. Chat.	4 h.
« Rio Grande	6,15	» Pelotas	7,5
« Pelotas	7,50	» Rio Grand.	8,40
Cheg. Cerr. Chat.	10,45	Cheg. Est. marit.	8,50

Preço das passagens
Ida e volta no mesmo trem :
Estação marítima ou Rio Grande Rs. 5.000
Pelotas » 4.000
NB.— Os bilhetes para este trem estarão á venda nas estações Marítima, Rio Grande e Pelotas nos dias 10, 11 e 12.
AUGUSTO DUPRAT,
Director geral.

Trem de excursão do Rio Grande ao Prado
Domingo 13 de Janeiro de 1889
(SI FIZER BOM TEMPO)
Partida do Rio Grande 2 horas
Volta do Prado 7 "
Passagem de ida e volta rs. 700.
Augusto Duprat
Director geral.

Figura 26 - Horários dos trens de excursão de Rio Grande e Pelotas a Cerro Chato.
Echo do Sul, 11/01/1889.

Membros da alta sociedade rio-grandina, entre eles industriais, comerciantes, médicos, advogados e engenheiros, em viagens a Europa e ao Uruguai, trouxeram consigo a ideia da construção de uma estação de banhos em Rio Grande. Através de estudos realizados na região, ficou constatado que o município encontrava-se distante apenas 25 quilômetros da Costa do oceano Atlântico e que, com a construção de uma estrada de ferro até a localidade, a população rio-grandina e a rio-grandense poderiam vir a usufruir dos benefícios terapêuticos dos banhos de mar frios e de uma estrutura "*digna dos melhores balneários europeus*".

Figura 27 - Nesta imagem observa-se a Praça Xavier Ferreira, cartão postal de Rio Grande e seu jardim, inserido no contexto de cidade moderna, com ambientes arejados e de circulação para os transeuntes. Ao fundo o bonde elétrico presente na vida cotidiana dos moradores do local e o automóvel, que aos poucos ganha espaço nas ruas, antes visto como objeto de luxo e que com o tempo tornou-se indispensável ao cidadão pela sua facilidade de acesso e privacidade. Segundo quartel do século XX.

Disponível em: www.tramz.com.br/br/rg/rg.html

Nesta época era comum entre a sociedade em voga de Rio Grande dirigir-se a Montevideu para desfrutar de momentos de lazer, ou seja, no período destinado as férias empresários, comerciantes e profissionais liberais aproveitavam a movimentação constante do transporte marítimo para dirigirem-se ao país vizinho. Observamos em matérias veiculadas no *Diário do Rio Grande* e no *Echo do Sul*, as constantes viagens de personagens da alta sociedade rio-grandina e arredores a Montevideu e suas praias, como Pocitos, Ramirez e Piriápolis.

Figura 28 - Imagem do início do século XX do balneário de Pocitos no Uruguai. Observa-se as barracas para a troca de roupa e descanso próximas a beira do mar.

Disponível em: www.montevideo.gub.uy/ciudad/historia/barrios/pocitos

No ano de 1885, o *Echo do Sul*, jornal de grande circulação em Rio Grande, publicou notícia na qual informa que a Companhia Carris Urbanos “*fará construir um importante estabelecimento balneário, em tudo igual as diversas praias de Montevideo, de sorte que logo a linha estiver concluída, já se achará pronta o local para banhos*”¹¹³. Segundo o Decreto de número 9537 de 10 de janeiro de 1885 foram aprovados os estudos definitivos para o prolongamento da linha férrea até o litoral da Costa do Mar Grosso¹¹⁴.

O jornal enfatiza que a população poderia vir a tomar seus banhos de mar com todo o conforto no verão seguinte e que se a concessão fosse obtida para o estabelecimento da linha de bondes, em menos de três meses a construção da estação estaria pronta. No entanto, isto não ocorreu devido a trâmites burocráticos, desde a demora na concessão por parte do governo estadual, até mesmo pela falta de material de construção e mão de obra para o início das obras da linha férrea e do hotel.

Através de informes publicitários, a Companhia Carris Urbanos passou a fazer propaganda de um empreendimento na Costa do Mar, com o objetivo de angariar fundos para a realização da empreitada. Os administradores da Carris elaboraram textos que eram publicados em jornais com as vantagens da instalação de uma estação de banhos na cidade de

¹¹³ *Echo do Sul*, 21/11/1885.

¹¹⁴ *Alegações finais da Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway*. Na ação que lhe move a Companhia Carris Urbanos. Rio Grande, Tipografia da Livraria Americana, 1890, p. 04.

Rio Grande, seus benefícios terapêuticos para o corpo e a mente, além da promoção de reuniões a fim de atraírem parceiros de negócios para a administração de um hotel, restaurantes, barracas e camarotes a beira mar¹¹⁵, como podemos ler no Anexo 5: Companhia Bonds Suburbanos da Mangueira em 30/01/1889.

Figura 29 - Chamada de propostas para a construção do abrigo para o material rodante. *Echo do Sul*, 18/01/1889.

¹¹⁵ Cf. o *Echo do Sul* a Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, “convida os Srs. acionistas para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, na sexta, do corrente, as 19 horas, no escritório a rua Marquês de Caxias a fim de tomarem conhecimento e deliberarem sobre o prospecto elaborado pela administração e informado pelo Conselho fiscal para o andamento do capital social e extensão das linhas até a Costa do Oceano na Mangueira, 18/03/1886, assinam os administradores: José Francisco Cezar, Rodolpho Gomes e A.C. Siqueira”. *Echo do Sul*, 21/03/1886. Em janeiro de 1889, o *Echo do Sul* publica alguns editais da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira: “Chamada de propostas para movimento de terra. Convida-se proponentes para este serviço nas bases da fórmula seguinte: fórmula de propostas para preparação do leito das linhas e plataformas de parada da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira. A.C. Siqueira. O gerente”. *Echo do Sul*, 08/01/1889.

Neste mesmo ano, Antônio Cândido Siqueira viajou a Porto Alegre com o intuito de obter a concessão e o privilégio para a construção da linha de *bonds por tração a vapor*, entre a cidade e a costa do oceano, na Mangueira¹¹⁶. Já no ano de 1888, após conseguir as assinaturas dos subscritores em Porto Alegre para a concessão das obras, a Companhia Carris Urbanos, encontrou outro entrave para o sucesso de seu empreendimento.

No ano de 1890, após alguns embates entre a Companhia Carris Urbanos e a Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway elas entraram em um acordo para as concessões do transporte público no município. Segundo a Southern, a Companhia Carris pretendia construir uma linha de bondes até a costa do oceano, sem a devida concessão, própria das empresas de estradas de ferro. A Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway entrou com uma ação contra a Carris Urbanos, alegando que,

*ultimamente uma outra espécie de empresa de transporte de passageiros e cargas, arrogando-se um direito que não se encontra baseado em lei, tem tentado gozar do favor ou privilégio de zona outorgado exclusivamente as estradas de ferro, para excluir estas do direito de transporte, garantido por lei em toda a sua plenitude. Referimo-nos às empresas ou companhias de veículos, denominados Bonds-tramway carris urbanos ou simplesmente carris. [...] Os bonds destinam-se ao transporte de passageiros e cargas dentro das cidades, povoações ou destas para seus arrabaldes, são veículos urbanos ou suburbanos*¹¹⁷.

A Companhia Carris Urbanos constituiu uma nova empresa para obter a concessão de tráfego da ferrovia que ligava a cidade até a costa, denominada de Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira. Isto se fez necessário, para evitar novos processos contra a Companhia.

Em nosso levantamento de fontes, verificamos que, em janeiro de 1889, no jornal *Echo do Sul* circulava publicidade para o aluguel de uma casa para o veraneio na Costa da Mangueira. Assim podemos afirmar que, um ano antes da inauguração oficial do balneário, os rio-grandinos já estavam usufruindo dos benefícios dos banhos de mar.

¹¹⁶ Mangueira era o nome de uma extensa área do município do Rio Grande, que chegava ao mar e na época tinha categoria de Distrito. Sua denominação deve-se ao fato de que naquela época o gado era deixado para descansar nas áreas das árvores mangueiras existentes ao longo deste caminho.

¹¹⁷ *Alegações finais da Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway, op. cit. p. 04.*

Localizada próxima a futura estação balnear, a localidade do *Bolaxa*, era frequentada por inúmeras famílias que possuíam belas vivendas e chácaras, apreciadas por seus proprietários nas estações mais quentes do ano. Nesta época, os rio-grandinos desfrutavam de momentos de lazer nas excursões de trens para as regiões de Piratini, Povo Novo, Bolaxa e Vila da Quinta, principalmente aos domingos; inúmeros carros e centenas de passageiros participavam destes eventos, promovendo a sociabilidade e a interação social.

Podemos notar que apreciar o espaço ao ar livre já era uma prática adotada por uma parcela da população. Com o advento da linha férrea, as excursões passaram a fazer parte da rotina aos domingos de diversas famílias, em busca de espaço para seus divertimentos e a realização de piqueniques, muito em alta no período.

O espaço onde seria construído a Estação de Banhos proporcionaria uma nova opção de lazer para Rio Grande e cidades vizinhas, além da experiência revigorante do *ir a banhos em um mar salgado e frio*, experiência totalmente diferente das casas de banhos instaladas em hotéis da cidade.

Figura 30 - Publicidade para o aluguel de casas de veraneio na Costa da Mangueira. *Echo do Sul*, 20/01/1889.

Para a construção do balneário, o gerente da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira fez um levantamento dos valores que deveriam ser investidos no local. Sendo eles,

em primeiro lugar a ferrovia, que orçava em 187 contos de réis, especificando o custo dos trilhos calculados a 20 quilos por metro, 73 contos; despesas de transporte de material e do assentamento de trilhos em torno de 28 contos e de administração em 8 contos e 500 mil réis. Acrescentasse os pontilhões, 11 contos; uma locomotiva, 10 contos; 4 carros de passageiros, 10 contos; e 2 para carga, 2 contos. Os abrigos, o aramado do terreno, o plantio de cedro marítimo e espinheiros e às barracas, calculadas em 1 conto de réis¹¹⁸.

Em contrato assinado entre a Câmara Municipal de Rio Grande e a diretoria da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira no ano de 1889, ficou acertado que o município garantiria a Companhia 12:500\$000, complementando o valor para a construção da linha férrea até a costa do mar grosso, no Distrito da Mangueira. A Câmara julgava de grande importância a instalação do estabelecimento de banhos, e enfatizava os benefícios advindos do prolongamento da linha férrea, como a agilidade no transporte de cargas e de passageiros. Lembrava que o Distrito da Mangueira fornecia grande parte dos laticínios que "serviam a alimentação da população" e que ali encontrava-se uma "enorme quantidade de pasto"¹¹⁹.

No contexto do período, o avanço tecnológico dos meios de transporte público, propiciou o ganho de tempo do comerciante, do operário, do profissional liberal, e é neste espaço de tempo que temos o novo aproveitamento do tempo, aquele que passará a ser dispensado ao passeio público, a aquisição de bens, ao desfrute dos cafés e confeitarias. O uso dos tempos livres é contemporâneo ao fenômeno da modernidade, através da inserção na sociedade ocidental de um novo viver, o lazer citadino, a organização do lazer dos operários, as férias pagas, a fadiga, o repouso e a conquista do tempo, além do culto ao corpo e a adoção das práticas esportivas.

O desenvolvimento da linha férrea e a vasta publicidade, permitiram as famílias da média e alta burguesia apreciar o novo espaço construído, em princípio, para a valorização do

¹¹⁸ *Informativo Rio Grande*, 26/01/1990, p. 08.

¹¹⁹ A Câmara Municipal do Rio Grande estava em defesa do comércio rio-grandino na época. Com a quantidade de produtos produzidos ao longo do caminho para o Distrito da Mangueira, como laticínios, carnes, aves, suínos e hortifruti, a expansão da linha férrea até a Costa, foi a oportunidade que muitos comerciantes necessitavam para expandirem seus negócios. Em relatório da Câmara Municipal de 1889, levantavam os benefícios da linha férrea, lembrando que em dias de chuvas intensas, os campos ficavam alagados, e o trânsito das carroças com a produção ficavam impedidos de seguir caminho. Enfatizavam que o “*movimento comercial aumentará, sem atrasos para abastecer os mercados, com vantagens para o vendedor que então pagará fretes reduzidos, muito inferiores as despesas de condução ou transportes que atualmente faz por meio de pesados veículos de rodagem, e para o comprador que nunca se verá privado do leite ou de qualquer outro item que careça, e com o qual não pode contar, em tempo de chuva ou de enchentes*”. *Relatório da Câmara Municipal da cidade do Rio Grande apresentado a Assembleia Provincial*. Typ. do Echo do Sul. Guimarães, Oliveira e Cia., 1889.

bem estar físico e mental. Este grupo social foi o responsável pela introdução de novos padrões de comportamento na população rio-grandina, no momento em que organizou uma nova forma de usufruir de seu tempo livre.

A valorização do ócio e do lazer e o hábito de gozar as férias junto ao mar, fizeram com que empresários dotassem as estâncias balneares de vários espaços sociais, como hotéis, pousadas, restaurantes, clubes e salas de teatro. Na Villa Siqueira não foi diferente, a proposta de construção de um balneário com características europeias foi elaborada e o empreendimento passou a ser executado. No entanto, a Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira, devidamente estruturada para este fim, ao longo da instalação do estabelecimento enfrentou dificuldades financeiras, com a falta de investidores para a finalização do projeto.

Durante a primeira década de funcionamento do Balneário Villa Siqueira observamos vários entraves burocráticos e a constante mudança de empresas a frente do empreendimento, dificultando a finalização dos estabelecimentos prometidos pela Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira.

1.4. A Estação de Banhos da Mangueira - Villa Sequeira

Conforme a documentação pesquisada, a Costa do Mar já era frequentada desde o ano de 1888 por pessoas interessadas nos benefícios dos banhos de mar. Estes frequentadores percorriam o caminho de 25 quilômetros em carroças ou a cavalo, alguns já habituados, por possuírem chácaras ao longo da estrada e nas localidades do Senandes, Vieira e Bolaxa. Nesta época, as obras para a colocação dos trilhos da linha férrea começaram e as primeiras construções do balneário estavam sendo executadas. Segundo material publicado pela Empresa de Ferro Rio Grande-Costa do Mar, um guia destinado aos banhistas, a estação de banhos estaria funcionando desde o ano de 1888. Nesta época, a construção do hotel e das barracas para a troca de roupas a beira mar estava sendo iniciada.

Em 24 de julho de 1888, os diretores da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira e os representantes da Câmara Municipal de Rio Grande assinaram um contrato em que esta cedia a Companhia gratuitamente o uso das marinhas junto a costa do oceano Atlântico, limitando a extensão de 3km (três quilômetros) em sentido longitudinal e 33m (trinta e três metros) contados do preamar mais alto¹²⁰ durante o período de concessão de 50 (cinquenta) anos da Costa do Mar. Findo o período de concessão, ficariam pertencentes a Câmara Municipal as benfeitorias que nos terrenos concedidos fossem construídos pela Companhia.

Após a concessão das terras de marinhas¹²¹, a Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira passou a requerer da Câmara Municipal um parecer sobre os pedidos de desapropriações de algumas chácaras que se encontravam em local definido para a instalação da estação balnear. A Companhia alegava que os chacareiros haviam tomado posse do local, não possuindo documentos que comprovassem o seu direito legal sobre as propriedades.

¹²⁰ Termo que assinam os Srs. Antônio Cândido de Sequeira, Antonio Manoel de Lemos Júnior, Evaristo dos Anjos Sandim, William A. Preller e Joaquim Martins Garcia, como diretores da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira, como em seguida se declara, em 14/10/1888.

¹²¹ Segundo o Decreto Lei nº 9.760 de 05 de setembro de 1946, capítulo I, Seção II, Artigo 2 são terrenos de Marinha: Os terrenos devem estar em uma profundidade de 33 (trinta e três) metros, medidos horizontalmente para a parte da terra, da posição da linha do preamar média de 1831: os situados no continente, na costa marítima e nas margens dos rios e lagoas até onde se faça sentir a influência das marés; os que contornam as ilhas situadas em zona onde se faça sentir a influência das marés. Apud XIMENDES, Alice Elias. *Balneário Cassino - Os terrenos de Marinha e a criação da Autarquia - ABC*. Monografia (Especialização). Curso de Pós-Graduação em História do Rio Grande do Sul. Rio Grande, 2010.

Estes processos arrastaram-se pelo período de três anos e foram favoráveis a Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira¹²².

Figura 31 - Imagem da construção da Estação de Banhos da Villa Siqueira. Ao fundo observamos os primeiros chalés prontos. A construção em branco com diversas janelas é o Hotel Casino. Durante um período de 10 (dez) anos a construção da Villa Siqueira estendeu-se, várias empresas concessionárias estiveram a frente do estabelecimento e, por falta de recursos financeiros não finalizavam as obras que haviam prometido. *Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense. Estação Balnear. Livraria Universal Echenique Irmãos e Cia. (1890-1910).*

¹²² Segundo o requerimento da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira de ano de 1888, foi aprovado em 01/08/1891, o pedido de desapropriação de terreno junto à Costa do Mar Grosso, este “*de extrema importância para a conclusão das obras para o término das obras da estação balnear*”. O engenheiro encarregado Dr. José da Silva Gama concedeu a Companhia o direito sobre os terrenos. *Atas da Junta Municipal do Município do Rio Grande do ano de 1891. 4ª Sessão Ordinária, Ofícios, Rio Grande. Conforme o Guia dos Banhistas “ tornou-se necessário a Companhia empregar avultado capital na aquisição de inúmeros pequenos lotes de terras pertencentes a antigos possuidores, os quais de forma alguma valorizavam estas terras, ocasionando sua aparência agreste, seus caminhos intransitáveis, e constante a invasão das areias vindas do mar grosso, cuja aglomeração ocasionava o alagamento das baixadas do terreno, por efeito das chuvas. E para aumentar o mal resultante da pobreza do terreno que pouca vegetação espontânea sustenta, acrescia a invasão por toda esta planície abandonada de porção de gado entregue a seus próprios instintos, devorando a rara vegetação. Entre os campos onde assentavam as habitações dos pequenos criadores ou estancieiros e o mar grosso, media-se 3000 metros de terreno, ora alagadiço, ora dominado pelas areias movediças”.* Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

A praia de banhos na Villa Siqueira foi inaugurada oficialmente no dia 26 de janeiro de 1890, após a aprovação pela Junta Municipal das tabelas de passagens e fretes. A Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira divulgou no *Diário do Rio Grande* e no *Echo do Sul* os horários dos trens que seguiam para a Villa Sequeira¹²³, destacando aos passageiros que deveriam adquirir seu bilhete o mais breve possível, a fim de não ficarem sem o passeio a Costa do Mar.

Esta primeira temporada da Estação Balnear foi bem recebida pela população rio-grandina e em cidades vizinhas como Pelotas, Bagé e Jaguarão. Da capital do Estado, Porto Alegre também vieram famílias para desfrutarem dos banhos de mar. Algumas destas famílias alugavam os chalés instalados ao longo da linha férrea, por falta de acomodações na própria Villa Sequeira. No entanto, as promessas feitas pela Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira na imprensa local de que não haveria Estação Balnear em todo o Brasil e países vizinhos que pudesse concorrer em ostentação e luxo não se concretizou. A Villa Sequeira enfrentou diversos problemas, como a insuficiência de investimentos em sua estrutura urbanística, falta de energia, água e comunicações, a não instalação das barracas a beira mar, o avanço das areias e a falta de transporte de qualidade¹²⁴.

¹²³ O *Diário do Rio Grande* publica em 28/01/1890: “Satisfazendo o desejo manifestado pelo público, resolveu a administração da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira abrir desde já o tráfego provisório da linha Rio Grande-Costa do Mar. A partir de 26 de janeiro de 1890 e até novo aviso, correrão diariamente dois trens rápidos para passageiros. Haverá 3 trens, sendo: o primeiro às 06:00 horas da manhã, o segundo às 12:30 horas da tarde, o terceiro às 16:30 horas da tarde. Os preços das passagens são: 200 réis do Parque à Vieira, 400 réis do Parque ao Senandes, 600 réis do Parque à Costa. Os trens voltarão da Costa às 08:30 da manhã, as 14:30 e as 18:30 da tarde. Esses trens receberão passageiros para as seguintes paradas: Junção (com a estrada de ferro, Vendinha), Barnabé, Vieira, 200 réis; Barnabé e Senandes, mais 200 réis; Belmiro-Bolaxa, Cassino, Mar Grosso, mais 200 réis; Passagem do Parque ao Mar Grosso, 600 réis. Nos domingos, dias feriados ou santificados, haverá um trem de excursão, partindo do Parque às 12:30 da tarde, voltando às 14:30. Ao preço único de 500 réis qualquer parada. Há unicamente 120 lugares nos dois carros que se acham montados, e para regularizar o serviço se dará cartões numerados, servindo os de número 1 a 60 para o “carro coberto” e os de número 61 a 120 para o “carro descoberto”. A venda de bilhetes terá lugar nas estações do Parque e Cassino, nos 10 minutos antes da hora da partida de cada trem. Sobre a passagem: será admitido como tal qualquer volume que se possa acomodar debaixo do banco dos carros e de peso não excedente a 10kg (dez quilogramas). Recomendações: Aos Srs. Passageiros: Não debruçar-se nas janelas; não debruçar-se nas plataformas; não conduzir cães e armas de fogo carregadas. Brevemente – será inaugurado o tráfego das cargas e publicada a respectiva tabela. Rio Grande, 25 de janeiro de 1890. A.C. Sequeira. Gerente”.

¹²⁴ No final do ano de 1890, a Companhia procedeu ao plantio da faixa de areia junto à Costa do Mar. Dentro do projeto de arborização do balneário ficou acertado que seriam plantados pinheiros, eucaliptos, acácias, cedros marítimos e arbustos indígenas, especialmente na linha das marinhas para a fixação das dunas. Construíram-se valas de esgotos para a drenagem das águas, evitando as periódicas inundações que vinham ocorrendo em período de chuvas. *Guia dos banhistas*. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890. No ano de 1891 ficou acertado contrato entre a Intendência Municipal do Rio Grande e a

O hotel, que deveria ter ficado pronto antes da inauguração da estação, não possuía quartos suficientes para atender o grande público que estava deslocando-se aos banhos. Segundo o *Diário do Rio Grande* apenas “12 ou 14 quartos estavam concluídos, estando assoalhados e cobertos. E vem a propósito dizer que os achamos em extremo acanhados. Uma família composta unicamente de marido e mulher, dificilmente se poderá ali acomodar”¹²⁵. Uma constante queixa dos frequentadores era o tamanho dos quartos do hotel, pequenos, a falta de iluminação apropriada e de privacidade, alguns quartos eram conjugados, não possuindo trancas entre eles e o alto valor das diárias, ou seja, “de ordinário quem vai fazer uso dos banhos do mar é quem pode gastar. Para esses, pois, deve ser indiferente gastar mensalmente mais alguns 1000 réis desde que lhes seja facultada certa ordem de comodidades”¹²⁶.

Figura 32 - O espaço balnear passou a fazer parte do cotidiano do cidadão, ele vai a banhos sentado no vagão do trem, conversa, troca ideias, lê, observa a paisagem e, nostálgico relembra a infância. Observamos nesta imagem o avanço do trem pela avenida principal, algumas construções que já se faziam presentes no cenário do balneário e

Société Franco Brésilienne de Travaux Publics a extensão das linhas telegráficas e telefônicas entre Rio Grande e o balneário. *Atas da Junta Municipal do Município do Rio Grande do ano de 1891*. A Companhia Estrada de Ferro Rio Grande - Costa do Mar importou um “catavento” dos Estados Unidos, aproveitando-se da energia eólica para a captação de água do lençol freático descoberto pela mesma. Esta água abastecia o hotel Casino, as locomotivas e as casas do “Quadro”. Para as moradias particulares, seus proprietários construíram algibes ou cacimbas, onde a água era retirada através de bombas manualmente.

¹²⁵ *Diário do Rio Grande*, 29/01/1890.

¹²⁶ *Diário do Rio Grande*, 29/01/1890.

imaginamos aquelas tantas que estão por vir, antecipando as memórias de um tempo que não volta e que não vivenciamos. *Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense, op.cit..*

Algumas figuras ilustres da sociedade rio-grandina já haviam adquirido seus lotes de terrenos de 100x50 metros para a construção de seus *chalets* de veraneio¹²⁷, no entanto, muitos ainda estavam em construção, e dessa forma, a procura por quartos no único hotel do estabelecimento era grande e as reclamações constantes. Ao longo do mês de janeiro e fevereiro de 1890, mais quartos foram sendo entregues e logo foram ocupados. Observamos através dos periódicos que famílias sem condições de adquirirem seus terrenos para a construção de um chalé hospedavam-se nos pequenos quartos do hotel, a fim de desfrutarem do espaço balnear.

A diretoria da Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira "viu com bons olhos" a constante ida da população menos abastada para o Balneário durante a primeira temporada de veraneio, em função disso, planejou e construiu em um lote de terreno de 50x80 metros um complexo de casas geminadas, apenas porta e uma janela, conhecido como Quadro¹²⁸, que ficou pronto para o veraneio do ano seguinte. Ele encontrava-se em frente ao Hotel Casino e era ladeado pelos elegantes *chalets* situados na rua principal¹²⁹ da Villa.

¹²⁷ Segundo nota publicada no *Echo do Sul*, a Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira sob a direção do Sr. Antônio Cândido Sequeira, passou a lotear terrenos de 100x50 metros no Mar Grosso, esperando em seu escritório, pessoas interessadas na aquisição de um lote para desfrutar na estação balnear os dias mais quentes. A Empresa abriu as vendas apenas para interessados da cidade de Rio Grande, e após o passar de uma semana, se houvessem terrenos sobrando, abriria para interessados de outras regiões do Estado e quem sabe até do país. *Diário do Rio Grande*, 15/09/1890.

¹²⁸ Para fins de complementar o Quadro e manter nossa linha de estudo sobre o balneário Villa Sequeira ter recebido "todo" tipo de público acreditamos ser necessário caracterizá-lo. Conforme a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar, as quarenta casas possuíam uma sala com 10 m² contendo porta e janela; três quartos, com comunicação entre si e lateral para o pátio interno; cozinha e latrina no interior do pátio. As casas eram alugadas mobiliadas: 1 mesa de jantar, 12 cadeiras, 1 guarda louça, 1 cama de casal, 3 camas de solteiro, 4 colchões e 10 travesseiros, 1 guarda roupa, 2 lavatórios, 2 cabides, 1 espelho grande e 2 pequenos, 2 cantoneiras, 2 lâmpadas, 1 moringa, 1 talha e banco, 2 escarradeiras, 3 vasos de quarto, 1 fogão americano, 1 mesa de cozinha, 1 estante e 4 peças de trem de cozinha. A Companhia fornecia água potável e combustível (lenha ou carvão) e serviço de esgoto mediante pagamento de taxas extras. O aluguel deveria ser pago adiantado sendo o valor mensal de 150\$000 ou a temporada pelo valor de 500\$000, podendo os contratantes usufruir da mesma até 30 de novembro. Os inquilinos do Quadro possuíam desconto para as refeições realizadas no restaurante do hotel Casino. As facilidades de pagamento e o baixo custo dos aluguéis do Quadro atraíram turistas de diversas regiões do Estado que não tinham condições de adquirir um lote de terreno e construir seu *chalet* de veraneio. *Regulamento Geral da Estação Balnear (Villa Sequeira), Hotel Casino e mais instalações*. Rio Grande: Typ. do Rio Grande do Sul, Reis, Bastos & C., 1891.

¹²⁹ Conforme Ata da Junta Municipal do Rio Grande do ano de 1891, a Avenida principal do Balneário, denominada de Rio Grande, foi construída no final do ano de 1891. Como em muitas praias e balneários, ela não foi planejada para situar-se paralelamente ao mar, ela estendeu-se desde a entrada do balneário até as barracas

O Quadro ficou pronto em dezembro de 1891, constituindo-se em habitações menores e com aluguéis mais baratos. Destoando do padrão dos *chalets*, as "casinhas" de porta e janela atraíram um público "diferenciado" para o balneário e, que passou a frequentá-lo e a transformá-lo em balneário para todos os segmentos sociais.

Com a instalação do Balneário novos hábitos passaram a fazer parte da rotina do rio-grandino e o *ir a banhos* foi um deles. A linha férrea agilizou as viagens para a Costa do Mar, disponibilizando um trem que partia da estação do Parque, na cidade, às 5h (cinco horas) da manhã, retornando às 8h (oito horas). Dessa forma, os usuários dos banhos passaram a acordar mais cedo para pegarem o primeiro trem para o Balneário a fim de desfrutarem a vilegiatura marítima e retornarem no trem seguinte para o trabalho. Segundo o *Diário do Rio Grande*, alguns interessados nos banhos de mar dirigiram-se a redação do jornal para solicitar junto a Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira um horário de trem especial as 4:30h para a Costa do Mar, argumentando que este era o melhor horário para o banho de mar. O *Diário* publicou que a saída do primeiro trem as 6:30h estava atrapalhando o bem estar físico dos banhistas, visto que “*há muitas pessoas que entendem que essa hora é demasiado inconveniente: porque o sol vai já alto bastante e o banho deve ser tomado mais cedo. Ouvimos que há diversas pessoas que não começaram ainda a fazer uso dos banhos devido a esse horário*”¹³⁰.

para a troca de roupas, atravessando o balneário de um lado a outro. Em todo o seu caminho foram plantados eucaliptos para a contenção das areias, que avançavam sem piedade para as construções. Em seu lado direito, para quem está chegando da cidade, foram instalados os trilhos para os bondes que levavam os banhistas a praia. *Atas da Intendência Municipal da cidade do Rio Grande ano de 1891*. Rio Grande: Typographia da Gazeta Mercantil, 1891. 4ª Sessão Ordinária, Ofícios, Rio Grande.

¹³⁰ *Diário do Rio Grande*, 08/02/1890.

Figura 33 - Descontração a beira mar. O espaço da praia atrai para o passeio a pé, as conversas e as brincadeiras. Extraído de: *Informativo Rio Grande*. Rio Grande, 18 de Janeiro de 1990.

A vilegiatura marítima trouxe mudanças no cotidiano dos habitantes da cidade de Rio Grande, uma vez que desencadeou novas formas de lazer em um local antes desconhecido para a maioria da população¹³¹. A Villa Sequeira atraiu em sua primeira temporada de funcionamento uma média de cem banhistas diariamente veraneando, além daqueles que deslocavam-se nos trens da manhã apenas para tomar seus banhos de mar.

As excursões aos domingos eram concorridas, chegando a Empresa concessionária colocar um carro a mais para dar conta do movimento. Uma média de duzentos excursionistas frequentavam a Estação de Banhos aos domingos. Os trens mais concorridos eram os do 12:30h e o das 16:40h, sendo o das 5:30h sempre repleto para os apreciadores dos banhos¹³².

¹³¹ No *Diário de Rio Grande* há matérias quase que diariamente sobre o veraneio na Villa Siqueira, descrevendo o cotidiano do balneário. Lê-se: “*Todos os quartos prontos estão ocupados e o número dos pedidos é relativamente avultado. O número de barracas na praia não está também em relação com a influência de banhistas que seria muito maior. O banhista vem em grande quantidade, não só de Rio Grande, como de Porto Alegre, Pelotas, Bagé e de outros, sendo que, alguns por falta de cômodos na praia, moram na cidade e vão todos os dias, no trem das 5:30 tomar banho e voltam. É este o primeiro ano da estação balnear em Rio Grande e apesar de tudo estar ainda em princípio, nota-se já uma animação extraordinária, sendo já bastante agradável o movimento que se nota todos os dias na Costa, na ocasião do banho*”. *Diário do Rio Grande*, 23/02/1890.

¹³² Conforme o *Diário do Rio Grande* os trens que “*Domingo partiram desta cidade para a Costa do Oceano, na Mangueira foram repletos de passageiros sendo que no da manhã tomaram passagem muitos banhistas. Pelo caminho foi esse trem recebendo as famílias que estão passando a estação nas chácaras a todos os dias fazem*

Figura 34 - Movimentação de pessoas para embarcar ou desembarcar na Villa Sequeira. Os trens eram concorridos para a estação de banhos. "Todos" queriam conhecer o estabelecimento balnear, tão divulgado pela empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira. Imagem provavelmente do final do século XIX e início do XX. Extraído de: *Informativo Rio Grande*. Rio Grande, 18 de Janeiro de 1990.

Nesta primeira temporada, a Bonds alugou um espaço na entrada da Villa anexo ao prédio da administração e terminal de trem para a instalação de um pequeno restaurante, devido ao atraso no término da construção do restaurante do hotel. Segundo o *Diário do Rio Grande*, o Manoel Português, comerciante do ramo de secos e molhados da cidade, estabeleceu ali *uma espécie de quitanda, onde passou a preparar comidas quentes e frias, podendo, portanto às pessoas lá fazerem suas refeições*¹³³.

Além do atraso nas obras da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira, haviam outros problemas que ocorriam no caminho para o balneário. Por diversas vezes, os trens lotados de passageiros acabavam tendo problemas durante o percurso, e por vezes, paralisando por metade do dia o transporte para a Costa do Mar.

uso do banho do mar. Nos trens das 12:30h e 16:40h da tarde à concorrência foi extraordinária e mais seria se maior fosse o número de veículos de transporte. O último trem composto de 3 carros conduziu número de passageiros a 200. Há grande procura de quartos, tanto que há proporção que estes vão ficando prontos são logo tomados. Calcula-se já em cerca de 100 o número de pessoas que estão tomando banhos na Mangueira, inclusive as que estão morando na cidade vão todos os dias à Costa e voltam no trem das 7:30h". *Diário do Rio Grande*, 11/02/1890.

¹³³ *Diário do Rio Grande*, 09/02/1890.

Segundo o *Guia dos banhistas*, informativo da Empresa concessionária, a temporada de veraneio chegou ao fim no dia 15 de maio de 1890, enfatizando que tornou-se *difícil, de um só jato, estabelecer a variedade de acomodações que contente a todos os gostos, entretanto executou a empresa os mais numerosos recursos*¹³⁴.

No dia 21 de julho de 1890 foi assinado o documento em que constava a fusão da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira e da Empresa de Ferro Rio Grande - Costa do Mar e esta última passou a administrar o balneário na Villa Sequeira. Em seus estatutos ficaram estabelecidos que a Empresa poderia comprar, vender, arrendar ou alugar terrenos, prédios ou instalações na Costa do Mar, ficando a seu critério os valores a serem pagos. Também ficou encarregada de estabelecer o comércio e a colonização ao longo da linha férrea, edificando por conta própria ou alheia.

A nova sociedade foi administrada por três diretores que foram eleitos em Assembleia Geral, um gerente e um tesoureiro. A Empresa de Ferro Rio Grande - Costa do Mar buscou acionistas para seus projetos no balneário. O Banco Emissor do Sul, na qualidade de acionista, investiu 700 (setecentos) contos na empresa para o término das obras do hotel, o *aformoseamento* da Avenida Rio Grande e a colocação dos camarotes e das barracas a beira mar.

Para a próxima estação balnear, aberta em 21 de novembro de 1890, ficou acertado em contrato, que a Empresa de Ferro Rio Grande - Costa do Mar comprometeu-se a construir,

*100 camarotes para homens – 1ª classe;
100 camarotes para senhoras – 1ª classe;
20 camarotes para homens – 2ª classe;
20 camarotes para senhoras - 2ª classe;
50 barracas sobre rodas;
Um restaurante elegante à la carte;
Leitaria;
Rouparia (recebimento de roupa de banho)*¹³⁵.

A Empresa pretendia atender um público de 500 (quinhentos) banhistas em média, e para isso, triplicou o número de trens, passando de 3 (três) para 9 (nove) locomotivas. A propaganda em torno do balneário destacava a beleza e as comodidades do local, os

¹³⁴ *Guia dos banhistas*. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

¹³⁵ Idem, p. 15.

benefícios terapêuticos dos banhos de mar e a categoria superior em suas habitações perante outras regiões do Brasil e do Rio da Prata.

A propaganda acerca da estação balnear de 1891 foi significativa, e a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande - Costa do Mar passou a publicar textos nos jornais da época enfatizando os benefícios dos banhos do mar e a vida nas praias. Buscou em textos do Dr. Van Merris do hospital militar de Dunquerque e em autores como o português Ramalho Ortigão argumentos para explicar à população as especificidades dos benefícios terapêuticos da vida marinha¹³⁶. A Companhia não pretendia atingir apenas aqueles afoitos pelos banhos, mas sim quaisquer pessoas interessadas em usufruir do estabelecimento balnear e que se disponibilizasse a pagar pelos serviços oferecidos naquele local.

Em uma de suas publicidades descreveu a praia da Mangueira,

Impressiona de maneira especialíssima a primeira vista ao espetáculo que a vista destina. Ao Nordeste avista-se a duas léguas de distância os estabelecimentos principais da praticagem da Barra: o farol e a Atalaia; ao Sudoeste descortina-se a praia lisa, resistente aos passos bem como as rodas dos veículos, que nenhuma depressão causam na areia, que mais parece coberta de sólida camada se

¹³⁶ O *Diário do Rio Grande* publicou uma coluna intitulada "A vida nas praias" durante a temporada de veraneio de 1891. Nela os leitores aprendiam como deveriam tomar seus banhos de mar e também como os benefícios da balneoterapia ajudava a curar as enfermidades do corpo e da alma. "Os meios mais simples, mais universalmente seguidos são os melhores, diz Van-Merris, para se obterem todos os efeitos úteis da balneotherapia marítima". Segundo Van Merris, *entre nós há o costume de tomar-se banho cedo, em jejum. Van-Merris chama a esta prática absurda. Para ele a prescrição é a seguinte: depois de um bom sono, uma refeição abundante, nutritiva e passadas 3 horas quando estiver concluída a digestão e os raios de sol tiverem aquecido o ar, a praia e a água, o banho cuja duração máxima não excederá um quarto de hora. O banhista deve despir-se depressa, meter-se lesta à água, correr para a onda, mergulhar ousadamente e entregar-se sem cessar ao exercício dos membros, não consentir que o corpo repouse um instante. Se a natação não for o seu forte, deve lançar mão de todos os movimentos que possa exercer na água e mergulhar a miúdos pata que o vento e a evaporação do líquido à superfície cutânea não consigam resfriá-la muito depressa. O banho deve terminar antes do segundo calafrio. A diligência no vestir é requerida também, dispensando-se o enxugar, cuidado que se usa nos outros banhos, porque as partículas salinas da água, secando-se na pele como que prolongam a sua ação. Esta ginástica a que se submete o organismo, que tem por fim promover uma reação enérgica, começa na ingestão da refeição e termina no passeio ao longo da praia em plena atmosfera marítima. O estado da maré tem influência no efeito que se deseja obter. Parece ter e os dois são os motivos porque dizem deve ser preferida a preamar: quando a maré está cheia, a areia que durante a baixa mar foi aquecida por sol, forma o fundo do banho e conserva um grau térmico superior ao daquela que foi submetida a essa ação, quando a maré está em cima há sempre algumas vagas que satisfazem a uma das principais condições balneoterápicas. Não se deve tomar mais de um banho por dia, assim como exagerar o número total, quando ao vigor que se obtém com os primeiros banhos, sucede a fadiga, a fraqueza, é necessário suspendê-los se não definitiva, pelo menos temporariamente para recomeçar em seguida. Van-Merris no hospital que dirige, hospital militar em Dunquerque, só permite aos doentes o começo dos banhos de alguns dias de aclimação. A estação mais favorável para os banhos de mar é o verão. Diário do Rio Grande, 12/02/1891.*

cimento; e a frente, ao Sueste, vê-se o grande, o imenso oceano, em que a atenção se fixa por longo tempo, admirando as suas belezas, relembrando as suas virtudes, e também os segredos que encerra de riqueza animal e de valores e vidas que sepultou.

*Um extenso baixio que se mede por milhas, oferece o belo quadro da arrebentação das ondas, lançando-se umas sobre as outras, como si se despenhassem dos rochedos de uma cascata, e o fundo arenoso em plano inclinado, permite a escolha da profundidade que o banhista deseja, se procura o maior fundo para a natação, o ponto médio da arrebentação para o banho de choque ou somente o baixio para a imersão do corpo. Assim é que crianças da menor idade podem, sem cometer imprudência, banharem-se a sós e gozar do prazer do banho prolongado que lhes é tão útil.*¹³⁷.

Figura 35 - A vilegiatura marítima proporcionou novas formas de lazer para a sociedade rio-grandina do final do Século XIX. O observamos na imagem, a apreciação da viagem por seus excursionistas que, elegantemente vestidos desfrutam do momento. Extraído de: *Informativo Rio Grande*. Rio Grande, 18 de Janeiro de 1990.

¹³⁷ *Guia dos banhistas. Op. cit., p. 06.*

2. O desejo de estar à beira mar

O mar

Parecendo separar os homens, o belo destino do mar é reuni-los. A bacia do Mediterrâneo confinava o mundo antigo habitado pelos gregos, pelos fenícios e pelos egípcios. Foi pelo Mediterrâneo que partiram as primeiras colônias que povoaram a África e a Ásia, estabelecendo o princípio das nossas relações com o mundo novo. No Egito, na Pentapotâmia e na China as primitivas civilizações seguiram, segundo Humboldt, o curso dos rios e baixaram dos montes ao litoral. Na Fenícia, na Grécia, as primeiras expedições marítimas iniciaram os nossos domínios sobre as forças da natureza. De tal modo o mar foi o primeiro guia da humanidade. Amorável e austero, foi ele que primeiro embalou o berço do homem e que em seguida o acordou para os nobres trabalhos, sugerindo-lhe as primeiras noções do universo¹³⁸.

¹³⁸ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal – Guia do banhista e do viajante*. Portugal: Livraria Clássica Editora, 1943, p. 07-08.

2.1. O cenário do vazio

Figura 36 - Monstros marinhos e terrestres que povoaram a imaginação dos homens durante muitos séculos. Segundo Alain Corbin, a obra é de autoria de Munster, em versão aumentada, ornada e enriquecida por François de Belleforest. Paris, 1575. Biblioteca Nacional de Paris. Apud CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

*Uma água que pode penetrar na pele supõe manipulações especiais. Ela se insinua, perturba. Em alguns casos, o mecanismo pode ser salutar*¹³⁹. A prática dos banhos de mar data da mais remota antiguidade. Hipócrates, Galeno, Celso tinham conhecimento dos benefícios dos banhos de mar, prescrevendo a talassoterapia¹⁴⁰.

¹³⁹ Conforme Georges Vigarello, os banhos ameaçam romper um equilíbrio. Eles invadem, estragam e, sobretudo, abrem a oportunidade a muitos outros perigos. VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. Uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 11.

¹⁴⁰ A água salgada do mar foi e é considerada terapêutica desde a antiguidade, pois nela são encontrados o sódio, iodo, potássio, magnésio, bromo, cálcio e enxofre. O sódio é um bom hidratante, o iodo serve como antisséptico e o magnésio como calmante. O cálcio e o enxofre ajudam no processo de renovação celular, ou seja, eliminam as células mortas. Todos esses elementos combinados na mesma água, portanto, intensificam seus benefícios para o corpo. Já os benefícios da água do mar quente são diversos. O principal componente da água do mar é o cloreto de sódio (sal), mas também é rica em minerais e oligoelementos. A imersão em água do mar quente permite que aqueles minerais permeiem através da pele. A Talassoterapia é um tratamento baseado nas propriedades curativas naturais da água do mar. A palavra passou a ser usada na França do século XIX, "thalassa" do grego significava mar e "therapeia" cura. Atualmente a talassoterapia é utilizada como um

Em tempos passados, relatos de pescadores e viajantes povoavam a imaginação de moradores próximos a costa do oceano descrevendo o mar "bravo" em toda sua fúria, suas água malditas, que enfeitiçando os homens a navegá-lo ou quem sabe desvendá-lo os sugavam para seu interior e os devoravam. Algumas descrições narravam histórias mirabolantes, de monstros marinhos engolindo embarcações inteiras, serpentes gigantescas e homens peixes atacando pequenos barcos de pescadores próximos a costa de areia.

O título da obra chama a atenção e seu conteúdo desbrava um "território" enigmático para o homem. Em "O território do vazio", Alain Corbin desenvolve uma obra rica em referências sobre o mar "bravio" e seu litoral "inóspito". Nela assinalamos com razão a sensibilidade com que o autor nos conduz a uma trajetória de infortúnios e encantos que este *território do vazio* representou e representa a todas as civilizações existentes. Ele revela a fascinante conexão que o mar e os seres humanos foram "criando", descrevendo a relação de "amor e ódio" entre ambos ao longo dos tempos.

No que concerne à época clássica, o autor nos mostra que os homens ignoravam totalmente *o encanto das praias do mar e os prazeres da vilegiatura marítima*¹⁴¹. De forma peremptória episódios na mitologia e na literatura clássica reforçavam a visão negativa do oceano. Era no litoral que se escondiam os monstros, como

*Cila, cercada de seus cães que ladram, e a dissimulada Caribde, que devora e vomita suas vítimas. Poseidon, o Grego ou Netuno, o Etrusco, potências ctônicas em sua origem, deuses dos sismos e dos maremotos, herdaram, ao se tornarem divindades do mar, monstros que haviam povoado as águas do mundo egeu*¹⁴².

O retrato negativo "pintado" sobre a praia antiga esteve presente na época moderna, as lembranças dos desastres ocorridos durante a Idade Média prolongaram-se através dos séculos, devido aos infortúnios provenientes do mar. Segundo Corbin, no final do século XVII e início do XVIII, a repulsa dos homens frente ao oceano fazia parte das conversas

tratamento alternativo para melhorias da saúde e faz sucesso como uma atração turística popular para relaxamento e redução do estresse, bem como um método de antienvelhecimento e, de cura, mantendo a prática saudável do corpo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Talassoterapia>

¹⁴¹ CORBIN, Alain. *Op. cit.*, p. 11.

¹⁴² Conforme a mitologia romana, o poeta Ovídio descreveu Cila como uma bela ninfa que foi transformada em monstro marinho. Ela tinha o torso de uma bela mulher, mas em volta da cintura possuía seis cabeças de serpente com três fileiras de dentes e um círculo de doze cães ladradores. Os cães a alertavam quando um navio estava passando, de forma que ela pudesse capturar os navegantes. Já *Caribdis* era um monstro marinho protetor de limites territoriais no mar. Na mitologia grega, Caribde três vezes por dia sorvia as águas do mar e três vezes por dia tornava a cuspi-las. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caribde> (Acesso: 23/03/2013).

sobre o assunto, talvez pelas nefastas catástrofes trazidas pelo mar como *o itinerário marítimo da peste negra, as contravenções dos piratas, os saqueadores de naufrágios, os contrabandistas e os bandidos das praias*¹⁴³.

Naquela época famílias choravam a perda de seus entes para o mar, espaço este que ao mesmo tempo chocava por sua impetuosidade e atraía por sua imensidão infinita. O caráter indomável do oceano afugentou o ser humano da linha das areias litorâneas, as populações que as habitavam vivenciaram tragédias e o sentimento de repulsa passou a fazer parte do imaginário daqueles moradores.

Na alvorada do século XVII um grupo de poetas franceses, como Théophile, Tristan e Saint Amant, inclinados a poesia barroca, divagaram sobre a *alegria que a presença a beira mar desperta*¹⁴⁴. Há uma passagem na obra de Corbin sobre os escritos de Saint-Amant de 1628, na qual ele relata uma experiência na costa marinha.

Ele confessa ficar sentado horas a fio no alto da falésia, contemplando o horizonte marinho, escutando o estranho grito que as gaivotas lançam no vazio. Depois desce à praia e passeia longamente; o passeio serve de trampolim à meditação, permite a coleta de conchas. O espelho das águas acalma e as ilusões que provoca a versatilidade do oceano, o fascina.

*A praia abre-se também ao prazer da conversação; sutil equilíbrio entre o retiro solitário e a massa tumultuada, implica a escolha de algumas pessoas especiais com quem nos comunicarmos para evitar o tédio da solidão e o peso da multidão. A sedução do repouso provocado pelo retiro, a prática da meditação e da conversação, o devaneio favorecido pelo ambiente, certas formas de engajamento do corpo, a fascinação exercida pelas vibrações luminosas do espelho aquático compõem uma gama de prazeres do lugar, sem que, no entanto, as testemunhas procurem pintar o espetáculo da natureza como irão fazê-lo*¹⁴⁵.

Um texto significativo a respeito da admiração pela beleza do mar, citado por ele, foi uma descrição do Padre Bouhours em 1671, na qual seus personagens mostravam-se sensíveis a inconstância do espetáculo e ao encanto da embarcação sobre as águas. Em seus escritos revelou que as pessoas nas praias de Flandres vão passear pelo bem estar proporcionado pelas

¹⁴³ CORBIN, Alain. *Op.cit*, p. 24.

¹⁴⁴ Idem, p. 30.

¹⁴⁵ Idem, p. 32-33.

conversas no caminho para a praia, abandonando-se aos devaneios presentes no espaço litorâneo, cada vez mais comuns entre seus frequentadores¹⁴⁶.

O olhar dirigido ao litoral marítimo do início do século XVIII, mantém o temor pelo mar e a repulsa pelas praias, ao mesmo tempo que contempla com admiração a paisagem litorânea, e o "desenho de um novo prazer" passou a ser cultivado pela sociedade ocidental, enunciando a vontade de *afrontar com o corpo o poder das ondas e de experimentar o sensível frescor da areia*¹⁴⁷.

O cenário caótico atribuído ao mar foi sendo modificado através da prática turística, ou seja, pessoas interessadas em decifrar seus mistérios passaram a frequentar o espaço praiano a fim de "descobrir" o que de verdadeiro havia na literatura clássica, mítica e religiosa sobre o oceano. Com o tempo, poetas, pintores e artistas em momentos a beira mar passaram a se referir a ele como espaço purificador dos males da alma, referenciando-se ali a momentos nostálgicos.

De Fernand Braudel, elegemos a seguinte passagem para retratar o novo sentimento dos homens com relação ao litoral.

*O mais belo testemunho é o do próprio mar. Isto tem de ser dito e repetido. É preciso vê-lo, uma e tantas vezes. [...] O mar restitui pacientemente as experiências do passado, devolve-lhes as primícias da vida, coloca-as sob um céu, numa paisagem que podemos ver com os nossos próprios olhos, análogos aos de outrora*¹⁴⁸.

A partir da metade do século XVIII, a afluência de pessoas no beira mar intensificou-se. Elas passaram a buscar no litoral marinho o alívio para as angústias da vida "moderna". Para acalmar as novas ansiedades, a sociedade dominante europeia passou a seguir o discurso de médicos e higienistas, propagandistas das *virtudes da água fria do mar e, sobretudo, as vantagens do contato com as ondas e da vilegiatura costeira*¹⁴⁹.

¹⁴⁶ Cf. Padre Bouhours “*estavam Eugène e Arise sentados junto as dunas para observar o mar que se retraía docemente, e deixava sobre a areia, ao se retrair, o traço e a figura de suas ondas, com espuma, cascalho e conchas, ficaram os dois a sonhar por algum tempo, sem se dizerem quase nada*”. Apud Op. cit., p. 42.

¹⁴⁷ Idem, p. 64.

¹⁴⁸ BRAUDEL, Fernand. *Memórias do Mediterrâneo: Pré-História e Antiguidade*. Lisboa: Terramar, s.d., p. 17.

¹⁴⁹ CORBIN, Alain. *Op.cit*, p. 69.

Diante da areia úmida e fremente, um novo olhar segue o curso das ondas e o sentimento de melancolia¹⁵⁰, tão em voga na época, complementa a cena a beira mar, onde o homem se depara maravilhado frente a imensidão das águas marinhas prostrado em sentimentos adormecidos que, no ambiente inóspito agitam a sua mente, e ao mesmo tempo vão sendo deixados para trás, através da visão constante da maré, em sua dança ritmada pelos ventos constantes do local.

Em sua *História da Melancolia*, Richard Burton exalta os benefícios dos *rural sports*, aconselhando a aristocracia inglesa a prática da equitação, a pesca, a natação, o *football* e o *bowling*, entre outros jogos presentes nas recreações do "povo". Burton aconselha a viagem como estratégia para os problemas da alma, além de trazer benefícios para corpo. A alternância cidade - campo foi adotada pela aristocracia, seguindo os preceitos terapêuticos indicados por ele¹⁵¹.

Segundo Helena Cristina Machado não é possível situar, com rigor no tempo, o início do desejo de frequentar a praia¹⁵². A visão sobre a praia e o comportamento neste espaço passaram por transformações ao longo dos séculos, no qual observamos que,

*durante o século XVIII e a primeira metade do século XIX, a praia é frequentada com finalidades terapêuticas; na segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX transforma-se progressivamente num lugar de aventura e sedução; finalmente, desde meados do século XX se converteu em local de consumo e de transformação*¹⁵³.

A relação estabelecida entre as elites europeias e o litoral marinho no século XIX permitiu a distinção social que passou a fazer parte deste espaço. O desenvolvimento do capitalismo e a emergência de novas fontes de poder econômico introduziram mudanças nas

¹⁵⁰ Na obra de Flavio Coelho Edler, *Boticas e Farmácias*, o autor escreve que a "melancolia", causada pelo excesso de bile, é provocada pela falta de amor. Para ele, tal doença acomete, em sua maioria, as mulheres. EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Farmácias*. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 36.

¹⁵¹ Sobre o autor, ver a obra de Jean-Robert Simon, *Robert Burton (1577-1640) et l'anatomie de la melancolie*. Paris: Didier, 1964 Apud CORBIN, Alain. *Op.cit.*, p. 70-71.

¹⁵² MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura* 1. *Cadernos do Noroeste*. Série Sociologia. vol. 13 (1), 2000, 201-218, p. 204.

¹⁵³ Idem, p. 204.

relações sociais, elegendo novos hábitos e práticas nos espaços naturais, como o contato com os banhos de mar e o desejo de estadia a beira mar, transformando a praia em local de exposição dos comportamentos da elite, ou seja, a "prática civilizada" dos banhos.

Os banhos frios inscreveram-se numa nova experiência para corpo humano. A recomendação médica disseminou uma transformação social, na qual a burguesia assumiu o papel de divulgar este novo "passatempo" nas estâncias climáticas e balneárias. O corpo passou a ser dotado de uma força própria, a representação corporal, não mais como uma matéria inerte, e sim modificada, como uma máquina "enérgica". A imagem corporal construída é coerente com a profunda transformação social que se operou no mundo ocidental pós Revolução Industrial. Segundo Richard Sennet, o individualismo, como expressão ideológica do capitalismo industrial, reforçou a individualidade humana, percebendo de forma mecânica o funcionamento corporal e cortando os vínculos com a percepção da alma como fonte energética, o que leva por fim a enfatizar o individualismo das partes do corpo e das partes constituintes da sociedade¹⁵⁴.

Conforme Ana Márcia Silva, o discurso médico, fundamentado em uma perspectiva hierárquica e em uma visão conservadora de mundo, reforça a dicotomia sexual presente e o domínio que lhe corresponde. As mulheres, crianças e doentes são imersos abruptamente de cabeça para baixo por um curista encarregado dessas tarefas e aos homens é dado o direito, ou imposição, de enfrentar as ondas e de demonstrar a esperada coragem e virilidade. Ambos os acontecimentos, porém, têm a ver com as novas tecnologias vinculadas ao período, ou seja, ao fortalecimento ou enrijecimento do corpo¹⁵⁵.

As diferenças de gênero são observadas também no que diz respeito à forma de perceber a nudez. No banho de mar, a nudez não é registrada entre as mulheres, mas a nudez masculina é admitida até meados do século XIX. A percepção do próprio corpo, com base nas indicações médicas, vai alterando as expectativas de uma maneira inédita na história, como se pode perceber no relato de Corbin:

O código estrito do pudor, que começa então a reinar, deixa pressentir a intensidade da sensação, penosa ou agradável. Para uma mulher da burguesia, há algo de extraordinário em deixar a privacy, ainda que seja em uma carruagem de banho, e deparar-se no espaço

¹⁵⁴ SENNET, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

¹⁵⁵ SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n° 48, Agosto/99.

público, os cabelos soltos, os pés descalços, os quadris à mostra, ou seja, em trajes que se reserva para aquele com quem se escolheu partilhar a intimidade. Para compreender bem isso, é preciso pensar na intensa carga erótica dos tornozelos e da cabeleira femininos. O simples contato dos pés descalços com a areia já representa uma solicitação sensual, um substitutivo não muito consciente da masturbação. Para as burguesas condenadas ao lar, mais que para as aristocratas habituadas à vida mundana, a prescrição médica possibilita uma liberdade inesperada, reserva de insólitos prazeres¹⁵⁶.

Alain Corbin afirma que a maneira de banhar-se da burguesia diferia do banho das classes populares, no qual a mistura dos sexos era permitida. Esse modo popular vai ser, mais tarde, dominado pelo modelo da burguesia com o auxílio imposto das autoridades na manutenção daquilo que se chamou “ordem”, ainda que, de fato, o modelo que sobreviverá será uma mescla das atitudes de ambas as classes¹⁵⁷. Assim, observamos que a uniformização do banho de mar obedeceu a três ditames: o moral, o terapêutico e a dinamicidade, a partir da acentuação das normas de pudor que, de acordo com Norbert Elias acompanhavam o processo civilizatório¹⁵⁸ a que a sociedade da época “tentava” impor-se.

O uso dos banhos frios de mar, de rio ou de “tina” reportam a experiência dos povos da antiguidade clássica, que consideravam o banho um dos principais elementos para a preservação da saúde.

Na Inglaterra do final do XVII, a emergência da moda¹⁵⁹ dos banhos terapêuticos, herdados dos romanos¹⁶⁰ e a “prosperidade” das spas (estações de águas termais)

¹⁵⁶ CORBIN, Alain. *Op.cit.*, p. 89.

¹⁵⁷ CORBIN, Alain. *Op.cit.*, p. 100.

¹⁵⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, v. 1.

¹⁵⁹ Conforme George Simmel, a moda é uma forma social que atende simultaneamente ao desejo de adaptação social, pela imitação de um exemplo dado, e ao desejo de diferenciação, seja pela mudança constante de seus conteúdos, seja porque as modas diferem segundo as classes sociais. Por um lado, a moda propicia a união com aqueles da mesma classe, enquanto por outro marca uma exclusão dos demais grupos. Disso decorre que a essência da moda esteja na sua transitoriedade: assim que os grupos desejosos de ascensão social adotam uma moda, os que estão situados acima deles devem abandoná-la por outra. O mesmo desejo de exclusividade contribui para valorizar a importação de modas estrangeiras. SIMMEL, George. *On individuality and social forms (selected writings)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971, p. 295-306. Apud VENEU, Marcos Guedes. O flaneur e a vertigem: Metrópole e subjetividade na obra de João do Rio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 3, n. 6, 1990, p. 229-243.

¹⁶⁰ Os pioneiros nos balneários coletivos foram os babilônicos. E os gregos iniciaram a prática dos banhos no Ocidente. Na Grécia o banho, além de ser motivado pela higiene e espiritualidade, o esporte, particularmente a natação, impulsionou o hábito de apreciar o banho. Os romanos herdaram dos gregos a prática dos banhos. Eles construíram termas “suntuosas” em diversos locais, como as de Caracala, inaugurada em 217 e as termas de Diocleciano no ano de 305. Esses edifícios tinham a capacidade para receber entre 1600 e 3200 pessoas. Cada

multiplicaram-se no interior do país. As principais estâncias inglesas foram Bath e Brighton, e seu sucesso impulsionou a abertura de outros estabelecimentos na Europa como Spa-Francorchamps na Bélgica, Aix-La-Chapelle, Baden Baden e Schwalbach na Alemanha, Aix-le-Bains e Vichy na França e Saint Moritz na Suíça.

Figura 37 - *Large bathers*, 1887 de Pierre Auguste Renoir.

Disponível em: <http://arteseanp.blogspot.com.br/2012/08/imagem-semanal-banhistas.html>.
(Acesso: 06/06/2013).

Em meados do século XVIII, o médico Tronchin combinou o projeto inovador de reforçar as fibras com a resistência moral. Para ele, a água fria deveria endurecer o corpo, auxiliando as fibras corporais. Nesta época, o importante para o corpo era a firmeza de seu tônus muscular, ele deveria manter-se resistente frente às mudanças que estavam ocorrendo na sociedade europeia e que foram sendo "transportados" para todo o mundo ocidental rapidamente. Nicolau Sevcenko cita Eric Hobsbawm ao escrever sobre a rápida disseminação da economia capitalista,

salão das termas era decorado com estatuetas e mosaicos. Ao redor de um pátio central havia uma espécie de sauna, vestiário e piscinas de água quente, morna, fria e ao ar livre. Cf. *Aventuras na História*. São Paulo: Editora Abril, março 2007. Edição 43.

*(ela), como não poderia deixar de ser, tornou-se global. Ela consolidou essa sua característica de forma mais intensa durante o século XIX, a medida que foi estendendo suas operações para regiões cada vez mais remotas do planeta, transformando assim essas áreas de modo mais profundo. Sobretudo, essa economia não reconhecia fronteiras, funcionando melhor onde nada interferia na livre movimentação dos fatores de produção*¹⁶¹.

A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no último quartel do século XVIII, após 1780, e logo alcançou outros países europeus como França, Bélgica e Irlanda, promovendo mudanças no comportamento da sociedade ocidental, estabelecendo novos hábitos e costumes. *Nada poderia detê-la. Os deuses e os reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente*¹⁶².

Na década de 1870, uma segunda Revolução conhecida como científico-tecnológica afirmou na industrialização o gerador de novos padrões civilizacionais na Europa.

Contemporânea à Revolução Industrial, em 1789, na França eclodiu a Revolução Francesa, *um marco em todos os países. Sua influência direta é universal, pois ela forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequente*¹⁶³. Para o mesmo autor, a economia mundial sofreu a influência da Revolução Industrial, sendo a política e as ideologias formadas pela Revolução Francesa¹⁶⁴.

Na Revolução Francesa não houve um movimento organizado, mas

*um consenso de ideias gerais entre um grupo social bastante coerente que deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a 'burguesia', suas ideias eram as do liberalismo clássico, conforme formuladas pelos 'filósofos' e 'economistas' e difundidas pela maçonaria e associações informais*¹⁶⁵.

Essas duas revoluções foram um marco para o mundo ocidental, estimulando a economia, definindo novos postos de trabalho para a população, e como consequência estabelecendo novos padrões de consumo. A construção de estradas de ferro multiplicou-se,

¹⁶¹ ORTIGÃO, Ramalho. *Op. cit.*, p. 07-08.

¹⁶² HOBBSBAWM, Eric J.. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 69.

¹⁶³ Idem, p. 73.

¹⁶⁴ Idem, p. 19.

¹⁶⁵ Idem, p. 20.

facilitando a comunicação entre diversos locais. E a emigração registrou um grande volume de pessoas que se deslocaram pelo mundo, *cerca de cinco milhões de europeus se deslocaram entre os anos de 1816 e 1850*¹⁶⁶.

A concentração de indústrias modernas, a expansão do consumo, modificou a face das cidades com a construção de novos prédios, a ampliação de ruas e avenidas e a inserção de novos hábitos de higiene, adotados pela crescente burguesia. Conforme Georges Vigarello, o banho instalou-se nas práticas das elites no final do século XVIII, estabelecendo um novo papel para a água, mais funcional, mais real, familiarizando esta faixa social a este novo costume¹⁶⁷.

Novas práticas higienistas estiveram presentes no momento dedicado a limpeza do corpo, tornando o uso da água, nos gabinetes de banhos, banheiras e gabinetes de toalete parte do ritual de asseio praticado pelos mais privilegiados. Estes, ao sucumbirem a fama dos banhos e dos banhos medicinais, procuraram em estações termais os divertimentos, o requinte e o conforto para seus próprios deleites. O autor português Ramalho Ortigão observa que a estrutura dos estabelecimentos primava pelo bem estar dos frequentadores e o luxo encontrava-se presente nas instalações. Para Ortigão, ali

[...] as pessoas que geralmente frequentam durante o período das águas os Cassinos da Bélgica e da Alemanha não são propriamente os doentes. São as pessoas ricas e ociosas que procuram Baden ou Spa, como outras escolhem Mônaco ou o Cairo, como simples lugares de prazer e de jogo, como prazos anuais dados à moda, ao chic, ao amor fácil, à toilette ligeira. Nessa população ruidosa e garrida figuram principalmente os jogadores de profissão, as cocotes e os crevés, que não vão diretamente às águas, mas sim a roleta. O que para eles se trata de fazer saltar não são os reumatismos, são as bancas¹⁶⁸.

Os banhos medicinais impulsionaram novas formas de sociabilidade entre os banhistas, que além de aproveitarem as abluções matinais recorriam aos divertimentos noturnos disponibilizados pelos estabelecimentos hoteleiros como parte do tratamento

¹⁶⁶ Idem, p. 189.

¹⁶⁷ VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. Uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 177.

¹⁶⁸ ORTIGÃO, Ramalho. *Banhos de caldas e águas minerais*. Livraria Universal, 1875, p. 17.

terapêutico oferecido. Stelio Marras, citando Ramalho Ortigão, reproduz claramente as virtudes do banho frio junto ao intelecto e a moral:

A atividade do corpo e do espírito redobra: sentimo-nos com mais aptidão para o trabalho; experimentamos finalmente um sentimento geral de força e de bem estar físico, intelectual e moral, que resulta do equilíbrio dos órgãos e da harmonia das funções. Colocando-nos unicamente no ponto de vista da pura higiene, podemos dizer que o banho frio (...) convém geralmente às pessoas de qualquer sexo, de qualquer temperamento, de qualquer constituição¹⁶⁹.

Com o tempo, o prazer da natação e dos esportes aquáticos fortaleceram-se, alimentando a vontade de estabelecer uma relação próxima com o mar. A medicina do século XIX buscou compreender os benefícios dos banhos e estabelecer os tratamentos necessários para a cura das enfermidades que atingiam os cidadãos.

Figura 38 - A estância termal de Bath.

Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Great_Bath_in_Bath_\(UK\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:The_Great_Bath_in_Bath_(UK).jpg)
(Acesso: 15/03/2013.)

¹⁶⁹ MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas*. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 294 cita de ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*. Guia do banhista e do viajante. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1966, p. 257-258. (A edição utilizada por Stelio Marras é do ano de 1966, em nosso texto utilizamos a edição de 1943.)

No discurso higienista em voga, médicos lançavam obras referentes ao assunto. No *Dicionário Enciclopédico das Ciências Médicas*, publicado em Paris em 1871, sob a direção do Dr. Dechambre lê-se a respeito do banho:

*O uso habitual e cotidiano do banho frio exerce na saúde a mais feliz influência. A pele tonifica-se, aviva-se, conserva a sua frescura e a sua agilidade. No verão o banho modera a transpiração, previne a debilitação que se segue a secreção abundante do suor. No inverno corrige a disposição que tem algumas pessoas para contrair anginas e bronquites*¹⁷⁰.

Os frios banhos de mar no século XVIII tornaram-se prática recomendada pelos profissionais da saúde. As classes dominantes, não beneficiadas pelo vigor do trabalho sentiam-se inquietas devido às novas ansiedades, as neuroses, a falta de energia e virilidade. Buscavam no contato com a natureza indomável do mar a vitalidade para a saúde do corpo e da mente. Nessa perspectiva, a emergência do desejo de frequentar as praias de mar tornou-se cada vez mais presente, esperando-se que ele,

*acalme as ansiedades da elite, que restabeleça a harmonia do corpo e da alma, que estanque a perda de energia vital de uma classe social que se sente particularmente ameaçada em suas crianças, suas raparigas, suas mulheres, seus pensadores. Espera-se dele que corrija os males da civilização urbana, os efeitos perversos do conforto, embora respeitando os imperativos da "privacy"*¹⁷¹.

Tornou-se claro que a partir do momento em que as elites sociais "descobriram" a praia, este espaço concebido como uma criação divina "catastrófica", passou a representar a função simbólica de "ostentação do poder social" das camadas abastadas através de rituais de interação social "inventados" no litoral marinho.

Os vilegiaturistas das estações balneares do século XIX, apesar das distinções sociais, promoveram neste espaço a sociabilização e a interpenetração cultural dada a presença tanto de membros da alta nobreza, como de burgueses e de funcionários dos estabelecimentos.

¹⁷⁰ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit., p. 297.

¹⁷¹ Segundo Corbin, a "privacy" indica a intimidade que define e possibilita o exercício da vida privada. CORBIN, Alain. *Op.cit.*, p. 74.

O gosto pela orla marinha e pelos banhos de mar iniciou uma nova fase de ocupação do litoral, alicerçada, entre outros elementos, no desenvolvimento dos transportes sobre trilhos, que correspondeu a incrementação dos banhos a um maior número de frequentadores de outros extratos socioeconômicos.

Um exemplo da disseminação do prazer pelos banhos a demais camadas da sociedade foi o que escreveu Alberto Pimentel, ao dividir a população da Foz do Douro em Portugal do início de 1860 em dois turnos. Segundo ele, o primeiro que estancia aí o mais tardar até o início de outubro é composto por gente do Porto, famílias ricas, titulares, empregados públicos, etc. O segundo turno, que chega só depois das colheitas, é o da gente de Cima do Douro, lavradores ricos, proprietários, pessoas abastadas, sem exclusão da gente menor, os feitores, os caseiros, os remediados e até os pobres¹⁷².

Figura 39 - O velho porto de Biarritz, 1858 de Alban Lesgallery. Apud: FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 230. A pequena praia de Biarritz, no litoral da França, foi uma vila de pescadores até o início do século XIX, quando passou a ser frequentada por turistas (a palavra turista passou a ser usada em 1816) para o ritual dos banhos de mar. As posturas no espaço da praia funcionaram como normas e passaram a regular o comportamento coletivo.

¹⁷² PIMENTEL, Alberto. *O Porto há trinta anos*. Porto: Livraria Universal, 1983, p. 245-246.

A praia terapêutica foi contemporânea da praia dos lazeres. Ali uns iam para tratar suas enfermidades e outros "aproveitavam" para vivenciarem seus prazeres. O hábito dos banhos de mar esteve relacionado às novas práticas higienistas do Ocidente, culminando em uma nova relação dos homens com seus corpos e o prazer do "estar limpo" para suas atividades de lazer¹⁷³.

¹⁷³ O limiar do século XX assegurou um novo direito aos homens, o da assistência médica. Segundo Anne Marie Moulin, a medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso em caso de doença, mas um guia concorrente das tradicionais direções de consciência. Ela viria “*promulgar regras de comportamento, censurar os prazeres, aprisionar o cotidiano em uma rede de recomendações. Sua justificação residia no progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindicava sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade*”. MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques. *História do corpo*. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009, p. 15.

2.2 A praia terapêutica e a vilegiatura marítima

*Aí o tens, boa amiga, o vasto, o poderoso oceano! Procura conhecê-lo. Ele será o teu melhor, o teu mais fiel amigo, o teu médico, o teu mestre, o namorado do teu espírito. Tudo aquilo de que precisa o teu organismo, a tua imaginação, o teu caráter, a tua alma, o mar possui para te dar. Ele tem o fosfato de cal para os teus ossos, o iodo para os teus tecidos, o bromureto para os teus nervos, o grande calor vital para o teu sangue descorado e arrefecido*¹⁷⁴.

Figura 40 - A praia proporcionou e proporciona a sensação de leveza e graça, as falas e os gestos traduzem o bem estar acometido

¹⁷⁴ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit., p. 31.

pelos devaneios dos presentes na praia correspondendo a momentos de plena felicidade neste ambiente inóspito. Praia, 1904. Paris, Biblioteca Nacional. Apud: FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. Op. cit., p. 233.

As águas do mar oceânico limpam o corpo e purificam a alma. Em nossos dias ouvimos muitas histórias sobre o mar. Alguns o elogiam e outros o denigrem. Fatos que revelam a postura dos homens em diversos períodos da história em relação ao litoral marítimo, tornando-se parte do nosso imaginário, "construindo" um local em que as pessoas interagem entre seus pares e com o ambiente litorâneo.

Foi-se o tempo em que os homens abominavam o oceano e apenas viam-no como um devorador de pescadores que navegavam em seus barcos em busca de alimento. A apreciação do homem pelo mar foi tornando-se presente nas estações do ano, especialmente no verão. Indicavam-se os banhos para diversas enfermidades, e algumas estações balneares proporcionavam a seus banhistas o conforto necessário para suas convalescências, adaptando os locais com hospitais, hotéis, restaurantes e suporte a beira mar, como as barracas e camarotes para a troca de roupa e para o descanso.

O uso terapêutico do mar passou a fazer parte do discurso médico da segunda metade do século XVIII, elegendo ao banho de mar a cura para inúmeros males que acometiam a sociedade europeia, alguns em decorrência do novo panorama econômico, o capitalismo. O doutor John Speed escreveu: *o banho de mar não é somente um banho frio, é um banho frio medicinal*¹⁷⁵.

O desejo de gozar dos banhos de mar frios revelaria novos padrões de comportamento na sociedade europeia. Foram os ingleses que "inauguraram" o espaço da praia para a cura do corpo e da alma. Nesse local circulavam pessoas em busca de terapias relacionadas às águas marinhas¹⁷⁶. As novas práticas incluíam estadias de meses no litoral, a fim de banharem-se

¹⁷⁵ CORBIN, Alain. *O território do vazio*. Op. cit., p. 77.

¹⁷⁶ Em 1791, começou a construção do primeiro hospital marítimo de Margate em Westbrook na Inglaterra. O *Royal Seabathing Infirmary and Royal national hospital for scrofulos* recebeu seus primeiros doentes no ano de 1796. Possuía 250 leitos e ficava aberto o ano inteiro, recebendo crianças e adultos de ambos os sexos. Por falta de camas, houve aqueles que hospedaram-se nos arredores e que também recebiam o tratamento, com as consultas, os medicamentos e os banhos. Em 85 anos recebeu aproximadamente 50.000 pacientes. Os hospitais marítimos ganharam fama na Europa na época, Alemanha, Itália, França e Áustria inauguraram seus estabelecimentos. D'OLIVEIRA JUNIOR, José Domingues. *A medicação marítima no tratamento da escrófula*. Porto: Typographia de Viuva Gandra, 1888. (Dissertação Inaugural apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto).

nas águas, aspirarem o ar úmido do litoral, apreciarem os passeios nas areias brancas e perderem o olhar na imensidão do vazio do oceano. O tratamento terapêutico marítimo foi constituído por um conjunto de terapias para a cura dos enfermos, sendo o principal os banhos de mar.

Desde meados do século XVIII, a estadia na praia de Brighton tornou-se prática socialmente valorizada, sobretudo a partir do momento em que passou a ser frequentada pelas elites. Ao pensarmos os banhos de mar como uma "prática civilizada", permeada de simbolismos, o litoral marinho tornou-se o ambiente ideal para as pessoas sentirem-se "livres" ao entrarem em contato com a natureza marítima. O "ir a banhos" conduziu o aristocrata, o burguês, o "homem de negócios" e o pai de família a apreciar em determinada época do ano os usos terapêuticos do mar. Esta nova prática acabou popularizando-se, em primeiro lugar, junto aos extratos sociais mais elevados, estendendo-se depois as camadas mais baixas da população.

Conforme Anne Martin-Fugier os ingleses, a época da Restauração¹⁷⁷ "descobriram" os banhos de mar depois de haverem sido privados de se instalarem em Dieppe, ali

formaram a plage no sentido moderno desta expressão francesa, e foi a própria e famosa duquesa de Berry quem solenemente inaugurou a praia de Dieppe, ao meio dia preciso, enquanto se ouviam os repiques festivos de sinos e trovejavam salvas os canhões da época, entrou no mar, conduzida pelo inspetor médico real das águas, que lhe dava a mão. Esse funcionário trajava casaca preta e luvas brancas¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Segundo Martin-Fugier “ data do Primeiro Império o início da exploração das águas de fonte, em 1809, onde havia 1200 pessoas em tratamento em Aix-Les-Bains, e da Restauração a descoberta dos banhos de mar. Em 1822, o Conde de Brancas, subprefeito de Dieppe, funda o primeiro estabelecimento de banhos de mar, e consegue levar a Duquesa de Berry ao local. Até 1830, em julho de cada ano, a corte se desloca para Dieppe. Depois de 1830, os aristocratas do faubourg Saint-Germain conservam o hábito. Dieppe, na época é o único balneário realmente organizado, mesmo que, em 1835, já se comece a falar da pequena praia de Biarritz, que, no Segundo Império, se tornará a estação predileta da imperatriz Eugênia. No final da Monarquia de Julho, a praia de Trouville, na costa normanda, entra na moda, embora mais burguesa e menos chique do que Dieppe ”. FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele. *Op. cit.*, p. 231. O faubourg Saint-Germain é um bairro histórico de Paris, conhecido por suas mansões suntuosas, muitas delas atualmente transformadas em hotéis. O bairro abrigou a aristocracia francesa.

¹⁷⁸ MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura* 1. *Cadernos do Noroeste*. Série Sociologia. vol. 13 (1), 2000, 201-218, p. 205.

A entrada da duquesa nas águas do mar representa a "penetração" da civilização ocidental na natureza marinha. Este rito de passagem, realizado por uma figura da aristocracia, proporcionou a garantia de que o mar caótico passará a abrigar os banhistas em seus momentos de deleite a beira mar. Esta cena a beira mar ilustrou o poder das elites em se apropriar e disseminar novos hábitos comportamentais perante uma sociedade que transformava-se social e culturalmente.

Para o historiador John Walton, a prática dos banhos de mar e as estadias a beira mar foram iniciadas pelas elites europeias desde o final do século XVIII. Para ele as estações passadas na praia de Brighton tornaram-se socialmente valorizadas a partir do momento em que o local passou a ser frequentado por membros da realeza¹⁷⁹.

A ida a praia do século XIX tornou-se um ritual codificado, onde seus passeantes criaram normas específicas para o local, preconizando novos hábitos de lazer ao elegerem o beira mar como espaço de deleite para seus tempos livres, para, posteriormente o momento em que as "férias" remuneradas passaram a fazer parte da rotina de trabalho dos operários.

A necessidade de disciplinar os espaços e a vida social é uma característica própria das elites, e no momento em que se atribuem a função de domesticar o litoral marítimo, "criam" estilos e posturas onde possam demonstrar o poder que possuem para influenciar outros segmentos da sociedade em voga.

¹⁷⁹ WALTON, John. *The English Seaside Resort. Social History 1750-1924*. Leicester University, 1983.

Figura 41 - A praia de Dieppe. Pintura do artista francês impressionista Eugène-Henri-Paul Gauguin. Provavelmente data do final do século XIX. Nela observamos a movimentação de embarcações, banhistas desfrutando seus banhos e a apreciação da vista do mar por aqueles que encontram-se nas areias da praia. Disponível em: www.zazzle.com.br (Acesso: 15/03/2013).

A paisagem da beira mar sofreu transformações com o aparecimento de construções destinadas aos banhistas. O rápido desenvolvimento do espaço litorâneo deveu-se ao fato de que muitas famílias burguesas começaram a procurar nos balneários um local para passar as férias.

Os lazeres no litoral marinho foram incorporados ao período destinado as férias familiares. No contexto da Revolução Industrial, a conquista de novas formas de lazer deu-se através do desenvolvimento do *progresso técnico e a emancipação social*¹⁸⁰ dos direitos dos trabalhadores. Sua prática foi relacionada ao *progresso da cultura intelectual dos trabalhadores*¹⁸¹ e possuiu *traços específicos da civilização nascida da Revolução Industrial*¹⁸².

O contato com a água fria do mar trouxe benefícios para a saúde e a chance de se levar uma vida de muitos prazeres atraía cada vez mais frequentadores as praias. A sensação de

¹⁸⁰ DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 20.

¹⁸¹ Idem, p. 20.

¹⁸² Idem, p. 26.

bem-estar apoderou-se dos corpos dos indivíduos e eles passaram a aproveitar as maravilhas proporcionadas pelos banhos de mar.

No segundo quartel do século XVIII, a escritora inglesa Jane Austen costumava passar os verões na costa com sua família e em sua obra *A abadia de Northanger*, relatou a trajetória de uma jovem dama e seus amigos em visita ao balneário de Bath, estância termal ao sudoeste da Inglaterra, local frequentado pela aristocracia inglesa e famílias burguesas. Austen escreveu *em Bath, há várias lojas que deveriam ser visitadas; alguma nova parte da cidade que deveria ser observada; a casa de bombas onde caminhavam para cima e para baixo por uma hora, olhando para todo mundo e não falando com ninguém. [...] Era necessário ir aos Salões Superiores, ao teatro e ao concerto*¹⁸³.

A vilegiatura¹⁸⁴ marítima passou a fazer parte do período dispensado à cura de moléstias e o uso dos banhos por prazer pela sociedade europeia lançou a "moda" de passar o tempo livre nas estações balneares. Aproveitavam a estação de banhos para recuperarem as energias perdidas nas cidades, onde se encontravam os amontoados, a sujeira, as águas pútridas. O desafio frente ao desconhecido proporcionava *gozar o mar, neutralizar o temor que ele inspira pressupõe estar-se protegido do furor dos elementos sem se estar privado do espetáculo, donde os dispositivos que erigem os estabelecimentos de banhos sobre um molhe a dominar o mar enraivecido*¹⁸⁵.

Ao longo do século XIX, cenários foram construídos no entorno do beira mar e redes de sociabilidade passaram a abranger todas as camadas sociais, atendendo todo tipo de cidadão e disponibilizando serviços (trem, hotel, restaurantes, entre outros) para todos. Ou seja, *a vilegiatura revelou um novo uso do tempo ritmado pelas estações*¹⁸⁶.

Ao dotar as estâncias balneares de vários espaços sociais, seus empreendedores tornaram esses locais centros de lazer de extrema importância para o divertimento de vários segmentos da sociedade. O hábito de gozar as férias junto ao mar configurou, no seio familiar, uma nova forma de desfrutar os tempos livres, e para que isso ocorresse foi fundamental o

¹⁸³ AUSTEN, Jane. *A abadia de Northanger*. São Paulo: Editora Landmark, 2009, p. 21-22.

¹⁸⁴ Anne Martin-Fugier cita Goldoni sobre o sentido de *La vilegiatura*, uma célebre trilogia encenada em Veneza em 1761, ou seja, “*um inocente divertimento do campo, transformado em nossos dias em uma paixão, uma mania, uma desordem*”. E o ano divide-se em dois: a estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e uma parte do outono). A burguesia segue os passos da aristocracia e passou a desfrutar da vilegiatura. FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. *Op. cit.*, p. 228.

¹⁸⁵ RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). IN: CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres*, *Op. cit.*, p. 95.

¹⁸⁶ Idem, p. 98.

desenvolvimento dos transportes, em especial o caminho do ferro e a publicidade, evidenciando os benefícios dos banhos e as comodidades oferecidas nos balneários.

A modernidade foi um fenômeno desencadeador no mundo ocidental de alterações profundas na sociedade, impulsionando novos padrões de consumo e consolidando uma nova relação dos homens com o mar, que passaram a usufruí-lo com o intuito de cura para restabelecer a saúde, física e mental através dos banhos de mar frios, realizados em determinadas horas do dia, na maioria das vezes prescritos por médicos.

Segundo Louis Dumont, a perspectiva de independência que se verá surgir na Modernidade tem, entre seus fundamentos, o entendimento do indivíduo como um “ser moral, independente, autônomo e, assim, essencialmente, não social”. Esse entendimento vai se constituir, concretamente, apenas entre os séculos XVIII e XIX, e ser interiorizado no século XX. A Modernidade é o momento de culminância de um processo em que não só se encontra a separação entre ser humano e natureza, como também a separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos¹⁸⁷.

A Modernidade coroada pelas Revoluções Burguesa e Industrial opera, de fato, essa transformação do ser humano em objeto de conhecimento, com um incremento do interesse pelo corpo, com base nas diferentes perspectivas postas na sociedade e nos conflitos de interesses que estão em jogo. Há, em especial, dois focos de atenção, o desenvolvimento de uma medicina privada, formada com base nos interesses do mercado que se estrutura, e o desenvolvimento de uma medicina voltada para o corpo social que se expande. Nesse momento, a ciência e, em especial, uma certa racionalidade desempenham papel fundamental; as percepções em torno do corpo vão estar profundamente relacionadas com as novas percepções de universo e de sociedade que vão se popularizar a partir dos avanços dessa produção científica¹⁸⁸.

As novidades despontaram nas vitrines a "céu aberto", nas quais o consumo tornou-se parte da rotina da sociedade do século XIX e a publicidade em torno das estações balneares

¹⁸⁷ O período no qual vai se caracterizar essa entrada em cena de um interesse pelo corpo e de uma forma específica de trato corporal é identificado com a Modernidade, definida pela “destruição das ordens antigas”, pelo “triunfo da racionalidade subjetiva ou instrumental” e pelo “processo de subjetivação” conferir que se forma no interior do individualismo, todos esses termos amparados por uma tendência inédita à universalização de seus valores e normas, levando a uma ocidentalização do mundo. Esses três termos acima definidos serão os guias para a exposição que segue, na tentativa de construir uma narrativa capaz de sustentar a ideia da modernidade do interesse pelo corpo numa sociedade racional, da identificação do indivíduo com sua própria dimensão corporal. DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

¹⁸⁸ SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional, *op. cit.*

buscou na aristocracia e na burguesia seus principais frequentadores. O desfile a beira mar propagava as modas utilizadas nas praias, estabelecendo novas maneiras no vestir, na prática de esportes e nos padrões estéticos.

Estes novos tempos foram enfatizados por Alberto Pimentel ao referir-se as mudanças ocorridas a partir da metade do século XIX, triunfa o progresso, triunfa a civilização, viva o progresso¹⁸⁹.

Os balneários, suas avenidas, ruas e praças apropriaram-se de práticas já exercidas nas grandes cidades europeias, nas quais as pessoas, iam para ver e serem vistas e para comunicar suas visões uns aos outros, não por qualquer motivo oculto, ganância ou competição, mas como um fim em si mesmo. Sua comunicação e a mensagem da rua como um todo são uma estranha mistura de fantasia e realidade. (...) A rua age como um cenário para as fantasias das pessoas, fantasias daquilo que elas querem ser¹⁹⁰.

A prática dos banhos de mar data da mais remota antiguidade. A medicina atribuiu a thalassotherapy, além do prazer da natação e a higienização dos corpos, os seus feitos terapêuticos, prescrevendo os banhos de mar frios contra diversas afecções cutâneas, tratamento da escrófula¹⁹¹, doenças nervosas e doenças crônicas em geral.

Conforme Georges Vigarello, a palavra higiene (hygeinos em grego significa "o que é sã") passou a circular no início do século XIX. Manuais ou tratados de "cuidados" ou de "conservação da saúde" tornaram-se "tratados ou manuais de higiene". O hábito do banho tornou-se um ritual de higiene, a nova disposição das cidades e de locais públicos preconizou novos hábitos de higiene. Vigarello afirmou que a mudança de status desse saber incentivou o surgimento de novas instituições, como as comissões de salubridade com o intuito de fiscalizar estabelecimentos e promover a renovação dos espaços¹⁹².

¹⁸⁹ PIMENTEL, Alberto. *Op. cit.*, p. 245.

¹⁹⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 188.

¹⁹¹ Segundo José Domingues, o inglês Richard Russel demonstrou clinicamente a eficácia do tratamento marítimo sobre as escrófulas em seu livro "*De tabe glandular, seu de uso aquae marinae in morbis glandularum*", publicado em 1750 em Oxford. D'OLIVEIRA JUNIOR, José Domingues. *Op. cit.*. Denomina-se a escrófula um processo infeccioso que afeta aos gânglios linfáticos (com frequência os do pescoço), causado pelo *Mycobacterium tuberculosis* (ainda que em meninos também pode se dever a *Mycobacterium scrofulaceum* ou *Mycobacterium avium*). A infecção contrai-se ao contato com pacientes propagadores do *Mycobacterium*, através das vias aéreas. A infecção se dissemina pelo organismo e quando coloniza os gânglios cervicais provoca úlceras características ("escrófulas") que podem drenar material purulento. O paciente aparecerá com tosse, febre e cansaço, cf. <http://estudandoraras.blogspot.com/2010/11/escrofula.html>. (Acesso em 17/03/2010).

¹⁹² VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo, op. cit.*, p. 186-187.

Arthur Schnitzler descreve o doutor Gräsler em sua obra *Médico das termas*, o qual se dispôs a trabalhar na época balnear, em princípios de maio, verão europeu, “trabalho no consultório foi, desde logo, promissor [...]. E assim o princípio do verão passou [...]. O céu era sempre de uma claridade suave, o ar tépido como a primavera, [...] uma sensação de bem estar tomava conta dele”¹⁹³.

A terapêutica marítima tornou-se um trabalho promissor para os profissionais da saúde. Médicos tornaram-se especialistas no assunto, acompanhando seus pacientes em temporadas nas estações termais e balneares, e alguns hotéis possuíam consultório com profissionais para atender seus clientes, atraindo cada vez mais frequentadores para seus estabelecimentos.

A prática médica do século XIX destacou que os efeitos benéficos das águas do mar evidenciavam sua ação higiênica e terapêutica ao corpo humano, e quando acompanhadas por recomendações de exercícios físicas como a natação, caminhadas a beira mar e passeios de barco realizados com moderação e regularidade promoviam ações curativas ao organismo.

Os banhos foram incorporados à rotina diária dos cidadãos em suas temporadas a beira mar. Os mais distintos higienistas aconselhavam as imersões no mar sem o menor perigo para a saúde, ao contrário exaltavam os banhos como uma forma de superação da fadiga, sendo uma experiência extremamente agradável¹⁹⁴.

Através da observação realizada por profissionais da saúde no momento em que seus pacientes banhavam-se no mar, considerou-se que suas águas como um processo de tratamento médico promoviam melhorias visíveis sobre a pele, tornando-a *menos seca, mais consistente, mais quente e mais lustrosa*¹⁹⁵. Segundo Manuela Hasse, com a permanência de alguns dias seguidos sob a influência do mar, as pessoas

*mergulhadas num micro clima marcado pelas neblinas matinais, a unidade da atmosfera, o valor temperado das temperaturas, a baixa pluviosidade, elementos climáticos especiais a que se associavam os banhos de mar, o repouso, a boa alimentação, o exercício físico, favorecia alterações visíveis nos corpos, indícios confirmadores das melhorias declaradas*¹⁹⁶.

¹⁹³ SCHNITZLER, Arthur. *Doutor Gräsler: Médico das termas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 18-19.

¹⁹⁴ SCHNITZLER, Arthur. *Op. cit.*, p. 19.

¹⁹⁵ HASSE, Manuela. Oeiras e o desenvolvimento de novos comportamentos de lazer, a valorização de um novo mundo: o mar, a praia e as férias. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Revista Digital. Año 4. Nº 14. Buenos Aires, Junio, 1999, p. 23.

¹⁹⁶ Idem, ibidem.

Segundo José Domingues Junior, por volta de 1830, os banhos de mar tornaram-se uma terapêutica preciosa. Trabalhos acadêmicos começaram a aparecer de toda a forma e de todo o gênero sobre os banhos, estudaram suas diversas propriedades, os efeitos terapêuticos, a sua aplicação a higiene e a medicina¹⁹⁷. Sobre os hospitais, Domingues escreve que alguns hospitais inaugurados neste período partiram da iniciativa privada, como podemos observar.

É a iniciativa de Smits que a Holanda deve o lugar que ocupa na história dos hospitais marítimos. Smits auxiliado pelos habitantes ricos de Amsterdã criou em 1865 na praia de Zandwort um hospício com 16 camas para receber as crianças escrofulosas durante do verão. (...) Na praia de Beck-sur-mer há um chalet, mandado construir e sustentado pelos banqueiros Rotschild, com 24 camas para crianças de ambos os sexos. Nice e Cannes possuem também cada uma um hospital. O serviço de banhos de mar para o exército francês constitui-se definitivamente em 1872. Os soldados são enviados durante a estação de verão para os quartéis do litoral e, os mais doentes, repartidos pelos hospitais de Marselha, Nice, La Rochelle, Dunquerque e Calais¹⁹⁸.

Na América, o primeiro hospital marítimo foi construído em Cap-May na Pensilvânia no ano de 1873. Em 1875 fundou-se outro em Massachussets e no ano seguinte o de Atlantic City¹⁹⁹.

Dessa forma, médicos e higienistas, através do conhecimento científico, passaram a prescrever as novas práticas dos banhos de mar a seus pacientes. Em um relatório de 1864 escrito na Bélgica, há uma observação sobre os banhos:

[...] Sob a influência dessa ablução cotidiana vê-se a pele animar-se rapidamente, colorir-se pelo impulso notável da circulação capilar. Um sangue vivo e vermelho vem vivificar essa vasta superfície em que se produzem fenômenos tão importantes da vida vegetativa. A atividade funcional do invólucro cutâneo e a regularização da circulação, arrastam como consequências infalíveis, uma assimilação mais completa, uma melhor nutrição, e por conseguinte, uma digestão mais perfeita e um apetite mais pronunciado²⁰⁰.

¹⁹⁷ D'OLIVEIRA JUNIOR, José Domingues. *Op. cit.*, p. 03.

¹⁹⁸ Idem, p. 07-08.

¹⁹⁹ Idem, p. 09.

²⁰⁰ Idem, p. 10.

A sociabilidade terapêutica tomou forma, não apenas em tratamentos médicos, mas passou a levar famílias inteiras a desfrutarem dos banhos, unindo a melhoria da saúde ao bem estar oriundo do estabelecimento de redes de relações entre os frequentadores das estações balneares.

Os portugueses privilegiados por seu vasto litoral aproveitaram-no, inaugurando estações de banhos prontas para receber banhistas que, em suas estadias a beira mar desfrutavam da vilegiatura marítima, desencadeando *nas praias portuguesas a fase de vida moderna*²⁰¹. Segundo Ramalho Ortigão, boa parte dos banhistas afluía ao litoral português no verão e ao retornarem as cidades sentiam-se revigorados, corados e dotados de força. Ortigão em 21 de novembro de 1862 refere-se a volta pra casa depois das férias.

*Graças a Deus! Os últimos banhistas regressam a cidade que suspirava por eles. As meninas vêm nutridas, acrescentadas de boa cor, e notavelmente satisfeitas, o que denota por certo mais saúde, mas produz também muito menos interesse poético do que a melancólica palidez com que nos deixavam*²⁰².

O "maravilhoso" aspecto de algumas praias portuguesas foi descrito por Ortigão em *As praias de Portugal*, no qual divaga sobre as qualidades do mar, enaltecendo-o como local *de contemplação, de ociosidade, para a vaga saudade, para a indefinida melancolia*²⁰³.

O estudo das águas do mar, através de sua temperatura, densidade, eletricidade e mineralização sugeria a sua utilização higiênica e terapêutica para os médicos. Os benefícios inerentes a cada tipo de tratamento como os banhos realizados nos hospitais marítimos destacavam o caráter avançado da medicina com relação a ação da água salgada no organismo humano.

As diferentes características da água do mar permitiram a transformação dos corpos, promovendo indícios favoráveis a recuperação dos pacientes. O caráter global da ação medicinal do mar não estava apenas no contato dos corpos com suas águas, o movimento e o confronto das ondas produziam sensações de bem estar ao passeante, confortando-o de seus males.

²⁰¹ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit. p. 36.

²⁰² ORTIGÃO, Ramalho. *Crônicas portuenses*. Lisboa: Livraria Clássica, 1944, p. 165.

²⁰³ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit., p. 31.

Neste "jogo de forças" das ondas um novo participante, o banhista, mergulha no mar e, nesse meio revolto suporta o impacto das águas sobre si, *a pressão exercida sobre a totalidade da superfície corporal, a persistência do líquido frio e de seus efeitos sobre seu organismo*²⁰⁴, procurando a recuperação física ou mental. Os homens forçados a lutar contra o impacto da arrebentação das ondas constataavam um estímulo revigorante, e embora com o cansaço generalizado após a "luta", testavam seus limites buscando vencê-los.

A frequência de banhistas nas praias europeias aumentou e definiu novos comportamentos em relação aos cuidados com os corpos. As elites não deveriam se entregar aos devaneios das doenças e se enfraquecer diante dos operários fortalecidos graças às inúmeras horas de trabalhos diários. Buscou-se na dinâmica terapêutica do banho de mar o vigor físico necessário para lidar com as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade. Os ricos são favorecidos por frequentarem locais privados, estações balneares com estrutura para atender os mais diferentes hóspedes e que lhes promete vida saudável e longa.

Nesta época, alguns médicos²⁰⁵ aconselhavam a ingestão de fortificantes para repor as energias e adotavam a terapêutica dos banhos de mar, afirmando para seus pacientes que na praia encontrariam o apetite, o sono, o esquecimento das preocupações e o alento para as ansiedades. O contato com pessoas saudáveis, coradas e vigorosas encontradas nas estações balneares deveria ajudar na recuperação dos doentes. A bela paisagem do mar e a brisa refrescavam a fronte dos turistas sedentos por mergulhar nas águas daquele que já lhes havia trazido aflição e pânico.

²⁰⁴ D'OLIVEIRA JUNIOR, José Domingues. *Op. cit.*, p. 09.

²⁰⁵ Segundo o autor supracitado, havia alguns profissionais da saúde que estavam desenvolvendo pesquisas relacionadas aos benefícios dos banhos de mar: os ingleses Robert White, Richard Kentish, A. Buchan, do hospício de Margate em Westbrook; na Alemanha destaque para o Dr. Lichtemberg, trabalhou no hospital na costa meridional do Báltico, na praia de Heilige-Damm, em Dobéran; na Itália, o filantropo Giuseppi Barrelai e o médico Maurice Bofalini; na América do Norte, o Dr. Van den Abeele e na França, o Dr. Van Merris. *Idem.*, *ibidem*.

Figura 42 - *The bathers*, 1918. De Pablo Picasso.

Disponível em: www.arteseanp.blogspot.com.br/2012/08/imagem-semanal-banhistas.html (Acesso em 06/06/2013).

O decifrar dos mistérios dos benefícios terapêuticos das águas marinhas para o organismo humano abrangeu não somente os profissionais da saúde, mas também escritores e cronistas que buscaram explicar as qualidades curativas do oceano, publicando obras nas quais encontramos descrições de praias, de banhos e da alimentação adequada no litoral.

Elegemos a obra de Ramalho Ortigão *As praias de Portugal*, publicado em 1876, para descrever o tratamento marítimo indicado aos doentes no século XIX. Optamos pela narrativa do autor devido ao fato de ter sido publicado em Rio Grande no ano de 1890 um *Guia de Banhistas*, baseado no cronista português.

Para Ortigão os enfermos deveriam observar os seguintes "elementos" ao dirigirem-se ao litoral: *a atmosfera marítima, a água do mar para uso interno e o banho de mar*²⁰⁶.

²⁰⁶ O autor Ramalho Ortigão buscou no dicionário francês *Hidrologia médica* dos professores Durand-Fardel e Le Bret informações para explicar os elementos a serem seguidos no litoral. Conforme os autores “*a atmosfera marítima ou o ar do mar atua sobre o organismo pela sua densidade, pela sua constituição química e pelas condições físicas a que pode achar-se sujeito. Pelo simples fato da residência a beira mar, como numa localidade muito elevada, o apetite aumenta, a digestão opera-se mais regularmente e mais rapidamente, a respiração exerce-se com mais atividade, o sistema nervoso sobreexcita-se: tais são, pelo menos, os fenômenos mais manifestos e mais gerais que se observam, e fazem com que o ar do mar seja tão salutar as pessoas fracas, moles, apáticas, de constituição linfática, como dificilmente suportado quando a circulação sanguínea se exerce com uma grande atividade, finalmente quando a constituição do indivíduo apresenta uma disposição*”.

Segundo o autor os banhistas poderiam usufruir em suas estadias a beira mar dos banhos de areia, dos banhos de ar, e de uma alimentação a base de frutos do mar, especialmente com mariscos.

Em relação à alimentação dos banhistas, Ortigão sugeria excluírem-se os pratos irritantes e as substâncias difíceis de digerir, como a mostarda, a pimenta, o café e as bebidas alcoólicas. Aconselhava como almoço o bife de vitela ou a costeleta de carneiro grelhada, ovos quentes e uma pequena chávena de chá preto e para o jantar as carnes brancas, a vitela, a galinha, o peru, a sopa de ervas, o peixe fresco com manteiga fresca derretida em vinho da Madeira, bons legumes, água nevada, um sorvete, uma laranja, uma pêra ou um cacho de uvas²⁰⁷.

A ingestão de meio copo de água do mar e meio de água doce em jejum ao acordar era recomendada para estimular o intestino. O passeio na parte da manhã à beira mar tornava o tratamento marítimo completo, restabelecendo o vigor do corpo.

Conforme Ramalho Ortigão, os banhistas deveriam tomar precauções com relação ao *antes do banho, no banho e depois do banho*²⁰⁸. A escolha da hora do banho, por exemplo, dependia da constituição do banhista e de seu tratamento terapêutico. Às pessoas "robustas"

neuropática ou inflamatória dominante. É na infância que o ar do mar se torna mais particularmente salutar, quando a evolução do organismo se acha demorada, quer pela insuficiência das forças, quer por uma convalescência difícil. As crianças possuem uma tolerância particular para o ar do mar. Para os tísicos do pulmão ou da laringe o ar do mar é sempre nocivo. A água do mar, como bebida, é pouco explorada. O mar é no entanto considerado como constituindo o primeiro tipo das águas minerais. Nenhuma outra possui a mineralização mais forte nem é mais rica em cloreto de sódio. A água do mar para uso interno pode aplicar-se como medicamento alterante e como medicamento purgativo. A dose laxante é de dois a quatro copos. A dose alterante é muito mais fraca e proporciona a tolerância do estômago. Todos os grandes médicos alemães insistem nas propriedades medicinais da água do mar em bebida para os indivíduos linfáticos e escrofulosos. Os médicos ingleses aplicam-na principalmente como laxante. Vários médicos franceses, entre os quais os Srs. Gardet e Rocca, reconhecem e recomendam as propriedades alterantes e laxativas da água do mar. É utilíssima as crianças atacadas de vermes. A água do mar pode ser ainda empregada com grande utilidade terapêutica nos usos da toilette feminina nas enfermidades uterinas e em outras aplicações. O banho de mar pode ser considerado sob dois pontos de vista diferentes como agente hidroterápico e como banho medicamentoso. A ação hidroterápica domina quando a duração do banho é mais curta e a temperatura é mais fria. Produz-se a ação medicamentosa quando a temperatura é mais elevada e a duração do banho mais longa (três quartos de hora). Assim o banho de mar apresenta o duplo caráter higiênico e terapêutico. Pelo lado higiênico, como agente hidroterápico, o banho de mar opera como qualquer banho frio, e é indiferente para o que se tem em vista conseguir banharmo-nos no mar, no rio, ou nua simples banheira com água doce no nosso quarto. Nas doenças é contra indicado o banho frio, nas pessoas atacadas de afecções orgânicas do coração, dispostas a congestões, a reumatismos e a gota, o banho de mar com as condições físicas e químicas que lhe são próprias é ainda mais nocivo do que o puro banho frio. A constituição linfática, a infância, o sexo feminino, todos os estados patológicos que se ligam ao enfraquecimento geral do organismo, a insuficiência do sangue, a depressão do sistema nervoso, constituem o domínio especial do banho do mar". ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit., p. 257-262.

²⁰⁷ Ortigão escreve que, em Portugal, o almoço consistia de café com leite e pão com manteiga. Para ele nada era mais indigesto para o estômago, tornando-o abarrotado, o cérebro mais espesso, a inteligência mais bronca, a atividade mais dormente. Idem, p. 263-264.

²⁰⁸ Idem, ibidem.

era aconselhado banharem-se pela manhã. Para os mais fracos ou "pessoas débeis" recomendavam os banhos entre as quatorze e dezessete horas.

No final do século XIX, diversas "técnicas" eram adotadas pelos banhistas para seus banhos de mar²⁰⁹. Alguns preferiam ir diretamente da cama para o mar, a espera que o mar "arrefeça" o corpo, já outros praticavam exercícios moderados, como um pequeno passeio a pé sob o sol da manhã, deixando a pele quente antes de entrarem na água.

Os médicos da época, em suas teorias marinhas, preconizavam que o ar da praia era o principal responsável pelas gripes e resfriados e orientavam os banhistas ao chegarem as barracas, para que

se dispam com a máxima rapidez, enfie um calção de malha de lã, se envolva numa capa ou num plaid e corra imediatamente para a água, desembuçando-se no momento da imersão. As senhoras devem usar a touca de guta-percha para não molharem o cabelo, e quando não tenham a touca não lhes convém mergulhar a cabeça. Basta-lhes refrescar repetidamente a fronte e o alto do crânio, com a mão molhada durante todo o tempo que estiveram na água. Os longos cabelos molhados com água salgada produzem mais males do que aqueles que o banho destinado a combater. Molhados os cabelos no mar por qualquer incidente, convirá às senhoras lavá-los em seguida em água doce com um bom sabonete até restabelecer o asseio indispensável à higiene da pele²¹⁰.

No momento do banho eram orientados a entrarem rapidamente na água com o objetivo de *fazer refluir o sangue das extremidades inferiores para o peito e para a cabeça*²¹¹. Durante a imersão nas águas era prescrito pelos médicos evitarem a imobilidade, praticando a natação²¹². A duração do banho dependeria da temperatura da água, da agitação das ondas e

²⁰⁹ Ramalho Ortigão recorreu a *Enciclopédia das Ciências Médicas* para responder a seguinte questão: *Convirá esperar, quando o corpo está suado, que o suor se dissipe para entrar na água?* Os autores da *Enciclopédia* citaram os exemplos dos gregos e romanos que costumavam banharem-se cobertos de suor e de poeira ao saírem dos ginásios em que se formava a "robusta mocidade dos dominadores do mundo" e acrescentavam: "*o uso tão frequente dos banhos russos e dos banhos orientais, as práticas da hidroterapia empírica e da hidroterapia racional demonstram até a evidência que a imersão em água fria do corpo suado não tem os perigos nem os inconvenientes que a rotina tenaz lhe atribui. Reduzindo a alguns minutos a duração da imersão não há inconvenientes que recear. Não sucede o mesmo quando, em vez de proceder em conformidade com a verdadeira higiene, se segue o uso deplorável de esperar a beira mar que o suor se evapore*". Idem, p. 278-279.

²¹⁰ Idem, p. 279-280.

²¹¹ Idem, p. 279.

²¹² Conforme as orientações para o banho a natação era um exercício adotado e que trouxe muitos benefícios na época. As crianças praticantes desse esporte não possuíam raquitismo e o enfraquecimento da espinha. Os médicos defendiam a natação alegando que nenhum outro exercício contribuía mais eficazmente para *robustecer os músculos do pescoço e a coluna vertebral*. Idem, p. 280.

da constituição física dos banhistas²¹³. Após o banho havia um ritual de cuidados com o corpo, que deveria ser rapidamente seco friccionando-se *um lençol áspero até dar a pele uma cor rosada*²¹⁴, e uma leve caminhada de meia hora, na praia, *debaixo de um chapéu de sol com o cabelo solto como usam as senhoras nas praias da Alemanha*²¹⁵. Não recomendavam a ingestão de alimentos e líquidos. O *Diário do Rio Grande* afirmava que a *água salgada é a grande panaceia da moda, todos querem experimentá-la por luxo ou por gosto, por necessidade ou por pandega. A um cura, a outro alivia, mas não consta que tenha feito mal a ninguém*²¹⁶.

O médico francês Van Merris diretor do hospital militar de Dunquerque, foi citado no *Diário do Rio Grande* do ano de 1890 na coluna “A vida nas praias – dos usos da água do mar”, que tratava da variedade de aplicações da água do mar e a facilidade de sua administração, sob todas as formas. Segundo o Dr. Van Merris, *para o banho ordinário, os meios mais simples, mais universalmente seguidos são os melhores para se obterem todos os efeitos úteis da balneoterapia marítima*²¹⁷.

O periódico comenta que entre os frequentadores dos balneários o costume era tomar o banho de mar em jejum, e no entanto, Van Merris, chama esta prática de “absurda”. Para ele a prescrição era a seguinte:

*depois de um bom sono, uma refeição abundante, nutritiva e passadas três horas quando estiver concluída a digestão e os raios de sol tiverem aquecido o ar, a praia e a água, o banho cuja duração máxima não excederá um quarto de hora*²¹⁸.

²¹³ Os banhistas deveriam observar o fato de que se a água do mar estiver aquecida pelo sol da tarde o banho poderia prolongar-se mais do que os banhos frios da manhã. No final do século XIX era sugerido não ultrapassar dez minutos na água para as pessoas mais “fracas” e para as pessoas “fortemente constituídas” e as crianças que sabiam nadar poderiam aproveitar a água por mais de vinte minutos. Idem, p. 281.

²¹⁴ Idem, p. 282.

²¹⁵ Idem, p. 282.

²¹⁶ *Diário do Rio Grande*, 15/01/1891.

²¹⁷ *Diário do Rio Grande*, 12/02/1890.

²¹⁸ *Diário do Rio Grande*, 12/02/1890. Segundo o *Guia dos banhistas* “ao penetrar-se na água sente-se um estremecimento, um calafrio geral. Depois disso a circulação restabelece-se rapidamente e produz-se uma sensação agradável. Se o banho prolonga-se demasiadamente o primeiro calafrio repete-se. É o sinal intimativo para sair imediatamente. A aproximação deste calafrio pressente-se perfeitamente num princípio de perturbação no estado geral. Convém não esperar que o estremecimento se dê. Aos que demoram demasiadamente na água, a despeito do aviso acima indicado, o rosto cobre-se duma palidez lívida, o corpo arrefece, as veias desvanecem-se, os pés e as mãos tornam-se dormentes, sente-se peso de cabeça e mal estar. Algumas vezes aparecem na pele manchas roxas sintomáticas da insuficiência da circulação capilar. Do refluxo do sangue ao peito e ao cérebro pode neste caso resultar a congestão. Os socorros para este estado são as fricções imediatas e o banho aos pés em água quente”. *Guia dos Banhistas*. Informações sobre a praia de banhos

Em Portugal os médicos aconselhavam aos pais levarem seus filhos, *tão descorados, tão abatidos, tão debilitados* a passarem a estação do verão na praia. Atribuíam as suas águas a "revivescência e a regeneração humana"²¹⁹. Pregavam a higiene corporal e do ambiente doméstico, condenando a situação em que se encontravam as cidades portuguesas, nas quais a aglomeração dos habitantes, a construção desordenada de prédios, a má alimentação, a ignorância frente às noções de higiene determinavam a disseminação de doenças. Segundo Ortigão, a higiene pública praticamente inexistia, o encanamento era precário, os teatros não possuíam ventilação, não havia banheiros nas residências. O cronista solicitava junto as autoridades competentes um plano para sanar as precariedades referentes a higiene pública e privada²²⁰.

A difusão de diversas descobertas em relação ao oceano modificou o pensamento europeu com relação ao litoral, o que permitiu a expansão dos negócios a beira mar, tornando o seu entorno sinônimo de lucro para empresários do ramo hoteleiro e comerciantes. Nesses locais a oferta de serviços desenvolveu-se de acordo com a procura manifestada. Para Ramalho Ortigão, os enfermos eram encaminhados às estações balneares como parte do tratamento terapêutico a que estes se submetiam, recomendando mudança de ares, exercício ameno, banhos, entretenimento²²¹.

A preocupação com a higiene passou a fazer parte do novo padrão de “civilidade e boa convivência” imposta pela nova sociedade moderna. Os frequentadores das estações balneares foram além do tratamento terapêutico das águas do mar, buscavam o descanso e o lazer, e distraíam-se em meio a uma sociedade elegante presente nos balneários da moda europeia. Segundo André Rauch,

a nobreza britânica não tarda a transformar o sacrifício médico da cura no prazer da vilegiatura. (...) O cenário a antiga de Bath é também concebido para o ‘otium’: as deslocações do hotel para o local dos banhos, o passeio num cenário de natureza privilegiada, os espaços estilizados dos jogos, mesmo se submetidos a horários e regidos por uma etiqueta, favorecem a exibição pessoal.

na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande: Typographia da Livraria Rio Grande, 1890, p. 13-14.

²¹⁹ Idem, p. 12.

²²⁰ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit., p. 293-294.

²²¹ ORTIGÃO, Ramalho. *Banhos de caldas e águas minerais*. Livraria Universal, 1875, p. 06.

*Entre estes dois usos do tempo, o da cura e o da descontração, cria-se uma tensão que altera o sentido e os costumes da estadia*²²².

As férias antes pouco apreciadas, a partir da metade do século XIX eram passadas em estações termas e balneares elegantemente preparadas para recepcionar os banhistas. Sabe-se que às férias eram aproveitadas na França por uma elite restrita, frequentadora de Vichy e Aix-les-Bains. Posteriormente, a sociedade passou a aproveitar suas férias, desfrutando das formas de lazer, praticando-as individualmente ou coletivamente²²³. Isto só foi possível graças à conquista do direito dos profissionais a férias após a longa jornada de trabalho.

A expansão das estradas de ferro até o litoral, pouparam tempo para a locomoção dos banhistas, afirmando o progresso e alterando a fisionomia da paisagem. Para Anne Martin Fugier, *as estradas de ferro foram o mais importante instrumento de transformação social no século XIX. Sua aparição revolucionou, incontestavelmente, o uso do tempo livre*²²⁴. Outros autores também apontam a importância do trem, neste contexto.

*O trem reduziu em dois terços o tempo de viagem entre a capital e as praias. Em agosto de 1848, o primeiro ‘trem de recreio’ vem a ligar Paris a Dieppe. Esses trens, que permitem chegar às cidades do litoral normando nos fins de semana, viriam a conhecer na segunda metade do século um sucesso crescente*²²⁵.

A conexão ferroviária teve papel importante para a disseminação das estações balneares. Anne Martin-Fugier nos diz que *durante esse período, com o calor intenso as estações de trem ficam lotadas em busca de passagens para os franceses viajarem para a praia*²²⁶. A viagem proporcionou a descoberta, despertou a deambulação da alma, sugeriu comportamentos e atitudes, a descontração do corpo. Ela constituiu um enriquecimento do homem, ao viabilizar ao viajante o contato com novas tecnologias, novos hábitos e maneiras

²²² RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). IN: CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres*, op. cit., p. 93.

²²³ “Na sociedade industrial, os rituais de férias em torno do corpo acompanham as atenções pessoais. Vestuário e nudez sabiamente conjugados, gosto e displicência habilmente compostos contêm valores germinadores das férias: exibição do corpo, encenação do eu tornam-se essenciais para desenhar um perfil, iniciar um gesto, desenvolver um critério de gosto, jogar com a apresentação e a reafirmação da sensibilidade pessoal. O parêntese da cura, e depois das férias, abre-se a um período de tempo em que se conjugam os prazeres e a sua ostentação”. Idem, p. 99.

²²⁴ FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa, op. cit., p. 227.

²²⁵ Idem, p. 231.

²²⁶ Idem, p. 228.

de estar. O deslocamento foi uma condição de engrandecimento e transformação para a sociedade da época.

As viagens, para além do prazer, "construíram" lazeres antes não desfrutados, como as excursões a localidades distantes proporcionadas pelo aumento da linha férrea. Percorria-se o espaço, concentrando o olhar na paisagem, um tempo dedicado aos devaneios ou as conversas. O passar a estação calmosa, geralmente o verão, na praia ou no campo transformou o mapa das ferrovias que acompanharam o fluxo dos novos "turistas" em suas idas as termas, aos balneários e as casas de campo.

A ferrovia que ligava Londres a Brighton propiciou a formação de um fluxo de banhistas, e criou uma nova forma de entretenimento ao longo do caminho do trem, com as paisagens, os olhares trocados²²⁷, as conversas, risos, "fôfocas", demonstrando que as pessoas passavam a frequentar os balneários não apenas com fins terapêuticos, mas com o intuito de divertir-se, apreciar o mar, e quem sabe, viver uma paixão.

Em um contexto romântico, as estações balneares representavam novas possibilidades porque ofereceram uma infraestrutura apropriada para recepcionar a sociedade, na medida em que proporcionavam passeios à beira-mar, bailes, jantares, almoços, piqueniques, corridas de cavalos, esportes e jogos, para agradar àqueles que poderiam pagar o preço pelo serviço.

A beira mar, a montanha, o campo e as pequenas cidades atraíam visitantes em busca de curas medicinais, ares mais frescos, divertimento e descanso. A mobilidade assinalou o crescimento das práticas turísticas e sua multiplicação deu-se com a descrição em roteiros e guias de locais nos quais a vilegiatura passou a fazer parte da rotina dos viajantes. Neles encontramos especificações sobre a localidade, relações de ofertas de hotéis, restaurantes, comércio, meios de transporte, indicações de passeios e de excursões.

Os hotéis transformaram-se em um prolongamento do lazer após o banho de mar, pois os hóspedes banhavam-se e, ao retornarem ao estabelecimento, recebiam tratamento especial para seu bem estar, usufruindo de massagens, encontros, conversas, em um ambiente dedicado a busca de melhores condições de saúde, diversão ou mesmo, para os que não queriam usufruir destas delicadezas, a apreciação da boa comida local.

²²⁷ Segundo André Rauch *"a tez morena, a pele macia e firme tornam-se um traje. As pessoas deliciam-se a deixar ver o corpo: cada etapa deste desnudamento progressivo começa por causar escândalo, depois vulgariza-se. Mostrar o joelho ou descobrir o braço e os ombros deixa de ser indecente. O corpo não está apenas curado e reabilitado: é oferecido aos olhares"*. RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada, *op. cit.*, p. 99-100.

Os que desejavam prolongar as sessões de relaxamento poderiam apreciar também as rodadas de *bridget* e *cricket*, saboreando bons licores e desfrutando de conversas animadas nos salões dos hotéis. A sociabilidade se fazia presente nos momentos de lazer da elite, principalmente nas férias, quando famílias inteiras se dirigiam e aproveitavam os benefícios da água fria do mar.

Todos os estabelecimentos de banhos procuravam distrair os banhistas ou os pacientes encaminhados para a cura de seus males. Organizavam reuniões e festas, muitos eram realizados ao ar livre, em pleno dia, algumas vezes debaixo de árvores. A convivência entre os frequentadores era intensa e as recepções tornavam-se cada vez mais concorridas.

Segundo Ramalho Ortigão, um exemplo de opções de lazer para as mulheres, aconselhado para o período matinal eram as

*partidas de jardim, à moda inglesa, um simples serviço de sandwicks, manteiga fresca e chá, sobre uma toalha branca, onde se vai encher a chavena e comer de pé. Depois sobre qualquer espaço de terreno devoluto e nivelado, um jogo de jardim, o 'croquet', que é muito engenhoso (...). Depois tendes ainda o tiro ao alvo, a pesca, os estudos de mineralogia e de botânica (...). Há uma orchestra, ouvida de dia parece que purifica, é outra coisa ouvida ao ar livre e a luz do sol*²²⁸.

Assim, o ir a banhos passou a fazer parte do cotidiano da sociedade europeia, e esta nova maneira de desfrutar os benefícios do ambiente litorâneo foi exportada para o Brasil, que com seu vasto litoral passou a investir em planejamento e urbanização de suas cidades e em políticas sanitárias no início do século XX.

A criação de uma Junta Central de Higiene Pública, em 1850 subordinou as ações oficiais nos campos de saúde pública e política médica a uma pauta política e administrativa mais geral. Nessa época, os médicos atribuíam os surtos epidêmicos aos problemas higiênicos encontrados nas cidades brasileiras, como as águas estagnadas nas ruas; esgotos que não escoavam os dejetos humanos por falta de declive; as sepulturas no interior das igrejas; os abatedouros em bairros populosos; indústrias consideradas nocivas no centro das cidades; o desprezo pelas regras higiênicas no interior das casas; a ausência de árvores nas praças

²²⁸ ORTIGÃO, Ramalho. *As praias de Portugal*, op. cit., p. 18.

públicas; ventilação insuficiente devido ao amontoado de casebres; a falta dos bulevares; e em muitos casos a permanência de mangues, considerados "pestilentos" no período²²⁹.

No tocante a legislação sanitária, segundo Edler, desde 1430 o rei de Portugal exigia que todos os que praticavam medicina fossem examinados e aprovados por médicos. E que em 1448, o regimento de cirurgião-mor, sancionado em lei do reino, explicitava dentre os encargos da função a regulamentação do exercício da medicina e cirurgia por meio de licença, legalização e inspeção de farmácias²³⁰. No entanto, o autor refere-se a legislação como "legislação sanitária para inglês ver"²³¹. Não havia inspeção das boticas nem da venda de remédios e drogas, que entravam no país ilegalmente no século XIX.

Para Magali Engel, a partir do século XIX, a medicina passou a assumir um caráter político, deixando de ser apenas *o corpus de técnicas da cura e do saber que elas requerem*²³². Segundo a autora, a medicina passaria a compreender também

um conhecimento do homem saudável, isto é, ao mesmo tempo uma experiência do homem não doente e uma definição do homem modelo. Na gestão da existência humana, toma uma postura normativa que não a autoriza apenas a distribuir conselhos de vida equilibrada, mas a reger as relações físicas e morais do indivíduo e da sociedade em que vive. Situa-se nesta zona fronteira, mas soberana para o homem moderno, em que uma felicidade orgânica, tranquila, sem paixão e vigorosa, se comunica de pleno direito com a

²²⁹ Conforme Flavio Edler, a partir de meados do século XIX, a irrupção de duas epidemias alterou o padrão de enfermidade dos séculos anteriores, com grande repercussão na organização sanitária: *"a febre amarela apareceu em dezembro de 1849, quando atracou no porto do Rio de Janeiro o vapor norte-americano Navarro, vindo de Salvador. A cólera faria suas primeiras devastações em Salvador e no Rio de Janeiro, em 1855. Ambas se aclimataram perfeitamente as condições insalubres dos centros urbanos do império tropical, ceifando a vida de indivíduos de todas as raças e condições sociais. A eclosão de ambas as epidemias, atribuídas aos miasmas deletérios, aos fatores meteorológicos ou ao contágio, gerou uma imagem internacional do Império como uma região insalubre e arriscada para o comércio. Grandes esforços foram feitos para mudar essa representação. Desde 1828, com a criação da Inspetoria de Saúde dos Portos, as autoridades sanitárias concentraram suas atenções nas medidas higiênicas que respondessem aos interesses de comerciantes e da agroindústria escravista exportadora. Apesar das alterações da técnica sanitária, de que foram campeões ingleses e franceses, interessados em introduzir aqui seus capitais, seus aparelhos, suas máquinas, seus canos de água e esgoto, seus novos processos de pavimentação de ruas, somente com a campanha sanitária de Osvado Cruz, na primeira década do século XX, sob o regime republicano, a imagem do país enfermo se esvaneceu"*. EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e pharmacies, op. cit.*, p. 60-61.

²³⁰ Idem, p. 20.

²³¹ Idem, p. 58.

²³² Conforme Magali Engel, seguindo as diretrizes médicas, a medicina social se desenvolveu no Brasil na metade do século XIX, conferindo as reflexões médicas produzidas no país um sentido prático que se expressava na intenção de agir sobre o corpo doente, curando-o, ou seja, sobre a cidade, ordenando-a nos padrões médicos que definiam a higiene e a saúde. ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 50-51.

*ordem de uma nação, o vigor de seus exercícios, a fecundidade de seu povo e a marcha paciente de seu trabalho*²³³.

A proclamação da República no Brasil promoveu transformações no cotidiano das elites que vinham se configurando no decorrer do século XIX. A emergência das elites e a apropriação de novos padrões comportamentais definiriam uma nova imagem ao país, que buscava construir uma identidade nacional em detrimento da imagem deixada pelo Regime Monárquico.

As referências simbólicas importadas da cidade "luz", Paris delineiam a vida social e cultural brasileira. Paris é o elemento identitário, na mobilidade, na circulação e na mudança, há princípios chaves associados a modernização urbana e a própria modernidade. A cidade de Paris é o "lugar da modernidade". É nesse espaço privilegiado que o modo de civilização ocidental se configura e se delimita, enquanto tal. A cultura da modernidade é eminentemente urbana e comporta a conjugação de duas dimensões indissociáveis: por um lado, a cidade é o sítio da ação social renovadora, da transformação capitalista do mundo e da consolidação de uma nova ordem, por outro, ela própria se torna, o tema e o sujeito das manifestações culturais e artísticas.

²³³ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980, p. 28. Apud ENGEL, Magali. *Op. cit.*, p. 50-51.

Figura 43 - *Os bulevares*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936). Apud: PESAVENTO, Sandra J.. *O imaginário da cidade*, op. cit., p. 151.

Figura 44 - *Em frente ao Teatro de Vaudeville, Paris*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936).
Apud: PESAVENTO, Sandra J.. Idem, ibidem.

Figura 45 - *Paris, o Café de la Paix*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936). Apud: Idem,
p. 152.

Figura 46 - *Nas margens do Sena*. Pintura de Jean Béraud (1849 - 1936). Apud: Idem, *ibidem*.

Paris é a forma acabada de realização da complexidade social e da natureza dos contatos que só a modernidade foi capaz de propiciar, tornando-se a fonte inspiradora de um imaginário exportável.

A literatura tornou-se uma força social que se dirigiu a todos, pois traduziu uma sensibilidade coletiva do mundo em transformação. Para Marcos Antônio de Menezes a modernidade na literatura surgiu nas cidades, sobretudo nas capitais culturais da Europa. Ele nos diz que a complexidade e a tensão da vida dessa época encontram-se profundamente arraigadas na consciência e na escrita moderna²³⁴.

Se a literatura moderna nasceu na cidade, Charles Baudelaire foi pioneiro. O estudo de sua obra nos leva a conhecer novos aspectos das transformações por que passou a sociedade europeia, notadamente a francesa, durante os anos de consolidação do poder da burguesia

²³⁴ MENEZES, Marcos Antônio de. *Um flâneur perdido na Metrôpole do século XIX: História e Literatura em Baudelaire*. Tese (Doutorado). Pós-Graduação do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR, 2004.

financeira. Ele buscou, na imensidão das grandes cidades, o efêmero que caracterizou sua época, e o momento histórico vivido por ele foi aquele em que a cidade era o local privilegiado da disputa pelo poder.

A experiência da vida nas metrópoles fez com que a tradição literária se ajustasse ao estudo singular dessa nova sensibilidade produzida. É a literatura das grandes cidades cosmopolitas, principalmente das capitais culturais da Europa, que trazem em si a complexidade e a tensão da vida moderna. Certamente, essas cidades eram mais do que lugares de encontros casuais; eram ambientes geradores de novas artes, pontos centrais da comunidade de intelectuais, e mesmo de conflito e tensão entre estes.

Nesse contexto, no século XIX, Baudelaire aparece como criador de um paradigma/modelo da cidade moderna, ao assimilar, principalmente, o caráter brusco e inesperado que caracteriza a vida transitória do homem moderno. Na leitura que Walter Benjamin faz do escritor, está presente a ideia de que a arte é também um ato de resistência, um protesto comum contra a sociedade que transformava-se.

Para entendermos a obra de Benjamin, precisamos pensar os representantes da vida social: as galerias, as vitrines das grandes metrópoles, nesse caso: a Paris, em finais do século XIX, a multidão, o *boulevard*, a boêmia, o *flâneur*²³⁵, o jogo, a prostituição, a poética baudelariana, entre outros.

²³⁵ “Fugindo de uma normatividade marcada pela polarização do homem e do cidadão, resistindo à divisão “esquizofrenizante” do espaço moderno, Baudelaire veste a máscara do flâneur: ele é ator e espectador ao mesmo tempo, como a prostituta, “que em hipostática união é vendedora e mercadoria”. O flâneur não existe sem a multidão, mas não se confunde com ela. Perfeitamente à vontade no espaço público, o flâneur caminha no meio da multidão “como se fosse uma personalidade”, desafiando a divisão do trabalho, negando a operosidade e a eficiência do especialista. Submetido ao ritmo de seu próprio devaneio, ele sobrepõe o ócio ao “lazer” e resiste ao tempo matematizado da indústria. A versatilidade e mobilidade do flâneur no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada. As fantasmagorias do espaço a que o flâneur se entrega, tentando conquistar simbolicamente a rua, escondem a “mágica” que transforma o pequeno burguês em proletário, o poeta em assalariado, o ser humano em mercadoria, o orgânico no inorgânico. Mas a flânerie de Baudelaire guarda uma certa consciência de sua própria fragilidade. O efeito narcotizante que a multidão exerce sobre o flâneur é o mesmo que a mercadoria exerce sobre a multidão. Só o poeta em sua flânerie consegue penetrar na alma de um outro, em meio aos sobressaltos da rua. Só ele tem acesso à privacidade de alguém, em meio ao espaço público. Na dedicatória a Arsène Houssaye, nos “Pequenos poemas em prosa”, Baudelaire explicita a sua obsessão de combinar os movimentos da alma e da fantasia ao ritmo da vida moderna; só assim o poeta é capaz de captar, no interior da multidão, sentimentos muito íntimos de indivíduos desconhecidos. O sentimento de Baudelaire em relação à multidão está ligado também ao reconhecimento de que só o mergulho na multidão permite ao poeta tornar-se moderno. Para poder gozar do incomparável privilégio de entrar na pessoa de um outro ou para experimentar a misteriosa embriaguez de uma comunhão universal, é preciso que o poeta deixe a sua torre de marfim e se misture com as pessoas comuns. É no interior da multidão e nas passagens, por sua posição intermediária entre a rua e a residência, que o flâneur se sente em casa. É desses espaços que ele extrai suas alegorias, distintas das alegorias comuns por

Foi refletindo, então, sobre o lirismo baudelaireano, marcado, sobretudo, pela melancolia, que Benjamin pensa na crise da arte no mundo moderno. Como nos mostra em textos fundamentais sobre o poeta Baudelaire, reunidos em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*.

Para Benjamin todo discurso sobre a modernidade artística passou por uma referência ao projeto do referido poeta que, vivendo no período do auge do capitalismo europeu, enfrenta a inadequação e o estranhamento²³⁶.

Na sociedade capitalista, tudo deve ser visto e/ou transformado em mercadoria. Até mesmo o poeta passou a vender os seus versos, devido ao processo de uma dupla metamorfose: da palavra em mercadoria e do poeta em mero operário das letras.

Conhecido por sua controvérsia e seus textos obscuros, Baudelaire foi o poeta da civilização moderna. Para Marcos de Menezes, em sua poesia introspectiva ele se revelou como um lutador a procura de Deus, sem crenças religiosas, procurando em cada manifestação da vida os elementos da verdade, de uma folha de uma árvore ou até mesmo no franzir das sobancelhas de uma prostituta. Sua recusa em admitir restrições de escolha de temas em sua poesia o coloca num patamar de desbravador de novos caminhos para os rumos da literatura mundial²³⁷.

É claro em Baudelaire a imagem urbana da multidão que se acotovela, provocando choques. Neste novo espaço da cidade do século XIX, a arma do cidadão é o olhar, que se cruza e se perde em meio a tantos outros – também surpresos e medrosos. A modernidade coloca em andamento o indivíduo. Por isso vamos encontrá-lo como ator político, consumidor, viajante. No imaginário dos homens modernos o indivíduo ocupa um lugar de reverência; ele é o alicerce da ideologia liberal, o núcleo das estratégias publicitárias, o centro do narcisismo das modas e do consumo²³⁸.

Os modelos da vida privada no século XIX são inseparáveis das circunstâncias econômicas e sociais criadas pela indústria. Industrialização, urbanização e multidão também são fenômenos interligados. Algumas formas de afirmação de identidade nos indivíduos emergiram com o surgimento da multidão. Marcar a diferença é o reverso da massificação, e o

encontrarem no banal do cotidiano urbano sua fonte de criação, e por introduzirem na poesia palavras que ainda não haviam penetrado seu universo. Isso era feito com extremo cuidado; o cuidado de Baudelaire com as palavras é proporcional à desenvoltura com que ele transita no interior da cidade". BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo. IN: - *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

²³⁶ BENJAMIN, Walter. *Op.cit.*

²³⁷ MENEZES, Marcos Antônio de. *Op. cit.*

²³⁸ ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 264.

dandismo representa uma forma radical de rejeição a todo tipo de uniformização. Essencialmente aristocrático, o dândi preserva sua individualidade usando a máscara da indiferença. Ele cultiva o gosto do disfarce e da ilusão, daí sua preocupação com detalhes da indumentária, aparentemente insignificantes, e com complementos como luvas, chapéus, bengalas, echarpes etc. O dandismo faz do celibato e da ociosidade um mecanismo de resistência à moral da família burguesa. O dandismo de Baudelaire, ao estetizar o comportamento e se manifestar como ritual ascético, aproxima-se do ideal da arte pela arte²³⁹.

No Brasil uma "figura" destacou-se por suas crônicas no período da Belle Époque, João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto. Influenciado pelos países do "Primeiro Mundo", é seduzido por Paris. O cronista, ao falar do Rio de Janeiro encontrou uma forma de nele ver Paris e também o Brasil, expondo suas misérias e suas grandezas nacionais²⁴⁰.

João do Rio ao escrever sobre o ritmo da metrópole moderna²⁴¹, ele expôs os problemas que vinham enfrentando os indivíduos do Rio de Janeiro frente as transformações urbanas, sociais e culturais que sofreu no início do século XX.

Segundo Sandra Pesavento, João do Rio tinha conhecimento dos autores europeus, era assíduo frequentador de lugares *chics* e registrava o "mundanismo" carioca na sua coluna "Pall Mall Rio" na Revista da Semana, imitando a *Pall Mall* do cronista Georges Michel de Deauville e Côte d'Azur²⁴². Visitou Paris diversas vezes e utilizava-se de expressões francesas e citações de autores consagrados. *Um estilo talvez pernóstico e irritante, por vezes empolado, mas que parecia corresponder a um estilo de vida que, se não refletia exatamente as condições concretas da existência, pelo menos era o padrão desejado pela elite*²⁴³.

²³⁹ D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter_Benjamin. *Estudos Avançados*. São Paulo, IEA/USP, v. 20, 2004, p. 237-251..

²⁴⁰ PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*, op. cit.

²⁴¹ Segundo Marcos Guedes Veneu "a metrópole moderna abriria espaço para dois modelos do individualismo moderno analisados por Simmel: o "quantitativo", elaborado pelo pensamento iluminista do século XIX. Por um lado, ao igualar todos os seus habitantes na condição de "cidadãos do mundo", ela atende ao impulso essencial do primeiro modelo para a liberdade do sujeito individual em relação a todos os constrangimentos impostos por contextos sociais específicos e para sua homogeneidade dentro de um contexto universal. Por outro lado, a vida metropolitana permite exercer essa liberdade no sentido da diferenciação de cada sujeito individual em um ser único e singular. Os laços que mantêm os indivíduos sob o controle do grupo afrouxam-se a medida que este se expande, criando um espaço individual privado. Na metrópole, a reserva com que se tratam mutuamente os indivíduos torna-se mesmo uma necessidade, e a distância mental assim criada é a garantia do anonimato do indivíduo na multidão e de sua privacidade pessoal. VENEU, Marcos Guedes. O flâneur e a vertigem. *Metrópole e subjetividade na obra de João do Rio. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n.6, 1990, p. 233.

²⁴² PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*, op. cit.

²⁴³ PESAVENTO, Sandra J. Idem, p. 193.

A vida moderna fez construir novos espaços urbanos, por excelência e o indivíduo tornou-se o centro das atenções da coletividade. Para este homem, se voltaram todas as estratégias do mercado, próprio do capitalismo a procura de um público consumidor de bens. O indivíduo deveria, ele mesmo, participar diretamente da vida, quem sabe exercendo o papel de um ser superior.

Para Michel de Certeau o *espaço é lugar praticado*²⁴⁴, ou seja, são as ações humanas que imprimem vida aos lugares. Nesta mesma linha Milton Santos nos faz pensar o espaço como

*um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar*²⁴⁵.

No Brasil, as reformas realizadas pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), durante o governo de Rodrigues Alves tiveram o intuito de construir um modelo “tropical” da capital francesa, mesmo, que em termos práticos, a aproximação com Paris se reduzisse a alguns elementos isolados, como os *boulevards* ou a “fachada eclética” ou “at-nouveau” dos prédios da majestosa avenida central, a vida urbana em sua globalidade, era vivenciada como condizente com um ethos moderno, ou seja, pensar o modo de ser. Paris é a inspiração, suas ações urbanísticas serviram para converter o velho Rio colonial numa metrópole moderna e apresentável, digna de ser vivida e visitada. Pereira Passos, no projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, adotou as premissas *haussmannianas*, pois vivera em Paris na época dos *Grands Travaux* e presenciara o enorme sucesso daquele empreendimento. Aarão Reis para a construção da nova capital de Minas Gerais, inspirara-se na grelha viária portenha e nas suas *percées* diagonais.

A modernização do Rio de Janeiro traduziu-se em medidas concretas, violentas, que revolucionaram a cidade, servindo de modelo para outras cidades brasileiras, inseridas no contexto da cidade moderna. A “regeneração” do espaço público tornou-se um dos principais ideais a serem seguidos pelas autoridades políticas das cidades brasileiras.

²⁴⁴ CERTEAU, Michel de. *Invenção do Cotidiano*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1994.

²⁴⁵ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, p. 64.

Figura 47 - Avenida Central, Rio de Janeiro, 15/12/1905. Fotografia de Augusto Malta. Apud: PESAVENTO, Sandra J.. *O imaginário da cidade, op.cit.*, p. 239.

Figura 48 - *Cortiço no Rio*. Estalagem existente nos fundos do prédio da Rua do Senado. Início do século XX. Fotografia de Augusto Malta. Apud: Idem, p. 243.

O novo vivenciar da cidade e de seus laços sociais passou, na modernidade, a ser gerenciado por uma visão objetivada desse social, calcada, fundamentalmente, na construção que o discurso científico promulgou sobre a cidade. Os higienistas, engenheiros e os empreendedores das reformas transformaram-se, então, nos portadores desse novo discurso. Na medida em que produziam o conhecimento sobre o urbano, tornaram-se os agentes de controle da vida pública moderna.

O progresso científico na área das ciências da saúde contribuiu, na segunda metade do século XIX, para a adoção dos princípios do sanitarismo nas práticas urbanas, num momento onde o enfrentamento das epidemias exigia que as áreas centrais fossem remodeladas, de forma a implantar serviços de infraestrutura de água e esgotos, a sanear áreas pantanosas e inundáveis, a prover espaços públicos abertos para facilitar a aeração e a insolação, a eliminar

focos de concentração de moradias insalubres, os cortiços e a estabelecer normativas para as construções.

Nas cidades litorâneas esta política era acompanhada de projetos de ampliação e modernização das instalações portuárias, para adequá-las à economia agroexportadora e para inserir as cidades nos fluxos globais ligados ao comércio. O Rio de Janeiro, então capital do país e principal porta de entrada de viajantes estrangeiros, era uma cidade conhecida como o “túmulos dos estrangeiros”, devido à alta mortalidade causada pelas epidemias, fato que chegou a desviar as rotas de navios europeus que lá faziam escala quando iam em direção a Buenos Aires.

Esta modernização foi acompanhada de uma evolução nos meios de transporte, com o advento do bonde elétrico e do automóvel, que exigiu expressivas alterações nas antigas malhas urbanizadas herdadas do período colonial, através de projetos de ampliação e retificação viária. Novas técnicas construtivas contribuíram para a mudança do padrão de ocupação, como as estruturas metálicas, o elevador e o concreto armado, trazendo a substituição das antigas construções por edificações de vários pavimentos, seguindo os cânones da estética do ecletismo.

A gestão da cidade também passava por aperfeiçoamentos, uma vez que a consolidação do poder político na esfera municipal criara novos cargos administrativos que foram ocupados por profissionais com formação técnica de nível superior voltada ao enfrentamento destas mudanças – os engenheiros – a grande maioria formada nas escolas politécnicas, onde alguns lecionavam. Este fato criou as condições para o fluxo das ideias entre o que se passava no contexto urbanístico europeu e as práticas aqui realizadas, dando origem a uma abordagem mais cientificista da questão urbana, fato que marcou o advento dos pioneiros do urbanismo no Brasil.

Como mencionado, a influência de modelos e práticas urbanísticas advindas do cenário internacional estava fortemente marcada pelo poder exercido pela cultura francesa sobre nossas elites e governantes, especialmente pelo ideário da República e suas conotações simbólicas na vida das pessoas.

A referência urbanística foi Paris, “sempre” Paris, naquela época o mundo ocidental “respirava” e “reproduzia” os ares parisienses. O prefeito Haussmann tinha executado uma

grande reforma na cidade de Paris na década de 1850, destruindo a malha urbana e viária medieval da área central, rasgando largas avenidas e implantando sistemas modernos de infraestrutura, parques, edifícios públicos, além de uma padronização estética para as novas construções. O então recente plano de Buenos Aires, realizado em 1907 pelo arquiteto francês Joseph Bouvard foi também paradigmático. Tais projetos constituíram-se em referências muito mais importantes para o Brasil do que toda a teorização urbanística elaborada pelos germânicos.

Outras capitais como Salvador, Recife, Fortaleza e Porto Alegre seguiriam caminhos similares ao do Rio, procurando adequar suas antigas estruturas coloniais às premissas da modernidade, marcadas pelo ecletismo e pela implantação de sistemas de infraestrutura urbana.

O período pode ser visto como o momento a partir do qual novos modelos de comportamento disseminaram-se pelo país, chegando à região sul e operando como modificadores de ideias, configurando um novo espaço físico com a tentativa de afastamento da pobreza dos centros urbanos, com o intuito de controlar as epidemias.

A inserção de novos padrões de higiene e saúde no Brasil fez expandir a fama da vilegiatura marítima. Esta fez-se presente no país, em um primeiro momento incorporada a tratamentos terapêuticos, passando também a ser aproveitada para o lazer. A sociabilidade foi presença no cotidiano das estações balneares, através de conversas, relações estabelecidas entre os pares, a apreciação da praia através das varandas dos camarotes, uma gama de distrações que atraíram cada vez mais frequentadores.

2.3. O prazer do mar: Emoções e sensações na primeira década de funcionamento da Villa Sequeira

A encenação dos corpos a beira mar revelou novos sentidos e significados ao espaço e a seus atores. Os monstros de outrora desapareceram nas profundezas do oceano para nunca mais retornarem e as histórias de embarcações fantasmas passaram a ser lendas de nossos antepassados. Assim, temos na praia a teatralização de novas formas de sociabilidade, "inventadas" e encenadas por anônimos que, ao elegerem a estação balnear da Mangueira para seu descanso e lazer, nos proporcionam descrever momentos de diversão na Villa Sequeira.

Os longos trechos de areia tornaram-se um deleite para o olhar admirado dos frequentadores da praia da Mangueira, onde alguns diziam não ter fim a quantidade de dunas no local. Contemplavam a paisagem apreciando a imensidão de seu espaço e a força de suas ondas, sempre quebradiças e agitadas, revelando um mar "bravo", que foi sendo respeitado por seus banhistas ao longo das temporadas de veraneio.

O despertar da sensibilidade na paisagem litorânea trouxe consigo a necessidade de o indivíduo promover neste ambiente ações originais e renovadas, partindo de novas percepções de si e dos outros, moldando um novo imaginário social que passou a ser seguido e adaptado pelos praticantes dos banhos e apreciadores do local. Segundo Sandra Pesavento,

*as sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo*²⁴⁶.

Para Anne Vincent-Buffault a sensibilidade procederia do sensualismo e do desenvolvimento da capacidade de sentir, onde

²⁴⁶ PESAVENTO, Sandra J. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 04 febrero 2005.: <http://nuevomundo.revues.org/229;DOI:10.4000/nuevomundo.229>. (Acesso: 24/06/2013).

*a sensibilidade não é somente uma emoção terna e dolorosa, mas a faculdade dada ao homem perfeitamente organizado de receber impressões profundas de tudo aquilo que pode agir sobre os órgãos humanos. O homem realmente sensível não é aquele que se entenece, mas sim que recebe impressões lá onde os outros encontram apenas percepções indiferentes*²⁴⁷.

O homem sensível não é aquele que se deixa emocionar, mas sim o que possui uma sensibilidade perceptiva e que consegue organizá-la para sua vida, proporcionando a si e as pessoas de suas relações o pleno desenvolvimento de suas ações e atitudes.

A admiração do olhar do banhista sobre o cenário do vazio trouxe um número maior de frequentadores as praias. No Balneário Cassino encontramos veranistas de uma vida inteira, admiradores da praia diferenciada, na qual podem circular de automóvel próximos ao mar e aproveitar a sua extensa linha de areias para o "desfile" a céu aberto de banhistas ao longo de sua costa de mar.

O veraneio no Cassino inspirou um novo viver para a sociedade rio-grandina. Neste local as pessoas resgatavam a energia desgastada pelas horas de trabalho diário. Os sentimentos tornavam-se leves e os devaneios ao ar livre propiciavam a aproximação com a natureza. As paixões e os romances ascendiam e encontraram ali o território para um novo começo. Os relacionamentos vinham à tona no ambiente marinho, e sob vários aspectos, seus frequentadores encontraram na prática dos banhos de mar uma atividade social capaz de proporcionar uma rede de sociabilidade no entorno da praia, da avenida, e dos estabelecimentos ali implantados para receber os veranistas.

Depois do banho ou dos passeios na costa, geralmente realizados na parte da manhã, os veranistas retornavam a suas casas ou hotéis, e ali, após uma refeição (almoço) tiravam a sesta para depois encaminharem-se a avenida, a padaria ou ao mercado. O cotidiano no Cassino na época do veraneio foi e é caracterizado pela ida de famílias rio-grandinas para o balneário, deixando suas residências na cidade vazias com possibilidade de assaltos, fato muito frequente nos meses de verão.

²⁴⁷ VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Do pudor à aridez da história das lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 09.

O prazer de ir a banhos na Villa Sequeira povoou a imaginação de cronistas dos periódicos locais. Estes profissionais eram enviados ao balneário com o intuito de descrever os acontecimentos de lazer e os personagens presentes nos eventos sociais realizados no Hotel Casino/Atlântico, Sociedade Amigos do Cassino e residências particulares.

A segunda temporada de vilegiatura a beira mar em 1891 marcou a presença de colunista enviado pelo *Diário do Rio Grande*. Em suas crônicas listava os nomes de personalidades de Rio Grande, Pelotas, Bagé e Porto Alegre que chegavam ao balneário, enaltecendo as viagens de trem, e a chegada dos vagões *sempre repletos de povo é uma festa de regozijo, um contentamento comunicativo, trocam-se beijos estalados e shke-kands* (sic) *afetuosos*²⁴⁸.

A viagem de trem até a praia durava em média uma hora e neste espaço os encontros e as conversas decorriam de forma amigável e divertida. O ambiente descontraído da viagem era decorrente da ausência do compromisso, do chegar na hora marcada. Não havia necessidade para preocupações, apenas havia o admirar a paisagem e desfrutar da companhia de familiares, amigos e conhecidos.

Figura 49 – Foto de uma locomotiva em sua viagem para a Villa Sequeira. O constante movimento para o "belo arrabalde", na "esplêndida praia de banhos" denota o número de vagões que podemos observar na imagem.
Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/>

²⁴⁸ *Diário do Rio Grande*, 15/01/1891.

A Villa Sequeira contou com diversos "propagandistas" que exaltavam as maravilhas do local. De Porto Alegre, um rapaz fez menção ao movimento da estação balnear:

Hoje já se encontra por ali muita vida, muita animação, muito ruído. Nos dias calmosos e serenos vê-se grande número de moças que estão acomodadas com as famílias em pequenas vivendas, correndo a cavalo na areia fina, que reluz polvilhada de sol²⁴⁹.

Os excursionistas que desembarcavam no balneário entretinham-se, uns passeando ao longo da praia, onde corria fresca e suave a "viração", outros em agradáveis conversas com pessoas de suas relações e todos, procuravam passar as horas dedicadas a sua ida ao balneário, da melhor maneira possível.

Figura 50 - Na fotografia observamos os camarotes ainda em construção localizados no espaço a beira mar. Foram entregues 200 camarotes, sendo 100 para homens e outros 100 destinados às mulheres. Note-se que houve a preocupação em construí-los com uma estrutura que os mantivesse longe do solo devido aos ventos fortes e a constante mudança das dunas.

Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/>

A importância simbólica da praia para os veranistas modificou a rotina de hábitos e costumes durante os momentos dedicados ao lazer e ao descanso. A presença de figuras no espaço litorâneo refletiu a apropriação de práticas sociais que desembarcaram no Brasil de espírito republicano e configuraram uma imagem própria para os balneários.

²⁴⁹ *Diário do Rio Grande*, 18/01/1891.

O final do século XIX representou para a população brasileira uma época de transformações no seu estilo de vida. A inserção de novos padrões de comportamento e de consumo de produtos de indústrias europeias e norte-americanas intensificaram a propagação deste novo estilo de viver. O prazer refinado das vestimentas e dos acessórios conquistou o público feminino.

A moda das praias desembarcou no país trazida pelas revistas femininas, que desembarcavam por aqui e conquistavam as adeptas dos modismos em todo o Brasil. No cenário do vazio desfilavam os modelos importados, que envolviam o corpo, despertando os olhares alheios, promovendo uma cena sensual presente nas areias e que marcaram presença nestes tempos "modernos".

O colunista do *Echo do Sul*, denominado de "Saltarello" elogia as moças de Porto Alegre, *adoráveis e chics*, em seus vestidos de verão eram o verdadeiro "deleite" para os olhares dos solteiros presentes²⁵⁰.

A coluna *Ao ar livre* de Saltarello anunciava que a praia de banhos da Mangueira não era só indicada para os banhos de mar, mas ela tornou-se imprescindível para as famílias receberem ali sua "dose de regozijo"²⁵¹.

²⁵⁰ *Echo do Sul*, 06/01/1891.

²⁵¹ *Echo do Sul*, 08/01/1891.

Figura 51 - A Villa Sequeira trouxe a seus frequentadores a visão apaziguadora do mar que tranquilizou e despertou sensações de bem estar ao corpo e a mente. Notamos na fotografia os camarotes destinados a troca de roupas, pessoas em seus passeios a beira mar e ao fundo as barracas móveis para banhos, geralmente utilizadas por mulheres ou pessoas que necessitavam de ajuda de guias banhistas para tomarem seus banhos. Final do século XIX. Acervo da Biblioteca Rio Grandense.

As conversações nos salões do Hotel Casino transcorriam da "melhor maneira possível", segundo descrições encontradas nos periódicos locais. As refeições eram concorridas e "apetitosas", os jantares figuravam como verdadeiramente "mimosos" e Saltarello os descrevia,

se quisesse descrever o cardápio, usando do francês apresentaria aqui denominações esquisitíssimas. Mas no Casino, o francezinho foi desterrado. A língua do país prepondera em tudo, inclusive nos pratos que entram recheados! E o filé! Viva o carlito!
252

²⁵² Saltarello referiu-se a Carlos Scotto, conhecido como Carlito, o arrendatário do restaurante do Hotel Casino para a temporada 1890/1891. *Echo do Sul*, 12/01/1891.

Dispondo na temporada de 1890/1891 de apenas dois restaurantes, os frequentadores da Villa Sequeira disputavam as mesas, tanto do estabelecimento localizado no interior do hotel como o *chalet buffet* construído próximo a praia e inaugurado em fevereiro de 1891. No restaurante a beira mar, o ambiente requintado primava pelo bom atendimento e por seu *lunch* "esquisitamente fino" regado a *champagne* servida em taças "São Luiz". Já o concorrente servia refeições "mais abundantes" e segundo o *Echo do Sul*, *servidas entre ditos mais picantes do que mostarda nos olhos*²⁵³.

*Na Villa Sequeira, as alegrias e os risos vão andar pelo ar, semelhante o bater de asas das pombas que arrulham!*²⁵⁴. A maneira como foram sendo construídos os ambientes na Villa Sequeira denota a capacidade dos cidadãos em promover a interação social e que foram moldando ao longo dos anos um jeito próprio de viver o balneário. A representação do homem como sujeito construtor da sociedade e, em permanente busca por uma identidade própria,

*através de toda a era moderna, a busca do indivíduo é pelo seu ego, por um ponto fixo e não ambíguo de referência. Ele necessita mais e mais desse ponto fixo, em vista da expansão sem precedentes das perspectivas teóricas e práticas e da complicação da vida, e diante do fato correlato de que ele não pode mais encontrar essa referência fixa em nenhum outro lugar fora de si mesmo*²⁵⁵.

O olhar do poeta ressaltou a presença de *lindíssimas jovens da elite pelotense* em passeio matinal pela avenida da Villa Sequeira, onde as *cordiais gentilezas e os bons ditos, produziam um convívio animador* para os turistas, animados pelos eventos promovidos pelo Hotel Casino em seu salão de baile²⁵⁶. O bulevar construído junto à linha de bondes que levavam os banhistas até a beira mar figurava como um ponto de encontro de passeantes, charretes e cavaleiros. A concepção desta grande avenida que cruza a estação de banhos foi contemporânea das modificações ocorridas nas cidades brasileiras em suas estruturas urbanísticas. A avenida²⁵⁷, denominada de Rio Grande, recebeu ajardinamento e em toda a sua extensão foram plantadas mudas de eucaliptos em uma tentativa de conter o avanço das dunas e também para proteger seus passeantes nos horários de sol forte.

²⁵³ *Echo do Sul*, 31/01/1891.

²⁵⁴ *Echo do Sul*, 02/02/1891.

²⁵⁵ VENEU, Marcos Guedes. O flâneur e a vertigem, *op. cit.*, p. 229-243.

²⁵⁶ *Echo do Sul*, 12/02/1891.

²⁵⁷ A Avenida Rio Grande possuía no final do século XIX, 2200 (dois mil e duzentos) metros de extensão até a costa do mar e 40 (quarenta) metros de largura.

Segundo Leda Saraiva Soares, as mudas mais utilizadas para a contenção das dunas foram o cedro marítimo, o eucalipto, o pinheiro marítimo, o lombarda verde e o álamo italiano. A constante mobilidade das areias ameaçava as novas construções, pois a ausência de vegetação contribuía para a livre movimentação das dunas, que deslocavam-se em decorrência dos fortes ventos, frequentes na primavera e no verão²⁵⁸.

Figura 52 - Observamos o prédio da administração do estabelecimento de banhos da Villa Sequeira. A estação do trem ficava situada na entrada do balneário. Ao fundo os eucaliptos complementavam a paisagem, onde só havia dunas e deram a Avenida Rio Grande os "ares" de um *boulevard*, seguindo o modelo das grandes cidades europeias. Início do século XX. Acervo da Biblioteca Rio Grandense.

À sombra das árvores, a grande Avenida da Villa Sequeira proporcionou a contemplação da natureza por parte de seus passeantes, na qual o *faire une promenade*, o *footing* e o *flirt* concorriam entre si nos dias calmosos e de temperaturas elevadas na estação de banhos. O caminho ladeado de árvores tornou-se ponto de encontro dos jovens veranistas, no qual a sociabilidade reinante despertava o prazer para os passeios vespertinos possibilitando o encontro de pessoas das mais diversas classes sociais²⁵⁹.

²⁵⁸ SOARES, Leda Saraiva. *A saga das praias gaúchas (de Quintão a Torres)*. Mais de um século de história. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2000.

²⁵⁹ Segundo periódicos do final do século XIX, o balneário da Villa Sequeira passou a receber visitantes das mais diversas camadas sociais. Com o intuito de atrair um maior número de turistas para a estação balnear, a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar baixou o valor das passagens dos trens e dos bondes para

Por determinação da Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar o "boulevard" ao longo da linha férrea no balneário, ou seja, a Avenida Rio Grande poderia ser frequentado por todos os veranistas, que em *caráter provisório e gratuitamente poderiam transitar em seus carros, carroça e cavalheiros*²⁶⁰, não havendo nenhum problema de distinção para os passeantes.

Os banhistas reconfortavam-se com a grande paisagem nua e solitária da praia. As jovens moças com a luz dos seus olhares brilhantes e com a frescura de rosa das suas cetinosas faces maravilhavam-se com as perspectivas de encontrar um pretendente. Em seus vestidos de "amazonas", algumas moçoilas gentis galopavam destemidas pela avenida e seu entorno soltando "gritinhos agudos de expansiva vivacidade" para assustarem as aves, que ruflando as asas fugiam em debandada. A chegada dos trens que faziam as viagens da manhã e da tarde e que estavam sempre repletos de turistas era uma festa de regozijo.

A água salgada do mar era a grande panaceia da moda, todos queriam experimentá-la por luxo ou por gosto, por necessidade ou por pandega. Alguns banhistas atribuíam a ela a cura para suas enfermidades, a outros aliviava as dores da "alma", o certo era que mal não estava fazendo a ninguém. O aumento considerável de veranistas que dirigiam-se ao balneário demonstrou os benefícios que o espaço praiano proporcionava aos frequentadores.

A primeira década de funcionamento da Villa Sequeira foi marcada pelo grande movimento de excursões nos domingos para a estação. Da cidade de Rio Grande partiam em média seis trens diários, conduzindo algumas centenas de excursionistas. De Pelotas desembarcavam no trem de excursão uns 100 passageiros.

Geralmente ao chegarem ao balneário os excursionistas passeavam pela Avenida Rio Grande, entretendo-se com as pessoas de suas relações e que se achavam a banhos, outros recorriam a praia em caminhadas a beira mar ou desfrutavam dos banhos e aqueles apreciadores da vista do oceano poderiam gozar o belo ar marítimo sentados nas varandas do restaurante do "amável" Sr. René Pascal. Aos domingos eram realizados bailes no interior do estabelecimento, onde bandas de Rio Grande animavam as tardes no salão do *chalet buffet*.

a praia, alterando também os valores pagos pelos serviços como o aluguel das barracas e camarotes a beira mar, diminuição das diárias do hotel Casino e das casas geminadas do "Quadro". Fontes: *Diário do Rio Grande e Echo do Sul*.

²⁶⁰ *Echo do Sul*, 07/02/1891.

Figura 53 - Com vista para o mar, este *chalet* foi construído pela Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar com o intuito de ser um restaurante. Rodeado de varandas largas e cobertas fornecia refeições para aqueles banhistas que não pretendiam retornar ao hotel Casino ou para suas residências. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Entre os excursionistas de cidades como Rio Grande, Pelotas e Bagé contabilizavam-se cerca de 900 (novecentas) pessoas que aos domingos divertiam-se na costa da Mangueira.

Os domingos na Villa Sequeira tornaram-se o ponto de encontro dos vilegiaturistas que ao dirigirem-se para a estação de banhos ocupavam a Avenida Rio Grande, os restaurantes do Hotel Casino e o da beira mar e apreciavam os banhos de mar. O discurso proferido nos periódicos tratava de evidenciar que a praia de banhos da Mangueira era indicada para a *gente receber ar de primeira mão*²⁶¹.

Na segunda temporada de funcionamento da Estação Balnear, o hotel Casino contava com 136 quartos, 8 salões de jantar, banheiros, *water-closet*, circundados por 700 metros de varandas cobertas²⁶². Os quartos possuíam o tamanho de 3x3m e 6x3m, eram mobiliados e forneciam serviço de criados, móveis, roupa de cama e lavatório, luz e limpeza, variando o preço dos quartos entre 1\$500 a 2\$000 e 3\$500 por dia. Os salões de jantar possuíam dois

²⁶¹ *Echo do Sul*, 06/01/1891.

²⁶² *Guia dos banhistas*, op. cit., p. 17.

tipos de mesa, a dos pensionistas e o restaurante aberto ao público em geral. As taxas cobradas eram as seguintes:

Mesa Redonda:

Adulto por mês sem vinho – 40\$000

Adulto por mês com vinho – 55\$000

Restaurante:

Adulto sem vinho por mês – 55\$000

Adulto com vinho por mês – 70\$000

Almoço ou Jantar avulso sem vinho – 1\$000 e 1\$500

Almoço ou Jantar avulso com vinho – 1\$500 e 2\$000

Sala dos criados: Adultos por mês – 20\$000

Crianças de 3 a 10 anos, metade das taxas.

Serviço de comidas nos quartos:

Por cada refeição, mais 500 réis²⁶³.

Alguns problemas ocorriam na volta dos excursionistas para suas residências, como o atraso no horário dos trens e a falta de banheiros nos vagões, o que causava situações inconvenientes durante o retorno da praia, como a descrita na coluna de Saltarello:

*Na volta é que houve cena de aflição. Como é sabido dão-se casos de tiriri, principalmente entre a gente que abusa dos gelados e das frutas. Pois houve um caso no regresso. Manifestou-se o tiriri em um passageiro. O homem viu-se bambo. Suava por quantas juntas tinha. Não sabendo como sair-se dos apertos, tomou a resolução heroica de atirar-se do carro. Foi de ventas na areia, mas o carro já ia longe quando o pobre viu-se aliviado. Por favor senhores da costa do mar. Mandem colocar um water-closet em cada carro. Olhem que o tiriri está grassando e pode atacar gerentes, diretores e empregados. Imaginem que o tiriri sai das calças vira-se para as saias. Nem é bom falar nisso!*²⁶⁴.

Com promessa de passagens "baratinhas" e mais trens²⁶⁵ a Empresa Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar atraía os banhistas e convidava-os para a elegante Villa Sequeira, a *great attraction* do verão no Estado do Rio Grande do Sul²⁶⁶.

²⁶³ *Guia dos banhistas, op. cit.*, p. 18.

²⁶⁴ *Echo do Sul*, 12/01/1891.

²⁶⁵ A Empresa Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar aumentou o número de trens e horários para a Villa Sequeira. Para complementar os horários dos trens para a ida a praia, o gerente Antonio Cândido Sequeira determinou o seguinte: um trem sairia da estação do Parque em Rio Grande as 5h e as 6:15h da manhã, a tarde as 17:15h e a noite as 19:15. Para a volta as 6:40h e 8:30h da manhã, a tarde as 17:00h e a noite as 20:15. A

A preocupação com a higiene do corpo, do ambiente doméstico e da cidade tornou-se prática recorrente em Rio Grande. O final do século XIX na cidade caracterizou-se pela implementação de políticas preventivas visando à mudança de hábitos na sociedade rio-grandina. Os banhos de mar na costa da Mangueira ajudaram a disseminar o costume da higienização dos corpos para o bem estar da saúde do cidadão, e também o cuidado que deveriam ter com a limpeza das ruas e praças, evitando o despejo de latrinas e restos de comida nas vias públicas.

Entre os meses de novembro a fevereiro a publicidade em torno da "moda praia" esteve presente nos periódicos. Algumas lojas chegavam a importar centenas de peças de roupas e calçados para os banhos de mar²⁶⁷. O balneário atraía turistas de diversas regiões do Estado e do Brasil e a venda de produtos para os banhos dobrava segundo os periódicos da época.

Empresa estabeleceu que os trens das 6:15h e das 19:15h da cidade para o balneário não poderiam receber passageiros da 2ª classe e o trem que partiria da Villa Sequeira as 6:40h faria baldeação para Bagé e Pelotas. Também ficavam reduzidos os valores das passagens em qualquer das classes, sendo crianças de 3 a 12 anos pagavam a metade. *Echo do Sul*, 21/01/1891.

²⁶⁶ *Echo do Sul*, 24/01/1891.

²⁶⁷ Publicidade da loja "Au Palais Royal": "*Roupas para banho e Sapatos para homens e mulheres. Explêndido sortimento, em tecidos especiais, diversos feitios e tamanhos, recebeu o "Palais Royal". Os feitios das roupas de banho para senhoras são elegantíssimos a última novidade em Paris, de onde foram importadas. Sapatos de banho também para homens e mulheres, artigo chic, recebeu o "Palais Royal".* *Diário do Rio Grande*, 27/01/1891.

Figura 54 - As quarenta casas geminadas foram construídas próximas ao hotel Casino, sendo dezoito casa de frente para a Avenida Rio Grande. Acervo Biblioteca Rio-Grandense.

Constituindo novo atrativo para o estabelecimento balnear, os salões de jogos e concertos do hotel Casino acrescentaram mais um espaço de lazer e divertimento para o local. A jogatina "rolava" até "altas horas" da madrugada no Casino, conduzindo "homens da sociedade riograndina e pelotense" a apostarem quantias de dinheiro elevadas.

Ao expandir a área construída do hotel Casino, a intenção da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar era lucrar com o aluguel do estabelecimento. Ao longo da primeira década de funcionamento da estação de banhos a Empresa arrendou seus bens no local, deixando a critério dos arrendatários a administração do balneário.

Os quatro salões que ficaram prontos para a temporada de 1891/1892 tornaram mais "amena e agradável" a vida na praia. A publicidade em torno do hotel Casino prometia instalações de primeira ordem, nas quais os seus hóspedes encontrariam "comodidade, decência e ordem". O restaurante do hotel recebeu pintura e mobiliário novos, seguindo o modelo europeu.

Figura 55 - Fotografia do restaurante do hotel Casino. Ao fundo, observamos o bar do local, onde serviam bebidas como *champagne* e cervejas. O restaurante ficou conhecido por seus canapés e seus "gelados", muito apreciados durante a temporada de veraneio. Final do século XIX. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Os salões destinados aos concertos, bailes e jogos foram mais um atrativo para o balneário, sendo

*os três salões contíguos eram um deleite para os srs. banhistas como para os visitantes que, indo na viagem da noite e aos domingos e dias festivos quiserem pernoitar na Villa Sequeira ou ali passar horas deleitáveis dando brilho as danças e jogos em companhia de suas e outras famílias*²⁶⁸.

E mais;

*O salão de visitas tem um piano para danças e estudos e outro para concertos. Foi mobiliado no tipo bailante. O salão de jogos terá bilhar e mesas para jogos, de bagatella, cartas, damas, dominó, etc.; e o de leitura poderá também servir de aula para as famílias que quiserem mais uma vez reunir o útil ao agradável fazendo seus filhos empregar parte das horas diurnas em estudos intelectuais ou artísticos*²⁶⁹.

²⁶⁸ Regulamento Geral da Estação Balnear (Villa Sequeira), Hotel Casino e mais instalações. Rio Grande: Typ. do Rio Grande do Sul, Reis, Bastos & C., 1891, p. 05-06.

²⁶⁹ Idem, p. 06.

Figura 56 - O salão de jogos do Hotel Casino era uma das atrações do estabelecimento. Podemos afirmar que as noites as mesas eram concorridas bem como nos dias chuvosos, quando os banhistas "fugiam" de seus banhos de mar e caminhadas a beira mar. Final do século XIX. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Figura 57 - O interior do salão de baile do Hotel Casino. O piano era utilizado por músicos profissionais e também por alunos que frequentavam as aulas que ocorriam no hotel. Observamos que este salão possuía pé direito alto, onde estava disposta uma vasta iluminação. A decoração era constituída de pinturas, intercalada com grandes janelas. Note-se as cadeiras que reproduziam a cadeira de Michael Thonet apresentada em 1859 na cidade de Viena. A "moda" europeia estava presente no balneário. Final do século XIX. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Algumas apresentações musicais seguiram-se nas temporadas de veraneio, como foi o caso da Banda do Clube Saca Rolhas de Rio Grande, presença contínua nos finais das tardes de sábado no hotel Casino. Outra atração do salão de concertos eram as "festas artísticas", nas quais vários artistas locais e "de última hora" assumiam os instrumentos musicais, tocando, cantando ou até mesmo recitando poemas. Algumas figuras ilustres da sociedade eram homenageados em bailes como foi o caso do Barão de Santa Tecla, político gaúcho que estava a banhos na Villa Sequeira. A festividade *digna do apreciadíssimo democrata foi uma festa mui pomposa*²⁷⁰.

Os dias na Villa Sequeira passavam "alegremente", os espetáculos musicais surpreendiam os veranistas pela qualidade dos concertos. Em dias chuvosos, a administração do Hotel planejava sessões de teatro, quadrilhas de danças e a inserção de novas sobremesas

²⁷⁰ *Echo do Sul*, 17/03/1891.

no cardápio do restaurante, tentando, dessa forma manter um público fiel para as próximas estações.

Figura 58 - O salão de baile e teatro do Casino possuía um palco, no qual ocorriam diversas encenações teatrais. Ao longo dos anos serviu para apresentações de filmes. Note-se que a fotografia reproduz o momento em que o salão está ornamentado. Baile de carnaval? E muitos bailes de "Momo" entraram a madrugada neste salão, repercutindo na região sul o excelente ambiente festivo do hotel e do balneário. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

As temporadas de veraneio na Villa Sequeira encerravam-se no mês de março, quando algumas "ilustres" famílias rio-grandinas e pelotenses fechavam suas residências na praia e retornavam para a cidade. Os trens circulavam com intervalos maiores em seus horários e a empresa responsável pelo hotel Casino, restaurante *chalet-buffet*, serviços de aluguel de

barracas e camarotes e tráfego de bondes para a praia "fechava"²⁷¹ a estação balnear. Os trens de excursão aos domingos realizavam viagens regulares, mas partiam da estação do Parque em Rio Grande ao meio dia e retornavam da Villa Sequeira às 15:30 horas.

A viagem de trem para a Villa Sequeira poderia ser acompanhada de uma orquestra nos vagões, um deleite para os passageiros proporcionado pela administração da estação balnear. O balneário em sua terceira temporada recebia seus veranistas com toda "pompa", os passeantes a beira mar gozavam do ar marítimo e das *bafagens salitrosas do oceano em momentos de distração que prodigalizavam os confortáveis salões de recreio ali montados a capricho*²⁷².

Na Villa Sequeira os passeios, o ouvir música, os jogos, as danças, as cantorias, enfim todas estas práticas eram incentivadas pela equipe de funcionários do hotel Casino, em que havia pessoas prontas a atender e ensinar os turistas.

A construção de residências de veraneio no balneário ao longo da Avenida Rio Grande transformou a paisagem do balneário. As dunas de areia foram sendo removidas dando lugar a "belas" habitações.

*Habitada hoje a Villa Sequeira por numerosas famílias e cavalheiros, a convivência naquele ponto é alegre e comunicativa. Pelos arredores do Casino há vivendas de esmerado gosto artístico, onde estão veraneando famílias desta cidade e que vão juntar-se aos excursionistas. A Villa Sequeira hoje já está esplêndida de animação*²⁷³.

Eram animados os momentos passados na "aprazível" estação balnear. Cerca de trezentas pessoas desembarcavam dos trens, povoando o balneário. Os excursionistas entretinham-se, uns passeando ao longo da praia, onde geralmente "corria fresca e suave

²⁷¹ Os estabelecimentos presentes na estação balnear da Villa Sequeira como o hotel Casino, o restaurante a beira mar conhecido como *chalet buffet* e os serviços de aluguel de barracas e camarotes e o transporte para a praia eram interrompidos devido ao fim da temporada. Estes serviços eram arrendados por temporada de veraneio, finda esta, os mesmos interessados deveriam inscrever-se novamente junto a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar e propor um novo contrato. Ao entrar em contato com o material referente ao balneário, notamos que a "vilegiatura marítima" na Villa Sequeira iniciava-se em novembro estendendo-se até fins de março. O período correspondia aos meses mais quentes do ano, nos quais a atração dos banhos de mar tornava-se inevitável. No restante do ano o frio, a temperatura da água muito baixa e os fortes ventos, típicos do clima da região, "afastavam" os turistas.

²⁷² *Echo do Sul*, 17/01/1892.

²⁷³ *Echo do Sul*, 19/01/1892.

viração", outros em agradáveis conversas com amigos, enfim, os turistas procuravam aproveitar o melhor possível as horas passadas ali.

Figura 59 - Nesta imagem da praia na Villa Sequeira podemos observar ao fundo os camarotes para a troca de roupa, pessoas apreciando a paisagem a pé ou a cavalo. Em destaque a barraca de lona branca sobre rodas utilizada por pessoas que necessitavam de ajuda para tomar seus banhos. Em seu interior encontrava-se um banco e era conduzida por um guia banhista. Final do século XIX. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Os concertos realizados no salão de baile do Casino eram concorridos, como realizado pelo Sr. Thadeu Schultz em seu violino, auxiliado pelas "Exmas. filhas" do Sr. José Procópio Pereira e do Dr. Oscar Rheingantz, os quais, bem como o distinto violinista Sr. Schultz, foram aplaudidos pela "seleta" e numerosa sociedade que enchia o salão²⁷⁴.

Quando os bailes estendiam-se pela madrugada um trem extra ficava a espera do término do evento, conduzindo os "festeiros" na volta para a cidade.

As *matinéés* e *soirés* ocorriam durante as tardes no salão de teatro do hotel, lá ocorriam encenações, leitura de livros e poesias, desfile de moda infantil. *Realizou-se no*

²⁷⁴ *Diário do Rio Grande*, 02/02/1892.

*esplêndido salão do Casino, a matinée organizada pelo proveto professor de piano Sr. Justino Nery e seu filho o jovem concertista Sr. Carlos Nery*²⁷⁵.

Ao entardecer a Avenida Rio Grande encontrava-se "salpicada" de passeantes, tornando o passeio público um atraente local para desfrutar da companhia de amigos e "colocar a conversa em dia". Muitos encontravam-se após o jantar a frente de suas residências, em conversas animadas ou em serenatas para aqueles que estavam caminhando pelas ruas. *Depois do jantar viam-se grupos de gentis meninas passeando pela rua do Ouvidor e outras alegres palestras na frente das residências de várias famílias*²⁷⁶.

As cavalgadas e as corridas a pé tornaram-se outra atração no final do século XIX na Villa Sequeira. Eram organizadas por veranistas que encarregavam-se de escolher o local para o evento e o percurso a ser tomado. Quando cavalgavam na praia realizavam a parada na residência de algum membro presente, lá uma mesa no jardim os esperava com refrescos e sanduíches. Ao dirigirem-se para o Bolaxa, preparavam as cestas para o piquenique, onde passavam a tarde divertindo-se com corridas a pé e passeios pelo campo.

Foi simplesmente esplêndido o “pic nic” que ante-ontem realizou-se, oferecido pelos banhistas do Bolaxa aos da Villa Sequeira.

*Foi uma festa campestre como não há exemplo de outra igual, não só na reunião que era seletíssima como na abundância do serviço e boa ordem e cordialidade que sempre reinaram*²⁷⁷.

Os bailes de carnaval nos salões do Casino eram concorridos, o constante movimento dos trens e o grande número de pessoas que desembarcavam no balneário demonstrava que o local inseriu-se como ponto de sociabilidade para os habitantes da região sul do Estado. A facilidade do transporte, com trens vindos de Bagé, Pelotas, Piratini, Cerro Chato e Rio Grande diretamente para a estação balnear tornaram o balneário um local de lazer e interação social, disponibilizando as elites locais e a população de diversos segmentos sociais usufruírem do ambiente litorâneo.

²⁷⁵ *Echo do Sul*, 26/01/1892.

²⁷⁶ *Echo do Sul*, 02/02/1892.

²⁷⁷ *Diário do Rio Grande*, 05/04/1892.

A emoção do turista ao chegar à praia era única. Não possuindo o hábito de banharem-se no mar, os frequentadores da Villa Sequeira deparavam-se com o medo e a curiosidade em relação aquela imensidão do oceano. Muitos desistiam ao entrar em contato com a fria água do mar, outros mais corajosos dispensavam os guias banhistas e praticavam a natação. O certo era que em cada banhista sensações diferentes iam sendo despertadas, gritos, risos, choros, ouviam-se vozes abafadas e conversas em alto tom. O momento permitia relaxar e apreciar a paisagem, o choque do corpo ao entrar em contato com a água fria e salgada, o movimento das ondas e a "paz" estabelecida entre o homem e a natureza marítima denotava este novo desejo de ultrapassar a barreira "criada" pelos antepassados de que o mar bravo castigava aqueles que o enfrentassem.

Figura 60 - Aspecto das barracas para a troca de roupa, ao fundo os camarotes com suas varandas em frente ao mar, possibilitando aos banhistas após os banhos apreciarem o constante movimento das ondas. Algumas pessoas passeavam a beira mar, um hábito que é seguido até a atualidade pelos frequentadores da Villa Sequeira. Acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

A Companhia Empresa Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar publicava nos jornais locais informes publicitários sobre o procedimento a ser adotado ao ir a banhos. Além do *Guia do banhista* de 1890, veiculava nos meses do verão "dicas" aos banhistas de como portar-se ao entrarem nas águas do mar.

Não afoitar-se, a pessoa que não sabe nadar não ir além do ponto em que o mar cubra a cabeça; e as senhoras débeis ou que difficilmente se sustentem de pé não devem avançar até a forte arrebentação sem o auxílio de um guia banhistas. Os próprios nadadores devem ter muito em vista que com a maré de ressaca pode tornar-se-lhes difficil a volta para a terra e que alguma câimbra pode inutilizar-lhes o uso de uma perna e expô-los a asfixia²⁷⁸.

Os guias banhistas encontravam-se próximos aos camarotes e barracas localizados na praia. Estes profissionais passavam por treinamento com marinheiros e pescadores da região, acostumados com o mar do balneário. A Companhia disponibilizava o serviço sem ônus aos banhistas.

²⁷⁸ *Guia do banhista, op.cit.*, p.06.

Figura 61 - Este cartão postal da Villa Sequeira revela três aspectos da estação balnear. O salão de bailes do hotel Casino, um chalet em frente a linha férrea provavelmente localizado na Avenida Rio Grande e um quarto de banhos. Estes permaneciam na praia para eventuais necessidades dos banhistas e os funcionários ficavam encarregados de manter a limpeza dos camarotes e barracas. Final do século XIX e início do XX. Acervo pessoal RGE.

A vilegiatura marítima na década de 1890 transcorreu na Villa Sequeira com a presença de centenas de visitantes. A novidade do 'ir a banhos' conquistou a sociedade gaúcha, que na época da fundação do balneário em Rio Grande não possuía rival no Estado²⁷⁹.

O hotel Casino é um marco da Villa Sequeira e desde a fundação da estação de banhos o estabelecimento recebeu milhares de hóspedes, atribuindo a ele a designação de ser um local de divertimentos e de jogatina. Seu próprio nome deriva de local para divertimentos e jogos. Em seu salão de jogos havia uma roleta, na qual os jogadores apostavam dinheiro e entravam a madrugada na jogatina. O registro que temos sobre os jogos relacionados a roleta data de 1892 e até 1898 há informações sobre esta atividade "duvidosa".

²⁷⁹ Conforme Leda Saraiva Soares em 1888 já havia em Tramandaí o hotel da Saúde de propriedade de Leonel Pereira de Souza, construído para atender pacientes que buscavam nas qualidades das águas do mar o poder curativo que tanto necessitavam. No entanto, as praias do litoral norte do Rio Grande do Sul encontravam-se "isoladas" e seu acesso era realizado através de viagens em carretas puxados por bois ou a cavalo. Algumas destas viagens levavam dias e dificultavam a ida a praia. As famílias que para lá dirigiam-se veraneavam em ranchos de palha, não possuindo o mesmo padrão de construções encontrado na Villa Sequeira. SOARES, Leda Saraiva. Op. cit.

A Villa Sequeira onde aflui há alguns anos grande número de famílias para uso e gozo de banhos está transformada, em certo local numa verdadeira casa de tavolagem. Uma quadrilha de estrangeiros explorando indecentemente a bolsa alheia, porém com o consentimento expresso das autoridades intendentiais. Assentou ali a tenda da mais feroz jogatina, la roleta que funciona com uma regularidade pasmosa de lucros para o banqueiro e seus associados. Joga-se desenfreadamente, mas quase sempre com prejuízo dos jogadores que vêem desaparecer as suas belas notas de 10\$, 20\$, 50\$, 100\$ e 200\$000. O escândalo já chegou ao ponto de serem empenhadas algumas joias, o que dá ideia da completa das intenções dos tais roleteiros²⁸⁰.

Os jogos no Casino continuaram na clandestinidade, atraindo cada vez mais adeptos. Através de pessoas que frequentaram os salões do hotel Casino após décadas de sua fundação, obtivemos a informação que os jogos foram mantidos no local.

Na primeira década de funcionamento do balneário, a Avenida presenciou também os bailes de carnaval organizados na Villa Sequeira, e os festejos carnavalescos terminavam no vasto salão do Casino. Outros bailes de carnaval começavam no hotel Casino, e alguns convidados saíam pela Avenida como o “grupo carnavalesco dos Machados”, que percorria os *chalets* contagiando os moradores e espalhando *confettis e serpentinas* por onde passavam²⁸¹.

Os passeios nas charretes eram os favoritos das mulheres, os homens preferiam a montaria, que os conduzia pela sombra da Avenida ao lado dos trilhos do trem, para muitos lugares do balneário, inclusive para a beira mar. Afirmavam que os passeios eram requisitos indispensáveis da vida campestre²⁸².

As ruas paralelas à Avenida possuíam nomes de países europeus, como Roma, Berlim, Londres, Lisboa, e a avenida de frente para o mar era chamada de “Avenida Paris”.

²⁸⁰ *Echo do Sul*, 22/01/1893. Os jogos de azar fizeram parte do cotidiano do hotel Casino. Em seu salão de jogos corria solta a jogatina, as apostas envolviam dinheiro e outros bens. As autoridades policiais encobriam o fato. Pessoas importantes da sociedade estavam envolvidas nas atividades e isto já era motivo para “deixar pra lá” o que ocorria no Casino. Entre os anos de 1892 e 1898, o *Echo do Sul* acompanhou as atividades dos jogos e culpava as autoridades por “fecharem os olhos” para este mal a sociedade. Lê-se: “A autoridade está cometendo falta grave, pois consente e encobre um crime que tem penas severas e não podemos acreditar que o Ilmo. Sr. Coronel Mesquita seja condescendente até o extremo de compartilhar de responsabilidade do assalto feito as algibeiras do próximo. Devemos fornecer os dados sobre os roleteiros da praia de banhos. *Echo do Sul*, 15/01/1894. No ano de 1896 com o argentino Torcan Vitor foi encontrada uma roleta enquanto desembarcava do paquete “Desterro” na cidade de Rio Grande. *Echo do Sul*, 31/01/1896.

²⁸¹ *Diário do Rio Grande*, 18/01/1898.

²⁸² *Guia*, op. cit., p. 21.

Também foram denominadas as ruas com nomes de cidades do Rio Grande do Sul, tais como Porto Alegre, Bagé, Uruguaiana, São José do Norte, entre outras.

As atividades sociais e culturais realizadas na praia e na Avenida foram uma continuação dos acontecimentos oferecidos nos espaços fechados, tais como no hotel, no restaurante a beira mar, nos *chalets*. Estavam ligados entre si, pois se determinado evento começava no hotel podia terminar na Avenida ou na praia. Neste interstício, a circulação de pessoas e a profusão dos acontecimentos foram de grande porte e, mesmo que com duração efêmera, reuniu seus frequentadores e promoveu a interação social.

2.4. Algumas construções que moldaram o estilo europeu da Villa Sequeira

Os *chalets* foram construídos voltados para a Avenida Rio Grande, e seus proprietários recebiam as suas visitas à moda inglesa. Para as mulheres eram servidos refrescos, chás, biscoitos e doces. Já os homens preferiam os licores e os charutos, este último muito apreciado pela sociedade rio-grandina que na época contava com a fábrica de charutos de Gustavo Pöock. No *Diário do Rio Grande* saiu a seguinte matéria: *Muitas senhoras e cavalheiros foram da cidade passar o dia com as famílias de suas relações que já possuem moradia na costa e que se acham ali a banhos*²⁸³.

Figura 62 - *Chalet* do Cônsul da Alemanha Charles Nieckele. Seus moradores posam para a fotografia. Nota-se a riqueza de detalhes e a preocupação com o jardim. Final do século XIX. IN: *Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense*. Estação Balnear. Livraria Universal. Echenique Irmãos e CIA. (1890-1910).

²⁸³ *Diário do Rio Grande*, 03/03/1892.

Figura 63 - *Chalet* do Comendador M. Fernandes Moreira. Final do século XIX. Idem.

Figura 64 - *Chalet* da viúva de J. Soares Vianna. Final do século XIX. Idem.

Figura 65 - *Chalet* do Comendador Carlos Guilherme Rheingantz. Final do século XIX.
Idem.

Figura 66 - *Chalet* do comerciante A.J. Pinto da Rocha. Final do século XIX.
Idem.

Figura 67 - *Chalet* da Sra. Maria José Araújo. Final do século XIX.
Idem.

Figura 68 - Exterior do salão de baile e restaurante do hotel Casino. Seu avarandado servia de local
para o descanso e apreciação da vista da Avenida. Final do século XIX. Idem.

Figura 69 - Catavento importado de Illinois, Estados Unidos. Demonstra que a cidade de Rio Grande importava tecnologia estrangeira usufruindo das novidades lançadas nos mercados externos a fim de incorporar os "hábitos" modernos. Final do século XIX. Idem.

Figura 70 - Barracas de madeira para a troca de roupas localizadas a beira mar. Foram utilizadas por famílias que as alugavam por mês. Final do século XIX. Idem.

3. A vilegiatura marítima na Villa Sequeira (1890-1960)

este balneário (Villa Sequeira) foi fundado em 1889 por Antônio Cândido Sequeira que adquiriu uma área de 720hm² em forma de retângulo, medindo 3 km de frente ao mar e 2,4km de fundo. Em 20 de janeiro de 1889 foi iniciada a construção de uma linha de bondes a vapor da Costa do Mar pela Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira. Foi iniciador dessa empreitada o Sr. Antônio Cândido Sequeira com um capital de duzentos mil cruzeiros (Cr\$200.000,00) subscrito na sua quase totalidade por acionistas da cidade do Rio Grande. Em 1890 foi inaugurado o tráfego da nova linha de bondes a vapor-Costa do Mar. Partiam trens do fim da linha do Parque. A pequena locomotiva puxava dois carros. O preço da passagem era de 600 réis e as excursões aos domingos 500 réis. Os pontos de parada eram Parque, Junção, Barnabé, Vieira, Senandes, Belmiro, Bolaxa e Casino. Posteriormente foi construída a estação Divisa ocupada atualmente pelo posto policial. Mais tarde a propriedade de 720hm² foi adquirida pelo Sr. Augusto Cesar Leivas. De início houve um grande desenvolvimento. Já pelos princípios do século, constava o Casino com regular número de ótimas vivendas. Esta praia atraía veranistas abastados de todos os pontos do Estado que apreciavam o seu conforto. Espalhou-se ligeiro a fama de balneário de luxo. Na verdade as comodidades que oferecia estavam muito acima de qualquer outro balneário do Estado. Enquanto que, para se atingir Cidreira eram precisos de cinco a seis dias de carreta ou 2 dias de diligência, já nessa época – 1890 – podia-se ir ao Casino, do Rio Grande em uma hora de bonde a vapor. O hotel espaçoso com seus salões amplos e grande número de quartos proporcionava grande conforto. Assim, enquanto em Cidreira, Tramandaí e mais tarde Torres, o traje obrigatório era o pijama e o tamanco, o balneário do Casino ostentava hábitos de uma fidalguia por vezes exagerada, mas

*facilmente explicável. Não era crível que os veranistas das praias do norte, que viajavam durante uma semana em carreta, passando por toda a série de inconvenientes próprios a este meio de condução e as estradas fossem ostentar hábitos aristocratas, morando em ranchos de palha. A fama do Casino como praia de luxo trouxe-lhe vantagens e inconvenientes. Criou-lhe um círculo de antipáticos hostis que prejudicaram de certa forma em maior desenvolvimento do núcleo e, por outro lado, transformou seus frequentadores em apaixonados, que tudo davam pelo progresso do balneário, desinteressadamente. Figuras de relevo das sociedades do Rio Grande e Pelotas poderiam ser citadas como beneméritos deste balneário do sul. Atualmente a situação geral dos balneários alterou-se de forma palpável. As rodovias ligando esses núcleos de veraneio às cidades próximas proporcionaram muitíssimo maior afluxo de veranistas ou mesmo de visitantes acidentais. A construção de bons hotéis modifica os hábitos um tanto grotescos das praias do norte e faz do Casino uma praia mais popular*²⁸⁴. Anexo 6. Trechos e imagens do projeto de L.A. Ubatuba de Faria.

Figura 71 - Planta da estação de banhos da Villa Sequeira do ano de 1907. Neste esboço observamos que o balneário havia sido loteado em terrenos de 100x50 metros. O empreendimento estava dividido por uma avenida principal que o atravessava. Contava com duas "plazas" a esquerda e a direita do

²⁸⁴ UBATUBA DE FARIA, L. A.. *Casino – Plano de urbanização*. Município Rio Grande. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil. 1944, p. 03-04.

bulevar. Para a contenção das dunas foram adquiridas mudas de pinheiros, acácias e eucaliptos, devidamente plantados ao redor de todo o balneário. A fim de evitar inundações devido às chuvas abriram-se grandes valas para o escoamento destas águas e de esgoto em direção ao mar, estando protegidas as tais valas por bambus plantados a sua volta. Disponível em: www.otero.com.br

3.1. O desejo de frequentar a praia da Villa Sequeira

O desejo de frequentar a praia no Rio Grande do Sul deu-se a partir do final do século XIX, quando a "moda" do banhar-se nas águas frias do mar para o alcance do "sucesso" terapêutico desembarcou no Brasil.

O modelo de estação balnear europeu foi "copiado" na Villa Sequeira, na qual a ênfase nos lazeres e nos divertimentos no período destinado as férias transformaram a estação do verão em Rio Grande, quando cidadãos rio-grandinos e de cidades próximas passaram a desfrutar de seu tempo livre no balneário, elegendo novos espaços de sociabilidade²⁸⁵ fora do ambiente citadino.

No entanto, isto não quer dizer que o espaço marítimo no litoral rio-grandense não fosse frequentado antes deste período. A proximidade da cidade de Rio Grande em relação ao mar proporcionou a seus habitantes o contato com este ambiente. Segundo relatórios da Intendência Municipal do terceiro quartel do XIX, a localidade da Mangueira era ocupada por pequenos chacareiros que cultivavam hortaliças e criavam gado, ovelhas, porcos e galinhas e os comercializavam na cidade. Estes ocupantes do local foram os primeiros frequentadores da atualmente conhecida praia do Cassino, e que, através dos citados relatórios municipais conseguimos elaborar uma descrição da presença destes no litoral gaúcho, na época sem a preocupação terapêutica, mas sim apenas pela curiosidade e pela necessidade de sobrevivência²⁸⁶ em ultrapassar a "barreira" construída pelos homens diante do mar indomável.

Segundo E. Roquette-Pinto, no caminho para o litoral norte do Rio Grande do Sul encontravam-se inúmeras dificuldades. Para chegar lá dependiam de carretas puxadas por bois ou cavalos. Excursões com "bravos" veranistas eram encontradas pelo caminho para a costa Atlântica, sendo eles sempre muito animados para desembarcar em seu destino. Levavam em

²⁸⁵ As práticas culturais e as diferentes formas de sociabilidade encontram-se expressas nas relações sociais cotidianas de homens e mulheres, definidas nas festas, nos espaços de trabalho, nos clubes e nos espaços de lazer.

²⁸⁶ O 2º Distrito da cidade de Rio Grande, denominado de Mangueira era povoado por dezenas de famílias que sobreviviam da plantação de hortaliças, da criação do gado bovino, suínos e aves, e da extração do leite, produzindo queijos, sendo estes produtos comercializados em feiras na cidade quase que diariamente. Praticavam a pesca no litoral e uma pequena colônia de pescadores habitava uma pequena parte terreno do balneário, "lá para os lados da Barra" sobrevivendo as intempéries do tempo, principalmente ao inverno gaúcho.

média de três a cinco dias de viagem desde Porto Alegre para atingir as praias de Cidreira e Tramandaí²⁸⁷. Roquette-Pinto escreve em 1906 sobre sua excursão à praia de Cidreira,

*Não se vê a menor vegetação. Diante do mar, aí sempre muito batido, no imenso areal, erguem-se umas vinte choupanas de madeira, cobertas de palha, onde nos meses de verão, algumas pessoas de Porto Alegre vem habitar, trazendo consigo o indispensável a vida. Quando por lá passamos em nenhuma dessas casinholas havia gente. A cobertura dos tetos meio levantada pelo vento, as portas desconjuntadas, batendo livremente davam ao lugarejo, onde nenhuma água potável existe, o mais desolador aspecto*²⁸⁸.

O acesso para o litoral sul, propriamente para a Villa Sequeira foi facilitado pelo caminho de ferro, interligando Rio Grande, Pelotas, Bagé e Jaguarão com a praia de banhos e proporcionando aos banhistas o ingresso ao litoral de forma rápida e confortável, sem inconvenientes no trajeto para o local.

Conforme Julia O'Donnell, o litoral brasileiro no último quartel do século XIX não era visto como um local relacionado à saúde. Para a autora, o local era *marcado pela atividade portuária, ligada ao trabalho e ao descarte de mercadorias e, não raro de corpos*²⁸⁹. Em sua obra, *A invenção de Copacabana*, O'Donnell faz menção aos banhos de Dom João, que recém-chegado de Portugal passou a banhar-se na praia do Caju, em São Cristóvão em busca de cura para seus ferimentos nas pernas. Dom João possuía conhecimento sobre os benefícios do mar sobre o organismo humano, já que a ida ao litoral na Europa para o tratamento dos infortúnios era uma constante na época²⁹⁰.

A temporada balnear trouxe consigo o "desfile" da aristocracia europeia que transformou o litoral, antes "território do vazio" em *palco de uma sociabilidade específica, moldada pela codificação de costumes e pela elaboração de estratégias de distinção, relacionando cuidados individuais a novos esquemas de apreciação, engendrando, assim, modelos inéditos de comportamento*²⁹¹.

A presença da nobreza e da burguesia a beira mar fez do espaço balnear um local de distinção social no século XIX. Esta nova forma de sociabilidade, o banho de mar, acabou por

²⁸⁷ ROQUETTE-PINTO, R.. *Relatório da excursão ao litoral e à região das Lagoas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1962.

²⁸⁸ Id. Ibid., p. 18.

²⁸⁹ O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana*. Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 93.

²⁹⁰ Idem, p. 94.

²⁹¹ Idem, ibidem.

caracterizar a vilegiatura marítima como o tempo em que a alta sociedade reunia-se para desfrutar de seu novo prazer, e, dessa forma, espalhar esta "novidade" com o tempo para o pequeno burguês, o operário e as classes populares.

Os lazeres no litoral criados a partir dos padrões exigidos pela sociedade para satisfazer seus próprios prazeres trouxeram consigo o aumento do número de banhistas e a ida a praia foi transformada a partir do momento em que o melhoramento dos meios de transporte possibilitou a organização dos tempos livres. Com o passar das décadas, o litoral modificou-se e exerceu papel importante para a ampliação de novos hábitos e costumes enraizados neste cenário e, que continuam presentes no cotidiano dos veranistas assíduos através das estações mais quentes do ano. Neste contexto, as referências da modernidade disseminavam a idealização de uma nova forma de viver e a constante mudança e absorção das práticas modificaram o mundo ocidental em todos os segmentos, político, econômico, social e cultural.

O fenômeno da modernidade desembarcou no Brasil trazendo hábitos que passaram a fazer parte do cotidiano do país. O caráter simbólico da modernidade traduziu-se na urbanização e na adoção de políticas sanitárias nas cidades brasileiras, na incorporação de práticas culturais, como o vestir-se a francesa, o portar-se e os cuidados a mesa. Segundo Baudrillard, ser moderno é superar continuamente o tempo presente. Modernidade é a prática social e o modo de vida articulado sobre a mudança, a inovação, mas também sobre a inquietude, a instabilidade, a contínua mobilização, a subjetividade movente, a tensão e a crise²⁹².

A partir de 1966, o historiador Maurice Agulhon tornou a palavra "sociabilidade" conhecida na França com sua obra *La Sociabilité méridionale. (Confréries et associations dans la vie collective en Provence orientale à la fin du XVIIIe siècle*, em que estudava confrarias e associações na segunda metade do século XVIII. Foi classificada na historiografia francesa como 'micro-história', já que estava voltada ao estudo do tempo livre passado em cafés, clubes, associações diversas, entre outros locais destinados ao lazer. De acordo com o

²⁹² BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: *Biennale de Paris: la modernité ou l'esprit du temps*. Paris: Editions L'Esquerre, 1982.

autor, a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, estando relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos²⁹³.

Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade. Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam, as expressões e manifestações, mais ou menos formalizadas, da vida em sociedade, de coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social²⁹⁴.

Com o advento da República, em várias cidades brasileiras as tentativas de acompanhar os modelos estrangeiros deram origem a planos que visavam a modernização de seus espaços. As práticas esportivas e as atividades recreativas realizadas ao ar livre tornaram-se uma rotina diária da sociedade brasileira. Paralelamente, uma modernização dos costumes acompanhou o crescimento do espaço urbano. A ideia de moderno estava relacionada a estilos de vida, comportamentos e hábitos.

O fim da escravidão, a vinda de imigrantes, a implantação da República, a industrialização, os costumes trazidos da Europa, além de outros fatores fizeram com que o país se transformasse rapidamente. Segundo Eloísa Ramos, *os desdobramentos da Revolução Industrial vão-se refletir na maneira como as pessoas vão organizar suas vidas, pela imposição de uma nova distribuição do tempo social, isto é, criou necessidades na área do lazer e da sociabilidade, principalmente para as camadas elitizadas da sociedade*²⁹⁵.

Apesar dos inúmeros desafios e transformações, o século XIX brasileiro foi um período de consolidação para o novo país. A rapidez com que as novidades do mercado europeu chegavam ao Brasil era impressionante. Eram trazidas por imigrantes, viajantes, estudantes ou até mesmo turistas. Todos queriam vestir-se, caminhar, comer à moda francesa. Uma modernização nos costumes diários viria acompanhada de mudanças no espaço urbano.

²⁹³ AGULHON, Maurice, *La Sociabilité méridionale. (Confréries et associations dans la vie collective en Provence orientale à la fin du XVIIIe siècle)*. (Publications des Annales de la Faculté des lettres, Aix-en-Provence, série Travaux et Mémoires, n° XXXVI, 1966.) Existem ed. posteriores com outro título.

²⁹⁴ MÜLLER, Dalila. Sociedade Harmonia Pelotense: um espaço de sociabilidade e de distinção da elite pelotense (1851-1860). In: *VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

²⁹⁵ RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. *O Teatro da Sociabilidade: Um Estudo dos Clubes Sociais como Espaços de Representação das Elites Urbanas Alemãs e Teuto-Brasileiras*. São Leopoldo, 1850/1930. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 2000, p. 30.

A emergência do ser moderno generalizou-se e passou à esfera do domínio da vida cotidiana. A ideia do ser moderno vinculou-se a estilos de vida, comportamentos e hábitos absorvidos rapidamente pela sociedade brasileira.

Um fenômeno que vinha ocorrendo em âmbito mundial era a presença feminina nos espaços públicos. Mulheres e mocinhas agora transitavam pelas confeitarias e pelas ruas das cidades com seus vestidos, chapéus elegantes e sombrinhas para se protegerem do sol. Para elas desfilarem pelos espaços públicos a moda das roupas era ostentar a elegância da nova sociedade. E também faziam parte da sociedade os profissionais liberais, pequenos empresários, empregados do comércio, burocratas e estudantes, pessoas com maior acesso ao pensamento e aos exemplos europeus. O país ao adotar novas práticas modernas "criou" um projeto brasileiro de modernidade.

As formas de representação praticadas na Villa Sequeira no final do século XIX e início do XX foram utilizadas como atos de "exibição". As elites que passaram a frequentar o local usufruíam de seus momentos de lazer no balneário a fim de praticar o "ver e ser visto"²⁹⁶. Em ambientes privados e públicos, em seus passeios à beira-mar, nas caminhadas pela Avenida Rio Grande, nos salões de jogos e concertos, e nos eventos promovidos pelo Hotel Casino. Seus visitantes aproveitavam para se mostrarem em trajes de banhos e vestimentas próprias para a vida em uma estação de banhos, além de exibirem seus bens, como suas belas charretes e seus *chalets* em estilo europeu.

Ademais, o período denotava a formação burguesa das elites regionais, que encontravam na Villa Sequeira no sul do Rio Grande do Sul um eco das já festejadas estações balneares da Europa, como Dieppe, Deauville, Bath e Cote d'Azur; e do Uruguai como Punta del Este, Piriápolis e Pocitos entre outros. Na Villa Sequeira as elites locais encenavam em suas temporadas de vilegiatura marítima todo um ritual burguês do Ocidente e seu nascente individualismo, com suas *cocottes* parisienses, seus elegantes de smoking, suas

²⁹⁶ Empresários e políticos da cidade de Rio Grande envolveram-se no projeto para a construção de uma estação de banhos na Costa da Mangueira. Citamos alguns "ilustres" personagens da sociedade rio-grandina: os diretores da Companhia Carris Urbanos Antônio Cândido Sequeira, Antonio Manuel de Lemos Junior, Evaristo dos Anjos Sandim, Joaquim Martins Garcia e William A. Preller, Comendador Antônio da Costa Corrêa Leite, Comendador A. J. Pinto da Rocha, Coronel Francisco Antônio Lopes, Albino Cunha da fábrica Moinho Rio-Grandense, os comerciantes Manoel Carlos de Lima Torres, Rosalvo d'Azevedo, Arnaldo José Pereira e os médicos Dr. Carlos A. C. Laudares e Dr. M. Affonso Reis.

“artes do luxo”, bem como a crença aferrada no progresso, na ciência, na medicina, na modernidade e na civilidade²⁹⁷.

A Villa Sequeira foi uma tentativa destas elites em estabelecer no litoral de Rio Grande uma estação de banhos semelhante às europeias. Por sucessivas décadas, a sociedade rio-grandina e de cidades próximas frequentou o balneário e lá encontrou uma espécie de salão ao ar livre destinado ao deleite da elite local, de outras partes do Brasil e de países vizinhos. No entanto, o estabelecimento balnear não atingiu os objetivos de seus fundadores, ou seja, permanecer como um espaço elitizado. Os inúmeros problemas enfrentados para a finalização do projeto acabaram tornando a Costa da Mangureira uma praia frequentada por "todos e para todos". Ao longo da Avenida Rio Grande viam-se belas construções, os *chalets*, casas geralmente com alpendres debruados de madeira pacientemente recortadas, ostentando a opulência e a riqueza de seus proprietários, mas já nas ruas paralelas ou mais afastadas do centro do balneário encontravam-se os pequenos casebres, as choupanas, as "pousadinhas e pensões a preços populares".

O gerente da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangureira, o Sr. Antônio Cândido Sequeira e acionistas procuravam um local para a implantação do projeto de uma estação de banhos na região sul do Estado. Alguns locais foram visitados para a averiguação da possibilidade dos mesmos serem transformados e utilizados como a região que circundava o farol da Atalaia no Pontal da Barra, o litoral de São José do Norte, as praias da Cidreira e de Tramandaí, o litoral próximo ao Chuí, a Praia de Fora em Santa Catarina e as de Pocitos e Ramirez em Montevideú, além da Praia da Mangureira²⁹⁸.

A opção de construir na Costa da Mangureira um balneário deu-se a partir de vários parâmetros: ficava próxima a cidade de Rio Grande, que estava passando por uma fase de expansão econômica, com comércio e indústrias fortes, e um porto marítimo que facilitava o escoamento da produção. Rio Grande contava com a linha férrea que a ligava a outras cidades do Estado, além de possuir uma moderna estrutura de bondes e linha telefônica.

²⁹⁷ Civilidade tinha, antes de formado e firmado o conceito de civilização, a mesma função que este último, ou seja, a de “expressar a autoimagem da classe alta europeia em comparação com outros, que seus membros consideravam mais simples ou mais primitivos, e, ao mesmo tempo, caracterizar o tipo específico de comportamento através do qual essa classe se sentia diferente de todos aqueles que julgava mais simples e mais primitivos”. No processo de civilização, civilidade era o estágio do meio, precedido de cortesia. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, v. 1.

²⁹⁸ Memorial apresentado aos acionistas da Companhia Carris Urbanos de Rio Grande aprovado em Assembleia Geral de 26/03/1886 apud *Jornal Cassino*, 28/01/2000.

Na virada do século XIX, a valorização das atividades físicas estava em expansão, havendo uma distinção entre os sexos. *A mentalidade vigente estava calcada no estereótipo da mulher frágil e do homem forte*²⁹⁹. O *Guia dos Banhistas*, publicado em 1890 em Rio Grande referia-se a fragilidade do sexo feminino e os cuidados a serem tomados pelas senhoras no litoral, *as senhoras devem usar a touca de gutta-percha*³⁰⁰ *para não molharem o cabelo, e quando não tenham a touca não lhes convém mergulhar a cabeça. Basta-lhes refrescar repetidamente a fonte e o alto do crânio com a mão molhada durante o tempo que estiverem na água*³⁰¹.

Segundo Rosa Maria Araújo, a incorporação de valores esportivos vem associada à delimitação de fronteiras de classe. A prática da equitação, esgrima, natação, por exemplo, funciona como sinal de um padrão de vida burguês. Araújo escreve que a atração se dá por motivos de bem estar físico, busca de bons ares e vantagens terapêuticas do banho de mar. A inserção da prática dos banhos de mar no cotidiano das pessoas promoverá a socialização entre os indivíduos nos balneários. As famílias beneficiam-se dos novos lazeres conquistando espaço nessa "moderna" forma de lazer e descanso. O núcleo familiar introduz com o tempo o programa de ir à praia nas suas rotinas de férias³⁰².

Conforme Alain Corbin, o lazer pode ser entendido como a liberdade de usar o tempo livre para distrações ou ocupações a que as pessoas se entregam de livre vontade, e não como sequência temporal sem trabalho. E considera ainda que no seio das elites do século XIX o lazer se achava valorizado. Essas elites dispunham de um tempo livre, o que não quer dizer que eram ociosas, mas que evitavam “o vazio das horas”. As elites são obrigadas a empregar o tempo e tem que encontrar em uma ocupação uma razão para viver. Mas as atividades a que se consagram respondem imperativamente a três condições: tem que ser voluntárias, honoríficas e desinteressadas³⁰³. Não obstante a indubitável importância econômica e,

²⁹⁹ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 313.

³⁰⁰ Gutta-percha é um tipo de látex, semelhante à borracha e que serve como isolante.

³⁰¹ *Guia dos banhistas*. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890, p. 12.

³⁰² ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *Op. cit.*, p. 316-321.

³⁰³ CORBIN, Alain. Do lazer culto à classe do lazer. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres Op. cit.*, p. 59-90. Entendemos as atividades de lazer como práticas de liberdade e de prazer. Esta abordagem redutora tem contribuído para retirar às práticas de lazer um estatuto de “seriedade” que legitime a sua passagem a objeto de estudo científico. O mundo dos lazeres deve ser estudado como um fenômeno social por direito próprio, dotado de uma crescente importância cultural, social e identitária, nomeadamente relacionando-se com o mundo cotidiano, do trabalho e da produção.

sobretudo, cultural e social das atividades de lazer, estas foram durante muito tempo uma dimensão da vida social relativamente marginalizada.

No final do século XIX, os médicos aconselhavam a ingestão de tônicos e fortificantes para repor as energias após as longas jornadas de trabalho. Com a disseminação dos tratamentos terapêuticos realizados nas estações balneares da Europa, curistas e médicos no Brasil aderiram a esta prática de cura e aos poucos o hábito de usufruir dos banhos de mar com fins terapêuticos, e posteriormente de lazer encontraram adeptos pelo país. Os profissionais da saúde afirmavam a seus pacientes que era no espaço litorâneo que encontrariam o apetite, o sono, o esquecimento das preocupações e o alívio das ansiedades.

O contato com pessoas saudáveis e vigorosas encontradas nas estações balneares ajudaria na recuperação dos doentes. A bela paisagem do mar e a brisa marítima refrescavam a fronte dos turistas sedentos por mergulhar nas águas do mar, sem o pânico que anteriormente havia.

O pensamento europeu mudara em relação ao mar: as férias antes nunca tiradas agora eram passadas em estações elegantemente preparadas, nas quais o luxo imperava para que nada faltasse, não só os banhos, mas o entorno propiciava a sensação de bem estar. Surgiu a possibilidade de os frequentadores das estações distraírem-se com a sociedade elegante presente nos balneários da moda.

Os estudiosos do século XVIII garantiam que o banho frio atenuava as paixões, devendo fazer parte da educação dos jovens. A ordem terapêutica dos banhos de mar frios também deveria fazer parte de uma disciplina moralizadora, no qual,

o banho frio, garante Floyer, corrige as maneiras viciosas de viver, atenua a veemência das paixões; portanto, deve fazer parte da educação dos jovens. Acima de tudo, o médico britânico conta com o terror e o choque produzidos pela súbita imersão em uma água fria para curar os desregramentos da alma, e é com um tom quase religioso que entoia um hino as virtudes dessa substância³⁰⁴.

³⁰⁴ CORBIN, Alain. *O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 76. Conforme Floyer, “os banhos gelados provocam uma sensação de frio, e isso, juntamente com o terror e a surpresa, contrai consideravelmente a membrana e os canais dos nervos nos quais residem os humores sutis, e estes, assim mantidos em estado de tensão e compreensão comunicam tanto mais facilmente as expressões externas a alma sensível”.

São estes mesmos jovens os frequentadores assíduos das estações balneares. Os rapazes procuravam desenvolver a musculatura, transformando seus corpos, além de estar em um local onde poderiam flertar com as mocinhas. Elas, por sua vez, delicadas, procuravam manter o corpo e a mente sãos, e a melhora para a saúde frágil ou já debilitada. Outras frequentavam o espaço balnear pensando em arrumar um "bom partido". Mulheres e moças banhavam-se escondidas, com seus *guias banhistas* são carregadas até o mar, onde molham-se aos poucos, soltam risadas e 'gritinhos' ao primeiro toque com a água fria, ao mesmo tempo sentem-se satisfeitas por cuidarem da saúde.

O banho de mar das mocinhas acabou chamando a atenção dos jovens rapazes frequentadores das praias, eles se escondiam para poderem apreciar o banho delas e partiam do olhar para o desejo de conquista. Sensações de prazer, não só físicas irão surgir. Os rapazes espiavam as moças atraídos por suas risadas e gritos, mesmo que as roupas próprias para o ritual do banho cubrissem todo o corpo, não importa, a imaginação era levada a erotizar as cenas, um calcanhar de fora, a roupa colada ao corpo após o banho, o entrar na barraca para vestir algo mais quente, tudo levava a momentos de prazer para os jovens turistas. A sensação de espiar algo proibido mexia com a libido e ultrapassava os padrões de moralidade da época.

Houve a renovação na arte de seduzir e amar no século XVIII. Admirava-se o amor, as moças em seus banhos se tornavam para os rapazes pinturas de arte, momentos que ficariam em suas memórias e em sua angústia na busca pelo amor. Não devemos esquecer que nos balneários há uma infraestrutura montada para recepcionar a sociedade: passeios à beira-mar, bailes, jantares, almoços, piqueniques, esportes, jogos, tudo o que agrada aqueles que podem pagar o preço pelo serviço. Os hotéis transformavam-se em um prolongamento do banho de mar, os hóspedes banhavam-se e ao retornarem ao estabelecimento recebiam tratamentos para seu bem estar. Refeições, massagens, conversas, ambiente dedicado aos que buscavam melhores condições de saúde, diversão e descanso. Rodadas de *bridget*, licores, conversas animadas, reinava a sociabilidade nos momentos de lazer das elites, principalmente nas férias. Todos participavam, famílias inteiras se dirigiam para as estações e se deliciavam com a água fria do mar.

A primeira década de funcionamento da Villa Sequeira trouxe novos "ares" para Rio Grande, a cidade passava por modificações em seu traçado urbano, seguindo a influência francesa, e havia a entrada de novas tecnologias, como o aumento da linha férrea, os bondes puxados a cavalo, a implantação da rede telefônica e a instalação de indústrias: têxteis,

calçados, alimentos em conserva, biscoitos, charutos, moinhos de farinha, entre outras. Ela se tornava uma cidade cosmopolita, buscando inserir-se nos novos padrões estabelecidos pela modernidade que desembarcavam no porto da cidade, sendo logo absorvidos pela sociedade rio-grandina da virada do século XIX.

Neste contexto de desenvolvimento econômico e social, a cidade de Rio Grande vivia um período de "agito" cultural. As encenações teatrais, as festividades, os bailes de sociedade e os carnavais pelas ruas demonstravam o caráter cultural e social presente no cotidiano de seus habitantes, acostumados a frequentar locais destinados ao entretenimento e ao lazer³⁰⁵. Alguns estabelecimentos faziam a publicidade de seus eventos nos periódicos locais, como podemos ler:

*A sociedade dramática "Proteção e Amparo" representa hoje no Teatro Sete de Setembro em benefício do Asilo a comédia drama em quatro atos "O Mestre Jerônimo" e a comédia "Um tolo como há muitos"*³⁰⁶.

*A banda do Club Saca Rolhas apresenta na Praça da Geribanda seu repertório. Neste domingo pela manhã*³⁰⁷.

*Café dançante - Salão do café do Comércio a Praça General João Telles*³⁰⁸.

O balneário passou a ser frequentado como local de veraneio, e quando os meses mais quentes do ano aproximavam-se, as famílias planejavam sua estada na praia de banhos, deslocando-se e aproveitando os momentos de vilegiatura marítima para descansar a beira mar, divertir-se com parentes e amigos, cuidar da saúde e apreciar a bela vista do litoral. O desejo de frequentar este espaço, até então inusitado e só conhecido através das informações que chegavam pelo porto ou por viajantes e turistas que os apreciavam no Velho Continente, fez com que centenas de pessoas mudassem seus hábitos durante o verão e passassem seu tempo a ir a banhos. O ritual da ida ao balneário apresentou-se como uma nova forma de sociabilidade e interação social, desde o momento em que as famílias dirigiam-se à estação do

³⁰⁵ Para maiores informações sobre as sociabilidades em Rio Grande conferir: BITTENCOURT, Ézio. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da história de Rio Grande*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

³⁰⁶ *Echo do Sul*, 01/02/1892.

³⁰⁷ *Echo do Sul*, 22/05/1894.

³⁰⁸ *Echo do Sul*, 17/07/1900.

Parque na cidade, embarcavam no trem, apreciavam a paisagem ao longo da viagem de vinte cinco quilômetros, desembarcavam na estação, algumas tendo ajuda de seus empregados com a bagagem, outras buscavam acomodações no hotel e no "quadro". Muitos turistas aproveitavam os bondes puxados à tração animal para dirigirem-se a seus *chalets*, casas ou choupanas.

O momento era de alegria e o espaço marítimo proporcionava reações ao corpo e a mente humana. A praia com sua vasta extensão atraía os turistas, admirados com a força de suas ondas e ao mesmo tempo pela sensação de tranquilidade que o mar lhes trazia.

3.2. Uma rápida viagem pela praia do Cassino

A Villa Siqueira, hoje conhecida como balneário ou praia do Cassino, foi por sucessivas décadas, uma espécie de salão ao ar livre destinado ao deleite da elite local³⁰⁹ e de outras partes do Estado³¹⁰ e do Brasil e também de países vizinhos³¹¹. Não podemos afirmar que o balneário fez parte apenas dos veraneios das elites, mas sim que foi um local planejado para as elites e que também recebeu outros segmentos sociais devido as constantes mudanças em sua administração, pois os acionistas visando o lucro perceberam que loteando o local e vendendo terrenos menores, construindo casas geminadas e mobiliadas, abaixando o preço de diárias do hotel Casino e dos camarotes a beira mar e o preço das passagens de trem poderiam atrair um número maior de turistas. Dessa forma, a Villa Sequeira, além de receber as elites foi o palco de diversas camadas sociais e, que neste ambiente representaram suas maneiras de interação social e de sociabilidade, elevando a estação de banhos a um local para os lazeres, onde as pessoas iam para se divertir, passear, tomarem seus banhos e até quem sabe encontrar a cura para as enfermidades.

Segundo o memorialista Daoiz de La Rocha, a Villa Sequeira foi o primeiro balneário marítimo do Brasil. Para ele, o acesso era "básico" pela facilidade de acesso pela estrada de ferro. A necessidade da construção de um hotel não ficava atrás, pois os primeiros veranistas

³⁰⁹ "Frequentavam a estação de banhos do Cassino, no final do século XIX e início do XX, o diretor-gerente da Companhia Carris Urbanos Antônio Cândido Sequeira, Comendador Antônio da Costa Corrêa Leite, Comendador A. J. Pinto da Rocha, Antônio M. Lemos Junior, Coronel Francisco Antônio Lopes, Capitão Evaristo dos Anjos Sandim, Albino Cunha da fábrica Moinho Rio-Grandense, os comerciantes Manoel Carlos de Lima Torres, Rosalvo d'Azevedo, W. A. Preller, Arnaldo José Pereira, os médicos, Dr. Carlos A. C. Laudares, Dr. M. Affonso Reis. Entre os acionistas do balneário encontramos também: Albino Cunha da "Moinhos Rio-Grandense", os Rheingantz, da fábrica de tecidos 'Rheingantz', os comerciantes Alfredo Moutinho, José Francisco Cezar 'loja de vestuário do Cezar', João L. Vianna que vendia secos e molhados por atacado no balneário". *Diário do Rio Grande*, 30/10/1890.

³¹⁰ "Da cidade vizinha vieram ontem de passeio a esta cidade alguns excursionistas de Bagé, cavalheiros da primeira sociedade bajeense, acompanhadas das Exmas. Famílias". *Diário do Rio Grande*, 18/11/1890. "Um moço de Porto Alegre descreveu as impressões da sua temporada a banhos, no ano passado, na Mangureira. O *Diário* o achou um propagandista da estação balnear: "Hoje já se encontra por ali muita vida, muita animação, muito ruído. Nos dias calmosos e serenos vê-se grande número de moças que estão acomodadas com as famílias em pequenas vivendas, correndo a cavalo na areia fina, que reluz polvilhada de sol. Enchem a grande paisagem nua e solitária com a luz dos seus olhares brilhantes e com a frescura de rosa das suas cetinosas faces. Com os vestidos de amazonas, as travessas gentis galopam destemidas soltando gritinhos agudos de expansiva vivacidade para assustarem as aves, que ruflando as asas fogem em debandada. A chegada dos vagões que fazem viagem de manhã e de tarde e sempre repletos de povo é uma festa de regozijo, um contentamento comunicativo, trocam-se beijos estalados e 'shke-kands' afetuosos. A água salgada é a grande panaceia da moda, todos querem experimentá-la por luxo ou por gosto, por necessidade ou por pandega. A um cura, a outro alivia, mal não consta que tenha feito a ninguém". *Diário do Rio Grande*, 15/01/1891.

³¹¹ "Dizem de Montevideu: A estação de banhos de mar trouxe a esta capital de toda a parte inúmeros visitantes, entre os quais distintas famílias portenhas, cuja presença comunica a esta cidade extraordinária animação e alegria". *Diário do Rio Grande*, 21/01/1890.

deveriam acorrer com certeza à estação de banhos e teriam lá "comodidades de um centro de lazer". O nome Casino foi atribuído a uma das atrações que encontrava-se no hotel. Daoiz escreve que,

Casino com um "s" era palavra italiana e significava casa de reuniões, leitura, lazer em variados sentidos, mas principalmente de jogo. Embora o objetivo principal do hotel fosse oferecer serviços de hospedagem e refeições, os jogos, que a lei não proibia naquela época, estava na programação dos empreendedores, que dotaram de amplas dependências o magnífico hotel. Não tardou que a nova localidade, desde logo chamada Villa Sequeira, em homenagem ao notável empreendedor, Antônio Cândido Sequeira, nascido em Rio Grande a 24/09/1846 tornasse conhecida como Casino³¹².

Entre o período da construção do estabelecimento no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, começaram a serem construídas, longo da Avenida Rio Grande, as "belas" vivendas conhecidas como *chalets*. Estas residências, comentadas por nós no segundo capítulo, eram casarões caracterizados por possuírem alpendres debruados de madeira pacientemente recortada, grandes janelões e avarandado ao redor. Geralmente possuíam belos jardins, onde se encontravam variados tipos de plantas e espécies de árvores. Foram construções sólidas, algumas sobreviveram mais de um século, podendo ser vistas no balneário, outras devido à especulação imobiliária deram espaço a prédios de apartamentos, postos de gasolina e local para a instalação de parque de diversão e quiosque de bebidas. Anexo 7: Imagens de *chalets* e residências existentes em 2011.

³¹² Entrevista dada ao Informativo Rio Grande. *Informativo Rio Grande*, 1990.

Figura 72 - A "Villa Francisca" é uma das poucas construções que ainda se encontra na Avenida Rio Grande. Data do início do século XX, seu estilo germânico e seu tamanho demonstram a riqueza de seus proprietários. Está situada ao lado da Igreja Jesus, Maria, José (terreno que foi doado pela família Osório para a construção de uma capela no final do século XIX). Foi propriedade da família Osório de Pelotas e por sucessivas décadas a tradicional família pelotense desfrutou de seus veraneios na Villa Sequeira. Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande.

Após um ano de administração da estação de banhos da Mangueira, a Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira foi incorporada pela Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar e, esta por sua vez passou a ser a empresa concessionária do balneário. No ano de 1895 devido a problemas financeiros a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar foi adquirida pela Companhia Viação Rio-Grandense³¹³. Segundo relatório da Companhia Estrada de Ferro, a empresa parou seu tráfego em junho de 1893 e devido ao seu precário estado financeiro enfrentou uma série de dificuldades que originaram um novo

³¹³ Sobre a Companhia Viação Rio Grandense, Fortunato Pimentel elaborou um histórico: *"Esta empresa da cidade de Rio Grande teve o nome de Companhia Carris urbanos. Em dezembro de 1891 foi incorporada a Estrada de Ferro-Rio Grande a Costa do Mar. Em fevereiro de 1894 tomou o nome de Companhia Viação Rio Grandense. A 28 de maio de 1900, tendo sido por ela vendida a Companhia Southern Brazilian Estrada de Ferro Rio Grande a Bagé o trecho de estrada de ferro denominado Estrada de Ferro Rio Grande Costa do mar, ficou a Companhia Viação Rio Grandense limitada ao serviço dos Carris Urbanos na cidade do Rio Grande para o serviço de passageiros e cargas (nos bondes) e ao serviço da Estação Balnear na Costa do Mar. De um quadro publicado pelo gerente da Companhia no relatório apresentado à Assembleia Geral dos acionistas em 31 de agosto de 1900 consta o capital de 626:100\$000, tendo fundo de acionistas na importância de 437:199\$920 rs"*. PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais do Município de Rio Grande*. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944, p. 275.

acordo com a Companhia Carris Urbanos³¹⁴. Em outubro do ano de 1893, o balneário necessitava de ajustes, pois encontrava-se desprovido de funcionários para a estação vindoura. À Companhia Southern Brazilian Railway ficou tratada a manutenção e o tráfego dos trens e as instalações (hotel Casino e restaurantes e os camarotes e barracas a beira mar) do balneário foram abertas para concorrência de arrendatários para a execução destes serviços.

Um dos fatores negativos da estação balnear referia-se a alimentação dos banhistas na década de 1890. A falta de pessoal apto para o preparo de refeições e as dificuldades enfrentadas pelo transporte deixavam os banhistas sem poder realizar as refeições. Frente a este sério problema, a Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar recorreu à administração do hotel Internacional, e as pessoas treinadas reformularam o cardápio dos restaurantes da Villa Sequeira bem como organizaram meios de preparar e abastecer as despensas dos estabelecimentos.

A partir do ano de 1893, a Companhia passou a vender quadras de terrenos, medindo "50 metros de frente e 100 metros de fundo" pelo valor de seiscentos mil réis, obrigando o comprador a edificar, em um período de dois anos uma casa ou vivenda, não podendo o valor ser inferior a cinco contos. Oferecia 25% de desconto no valor de fretes para o material de construção e passagem gratuita pelo período de cinco anos. Ao final da estação de 1893/1894 achavam-se vendidas dezessete quadras, sendo que em três já encontravam-se casas, em outras três em princípio de construção e as demais estavam sendo limpos os terrenos. Anexo 8. Panfleto dos leilões 1913-1914-1915.

Ela por sua vez, no ano de 1909 foi liquidada em função de graves dificuldades financeiras, tendo sido o seu patrimônio arrematado por um particular, o Coronel Augusto Cezar de Leivas, antigo frequentador daquela estação, que pagou um valor equivalente a 80 contos de réis. Ele em 1914 já promovia um grande leilão de terras na Praia do Cassino do Rio Grande-Villa Sequeira, quando ampliou o loteamento em cinco quadras de cada lado do eixo inicial.

Pouco tempo depois, em 1917, a planta do balneário sofreu um novo reordenamento, passando a aparecer naquela paisagem duas grandes *plazas*, e o restante da área foi ocupado pelo Coronel Leivas com atividades pecuárias.

³¹⁴ *Relatório da Diretoria da Companhia Carris e Estrada de Ferro – Costa do Mar*, apresentado em Assembleia Geral. Rio Grande: 26 de Outubro de 1893.

No início da década de 1920, o Coronel Augusto Cezar de Leivas vendeu parte de seu patrimônio à Sociedade Anônima Companhia Balnear Atlântica, empresa então constituída com o objetivo principal de

*exploração da praia balnear, no Oceano Atlântico, bem como todos os negócios que para tal fim sejam necessários ou convenientes, tais como o Cassino, para diversões e jogos, hotel, restaurante, armazém, leitaria, serviços hidráulicos, elétricos, higiênico e de viação e todos os mais que por sua ligação com o objeto da mesma Companhia, sejam fontes de renda para ela e bem estar e conforto para os veranistas. Fomentará também a edificação, arruamento, arborização embelezamento na Villa e desenvolverá os meios de transporte e de locomoção, de modo a torná-la aprazível. Poderá ainda explorar os jogos de azar, habilitando-se para isso, consoante as leis e regulamentos que vigorarem*³¹⁵.

Tendo então transferido a concessão dos bens imóveis, móveis, utensílios semoventes, direitos, ações e privilégios, à dita Companhia, avaliados em duzentos e cinquenta e seis contos de réis, o Coronel continuou proprietário de extensas áreas de terra que, posteriormente, passaram a ser exploradas, para fins de loteamentos, por ele e pelos seus descendentes.

Segundo os registros que encontramos, o Cassino já contava, na década de 1920, com aproximadamente 90 prédios, entre residências, hotéis, pousadas e apartamentos e uma população de veranistas que alcançava duas mil pessoas. Além da via férrea, havia sido aberta uma estrada rodoviária que ligava Rio Grande à estação balnear. Esta estrada foi asfaltada na década de 1940 através de um trabalho conjunto entre a Sociedade Rio-Grandense de Estradas de Rodagem, formada por pessoas que possuíam automóveis, proprietários de bens no Cassino, comerciantes e industriais, e a municipalidade, que acordaram a execução do projeto de asfaltamento.

Segundo Fortunato Pimentel *é magnífica a rodovia Rio Grande-Cassino, a melhor praia de mar do sul do Brasil. Esta rodovia tem pavimentação asfáltica*³¹⁶.

³¹⁵ Estatutos da Companhia Balnear Atlântica de 25/11/1921. Rio Grande.

³¹⁶ “A rodovia Rio Grande-Cassino possui extensão total de 18km e foi construída com a técnica moderna. É toda ela asfaltada”. PIMENTEL, Fortunato. *Op. cit.*, vol. 2, p. 265-266.

Segundo o memorialista Daoiz de La Rocha, o asfalto veio do México e o DAER com a Prefeitura o aplicaram desde o Parque até a Avenida Rio Grande³¹⁷, constituindo-se na primeira rodovia a receber pavimentação asfáltica no Rio Grande do Sul.

Nesta altura, o transporte entre a cidade e o balneário já era feito através de ônibus, serviço explorado pela Prefeitura Municipal. No final da década de 40, porém, a Empresa Karam de Pelotas passou a concorrer na prestação deste serviço. Após alguns impasses e conflitos gerados pela concorrência, a autarquia dos serviços de transportes coletivos do município de Rio Grande acabou por adquirir a empresa.

O crescimento verificado na década de 1940 esteve ligado, certamente, a oferta de grandes loteamentos denominados de *vilas*. A instalação de energia elétrica deu-se neste período. Já nos anos 50, o vetor de crescimento se deu através do projeto de diversos loteamentos³¹⁸ como o Cidade Balneário Cassino, e outros empreendimentos similares como os loteamentos Stella Maris, Princesa do Sul, Querência e Boa Vista I, entre outros. Além dos loteamentos, começaram a surgir grandes condomínios, como o edifício *Ibajé*, o primeiro sob este regime, seguido pelos condomínios *Brasília* e *Lido*, assim como o condomínio Atlântico, empreendimento que foi construído em anexo ao Hotel Atlântico, formado por 105 apartamentos.

Em função de concepções urbanísticas vigentes à época, buscou-se criar um cinturão verde ao redor de traçado urbano do balneário bem como dota-lo de comodidades, de recreação, estacionamento, logradouros de distribuição e centralização, áreas reservadas para construção de hotéis, clube e parques.

³¹⁷ Entrevista dada ao *Informativo Rio Grande*. 1990.

³¹⁸ Na pesquisa realizada no jornal *Rio Grande*, observamos que projetos de loteamentos no balneário Cassino eram noticiados em forma de publicidade, a partir da década de 1950, ocorrendo um aumento na instalação de novos loteamentos e como exemplos: “Balneário Olimpo, implantado em 08/09/1954, (publicidade publicada em 16/12/1950; Praia Olimpo – Cidade Balneária – A Nova Morada dos Deuses – O futuro recanto da Elite Sul Brasileira, situada no local mais privilegiado para o intercâmbio turístico internacional – Distrito do Cassino. Avenidas asfaltadas e arborizadas terão água – luz – força e telefone. Ordene a presença de um agente, conheça o mais completo plano de loteamento à beira-mar. Vendas somente em Porto Alegre); Balneário Stela Maris – Pedro Lourival Costa, implantado em 20/03/1949, possuindo 804 lotes, 70 quadras a 3 km do centro do Cassino; Praia Monte Carlo, 03/07/1958, 907 lotes; Balneário Princesa do Sul – Carlos George Lawson e Outra, implantado em 16/01/1956, 545 lotes; Balneário Querência – CNMC Ltda., implantado em 1953, 2542 lotes, 84 lotes; Loteamento dos funcionários da prefeitura, implantado em 04/02/1959, 310 lotes e 22 quadras; Loteamento El Aduar (Pedro Lourival Costa e outros), 21/05/1952, 4752 lotes e 316 quadras; Loteamento Boa Vista I (Antônio Giudice), implantado em 03/09/1954, 73 lotes e 4 quadras; Cidade Balneária do Cassino – Augusto Otero e O., implantado em 15/07/1958, 11.188 lotes e 355 quadras”. *Rio Grande*, década de 1950.

Em meados dos anos 60 verificou-se, em áreas sobre a faixa de Marinha, o surgimento de construções modestíssimas, quase um favela, ocupada por uma população pobre que recorreu a "vida" no balneário pelo baixo custo de seus terrenos.

Foi neste mesmo período que se deu a desativação da linha férrea que ligava a cidade a praia de banhos, o que se justificou, segundo a Companhia, em função dos déficits recorrentemente apresentados na exploração deste serviço.

Segundo Alice E. Ximendes, na década de 1970 a prefeitura de Rio Grande por meio de um Decreto Federal obteve a cessão da área dos terrenos de Marinha e acrescidos situados ao longo do litoral do balneário Cassino, sob o regime de aforamento³¹⁹.

Um acordo foi firmado perante a Delegacia do Serviço do Patrimônio da União do Rio Grande do Sul em 10/04/1974, devendo a área cedida,

ser objeto de um plano básico de urbanização daquela praia, podendo ser dividida em porções ou lotes destinados à instalação de logradouros públicos, hotéis, terminais turísticos, sociedades recreativas e entidades de esportes, legalmente constituídas, estação rodoviária, e a construção de prédios residenciais ou de veraneio, desde que não exceda, neste último caso, cada lote, a área máxima de (quinhentos) 500 m², exceto se a urbanização daquela área vier a exigir a necessidade de serem estabelecidos lotes maiores³²⁰.

A partir dos anos 70, a situação do balneário Cassino foi se transformando. Deixou de ser um lugar exclusivo para a prática dos banhos e do lazer, e passou a ter uma população residente representada por comerciantes, aposentados, estudantes e, mais recentemente, por contingentes economicamente ativos, destacando-se professores universitários, funcionários públicos e comerciantes com atividades na zona urbana da sede distrital.

Estas mudanças mais recentes viabilizaram-se em função da melhoria dos serviços e equipamentos urbanos e de abastecimento, pelo aumento de fluxo de veículos diário entre a sede e o balneário e pela quase inexistência de uma estrutura de emprego própria.

³¹⁹ XIMENDES, Alice Elias. *Balneário Cassino - Os terrenos de Marinha e a criação da Autarquia - ABC*. Monografia (Especialização). Curso de Pós-Graduação em História do Rio Grande do Sul. Rio Grande, 2010.

³²⁰ Artigo 1º da Lei Nº 3121 de 07 de fevereiro de 1977. Apud: XIMENDES, Alice Elias. *Op. cit.*

Neste contexto, foi criada a Autarquia do Balneário Cassino, com o fim de regularizar e comercializar os terrenos de Marinha, compromissando-se em investir os recursos da venda no próprio Balneário; e também a Associação Comercial do Cassino; foram construídos equipamentos comunitários (Corpo de Bombeiros, Brigada Militar, Delegacia de Polícia, Creche e o Posto de Saúde) e o Terminal Rodoviário.

3.3. O cenário cassinense: veranistas buscam seu espaço no balneário

Os eventos sociais ocorridos na Villa Sequeira atravessaram décadas e marcaram o veraneio de inúmeros frequentadores da praia de banhos. O ir ao Cassino encontra-se enraizado na vida dos rio-grandinos e de cidades próximas. "Naqueles prados não há gente que não tenha veraneado no Cassino...".

Os espaços construídos pelos veranistas na Villa Sequeira tornaram-se pontos de referência ao longo de décadas. Os turistas buscaram no balneário, mais do que o cenário da praia um local ao ar livre para os divertimentos. A cidade de Rio Grande do final do século XIX era um município populoso e com muitas construções para os padrões da época. Suas indústrias representavam o progresso da cidade e esta se tornava "cheia". Alguns de seus habitantes, mais abastados já recorriam a chácaras e sítios em localidades como Povo Novo, Quinta, Piratini e Bolaxa para o período da vilegiatura, deixando o centro da urbe.

Com a execução do projeto da estação balnear, muitos destes veranistas migraram para o balneário e lá buscaram seu espaço. Lá eles encontraram um local totalmente alheio a civilização, sem estrutura urbana e, que com o passar do tempo passou a "reger" o período dos meses mais quentes do ano em Rio Grande.

Segundo nossos estudos, a Villa Sequeira foi perdendo a sua condição de balneário da elite da metade sul do Estado gaúcho e de algumas regiões platinas na sua primeira década de funcionamento, devidos aos problemas que foram surgindo, como a não preservação de suas ruas, dificuldades na rede elétrica e a falta de água encanada, além da falta de trens e horários acessíveis.

O veraneio de 1894 começou movimentado na Villa Sequeira e mesmo após mudanças administrativas o balneário continuou passando por momentos conturbados, e parecia que o empreendimento não se apresentava como um local adequado para os lazeres. No entanto, após quatro anos de funcionamento e uma reformulação nos preços de passagens e aluguéis a estação de banhos passou a ser vista e apreciada com outros "olhos" pela população. A promoção de eventos no hotel Casino levou para a localidade visitantes atraídos pelas mais diversas formas de entretenimento.

A publicidade veiculada nos periódicos da época ajudava a promover o balneário, dispensando à praia de banhos "elogios" variados e comercializando uma infinidade de produtos, desde sabonetes e loções a gorros e sapatilhas para os banhos de mar. Anexo 9. Informes publicitários: produtos destinados aos banhos de mar.

A extensa praia por si só, já representava o espetáculo do vazio na Costa da Mangueira, acolhendo os que para lá se dirigiam. Outro fator importante para a ida de turistas até a estação de banhos foram os "jogos de azar", muito apreciados e difundidos em Rio Grande na virada do XIX e nas primeiras décadas do XX. No hotel Casino, em seu salão de jogos encontrava-se uma roleta trazida da Argentina, com a qual vários cidadãos da sociedade rio-grandina e arredores divertiam-se ganhando ou perdendo neste "perigoso jogo". Em notícia do *Echo do Sul* de 1894,

O Casino - A despeito do estranho rigor com que as autoridades do lugar proíbem os jogos de azar, estes vão campeando na aprazível praia de banhos do Rio Grande. Não há portas abertas, não há jogo franco, diga-se sem embargos, mas ele existe portas adentro e mais perigoso do que nunca. Esta importação aqui implantada desde o ano passado parece tentar perpetuar-se em que pese a quem quer seja. E vai de vento em popa o "lasquet". Nada de exceções: uma vez proibida uma espécie de jogo, elimine-se todas as outras³²¹.

As "casas de devassidão" encontravam-se espalhadas pela cidade, a mais conhecida era a "casa de azulejos" que ficava na rua General Bacelar. Havia pouca fiscalização por parte das autoridades e as atividades "ilegais" espalharam-se. No balneário, o reduto da jogatina foi o hotel Casino. Seus frequentadores, na maioria homens de posses, mantinham o espírito do jogo aceso e driblavam a fiscalização. Podemos afirmar que "todos" sabiam dos jogos no Casino, mas nada era feito para detê-los. Os periódicos descreviam o descaramento dos "larápios" em montar estes estabelecimentos e pediam as autoridades providências para o fechamento dos mesmos.

A autoridade está cometendo falta grave, pois consente e encobre um crime que tem penas severas e não podemos acreditar que o Ilmo. Sr. Coronel Mesquita seja condescendente até o extremo de compartilhar de responsabilidade do assalto feito as algibeiras do próximo. Quem puder fornecer dados mais curiosos acerca dos roleteiros da praia de banhos as autoridades³²².

³²¹ *Echo do Sul*, 14/02/1894.

³²² *Echo do Sul*, 22/01/1893.

O certo era que um dos atrativos do hotel foram os jogos, principalmente a grande roleta que se encontrava em seu salão principal. Faltou fiscalização?! Não sabemos, mas afirmamos que a distância entre a cidade e o balneário dificultava o trabalho do poder público e também ao fato de seus "jogadores" pertencerem a "nata" da sociedade, manipulando as autoridades locais em favor de seus interesses. "La roleta" funcionava no Casino e ganhou esta denominação por ter sido implantada e administrada por estrangeiros no salão do hotel.

*Uma quadrilha de estrangeiros explora indecentemente a bolsa alheia, porém com o consentimento expresso das autoridades intencionais assentou ali a tenda da mais feroz jogatina, la roleta que funciona com uma regularidade pasmosa de lucros para o banqueiro e seus associados*³²³.

Durante a década de 1890 o *Echo do Sul* publicou em sua "seção livre" notícias relacionadas aos jogos, procurando chamar a atenção das autoridades para tal prática. Referindo-se a Villa Sequeira, descreve o balneário como uma *verdadeira casa de tavolagem* e, que se o local mantivesse este hábito poderia tornar-se uma estação de banhos de má fama entre as famílias tradicionais³²⁴. Ao ato ilícito de jogar foi atribuído as constantes brigas e desacertos que estavam ocorrendo no hotel e imediações deste. Muitos "cavalheiros" excediam-se na jogatina e até mesmo na bebida e recorriam a acertos de contas através de "socos e pontapés". *Está pegando moda. Dois altos personagens, um gerente de banco e um diretor de Companhia travaram verdadeira luta e chegariam as vias de fato, se não os houvessem apartado*³²⁵.

Os banhistas da Villa Sequeira em sua vilegiatura marítima enfrentaram alguns problemas nesta primeira década em relação aos horários dos trens, com atrasos constantes e quebra de locomotivas durante o trajeto da cidade até a Costa da Mangueira. Os constantes pedidos de veranistas para a alteração de horários, o aumento das linhas e o melhor treinamento dos funcionários da Companhia resultaria na melhoria dos serviços.

³²³ *Echo do Sul*, 18/01/1895.

³²⁴ O *Echo do Sul* condenava a prática da roleta. Afirma que “a Villa Sequeira onde aflui desde alguns anos grande número de famílias para uso e gozo de banhos está transformada, em certo local numa verdadeira casa de tavolagem. Joga-se desenfreadamente mas quase sempre com prejuízo dos jogadores que vêem desaparecer as suas belas notas de 10\$, 20\$, 50\$, 100\$ e 200\$000. O escândalo já chegou ao ponto de serem empenhadas algumas joias o que dá ideia completa das intenções dos roleteiros”. *Echo do Sul*, 23/01/1896.

³²⁵ *Echo do Sul*, 08/01/1896.

Ao Sr. Duprat

Algumas famílias e cavalheiros pelotenses, desejando fazer no próximo domingo uma visita a Villa Sequeira pedem ao digno diretor da Southern Brazilian Company que lhes proporcione um trem de excursão que de Pelotas venha ao Rio Grande ou diretamente a estação balnear. *Echo do Sul*, 15/01/1892.

Serviço da Costa do Mar: Do dia 22/01/1895 em diante o trem que parte da Central as 5:00, partirá as 04:45 e será direto parando apenas nas estações do Bolaxa e Casino e irá até a praia, onde deverá chegar as 05:50. Do Casino retornará as 06:25. Augusto Duprat. Diretor geral. *Echo do Sul*, 2001/1895.

Costa do Mar

A maioria dos banhistas que diariamente vão no primeiro trem para o Casino viram-se hoje impossibilitados de irem aquela localidade devido a falta de delicadeza dos empregados da Estrada de Ferro que se julgam os "maiorais". Com uma diferença de um ou dois minutos, partiu o trem, obrigando as famílias a ficarem em terra privando-se do seu banho cotidiano. Assim por uma má direção, apenas treze pessoas puderam ir aos banhos, ao invés de trinta como de costume. Dessas treze muitas foram separadas de suas famílias, como o caso da filha do Sr. Lourenço Barra que com a Exma. esposa não conseguiu tomar o trem. Raro não é o dia em que os banhistas não sofrem maiores contrariedades. *Echo do Sul*, 13/02/1894.

Seção livre: Tendo me retirado precipitadamente com minha família da Villa Sequeira porque a administração daquele estabelecimento não trata as senhoras com a devida consideração. Venho por meio deste despedir-me das pessoas ali residentes que me honraram com sua amizade. José Avrosa Galvão. *Echo do Sul*. 03/03/1891.

Figura 73 – Reprodução de anúncios no *Echo do Sul*, anos diversos.

A Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar e a Estrada de Ferro Southern Brazilian Rio Grande do Sul procuravam melhorar seus serviços, como a finalização das obras para o assentamento dos trilhos, as novas linhas foram inseridas nos itinerários para o balneário, como Bagé e Pelotas, realizando apenas uma baldeação e facilitando o acesso dos banhistas. A seguir, observamos um quadro de horários de trens para a estação balnear.

Serviço da Costa do Mar						
AVISO						
Do dia 15 de Janeiro de 1894 até novo aviso, o horario dos trens será regulado pela tabella seguinte :						
PARA O CASSINO						
	DIAS DE SEMANA			DOMINGOS		
	Manhã	Manhã	Tarde	Manhã	Excursão Tarde	Tarde
Maritima, partida	—	—	5.0	7.20	12.0	6.15
Central, "	5.0	7.30	5.11	7.30	12.12	5.27
Cassino, chegada	5.48	8.25	6.2	8.25	1.0	6.15
Praia, "	—	—	—	—	1.5	—
DO CASSINO						
	DIAS DE SEMANA			DOMINGOS		
	Manhã	Manhã	Noite	Manhã	Excursão Tarde	Noite
Praia, partida	—	—	—	—	8.15	—
Cassino, "	6.22	8.55	8.0	9.20	3.30	8.30
Central, chegada	7.10	9.44	8.55	10.19	4.19	9.25
Maritima, "	—	9.55	—	10.30	4.30	—
Além dos trens acima, haverá nos dias santos e feriados um trem de excursão com o seguinte horario :						
	Tarde				Tarde	
Maritima, partida	1.0			Praia, partida	3.0	
Central, "	1.12			Cassino, "	3.15	
Cassino, chegada	2.0			Central, chegada	4.4	
Praia	2.5			Maritima, "	4.15	

Figura 74 - Anúncio da Estrada de Ferro Southern Brazilian Rio Grande do Sul com os horários dos trens. Na época Augusto Duprat, renomado médico de Rio Grande assumiu o cargo de diretor geral da Companhia. *Echo do Sul*, 14/01/1894.

A preocupação da Companhia também estava relacionada à segurança dos turistas. A partir da temporada de 1892 foi incorporada aos serviços prestados pela concessionária o corpo de polícia balnear e o aumento dos salva-vidas alocados junto aos camarotes *a fim de estarem prontos a atender a qualquer chamado urgente e fiscalizar a situação dos banhistas na praia de mar grosso como a Villa Sequeira*³²⁶. O policiamento fez-se necessário, algumas ocorrências de roubos e furtos a residências na estação balnear foram informadas nos periódicos, principalmente nas primeiras décadas de seu funcionamento. Os assaltos às residências eram mais comuns nos meses de fechamento da estação balnear, quando os veranistas voltavam às suas cidades de origem.

³²⁶ *Echo do Sul*, 05/02/1892.

Como sinônimo do mundo moderno, a Villa Sequeira incorporou os hábitos difundidos nas estações balneares europeias, ampliando seus serviços a beira mar e propiciando aos veranistas a "paz e o descanso" em seus momentos de vilegiatura marítima. Conforme Laurence W. Hislop, diretor da Companhia Viação Rio-Grandense, em 1898, o *"Casino" dispunha de trinta e seis quartos e um excelente salle a manger [...]. Nos quartos a toda hora apronta-se banhos de água fria e quente [...]. Para o divertimentos dos visitantes há grandes salões de concerto, bilhar, baile e tiro ao alvo [...]*³²⁷. Anexo 10. Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da Estação Balnear em 1898.

A temporada balnear de 1897/1898 teve início no final de novembro de 1897 e marcou os veraneios na Villa Sequeira. Um grupo de senhoras e mocinhas da sociedade rio-grandina e pelotense mobilizaram-se para o término da construção da capela Jesus, Maria, José no terreno cedido pela família Osório de Pelotas. Com grande apelo por parte da mídia jornalística para realizar doações para as obras, inúmeros nomes conhecidos da sociedade se dispuseram a ajudar e ao término da temporada de verão, a construção encontrava-se em plena atividade, ficando pronta na estação de 1899 com diversos eventos realizados nos salões do hotel Casino e na própria capela. Anexo 11. Panfletos de concerto em 1897-1898 e concerto para abertura da capela em 1899.

Figura 75 - Vista parcial do início da estação de banhos da Villa Sequeira. Notamos os eucaliptos ao fundo, provavelmente um quarto de banhos e a linha férrea. As cercas de madeira delimitavam os terrenos e ajudavam a conter o avanço das areias.

³²⁷ Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da Estação Balnear da Mangureira, Laurence Hislop, 04/11/1898.

Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

Com a popularização do veraneio e a dinamização das atividades turísticas, o município de Rio Grande viu crescer sua estação de banhos, atraindo cada vez mais adeptos dos banhos de mar. O terreno da Villa Sequeira passou a conhecer ritmos diferenciados de ocupação e crescimento, o que fez com que a Companhia Viação Rio-Grandense planejasse um novo reordenamento de seus terrenos. A atração de fluxos de veranistas e turistas favoreceu a venda dos terrenos e novas construções passaram a fazer parte da paisagem do balneário no alvorecer do século XX. Dentro deste panorama a Villa Sequeira adequou-se a estes novos tempos, configurando-se em um balneário popular e inserindo-se, como via de fato, no cotidiano da vida social da população rio-grandina.

Concerto no Casino. Converteu-se em sucesso a festa realizada pelo maestro Cavalcanti. Nos salões do Casino a parte orquestral teve o mais correto dos desempenhos, agradando sobre maneira o *pot pourri* do Trovador em que Cavalcanti pôs em evidência todo o seu vigor em arranjos musicais. *Echo do Sul*, 03/03/1902.

Na Villa Sequeira realizaram-se ontem as anunciadas partidas de *foot ball* disputadas pelos clubes Sport Club do Cassino e Riograndense. Em seguida tiveram lugar as corridas a pé para meninos, tendo o último páreo uma interessante carreira em sacos com interessantes aplausos da multidão. *Echo do Sul*, 10/03/1902.

No Casino - Os trens de excursão conduziram para a Villa Sequeira número expressivo de Exma. famílias da nossa sociedade, tendo tomado passagem ao meio dia a banda musical da 13ª Batalhão de Infantaria que permaneceu no Casino até a noite. A noite no salão de baile do Casino realizou-se um grande baile dançando a polonaise para mais de cem pares. *Echo do Sul*, 15/03/1902.

O trem que correu entre esta cidade e o Casino foi insuficiente para acomodar todos os excursionistas. *Echo do Sul*, 12/01/1903.

O trem de recreio para o Casino conduziu 152 pessoas. *Echo do Sul*, 15/01/1903.

O trem de excursão que parte para a estação da Villa Sequeira sairá ao meio dia regressando as 17:00 horas. *Echo do Sul*, 24/01/1903.

Trem de recreio ao Casino que partiu de Rio Grande ao meio dia levou a banda musical "Floresta Rio-Grandense" e mais de 140 passageiros. *Echo do Sul*, 31/01/1903.

O comboio recreio para o Casino conduziu 96 passageiros e a banda musical "Duas Coroas". *Echo do Sul*, 02/03/1903.

Figura 76 – Anúncios no *Echo do Sul*, anos diversos.

Os trens aos domingos para a Villa Sequeira passaram a denominar-se de trens de recreio. Os horários eram diferenciados e os preços mais baixos para atrair à praia de banhos um maior número de excursionistas. Durante o período de carnaval, os trens de recreio conduziam seus passageiros ao som de marchinhas reproduzidas por bandas que iam fazer apresentações no hotel Casino. A atração era bem vinda por todos apreciadores dos "folguedos" do carnaval. Para tanto, alguns já se dirigiam ao Casino fantasiados e no próprio trem aproveitavam para ensaiar os primeiros festejos do "reinado de Momo".

Levando em conta as atividades econômicas desenvolvidas no município e a transição o regime monárquico para o republicano e o fim de disputas estaduais, observamos uma aceleração dos fluxos turísticos na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, o que permitiu a especulação imobiliária intensa por parte da Companhia Viação Rio-Grandense, disponibilizando no balneário uma oferta de terrenos a preços "módicos" e que atraíram centenas de compradores. Tanto as atividades econômicas tradicionais (pesca e agricultura), como as novas características da economia municipal decorrentes da indústria têxtil fizeram com que a expansão turística definisse formas distintas de uso e ocupação do território. Se por um lado é possível perceber formas herdadas do passado que apresentam determinadas funções no presente, por outro, percebe-se também as tendências e perspectivas para o futuro do município. Embora centrada numa localidade específica, atribuímos à Villa Sequeira o caráter de pioneirismo de estações de banhos no Rio Grande do Sul por estar apta a receber turistas, disponibilizando acesso e acomodações para pernoite.

O fluxo contínuo de banhistas para a estação balnear na primeira década do século XX não impediu a venda do estabelecimento de banhos para um particular. Não podendo manter

em funcionamento os imóveis no balneário, a Companhia Viação Rio-Grandense vendeu o empreendimento ao Coronel Augusto Cezar de Leivas, de Jaguarão, tornando-o proprietário de grande extensão de terras no litoral da Mangueira.

As dificuldades enfrentadas pela Companhia Viação Rio-Grandense foram atribuídas a má administração do hotel Casino, com a diminuição de diárias, o alto custo na manutenção das locomotivas, a venda de lotes de terrenos a baixo custo e os gastos atribuídos aos consertos eventuais da rede de iluminação, do telégrafos, do abastecimento de água potável, das ruas, dos bondes que circulavam pelo balneário bem como dos camarotes e barracas encontrados na beira mar³²⁸.

A Companhia não suportou os déficits a cada temporada de veraneio e o Coronel Leivas, assíduo frequentador do "Casino" foi procurado por diretores da Companhia fizeram-lhe proposta para a aquisição do espólio do empreendimento balnear. Sendo um homem de grandes posses, o Coronel adquiriu o terreno e todos os móveis pertencentes à Companhia. Contratou uma empresa para a execução de um novo projeto urbano para a localidade, abrindo novas ruas e diminuindo o tamanho dos lotes. O espírito empreendedor do Coronel Leivas fez com que em um período de três anos já realizasse o primeiro grande leilão de terras na Villa Sequeira, disponibilizando lotes pequenos a preços populares, reordenando o espaço.

Neste contexto, o balneário passou a atrair turistas de todo Estado e de outras regiões do país, que adquiriram seus lotes de terrenos e construíram suas casas de veraneio. A promoção dos leilões de terras da estação de banhos delineou novos padrões de comportamento no ambiente marítimo e novos frequentadores passaram a usufruir dos banhos e do local.

³²⁸ O *Echo do Sul* reproduziu algumas reclamações de veranistas em relação à má administração da Villa Sequeira. Para muitos que ali veraneavam faltavam coisas básicas como água, energia, recolhimento do lixo e asseio das ruas e Avenida Rio Grande. Outro fator de queixas recaía sobre os funcionários da Empresa Southern, "mal preparados" para o atendimento ao público. Em 13/02/1903 publica: "*Segundo alguns cavalheiros da sociedade riograndina o estado de "desasseio" em que se encontram os carros daquela via férrea especialmente o "wagon" misto não pode ser pior que imundo. Ali salientam-se a sujeira, oferecendo desoladora aparência e sendo até perniciosos para a saúde pública*". Em outra reportagem lemos: "*Falta pessoal suficiente para a venda de bilhetes. Para o passageiro a compra de passagens constitui um sacrifício, pois além de pagar com seu dinheiro, tem de sofrer abusos por parte da Estrada de Ferro. Os atropelos que se dão a frente da bilheteria, o tempo humanamente insuficiente para o despacho de bilhetes, tal é a afluência de excursionistas oferece estes a prova como são maltratados perante a Southern*". *Echo do Sul*, 14/02/1903.

Na Villa Sequeira - Vai animada a estação balnear na Villa Sequeira. Atualmente ali residem nas casas da Companhia: A exma. família do Dr. Cassiano do Nascimento; o Major Francisco Nunes de Souza e sua Exma. esposa e sua sobrinha; João Manoel de Araújo e sua exma. família; a exma. família do Sr. Francisco P. Azambuja, gerente da Companhia Viação; Augusto da Rocha Penna; o 2º Tenente Epaminondas Guimarães e sua exma. família; D. Branca Werneck e seus filhos. No hotel Casino encontram-se em vilegiatura: Laurinda Porto Alegre e exma. família. Nos chalets particulares: Paulo Stoos e família; Leonel Pancada e família; José Amaro de Carvalho e família; Fritz Lucshinger e família; Carlos Engelhardt e família; Major Avelino Reis e família; Hermann Meissner, sua esposa e seus cunhados Carlitos e Ricardo Nieckele. Na pensão Sem Rival: Carlos Grivicich, Generosa Lima e Avelino José dos Santos.

Sentimos a falta de Oscar Rheingantz e esposa. Nesta temporada, encontram-se em Paris. *Echo do Sul*, 05/01/1904.

Pelo Casino - Ontem as 13:30 da tarde, teve a inauguração dos cavalinhos mecânicos. O ato que teve caráter festivo foi revestido de toda a imponência possível dando a nota gentil as exmas. senhoritas ora naquela aprazível praia de banhos e algumas que daqui foram no trem de excursão. O Sr. Raul de Lacerda Werneck agradeceu a todos os presentes o seu honroso comparecimento, inclusive a banda musical "Floresta Rio-Grandense" que abrilhantou o ato. Uma comissão julgadora deu parecer aos cavalinhos: Ilmo. Sr. A.J. Pinto da Rocha, Lawrence W. Hislop e Gustavo Poock. 1º prêmio: Orlando Rocha; 2º prêmio: alferes Francisco Pinto de Alencar Azambuja e 3º prêmio: honra ao mérito para o Tenente Epaminondas Guimarães. Medalhas entregues pela exma. senhorita d. Margarida Galibern. *Echo do Sul*, 11/01/1904.

Figura 77 – Anúncios no *Echo do Sul*, anos diversos.

Os eventos sociais e os personagens envolvidos nestes nas temporadas de 1904 a 1906 encontram-se nos anexos, onde disponibilizamos algumas notícias veiculadas nos periódicos da época. As temporadas de 1907 e 1908 transcorreram usualmente na Villa Sequeira, no entanto, dirigiram-se para lá um menor número de frequentadores e a construção de residências no local ficou estagnada. Segundo uma "pessoa amiga do Casino",

A estação balnear vai correndo friamente nesta temporada. Não se nota o menor entusiasmo entre os veranistas da Villa Sequeira, pois além de ser pequena a afluência de famílias em comparação com os outros anos, não há divertimentos nem outros atrativos que tanto concorrem para movimentar e dar vida a nossa praia balnear. Além disso, o serviço a cargo da Companhia Viação Rio-Grandense é mal feito e custa os olhos da cara tornando-se verdadeiro sacrifício a

*existência ali. Os veranistas já estão se ausentando devendo amanhã findar a temporada algumas pessoas. E chama-se a isto bem gerir! Queira o anjo protetor da Villa Sequeira que não seja a atual gerência a coveira do Casino e que a tristeza de agora não represente os funerais da pitoresca praia de banhos*³²⁹.

Apenas dois eventos foram registrados pelo *Echo do Sul* na temporada de 1908, o que pode demonstrar a decadência do balneário. Um deles foi a conferência realizada intitulada "A educação da mulher" pela literata rio-grandense Sra. Adélia Marques Minnermann. A "soirée literária" contou a apresentação de orquestra regida pelo maestro Sr. Angelo Tagnin. Ao término da apresentação realizou-se um jantar dançante. Outro evento foi a apresentação da cantora Olintha Braga em uma "incrível serenata"³³⁰.

Os telefones da empresa Ganzo passaram a operar na estação balnear no final da década de 1900 e, em um mês de funcionamento totalizaram 210 chamadas. Um cinematógrafo foi instalado no salão do Casino e as quintas-feiras a tarde exibia uma sessão para os apreciadores da sétima arte. A presença do diretor gerente da Companhia Rio-Grandense de Iluminação a Luz Elétrica, Sr. Fernando Martins Pereira trouxe "esperança" que a viabilidade da instalação estava próxima³³¹.

Logo após a venda do espólio do empreendimento balnear ao Coronel Augusto Cezar de Leivas, o balneário passou por um período de abandono e sua reestruturação deu-se a partir do grande leilão promovido pelo novo proprietário nas temporadas de 1913, 1914 e 1915, quando observamos a volta de um grande número de veranistas para a Costa da Mangureira, atraídos pela facilidade na aquisição de lotes de terrenos, pela baixa dos preços das passagens e pela limpeza das ruas e da Avenida.

Nos periódicos do período circulavam informes publicitários sobre o *grande leilão de terras na praia de Casino do Rio Grande (Villa Sequeira)*, comunicando que quatrocentos lotes de 50x50 metros seriam leiloados. O novo proprietário do balneário o Coronel Leivas

³²⁹ *Echo do Sul*, 22/02/1908.

³³⁰ *Echo do Sul*, 25/02/1908.

³³¹ Durante as temporadas de 1907 e 1908, a Villa Sequeira passou por problemas financeiros em decorrência da falta de veranistas. Atribuímos esta queda de frequentadores ao desenvolvimento de outras praias situadas no Rio Grande do Sul e a falta de investimentos no balneário que ficava abandonado a maior parte do ano. Cf. reportagens do *Echo do Sul*, anos de 1907 e 1908. Em loja especializada de Rio Grande já encontravam-se a venda um grande sortimento de cinematógrafos e acessórios importados da Europa, como os das marcas Pathé Frerés e Gaumont. Uma variedade de fitas de assuntos cômicos podiam ser adquiridas, inéditas no país, era o que garantia a publicidade. *Echo do Sul*, 12/02/1908.

prometia a abertura de avenidas, ruas abertas e arborizadas, luz elétrica, abundância de água, um pomar, hotéis, praças e uma nova estação ferroviária. A nova empresa do Casino, em sua publicidade possuía uma estratégia de marketing, elogiando e colocando Rio Grande em um patamar elevado de cidade com um futuro promissor. O pagamento deveria ser realizado da seguinte forma: 50% do valor no ato da compra e o restante poderia ser parcelado em até doze meses, sem juros. A promessa de bom negócio circulava nos periódicos, com a garantia da empresa de que o valor dos lotes duplicaria em poucos anos.

*Todos podem comprar. Comprar um lote ali é assegurar uma cômoda vivenda. O Rio Grande acorda. Seu grande porto a todos admira, a construção de suas cloacas, suas importantíssimas fábricas e indústrias [...] trazendo-lhes o maior e mais próspero bem estar. A empresa do Casino dando conta permanente deste estado florescente do Rio Grande tem o propósito de introduzir novas obras no hotel balneário, instalar uma oficina elétrica, aparelhos telefônicos, uma câmara frigorífica e uma ampla lavanderia no hotel, abrir novos poços, além de realizar o plantio de árvores frutíferas, a construção de um edifício, estabelecer um local para os banhos tépidos e incentivar os jogos entre meninos, senhoritas e cavalheiros. A empresa fundou um banco construtor pensando no próspero futuro do balneário, pois só a ele dedicará o seu capital*³³².

Os adeptos do Cassino fundaram na temporada de 1914 uma pequena sociedade denominada de "República Cassinense"³³³, organizavam bailes, saraus, concertos, eventos beneficentes e jogos recreativos. Um sarau movimentou o veraneio pela imponência e o esplêndido aspecto dos salões do hotel Casino. As salas foram iluminadas com luz elétrica e *belamente ornamentadas ao tom faceto e policromo das ricas toilettes das exmas. senhorinhas que emprestavam a festa os encantos de sua alegria e as fragrâncias de seu espírito*³³⁴.

Durante as temporadas de 1914 a 1917, o hotel Casino esteve sob o comando de Antônio Giacoletto, proprietário do hotel Paris localizado na cidade de Rio Grande que arrendara o estabelecimento. No período citado a estação de banhos fora comprada pela Empresa Balnear e Industrial Villa Sequeira de propriedade de Francisco Fonteciella, que tinha negócios em Montevideu e ao adquirir o estabelecimento balnear instalou uma usina

³³² Rio Grande, 02/01/1914.

³³³ Rio Grande, 20/01/1914.

³³⁴ Rio Grande, 03/02/1914.

elétrica com motor comprada na capital uruguaia, realizou melhorias nas instalações do hotel e restaurante Casino.

Inauguração da temporada balnear de 1916/1917 será no dia 17/12/1916. Importantes melhoramentos foram introduzidos em todos os estabelecimentos da empresa, como sejam a divisão dos antigos quartos do hotel em apartamentos com 5 cômodos e serviço de esgotos com latrina independente, luz elétrica, água encanada e telefone. Estes apartamentos são destinados as famílias e alugam-se mobiliadas aos preços de 635\$000, 735\$000, 835\$000 e 935\$000 pela temporada de dezembro a abril, excluídas as roupas de serviços e os colchões que os veranistas devem trazer. Além dos apartamentos que são em nº de 34, existem quartos para solteiros que também se alugam nas mesmas condições ou com todo o serviço de quartos. O Sr. Antônio Giacoletto que arrendou o restaurante do Casino, os salões de divertimentos e quartos acha-se habilitado a servir sua freguesia proporcionando todas as acomodações e distrações. Durante a temporada correrão sete trens entre a Villa e Rio Grande. Havendo trens de combinação com os de Bagé. Em tais condições a empresa conta merecer com o apoio do público, tanto daqueles que precisam retemperar a saúde com os banhos de mar como dos que desejam repouso ou divertimentos e a preços excepcionalmente baratos como em nenhuma outra parte se encontra. A empresa venderá terrenos a vontade do comprador com pagamentos a vista ou a prazo, encarregando-se da construção dos chalets e também venderá, no decorrer da estação os apartamentos do antigo hotel. Para pedidos e informações dirija-se ao hotel Paris - Rio Grande ou Empresa Balnear e Industrial Villa Sequeira (Casino) - Rio Grande do Sul. *Echo do Sul*, 12/12/1916.

Figura 78 – Anúncio no *Echo do Sul*, 12/12/1916.

No dia 04 de julho de 1913, o Coronel Augusto Cezar de Leivas vendeu ao Dr. Francisco Fonteciella todos os imóveis, semoventes, móveis, direitos, privilégios e concessões na Villa Sequeira pela quantia de Rs. 250:000\$000. O pagamento deveria ser realizado em duas prestações em prazo de um ano, o que não ocorreu, pois o comprador pagou a primeira prestação e prorrogou o pagamento da segunda parcela, não a realizando até o ano de 1916, o que levou o Coronel Leivas a entrar com um processo contra o comprador, solicitando a retomada do Casino. O processo transcorreu até o ano de 1919, quando em 13 de janeiro de 1919, o Juiz da Comarca de Rio Grande, Dr. João Baptista Gonçalves deu ganho de causa ao Coronel Leivas³³⁵.

³³⁵ Ação ordinária. Autor o Dr. Francisco Giampietro. Réus o Coronel Augusto Cesar de Leivas e sua esposa. Razões dos réus pelos advogados Drs. Carlos Ferreira Ramos e Pedro de Mello Carvalho. Sentença do Dr. Juiz de Comarca e manifestações da imprensa. Rio Grande, 24 de dezembro de 1918.

O processo durou quatro anos e enquanto ele corria na justiça, a Villa Sequeira tentava manter-se como um balneário atrativo para a população rio-grandina e cidades vizinhas. Não havia mais a preocupação por parte de seus administradores em atrair apenas as elites locais, no momento a prioridade era manter as portas abertas do empreendimento, não importando quem fossem seus frequentadores. As modificações estabelecidas por Fontecielle e Giacoletto nas instalações do hotel, em seus salões de baile e jogos e no restaurante com cardápio renovado trouxeram turistas para a praia de banhos.

Para manter em funcionamento e visando o lucro sobre o empreendimento balnear, a Empresa Balnear e Industrial da Villa Sequeira voltou a arrendar o estabelecimento. Fez anúncios durante duas semanas no *Echo do Sul* e no *Diário do Rio Grande*, chamando interessados para gerenciar o negócio.

A mais bela praia balneária do Oceano Atlântico.

Hotel Casino - Arrenda-se o hotel Casino na Villa Sequeira com suas dependências, salas de diversões, jogos, teatro, máquina cinematográfica, quarenta e dois magníficos quartos servidos com esgotos a W.C. patente. Uma usina elétrica com grande motor Diesel e instalações ramificadas pelos novos apartamentos, pelas casas, pelos chalets e ruas, hidráulica e serviço de esgotos com seus respectivos contratos, setenta e quatro barracas de banho com privilégio de 3 mil metros de costa, linha de bondes de animais, potreiro para animais a pastoreio e casa para açougue, seção de avicultura com instalações especiais e água encanada, vendendo-se as aves existentes, finalmente um armazém para negócios recentemente edificado na grande avenida com muita arborização ao lado da instalação de bar. Vende-se o mobiliário existente que no fim do prazo do contrato o proprietário atual se obriga a comprar pelo seu justo valor. O arrendamento será sob contrato com a garantia de quatro anos com preferência na continuação. Apresentar propostas no dia 29 de abril de 1917 na Villa Sequeira onde fornecerão desde já as informações precisas. O hotel Casino de novo funcionará a preços reduzidos. *Echo do Sul*, 10/04/1917.

Figura 79 – Anúncio para arrendamento do Hotel Casino. *Echo do Sul*, 10/04/1917.

O aumento do número de trens e as tarifas mais baixas, a facilidade de pagamento dos lotes de terrenos e a diminuição dos valores do aluguel dos quartos do hotel e das casas mobiliadas foram atrativos àqueles que procuraram na Villa Sequeira um local para veranejar.

O comércio da cidade de Rio Grande nos meses de verão transformava-se devido ao aumento das vendas de produtos destinados aos banhos de mar. Os magazines e lojas de

vestuário, as farmácias e boticas ofereciam gorros, tocas, sapatos, luvas, loções, sabonetes, unguentos, entre outros tantos "badulaques".

<p>Au Palais Royal - Banhos de mar</p> <p>Roupas para homens, senhoras e crianças; sapatos, toalhas, saídas de banho e outros artigos para esse uso; encontra-se grande sortimento e a preços sem competência. <i>Rio Grande</i>, 06/01/1914.</p>	<p>O chic de Paris</p> <p>Especialmente todos os artigos de verão. Para os banhos de mar excelentes toalhas de Paris. <i>Rio Grande</i>, 09/02/1914.</p>
<p>Armazéns Ramallete. Grandes saldos em todos os artigos de verão. Gorros e sapatos para Sras. e senhorinhas para a hora do banho de mar. <i>Rio Grande</i>, 29/01/1916.</p>	<p>Dr. Francisco Giampietro - Médico uruguaio. Veraneando no Casino. Consultas na Villa Sequeira. Agendar no hotel Casino. <i>Rio Grande</i>, 14/01/1916.</p>
<p>Bazar Francês</p> <p>Roupas e artigos para verão. Bolsas, toalhas e sapatos de lona para praia. Artigos importados de Paris. <i>Echo do Sul</i>, 08/01/1918.</p>	<p>Dr. Francis Valentim - Livre Docente da Universidade de Berne - Especialista das moléstias de ouvidos, garganta e nariz. Tratamento marítimo. Veraneando no Casino. Dá consultas nas quartas e sábados das 10 as 12h e das 18 as 21 horas. Casa n. 2. Villa Sequeira. <i>Echo do Sul</i>, 17/01/1917.</p>

Figura 80 – Anúncios em *Echo do Sul* e *Rio Grande*, anos diversos.

Nos informes publicitários encontramos também anúncios de médicos oferecendo seus serviços, geralmente no período de verão atendendo na Villa Sequeira e oferecendo tratamento terapêutico na praia da Mangueira. Os periódicos informavam a seus leitores os benefícios da vida marinha, atribuindo aos banhos de mar e as caminhadas a beira mar a melhora da saúde debilitada. Observamos que entre os meses de dezembro a março eram constantes as notícias publicadas sobre os banhos de mar e seus benefícios para a saúde. Notamos que o médico uruguaio Francisco Giampietro foi o autor da ação contra o Coronel Leivas sobre a "venda do Casino". O doutor era o procurador de Fonteciella que encontrava-se a maior parte do tempo em Montevideu, onde residia.

Figura 81 - A conhecida "Quinta do Leandro" de propriedade de Joaquim Alves e gerenciado por João Francisco Leite tornou-se uma pensão na Villa Sequeira. Não possuía a estrutura do hotel Casino, e atendia mais rapazes do que famílias devido as pequenas instalações. Já no início da década de 1920, após reformas em suas acomodações passou a receber famílias e anunciava no *Echo do Sul* a contratação de *um hábil profissional na arte culinária que acha-se em condições de atender ao mais exigente freguês*. Os valores de suas diárias eram reduzidos, atraindo muitos turistas. *Echo do Sul*, 10/12/1916 e em 23/02/1921.

No período de disputas pelo controle do balneário, veranistas tentavam a "todo custo" manter em funcionamento a estação balnear. Para eles, a Villa Sequeira representava um local de diversão e descanso, uma praia "familiar" e um tanto "bucólica". O entusiasmo destes turistas fez movimentar as temporadas de 1916 a 1919, podemos notar um grande número de eventos sociais, bailes, jantares dançantes, quermesses, piqueniques, corridas a pé e a cavalo na praia e partidas de futebol. A "República Cassinense" não desistiu do Casino, como eles próprios anunciavam aos repórteres do *Echo do Sul*.

Através da cobertura realizada pelo *Echo do Sul* conseguimos acompanhar a vida cotidiana do balneário. A "crônica cassinense" assinada por "Periscópio" circulava até cinco dias por semana durante o veraneio, descrevendo situações e acontecimentos, alguns cômicos outros nem tanto, detalhando os eventos, citando nomes de veranistas, criticando a administração do Casino e o estado dos trens. Reproduzimos um trecho da crônica do dia 09 de janeiro de 1918,

Nestes últimos dias temos tido no Casino chuva a faltar, mas chuva irritante e que chega a nos fazer pensar numa season estafante e semsaborona. Tudo molhado! Terreno úmido e desolador. Com esse tempo, a oscilar entre um raio de sol e uma gota de chuva é quase impossível fazer-se reportagem mundana porque os elegantes se

*deixam ficar em casa, resguardando a vontade nas suas pijamas frescas e as elegantes, por seu turno conservam-se nos seus aposentos privados, no gozo delicioso da leitura dos últimos figurinos chegados de Paris e Londres, onde escolhem os seus vestidos e os seus chapéus para o próximo em que devem descer, isto é, ir a cidade ou mais elegantemente ir a urbs. O repórter lê Balzac e recorda-se que toda a sociedade moderna foi inventada por Balzac. Assim como Shakespeare deu um balanço moral no mundo no tempo de Elizabeth, Balzac criou os elegantes, os financeiros sem vintém, os moços bonitos [...]*³³⁶.

No ano de 1918 a cidade de Rio Grande foi assolada pela gripe espanhola, a enfermidade deixou centenas de mortes e uma população apreensiva que passou a cobrar das autoridades melhorias em relação à higiene das avenidas, ruas e praças, a coleta das águas servidas e dos detritos residenciais, o cuidado com a água para consumo e o aumento do número de leitos nos hospitais do município.

A Empresa Balnear e industrial da Villa Sequeira anunciou à população rio-grandina as vantagens de veraneiar no Casino para a recuperação dos enfermos acometidos pela gripe. Lembrava a população que *o ar provindo do mar era puro e reestabelecia as forças ao organismo perdidas pela doença, devolvendo a cor a face e a vontade de viver*³³⁷. A Empresa também fez referência ao "leite do Casino", caracterizando-o como "especial, garantido e puro" e *o mais especial por ser de vacas gordas da raça Jersey que alimentam-se do pasto na Villa Sequeira e respiram o ar marítimo*³³⁸. O apelo era grande por parte da empresa balnear para atrair turistas.

Com o passar do tempo, a vida em Rio Grande começou a retornar à normalidade e as reivindicações da população foram sendo esquecidas. Notamos isso devido às inúmeras reclamações publicadas no *Echo do Sul* e no *Rio Grande* no ano de 1919. No entanto, no Casino, a temporada superou as expectativas de seus frequentadores. Ali eles encontraram comodidades, ruas limpas, na Avenida havia a presença de canteiros de flores e nos camarotes, os espelhos e bancos foram trocados por novos, além do aumento do número de salva-vidas e bondes encarregados do transporte dos banhistas até a beira mar. Foram abertas casas de comércio e um grande armazém que passou a fornecer uma variedade de produtos aos veranistas. O *bar* Casino do Hilário Gomes,

³³⁶ *Echo do Sul*, 09/01/1918.

³³⁷ *Echo do Sul*, 17/02/1919.

³³⁸ *Echo do Sul*, 28/02/1919.

*não teme a concorrência pelo enorme estoque de mercadorias que possui e pelos preços de venda. As exmas. famílias que veraneiam na majestosa praia do Casino quando ali seguirem não precisam levar mantimentos, pois no armazém de Hilário Gomes tudo encontrarão a preços do Rio Grande. No baar do armazém Casino serve-se café simples e com leite e bebidas da estação*³³⁹.

Figura 82 - Este armazém estava localizado na Avenida Rio Grande, próximo ao hotel Casino. Fora construído pela Empresa Balnear e Industrial Villa Sequeira com o objetivo de atender o público que passava o veraneio na estação de banhos, facilitando a estadia, pois muitos tinham de ir até a cidade para a compra de alimentos, bebidas e outros itens de consumo. *A Semana Elegante. Revista Ilustrada*. Rio Grande, 14 de dezembro de 1919. nº 17.

Com a venda dos lotes de terrenos na Villa Sequeira e a facilidade dada pela Empresa na construção de casas, alguns proprietários passaram a alugar seus imóveis para a temporada de veraneio, o que se tornou uma prática comum ao longo dos anos. Outros proprietários colocaram seus imóveis a venda, abrindo espaço para a atividade imobiliária no balneário. Na época outra prática frequente para a comercialização de terrenos e casas eram os leilões. Frequentes na estação balnear e foram conduzidos por muitos anos pelo leiloeiro Armando Braz de Miranda.

Novamente de posse do Casino, o Coronel Leivas e sua esposa decidiram construir na Costa da Mangueira uma escola devido ao aumento do número de moradores permanentes,

³³⁹ *Echo do Sul*, 03/01/1920.

que residiam o ano todo no local. Algumas pessoas da sociedade não possuindo uma saúde "forte" acabavam por permanecer com familiares na Villa Sequeira após o término da estação. E a venda de terrenos a preços populares trouxe consigo mais habitantes. Além dos funcionários da Empresa, moradores fixos do balneário, alguns permaneciam ali durante o ano em companhia da família e funcionários contratados por alguns particulares para a manutenção da limpeza de suas residências, cuidados com o jardim e tomar conta da segurança do imóvel. Nesta época eram comuns os assaltos a residências e aos turistas à noite.

*Na Mangueira - O que ali está acontecendo reclama providências urgentes. Chegam-nos repetidas cartas de fatos anormais que estão acontecendo na Mangueira, 2º Distrito deste município. Vários indivíduos desconhecido tentando arrombar portas, certamente com o intuito do roubo, obrigando assim os moradores do local a montar guarita lá a noite para defenderem suas propriedades. A população anda alarmada e pede garantias*³⁴⁰.

*Série de pequenos furtos no Casino é enorme. Chamam a atenção do Sr. Major Pedro Costa. Certos que providenciará aumento da polícia na Costa da Mangueira*³⁴¹.

Figura 83 - Anúncios de aluguel de *chalets* no Casino para a temporada balnear de 1916/1917. *Echo do Sul*, 20/01/1916.

³⁴⁰ *Echo do Sul*, 13/03/1916.

³⁴¹ *Echo do Sul*, 05/02/1918.

Chalet - Aluga-se no Casino, mobiliado com sala, três quartos, varanda, despensa, cozinha e algibe. Trata-se com Pedro Sassone no Casino. *Echo do Sul*, 07/01/1916.

Casino - Aluga-se uma casa mobiliada. Trata-se na Pharmacia Universal a rua 20 de fevereiro, esquina Zalonga. *Echo do Sul*, 10/01/1916.

Chalet no Casino - Aluga-se todo mobiliado com cômodos para regular família, há duas quadras da gare da estação. Informações pelo fone do Sr. Alfredo Silveira na mesma Villa. *Echo do Sul*, 08/01/1917.

Casa no Casino - Vende-se por preço muito conveniente uma do quadro completamente limpa com móveis. Tratar com o corretor Otaviano Leivas a rua Benjamin Constant n. 09. *Echo do Sul*, 25/02/1918.

Leilões - No Casino de um magnífico chalet de material de sólida construção, madeiramento de lei, com alpendre, gradeamento de madeira, venezianas e boas acomodações. Edificado em esplêndido terreno de esquina com 50 metros e fundo. Terça, 14/01 as 18 horas. O leiloeiro Armando Braz de Miranda. *Echo do Sul*, 09/01/1909.

Chalet no Casino - Aluga-se o chalet que pertenceu ao Sr. Caetano Annella sito na Avenida Rio Grande. Tratar no escritório da Empresa Territorial e Construtora do Casino. Rua Marechal Floriano n. 214. *Echo do Sul*, 11/02/1921.

Figura 84 – Anúncios em *Echo do Sul*, anos diversos.

Em 30/06/1919, o Coronel Leivas vendeu para a Sociedade Anônima Companhia Balnear Atlântica o Casino. Em Ata da Assembleia Geral da Companhia de 31/01/1923, a empresa passou a deter o controle do balneário e uma das primeiras alterações foi a mudança de nome do hotel Casino para Atlântico, sendo utilizado até os dias atuais.

Com a aquisição do Casino e o crescente aumento de turistas para o balneário, a Companhia Balnear Atlântica viu a necessidade de realizar melhorias na estrada que ligava a costa a Rio Grande. Era de extrema importância que as obras de pavimentação e de construção de novas pontes sobre os arroios Martins e Vieira, nas localidades do Bolaxa e Senandes tivessem início.

Os problemas enfrentados pelo transporte eram frequentes. Os trens não davam conta do grande número de veranistas, além de encontrarem-se sucateados, necessitando de manutenção constante, um serviço muito oneroso para a Companhia. As reclamações dos passageiros tornaram-se constante nos periódicos. Locomotivas quebradas, trens "imundos", atraso nos horários, alteração de horário de partidas da cidade e retorno do Casino sem aviso prévio acabaram por incentivar a Companhia Balnear, a Prefeitura de Rio Grande e a

Sociedade Rio Grandense de Estradas de Rodagem na ampliação e pavimentação da estrada Rio Grande-Costa do Mar.

As obras iniciaram no ano de 1924, sendo,

uma velha aspiração dos que desejam o desenvolvimento da belíssima praia de banhos do Casino, como ponto de reunião que é, no verão, não só da nossa população como da de Pelotas, de Porto Alegre e de outras cidades, a construção dessa estrada muito concorreria tanto para o progresso daquele aprazível local, como para dotar a nossa cidade de um arrabalde facilmente acessível pelo meio mais rápido e cômodo e, hoje em dia, ao alcance geral: o automóvel. As obras já foram iniciadas, a parte dessa estrada compreendida entre o cemitério e a estação do Parque³⁴².

Figura 85 - Provável ponte sobre o arroio do Bolaxa. O transporte sobre rodas passaria a fazer parte do cotidiano dos riograndinos, rivalizando com os trilhos do trem.

Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

Segundo Fortunato Pimentel em sua obra *Aspectos gerais do município de Rio Grande*, a auto estrada Rio Grande Casino era magnífica, com extensão total de 18km e *construída de acordo com a técnica moderna*³⁴³. Os reparos realizados nas pontes do Bolaxa e

³⁴² Relatório do Eng.º João Fernandes Moreira (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1925 e correspondente ao período de 1º de julho de 1924 a 30 de junho de 1925. Rio Grande: Oficinas a eletricidade do Rio Grande, 1925, p. 38-39.

³⁴³ PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais do Município de Rio Grande*. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944, p. 266.

Senandes satisfizeram a expectativa dos transeuntes, devido a sua utilidade, garantindo o tráfego, principalmente no inverno, de automóveis e caminhões. A execução das obras das pontes deu-se pela Sociedade Rio Grandense de Estradas de Rodagem, sendo levantada sobre estacas de madeira de lei e o estrado de cimento armado bem como as alas e as cortinas que resguardavam as estacas da erosão das águas dos arroios.

Figura 86 - A ida ao balneário de automóvel foi comemorada pelos veranistas. Muitos faziam questão de se dirigirem a praia de banhos em seus veículos para a ostentação de seus bens. Lá chegando andavam pela Avenida Rio Grande mostrando-se, cumprimentando os passeantes entre risos e conversas.

Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

Segundo a própria Sociedade, a maior dificuldade para o término das obras da auto estrada encontrava-se na falta de material fornecido pelo Companhia Americana, atrasando a entrega desta "magnífica obra de engenharia" à população rio-grandina. O aumento de automóveis duplicou nas temporadas de 1925/1926 para o Casino. Muitas famílias passaram a utilizar seus próprios veículos, deixando de locomover-se para a estação balnear pelos trilhos do trem.

Estrada do Casino - Prosseguiram os trabalhos da construção dessa estrada, na sua parte inicial, o trecho compreendido entre o edifício da Fábrica União Fabril e o Parque Riograndense. Em 31 de dezembro de 1925 ficaram prontos 1000 metros com largura de 6 metros, sendo o terreno respectivo consolidado com uma mistura de saibro e pedra britada vinda da Pedreira do Estado no Capão do Leão. O trecho pronto mostrará as comodidades que oferecerá ao público quando pronta essa importante via de acesso ao balneário. *Relatório do Engº. João Fernandes Moreira (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1926 e correspondente ao período de 1º de julho de 1925 a 30 de junho de 1926.* Rio Grande: Oficinas a eletricidade do Rio Grande, 1926.

No 2º Distrito da Mangueira, completando o serviço de construção da estrada de rodagem até a praia do balneário fizemos a colocação de cordões de granito para os passeios laterais na Avenida Rio Grande desde a estação ferroviária e também a formação de um refúgio central, convenientemente arborizado, tendo custado este serviço Rs. 24:800\$600. A fim de estabilizar a areia nas proximidades da praia fizemos plantar em terreno previamente cercado grande quantidade de cedro e lomba verde despendendo Rs. 3:443\$300. Fizemos ainda instalar 20 lâmpadas elétricas e 50 velas com o que aplicamos, inclusive o consumo de 3 meses, Rs. 2:920\$000. Na reparação do edifício, móveis e estrebaria do posto policial, Rs. 2:167\$770. *Relatório do Engº Civil Antônio Rocha de Meirelles Leite (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1929 e correspondente ao período de 1º de julho de 1928 a 30 de junho de 1929.* Rio Grande: Oficinas a eletricidade do Rio Grande, 1929.

Figura 87 – Trechos de relatórios de intendentess referentes à construção da estrada. *Relatórios de intendentess, anos diversos.*

Mesmo enfrentando problemas relacionados ao transporte para a Costa da Mangueira, o balneário mantinha sua fama de praia de divertimentos e lazeres. Na localidade as festividades aconteciam no hotel, em residências de particulares e na praia. No veraneio de 1920 as corridas de cavalo foram o ponto alto da estação. O Derby Club de Pelotas realizou diversos páreos nas areias da praia e seus corredores eram pessoas de renome nas cidades de Rio Grande e Pelotas. Alguns desafios envolviam os jockeys representando algumas localidades de Rio Grande. Por exemplo, os "parelheiros" do Bolaxa corriam contra os do Senandes.

A concorrência era grande para assistir as corridas e a praia do Casino encontrava-se cheia nestes eventos, geralmente realizados aos domingos. Segundo o *Echo do Sul*,

*os três páreos que se compunha a magnífica festa hípica foram disputados com ardor pelos parceiros inscritos, correndo muito animado o jogo da poule. Primeiros lugares os animais: Sancy (1º páreo), Mercúrio (2º páreo) e Dulcinéia (3º páreo)*³⁴⁴.

Figura 88 - A imagem mostra veranistas à beira do mar. Enquanto alguns banhistas tomavam seus banhos outros apreciavam a vista em uma caminhada pela praia. A *Semana Elegante. Revista Ilustrada*. Rio Grande, 29 de março de 1919. n. 3.

Aproveitando o movimento na beira mar, Hilário Gomes instalou uma barraca para a venda de frios e bebidas na praia. Podemos creditar a ele o início dos quiosques na praia no balneário.

³⁴⁴ *Echo do Sul*, 09/02/1920.

Figura 89 - Aspecto dos quiosques instalados na praia do Casino. Provável final da década de 1920. Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande.

Tornou-se comum no balneário nas décadas de 1920-30, um grupo de veranistas reunirem-se na Avenida Rio Grande e saírem pelas ruas principais da estação em conversas animadas, cantorias e até executando serenatas na frente das residências. O grupo ficou conhecido como os "assaltantes", pois invadiam as residências promovendo danças com direito a música. Na residência da família Nieckele os "assaltantes" foram

*gentilmente recebidos dançando-se alegremente até as cinco horas da manhã. O chalet da família estava lindamente ornamentado com profusa iluminação de balões venezianos que lhe davam um belo efeito. A galante menina Rosina Araújo declamou com graça e sentimento diversas poesias pelo que recebeu muitas palmas. Tocou a orquestra da Empresa Balnear Atlântica*³⁴⁵.

Por ocasião dos "movimentadíssimos" domingos, os banhos de mar eram disputados pelos banhistas "a tapas". Muitos deles discutiam pela falta de camarotes e barracas a beira mar, e os funcionários da Companhia Balnear geralmente eram obrigados a apartarem os mais afoitos. Na beira mar os veranistas encontravam-se e ali exerciam a sociabilidade através de conversas, passeios a pé e a cavalo a beira mar e praticando a natação. Segundo Renato Antonio Vasquez, arrendatário do hotel Casino para a temporada de 1926, o espaço da praia restabelecia a saúde do corpo e do espírito com os ares "tonificantes" do mar, trazendo a seus frequentadores uma alegria sadia³⁴⁶.

³⁴⁵ *Echo do Sul*, 04/03/1925.

³⁴⁶ *Echo do Sul*, 20/01/1926.

Figura 90 - Publicidade sobre programação de carnaval na Villa Sequeira em 1920. *Echo do Sul*, 11/02/1920.

Figura 91 - Anúncio publicitário do hotel Casino. *Echo do Sul*, 30/01/1920.

Para fugir do calor do verão na cidade, os veranistas recorriam a praia do Casino a fim de se refrescarem e desfrutarem dos banhos de mar. Pelas manhãs e tardes os trens chegavam lotados no balneário, desembarcando ali "pessoas animadas" em busca de diversão, seja um *lunch* a meia noite, carnaval na Avenida Rio Grande com banda do "Braço a braço" ou "Estrela do Oriente", convescote animado no hotel ou um verdadeiro churrasco gaúcho preparado nos belos jardins do hotel Atlântico. Os trens chegavam a transportar setecentas pessoas em dias de domingo, muitos dirigiam-se a praia e outros refugiavam-se nos salões do hotel Casino, onde podiam saborear um cardápio preparado por "chef" internacional.

E assim o balneário seguia o seu principal objetivo desde sua fundação, promover o lazer para seus frequentadores que ali naquela imensidão de praia buscavam seu lugar ao sol e o encontravam.

Figura 92 - Grupo de veranistas na praia do Casino. Podemos notar a animação dos banhistas. Era comum na época carroças puxadas por cavalos levarem banhistas até a beira mar. E o aluguel deste transporte tornou-se uma fonte de renda para os moradores "fixos" do balneário. Provável década de 1930. Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

O movimento constante de banhistas na praia trouxe consequências negativas pela imprudência de alguns banhistas: tornaram-se comuns os casos de afogamento, alguns casos

levando a óbito. A empresa contratava como salva-vidas rapazes da equipe de natação do Grêmio Náutico Almirante Barroso de Rio Grande para a atividade e eles acabaram tornando-se uma atração a mais na praia, pois mocinhas e senhoritas permaneciam no local por longo tempo e também houve casos de falsos afogamentos por parte das mesmas para serem salvas pelos "exímios nadadores". O mar do Casino possuía grande arrebentação e suas ondas "carregavam" os banhistas despreparados. Avisos para cuidado na hora dos banhos tornaram-se recorrentes por parte da administração da estação balnear.

Viação Férrea do Rio Grande do Sul	
AVISO	
Faço publico que, a partir do dia 12 do corrente, entram em vigor no Ramal da Beira Mar os seguintes horários:	
Partida da Maritima ás	7.45, 14.15, 17.00, 19.30
Partida Rio Grande "Central" ás	5.30, 8.15, 14.25, 17.10, 19.40
Partida Beira Mar ás	6.37, 9.07, 15.45, 18.12, 22.30
Partida Villa Sequeira ás	6.44, 9.11, 15.50, 18.16, 22.35
Chegada Beira Mar ás	8.53, 15.15, 18.04, 20.31
Chegada em Villa Sequeira ás	6.18, 8.40, 15.11, 8.00, 20.26
Chegada Rio Grande "Central" ás	7.27, 9.53, 16.36, 19.00, 23.21
Chegada Maritima ás	7.36, 10.02, 16.40, 19.10, 23.31
O trem que parte da Maritima ás 17.00 espera em Juncção o trem P 15 Bagé.	
Escritorio da Directoria, 9 de Janeiro de 1920.	
Assig. M. Castiau.	
2-1	

Figura 93 - Horários dos trens para a temporada de 1920.
Echo do Sul, 06/01/1920.

As temporadas balneares da década de 1930 trouxeram aos salões de baile do hotel Atlântico mais uma vez as *soirées* dançantes que adentravam a madrugada e atraíam casais e solteiros para o evento. Pessoas conhecidas de Bagé e Jaguarão encontravam-se no Casino neste período desfrutando dos banhos. Os aspectos sociais dos veraneios eram descritos em colunas sociais do *Echo do Sul*. No periódico conseguimos informações sobre os acontecimentos e quem eram os frequentadores da Villa Sequeira. Podemos afirmar que ilustres rio-grandinos figuravam pela Avenida Rio Grande e ofereciam seus *chalets* para reuniões dançantes, piqueniques e churrascos.

Nesta década, uma linha de ônibus passou a fazer o transporte de passageiros de Rio Grande para o Casino. Foi noticiado no *Echo do Sul* o itinerário e os horários dos veículos.

Era intensa a procura por este meio de locomoção, mais barato que o trem. O proprietário João Ferreira dos Santos "comemorava" o investimento no negócio.

Figura 94 - A implantação de uma linha de ônibus para o balneário Casino levou maior número de turistas para o local. Atribuímos o movimento ao baixo valor cobrado pelo transporte. Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

Figura 95 - Horário dos ônibus para o Casino. *Echo do Sul*, 11/01/1934.

Segundo Eurípedes Vieira Falcão, a Villa Sequeira nas décadas de 1940 e 1950 possuía uma colônia de pescadores de baixa renda e com ativa produção familiar, constituindo-se em núcleo de moradores "fixos" que ali exerciam suas atividades profissionais. Nesta época, era comum as construções de casebres nos terrenos de marinha, aumentando a população no local e indiretamente transformando a paisagem da orla do balneário. No espaço balnear podiam ser vistos os opulentos *chalets* e suas flamejantes bandeiras e próximo a eles pequenas construções que abrigavam famílias migrantes por não conseguirem moradia na cidade pelos valores praticados³⁴⁷. Nesta época foi instalada a energia elétrica no balneário e as obras para melhorias no abastecimento de água estavam adiantadas.

Com o objetivo de projetar o Casino em âmbito nacional e trazer novamente os veranistas gaúchos para a vilegiatura marítima na Costa da Mangureira, a municipalidade contratou o arquiteto gaúcho Luiz Arthur Ubatuba de Faria para um projeto de urbanização do balneário, e um estudo de caso foi realizado e o local redesenhado. Para tanto, o arquiteto

³⁴⁷ RANGEL, Susana Regina Salum e VIEIRA, Eurípedes Falcão. Comportamento demográfico da população Rio-Grandina. Período 1940-1991. *Revista Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 1997.

realizou uma pesquisa sobre os hábitos dos moradores de Rio Grande e de frequentadores do balneário para conhecer as pessoas que ali passavam os verões. Em seu projeto encontramos campos para as práticas esportivas, rodoviária, aeroporto, restaurantes, praças, parques arborizados, hipódromo, prédios, casas de banhos a beira mar e alinhamento de ruas. Ubatuba de Faria, acostumado aos balneários gaúchos, elaborou um projeto ousado e moderno, mantendo como critérios a questão econômica da região e de seus habitantes. Ao referir-se a área urbana do Casino dividiu-a em terrenos de alto, médio e baixo valor e fez questão de criar parques para as "massas populares". O novo plano de urbanização do Casino foi *inspirado, concebido e projetado de forma eminentemente social, prática e exequível*³⁴⁸. Lembramos que o plano de Ubatuba de Faria não saiu do papel.

Na década de 1950 o balneário ganhou muitos loteamentos a preços populares, atraindo moradores para o Casino de baixa renda. Os descendentes do Coronel Augusto Cezar de Leivas contrataram a Comercial e Construtora América S.A., empresa de Pelotas, para reformular o traçado de algumas ruas e o projeto paisagístico de 11.188 lotes foi aprovado. Os loteamentos só não poderiam abranger os terrenos de Marinha, pois a Prefeitura de Rio Grande excluiu tais áreas, entendendo que elas pertenciam ao Patrimônio de Domínio da União, passando o município a administrá-las. Atualmente nestes terrenos encontra-se o ABC - Autarquia do Balneário Cassino.

Na temporada de 1951 um evento promovido pelo hotel Atlântico marcou o verão: a realização de um grande baile burlesco, considerado uma *avant premiere* do “reinado de Momo”. A festa reuniu a elite local, e o encontro foi embalado por marchinhas carnavalescas e sambas executados por *Nunes e Seus Rapazes*, um dos grupos musicais mais requisitados à época. Uma festa como esta era, normalmente, muito concorrida. Havia disputa pelos ingressos e reserva de mesas. Os horários dos trens que ligavam Rio Grande ao Balneário passavam a ser regulados pelo início e pelo término do baile, a fim que os que não possuíam residência no Cassino ou que não estavam hospedados no hotel pudessem retornar a cidade³⁴⁹.

A grande novidade criada no hotel Atlântico, em 1952, enquanto um novo espaço de sociabilidade foi o “Salão de Leitura”, lugar destinado ao cultivo daquele hábito, articulado ou não com outras atividades, como foi a exposição do pintor José de Francesco que teve lugar

³⁴⁸ UBATUBA DE FARIA, L.A.. *Casino: Plano de urbanização*. Projeto de L.A. Ubatuba de Faria. Município de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 1944.

³⁴⁹ *Echo do Sul*, 14/02/1894.

em 14 de fevereiro de 1952. E em função de um acordo entre o Centro Esportivo Balnear Atlântico e a Sociedade Amigos do Cassino, as atividades esportivas foram ampliadas com a construção de novas quadras para a prática do tênis, vôlei e do basquete, lugares estes que passaram a ser frequentados pelos hóspedes do Hotel e por aqueles que veraneavam no seu entorno.

O forte das atividades sociais, culturais e esportivas ocorria basicamente no período de veraneio. Neste ínterim, a programação das atividades também incluía sessões de cinema, reuniões dançantes, bailes infantis, além de eventos promovidos por empresas, sendo a Refinaria de Petróleo Ipiranga a mais assídua neste tipo de empreendimento, organizando almoços, jantares e homenagens. Os concursos de beleza e os desfiles de moda também motivaram a emergência de espaços, no salão de festas do hotel, para encontros, reuniões e confraternizações.

Figura 96 - O destaque são as barracas de lona, coloridas e listradas davam um charme a mais na paisagem da praia. Homem passeante perde seu olhar para a bela moça a se bronzear?! Década de 1950. Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

Uma das atividades clássicas e que mais ficou registrada na memória daqueles que frequentavam o Hotel Atlântico, foram às festas promovidas pela *Boite Chez Nous* que funcionava em seu interior. Podemos dizer que constituía o espaço de sociabilidade mais moderno, frequentado principalmente por jovens, que com suas práticas e atitudes passavam

ao largo das convenções da época, e segundo os comentários de um jornal do período, a “Boite era conhecida por suas esquisitices”³⁵⁰.

Figura 97 - Veranistas na praia do Casino. Década de 1950. A fotografia foi tirada por alguém localizado nos camarotes para a troca de roupas. Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

A Avenida Rio Grande, devido a sua localização central e a brisa marinha que favorecia sua *ambiência*, levava um grande número de pessoas a *desfilar, para se refrescar, distrair, se exhibir, namorar ou simplesmente deixar o tempo passar. Aos domingos, principalmente, o movimento era intenso*³⁵¹.

A colunista Zicil narra às festas, os bailes, os passeios pela Avenida, os flertes e os namoros, usando a linguagem própria do período, o que incluía gírias específicas àqueles tipos característicos de eventos sociais, tais como: *melindrosa, faceira, casal 20, taradinho, cabo informador, A Turma Chic, amizade americana, Papai Pernilongo e sua Protegida, Cassino-Beach, casal mais, veranista mais, etc*³⁵².

³⁵⁰ Rio Grande, janeiro/1952.

³⁵¹ SANTUCCI, Jane. *Os pavilhões do passeio público. Teatro Casino e Casino Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005, p. 23.

³⁵² Rio Grande, as referências foram publicadas entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 1958.

As atividades promovidas pelo hotel ganhavam destaque nas crônicas, que fazia a publicidade em torno dos bailes e festas, divulgando-os, para depois descrevê-los, dando destaque para o comportamento e os trajes usados pelos frequentadores do estabelecimento.

Ao longo da década de 1950, observamos que a estação balneária estava passando, na verdade, por algumas dificuldades, pois vinha sendo lembrada e frequentada nos períodos de veraneio, em função da prática dos banhos de mar, ficando praticamente abandonada durante as outras estações do ano.

Com a recorrência dos problemas, algumas pessoas, frequentadoras do balneário, sentiram a necessidade de criar um órgão que representasse o balneário, chamando a atenção da comunidade rio-grandina para o total abandono da praia. As primeiras iniciativas redundaram na realização de algumas reuniões e, pouco a pouco, se delineou a proposta de criação de uma Sociedade de Amigos para a melhoria da estação balnear.

Esse movimento resultou na fundação da Sociedade Amigos do Cassino (SAC), o que ocorreu no dia 13 de fevereiro de 1950³⁵³. A entidade nasceu, portanto, com o objetivo principal de promoção do Balneário Cassino, fazendo com que este viesse a ser conhecido a nível nacional, com capacidade de concorrer com outros balneários importantes.

A iniciativa de criação da entidade partiu de membros do Rotary Club de Rio Grande e de frequentadores da praia, tanto rio-grandinos como veranistas oriundos de Bagé, Pelotas, Porto Alegre, entre outros lugares. A base social da SAC era composta por pessoas de grande ascensão social, conforme os registros jornalísticos da época, com o propósito de mudar a imagem do balneário, que já não mantinha todo aquele *glamour* dos tempos passados.

A reunião de fundação aconteceu na praia do Cassino, no salão do Hotel Familiar e contava com a presença de homens determinados a cooperar para o progresso do Balneário. Muitos deles acabaram doando quantias de dinheiro próprias para iniciarem o projeto da Sociedade, outros encarregaram-se de levar objetos que pudessem para a futura sede que já começava a ser organizada.

Dessa forma a Sociedade Amigos do Casino tomou impulso. Na reunião seguinte, a diretoria já havia escolhido o Dr. Isnard Peixoto - presidente e o Sr. Eliu Araújo - secretário no biênio 50/52. Em discurso aos presentes na *1ª Sessão de propaganda*, no dia 27 de

³⁵³ ATA nº 1 da Reunião de Fundação da Sociedade Amigos do Cassino. Rio Grande: 13 de Fevereiro de 1950.

fevereiro de 1950, realizada no “*Salão de Leitura*” da Cia. Balnear Atlântica, Isnard Peixoto referiu-se a notável Sociedade como tendo por condição *precípua propugnar no sentido de estimular a ação particular e governamental a fim de que se possa estabelecer melhores condições de vida nesta aprazível localidade*³⁵⁴.

Durante esta mesma Sessão foi discutido o Cassino como “sala de visitas de Rio Grande” com sua situação privilegiada, seus encantos naturais e seus maravilhosos estabelecimentos hoteleiros, mas apesar de tantos fatores positivos estava repleto de aspectos negativos.

Partindo do ponto de vista que o balneário estava em plena decadência, ficou decidido que não faltariam esforços por parte da Sociedade, juntamente com o Poder Executivo Estadual para fomentar o desenvolvimento da “indústria turística” na cidade de Rio Grande.

Ao finalizar seu discurso o presidente Isnard Peixoto profere as palavras:

Que em condições tão propícias, o Cassino, precisamente o local mais acessível ao turismo uruguaio, com amparo do povo e com a ajuda dos governos poderá constituir, no futuro, uma cabeça de ponte para a introdução de forte corrente turística estrangeira no país.

No dia em que o Cassino contar com teatro, cinema, campos de desporto, logradouros públicos, ruas bem niveladas e agradavelmente verdejantes, além dos necessários melhoramentos urbanísticos, o comércio riograndino será o mais diretamente beneficiado.

Que, para atingir o desiderato, não se faz mistér sacrifício algum, antes pelo contrário, basta que o povo que se interessa pelo engrandecimento desta gléba continue, como até aqui entusiasticamente, a prestigiar à Sociedade Amigos do Cassino.

*O município do Rio Grande deve voltar a ocupar o mesmo lugar no concerto nacional conquistado pelos nossos esforçados homens do passado*³⁵⁵.

Apesar de ter surgido em 1950, as primeiras atividades da entidade como clube social só foram ocorrer no verão de 1952. Neste intervalo de tempo, a SAC buscou viabilizar uma sede, o que conseguiu, provisoriamente a partir de um acordo que estabeleceu com a Companhia Balnear Atlântica, proprietária do Hotel Atlântico. Por tal acordo, a SAC manteria a sua sede provisória no espaço da antiga *boite* do referido hotel e, em contrapartida, a entidade franquearia a sua praça de esportes aos hóspedes.

³⁵⁴ ATA nº 1 da 1ª Sessão de Propaganda da Sociedade Amigos do Cassino. Rio Grande: 27 de Fevereiro de 1950.

³⁵⁵ Idem, ibidem.

Mesmo que de forma um tanto quanto improvisada, a partir de 1952 a Sociedade Amigos do Cassino constituiu-se em vetor gerador de espaços de sociabilidade. A programação da entidade para o verão de 1952, divulgada nos jornais da época e através de folhetos, incluía atividades como a gincana de bicicletas na praia, no qual o participante do sexo masculino deveria estar acompanhado de uma jovem; concurso de patinação para a “petizada” no Rique; concurso de beleza intitulado *a mais bela Sereia do Cassino*; concurso de pesca entre pescadores amadores; corrida de bicicletas, com partida da Barra e chegada ao posto de salvamento da praia; cabo de guerra para homens e para senhoras; gincana de automóveis, tipo europeu (pequenos) na praia; gincana de automóveis, tipo americano (grandes) na praia; baile infantil à fantasia; *Garden Party*, ou festa no jardim, no recinto da futura sede; grito de carnaval; baile à fantasia; corridas de triciclos para crianças na avenida; partida de vôlei entre casadas e solteiras e torneio aberto de tênis³⁵⁶.

Segundo Eny Enke, sócia da SAC desde a década de sua fundação, a participação nas atividades promovidas pela SAC se dava, neste momento, pela inscrição dos interessados que eram feitas junto aos representantes da diretoria, ou seja, eram abertos a comunidade como um todo. E segundo depoimentos coletados, predominavam nesses eventos a participação de jovens, distribuídos na faixa etária entre 16 e 40 anos.

Notamos, neste conjunto de atividades, que os espaços de sociabilidade estavam concentrados predominantemente no espaço público da praia, estimulando a atividade física em contato com o atrativo natural mais característico do lugar, o mar. A praia, portanto, era o espaço em torno do qual giravam as principais atividades, tanto aquelas organizadas e direcionadas pela única entidade social do balneário, a SAC, como apontamos acima, quanto àquelas geradas por um fluxo espontâneo. Neste espaço as pessoas se encontravam, entabulavam conversas, os casais faziam planos, o flerte rolava em todas as direções, os poetas se inspiravam, decisões a respeito do destino do balneário eram tomadas e onde, inevitavelmente, as diferenças sociais também se manifestavam materializada nos usos, nos costumes, no comportamento e nas práticas.

³⁵⁶ *Rio Grande*, as referências foram publicadas entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 1952.

Figura 98 - Grupo de casais em baile na SAC. Veraneio de 1956.
Arquivo pessoal RGE.

Figura 99 - Baile de carnaval na SAC. Verão de 1956.
Arquivo pessoal RGE.

A elite desfrutava do conforto de ter uma casa na estação balnear, onde permanecia por toda a temporada, sem o transtorno de se deslocar para a cidade, gozando dos melhores horários para a prática do banho e das atividades à beira-mar, repousando nos momentos de fadiga; os demais, durante o verão, para desfrutar de algum lazer e da praia, só poderiam fazê-lo conforme relata Floriano Beirão em sua coluna, denominada de *Pinceladas*, publicada no *Rio Grande*:

Neste domingo mais que nunca a grande praia encheu-se de gente, despejados pelas extensas composições da Viação Férrea e pelos ônibus da Prefeitura e Empresa Karam que trabalharam ininterruptamente desde as primeiras horas da madrugada até depois da meia noite.

Com a permanência do ramal do Cassino a população pobre do Rio Grande continua desfrutando uma felicidade invejável, com

três cruzeiros ida e volta tem a água límpida, de frescura maravilhosa. Banha-se todo o dia, come umas fatias de carne assada e bananas, dorme uma soneca numa boa sombra, e feliz, regressa cheia de pesar porque já é noite alta.

Nosso Cassino, sem rival no Estado, quiçá no Brasil, apesar de seu ar de distinção, é uma vasta praia eminentemente popular, esplêndida para os que dela necessitam.

O povo chegava em onda pelo trem aos milhares, coalhava a orla reluzente das águas e não deixava livre quadrado de areia por muitos quilômetros além.

É que aquela vida de um dia, a beira-mar, é realmente aconselhável para a saúde, é como quem diz que um cheque de saúde ao portador...

Por toda a parte autos e ônibus de Pelotas e de outras cidades do Estado. Num grupo de porto alegrenses ouvimos este comentário: “O Cassino é um paraíso que a natureza oferece ao povo riograndino. Depois da oficina sombria e quente, o operário tem a vastidão; depois da casinha apertada, mal arejada, tem o mar e as redondezas arborizadas de agradáveis sombras, com ótimos hotéis, casas comerciais tão sortidas e alinhadas como as melhores da cidade”³⁵⁷.

Até o final dos anos 50 as atividades promovidas pela Sociedade Amigos do Cassino repetiram, basicamente, o mesmo formato. Uma ou outra novidade era introduzida no rol de eventos programados, como a *Festa da Primavera* (1954) – evento realizado fora da temporada com o objetivo de movimentar o balneário –, a *Semana de Pesca* (1955) – que além de torneios de pesca, promoveu a realização de uma festa típica, na qual o salão da Sociedade foi ornamentado com instrumentos de pesca e com exposição de painéis que reproduziam os ambientes de regiões de Portugal, com seus trajes típicos –, festas beneficentes – como uma realizada para arrecadar fundos para a reforma da capela³⁵⁸.

Paralelamente a promoção de eventos, a Sociedade Amigos do Cassino dava andamento ao seu papel de entidade reivindicatória de melhorias para o balneário. Nesse sentido, a SAC empenhava-se em solicitar melhorias para o lugar a fim de que ficasse *na*

³⁵⁷ BEIRÃO, Floriano. Pinceladas. *Rio Grande*, Janeiro, 1951.

³⁵⁸ Elegemos a construção da capela na estação de banhos como o episódio mais longo para a arrecadação de “meios”, prolongando-se do verão de 1897/1898 a 1905. O local foi doado pela tradicional família Osório, de Pelotas. A capela da Villa Sequeira ficou totalmente pronta apenas no ano de 1905. O *Diário do Rio Grande* publica uma matéria sobre a inauguração do templo, que possuía uma “arquitetura elegante, com um altar em estilo gótico, de madeira rendilhada, ofertado por uma senhora residente nesta cidade” de Rio Grande. Também se referia às imagens de Jesus, Maria e José trazidas do Rio de Janeiro, e do momento em que as bandas do clube Saca Rolhas e Duas Coroas tocaram o hino nacional. “A “festividade” atraiu cerca de 200 pessoas que para lá se dirigiram para receber a bênção divina”. *Diário do Rio Grande*, 07/02/1905.

*altura das grandes praias, em matéria de acomodações, conforto e ponto de convergência turística*³⁵⁹.

As reivindicações encaminhadas pela entidade referiam-se a necessidade de construção de uma farmácia, da disponibilidade de uma ambulância da Santa Casa de Misericórdia, com enfermeiro, do plantio de um bosque para os banhistas que se deslocavam da cidade e que não tinham local para descansar. Estas reclamações objetivavam ampliar as vantagens desfrutadas pela elite, atendendo as suas demandas e as de outros setores da população.

Em contraponto, a SAC combateu a instalação, pela Viação Férrea, de alto-falantes que serviriam como meio de publicidade aos comerciantes. A diretoria encaminhou os seus protestos à Prefeitura Municipal, alegando que aquele tipo de serviço perturbava os veranistas. Também se queixou da construção de pequenas casas erguidas próximas a praia, argumentando que este tipo de construção deveria ser retirada, pois constituía motivo de vergonha, mesmo porque poderia passar a ideia, para visitantes, que o balneário começava a ser frequentado por pessoas de “baixa renda”, o que de fato passou a ocorrer a partir da década de 1940.

Figura 100 - Armazém de secos e molhados no Casino. Data provável final da década de 1950. Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande.

³⁵⁹ *Rio Grande*, 1952.

Além dos espaços fechados de lazer, observamos opções de lazer em locais considerados abertos ou públicos, e que estavam presentes no cotidiano dos frequentadores da estação de banhos na década de 1950 como a Avenida Rio Grande, o espaço a beira-mar e alguns estabelecimentos, notadamente a Padaria e Confeitaria *São Jorge* e a mercearia *Ao Ponto Chic*, de usos coletivos, mesmo que os diferentes usos fossem determinados por diferentes temporalidades.

A Avenida Rio Grande constituía-se na principal referência de encontro entre as pessoas. A própria estruturação do balneário partiu do planejamento e da abertura desta avenida principal e o desenvolvimento urbano foi se dando paralelamente a ela. Foi inspirada nas características dos *boulevares* franceses, pois é larga, possui espaço para o passeio público e arborização ao longo de sua extensão. A paisagem da avenida passou a ser delineada com a construção do Hotel Casino depois Atlântico, dos *chalets*, de alguns estabelecimentos comerciais, com a presença da Igreja Nossa Senhora do Brasil, do *Quadro* residencial, dos condomínios e a extensão da própria estação férrea.

A Avenida consolidou-se como a referência principal do balneário e, por isso, ali se desenvolveram diferentes atividades de cunho comercial e social, pois era o local no qual veranistas e moradores cruzavam-se, ou seja, tornou-se um espaço de sociabilidade, propiciando o “ver e ser visto”. As pessoas que se deslocavam da cidade para o balneário através do trem ou das empresas de ônibus, desembarcavam na Avenida, alguns ficando por ali, descansando à sombra das árvores, em grande maioria eucaliptos, outros rumavam para a beira mar. Os quiosques existentes na Avenida também promoviam a aglutinação das pessoas, que frequentavam igualmente o grupo de construções denominado pitorescamente de *Quadro*, a padaria e confeitaria *São Jorge* e o tradicional armazém *Ao Ponto Chic*, entre outros estabelecimentos. Durante o veraneio, a movimentação e a circulação de pessoas por ali era intensa, com muita gente, e que segundo crônica do *Rio Grande*, eram *despejados pelas extensas composições da Viação Férrea e pelos ônibus da Prefeitura e Empresa Karam*³⁶⁰.

Segundo os modelos internacionais, os espaços da costa do mar passaram a ser tratados, as estâncias balneárias concebiam projetos urbanísticos e arquitetônicos, espaços arborizados, equipamentos comerciais e lugares de distração³⁶¹.

³⁶⁰ *Rio Grande*, 1951.

³⁶¹ RAUCH, André, *Op. cit.*, p.97.

Segundo Rauch, em Deauville, na costa francesa, no final do século XIX e início do XX, encontramos os primeiros elementos de “estância integrada”, ou seja, terrenos de posse comunitária, sociedade imobiliária, obras prévias de saneamento, plano de desenvolvimento e de loteamento que associa os espaços de lazer no litoral e as construções mais afastadas³⁶².

Ao longo da Avenida Rio Grande algumas iniciativas por parte dos veranistas e moradores incentivavam as relações sociais. O *Rio Grande* publica que *no verão de 1957, os residentes do edifício Ibagé constituíam-se em divertida turma: bailes frente ao edifício iluminado com os faróis dos automóveis, serenatas em quantidades, passeios na ximbica do Cotta de Mello*³⁶³. Ainda temos notícia dos passeios de bicicletas realizados predominantemente pelas mulheres, as audições noturnas promovidas na Vila Sequeira, retretas levadas a cabo quase sempre pela Banda de Música da Brigada Militar, algumas vezes por outras, como a do Colégio Estadual Lemos Júnior, além dos grupos de jovens que se formavam para o flerte e os namoricos.

A Padaria e Confeitaria São Jorge, estabelecimento comercial voltado aos negócios de panificação, de doces e com uma seção específica de secos e molhados, bem como de frutas, surgiu em janeiro de 1951. À época, o empreendimento era considerado como um negócio de alto e grande estilo,

*construído em linhas sóbrias e elegantes, de belo aspecto, em ponto central da Vila, e do seu interior onde as cousas foram bem dispostas, de modo a dar ao freguês uma sensação de bem estar e conforto*³⁶⁴.

O estabelecimento recebia público diverso e era frequentado tanto por veranistas como por moradores de todas as camadas sociais. Em matéria publicada em 1951, o *Rio Grande* comenta:

*E não se diga que o estabelecimento, já denominado de Padaria e Confeitaria “São Jorge” venha servir exclusivamente aos que possuem recursos pecuniários em boa dose, porque o público, o grande público, os que acodem ao Cassino, em massa aos domingos e dias festivos, também terão ali um lugar onde podem suprir-se de utilidades por preços acessíveis, já que com esse objetivo de igual modo, fora a iniciativa do Sr. Júlio Nóbrega*³⁶⁵.

³⁶² Idem, p. 97-98.

³⁶³ *Rio Grande*, 1958.

³⁶⁴ *Rio Grande*, 1951.

³⁶⁵ Idem.

O armazém *Ao Ponto Chic* era um dos estabelecimentos mais tradicionais do balneário. Os proprietários eram um casal de portugueses e lá se encontrava absolutamente de tudo. Em artigos sobre o veraneio no Cassino, o *Rio Grande* comenta o mau humor da dona do estabelecimento, que não media palavras com ninguém, usando palavrões no relacionamento com os fregueses, situação essa que acabou tornando o lugar mais pitoresco ainda. Constituíam-se em uma das referências do Cassino, pois além de fornecer produtos da vária natureza aos veranistas, transformou-se em um ponto de encontro, um lugar de fofocas³⁶⁶, pois era frequentado principalmente pelas mulheres, que eram consideradas as mais fofoqueiras.

A beira mar era o motivo principal que gerava um grande espaço de sociabilidade. As pessoas deslocavam-se para lá com fins terapêuticos, de lazer e mesmo de ócio.

Em nosso levantamento, observamos que durante o período do veraneio na década de 1950, ao longo da praia, os banhistas aglutinavam-se em barracas de lona de variadas cores que em grande número pontilhavam a *aprazível* praia. Segundo Beirão, todos ali estavam convidados a desfrutar *a necessidade absoluta de repouso, de revigoramento, distraindo-nos, com deleite na doce contemplação das ondas do mar a se estenderem nas areias douradas molhando meigamente os nossos pés*³⁶⁷.

Mas a praia era também lócus de outras atividades, para aqueles que, conforme havia dito Beirão, *não queriam passar o dia fitando a orla marítima*, podendo então envolver-se em jogos, gincanas, corridas de cavalo e de automóveis (apesar da contrariedade de alguns veranistas), campeonatos de pesca, cabo de guerra ou apreciar exposições. Frequentemente as pessoas se reuniam à beira mar para a realização de bailes carnavalescos.

A praia era o programa de todos os dias. Os veranistas se concentravam, basicamente, na área em que desemboca a Avenida Rio Grande. Cabe salientar que, mesmo sendo um espaço aberto, aparentemente coletivo, o uso do lugar pelas distintas classes sociais se dava em tempos diferentes. Em outras palavras, significava que a elite local procurava usufruir da praia pelo período da manhã, pois a tarde, conforme discurso corrente a época, o lugar era ocupado pelas empregadinhas, pois quem era fino (sic) deveria evitar frequentar a praia a tarde. Aproveitavam para tirar uma sesta, ou dar uma volta a cavalo na avenida ou pela estação. Outra opção era passear de charrete, muito utilizada na época.

³⁶⁶ *Rio Grande*, 1958.

³⁶⁷ *Rio Grande*, 1954.

Com todas estas atividades realizadas ao longo da década de 1950 no balneário Cassino, diferentes lugares constituíram-se em espaços de sociabilidade, tanto os fechados quanto os abertos, reforçando espaços tradicionalmente consolidados ou gerando novos. Neste interstício a circulação de pessoas, a profusão de acontecimentos foi mais intensa e, mesmo que efêmera, reuniu pessoas e promoveu a interação social.

Em primeiro lugar, podemos dizer que o encontro de pessoas e a interação social ocorriam tanto por estímulos espontâneos quanto induzidos. A praia, por exemplo, enquanto o atrativo maior e, portanto, mais sedutor e chamativo do balneário, constituía-se em um fator gerador de espaço de sociabilidade na medida em que a população local e do entorno se deslocava para a prática do lazer e do ócio. Porém, as formas de sociabilidade que ali se processavam não eram homogêneas, visto que diferentes usos e práticas sociais ocorriam em tempos distintos: a praia, pela parte da manhã, em geral, era praticamente uma apropriação da burguesia, com hábitos e práticas mais refinados. Usavam barracas para se proteger do sol; ali se alojavam e, em grupos formados por familiares ou amigos, dialogavam, trocando informações. À beira-mar, praticavam caminhadas e jogos, além do banho de mar para recuperarem o vigor físico. No período da tarde, o lugar transformava-se em um espaço mais plural, diversificado, principalmente nos finais de semana, quando o trabalhador tinha sua folga semanal, enquanto a elite local voltava-se para outras atividades. Como noticiavam os periódicos da época, conforme mencionamos, os meios de transporte, os ônibus e o trem, lançavam milhares de pessoas no Balneário. Essas pessoas utilizavam o lugar de forma mais improvisada e na maioria dos casos não dispunham nem mesmo de uma sombra para se abrigar. Mas mesmo nesta provisoriidade, agrupavam-se, segundo seus padrões, na prática do ócio e do lazer.

Além da praia, das atividades à beira mar, outros lugares geravam espaços de sociabilidade, como a Avenida e os estabelecimentos comerciais, também usados por grupos sociais em temporalidades diferentes.

Em outro sentido, os eventos promovidos pela Sociedade Amigos do Cassino e os serviços oferecidos pelo Hotel Atlântico também se constituíram em fatores geradores de espaços de sociabilidade. Observamos, entretanto, que pela base social que formava a entidade social e frequentava o Hotel, os espaços de sociabilidade gerados destinavam-se, majoritariamente, ao agrupamento social que tinha condições de bancar as despesas, não obstante a realização de uma ou outra atividade mais aberta.

Em segundo lugar, constatamos, em alguns destes espaços de sociabilidade, a adoção de hábitos e práticas considerados entre “esquisitos” ou “modernos” para os padrões da época, principalmente por parte dos jovens. Um exemplo que aparece com maior clareza refere-se ao comportamento dos frequentadores da “Boite Chez Nous”. Podemos inferir que esta inflexão comportamental estava ligada, de alguma forma, a influências externas, como as oriundas do movimento de contracultura que então tomava corpo. Essas influências, aqui desembarcando, iriam atravessar as práticas sociais da juventude.

Em função das evidências que levantamos para o desenvolvimento da presente pesquisa, foi possível constatar que o Balneário Cassino, apesar de estar sendo frequentado pela comunidade local e por aquela situada no entorno mais imediato, não recebia um fluxo de turistas que pudesse ser considerado razoável, o que era desejado por todos, principalmente pelos empresários e empreendedores, uma vez que tal movimento poderia justificar os investimentos ali realizados e promover o crescimento do lugar e do próprio município.

No ano de 1957, várias entidades, empresas, casas comerciais e o poder público buscaram estimular a atividade turística no Balneário através da organização de uma Semana de Turismo no Cassino, levada a efeito entre 10 e 17 de fevereiro. A inserção do Hotel Atlântico nessas atividades esteve ligada, particularmente, com a promoção de várias reuniões dançantes na *Boite Chez Nous*, assim como exposições das principais indústrias têxteis do município, com participação efetiva da Companhia União Fabril, além de exposições de pinturas e gravuras modernas que ocorreram no *hall* do estabelecimento.

Nesse mesmo período, anexa à estrutura do hotel, foi construído o Condomínio Atlântico, formado por 105 pequenos apartamentos. Este fato provocou o aumento da movimentação em torno do hotel.

O tema principal destas crônicas referia-se aos eventos sociais promovidos na cidade, narrando os acontecimentos levados a efeito na praia, em seu principal estabelecimento hoteleiro, na Sociedade Amigos do Cassino (SAC) e em eventos realizados na Avenida Rio Grande, entre outros.

Este foi o motivo que alavancou a organização e realização da *1ª Semana de Turismo*, que teve lugar no verão de 1957. Conforme destacava a matéria que circulou naquele momento, a *Semana de Turismo*,

*foi um movimento que visava realçar a Praia do Cassino no cenário turístico do Estado, tem o objetivo de intensificar a afluência ao Cassino, chamando para o Balneário, nos anos vindouros um maior número de veranistas. Quanto maior for o número de veranistas, maiores serão as vantagens advindas para o comércio e para o governo do Rio Grande*³⁶⁸.

A *Semana* foi coordenada pela Organização Original LAP, representante em Rio Grande da Comercial e Construtora América S.A. de Pelotas, com o apoio do Rotary Club e realizou-se no período compreendido entre os dias 10 e 17 de fevereiro de 1957. O envolvimento do representante da América S.A. na organização do evento justifica-se na verdade, pelos enormes investimentos que estavam fazendo no balneário, entre os quais, o planejamento de loteamentos para a família Otero³⁶⁹, bem como seu envolvimento em diferentes empreendimentos imobiliários.

O comércio e indústria da cidade muito cooperaram para a realização do evento. Os comerciantes realizaram promoções, sendo que em uma delas o cliente que adquirisse produtos no estabelecimento patrocinador da *Semana de Turismo* ganharia cartões numerados, e dessa forma estaria concorrendo a brindes e descontos nas lojas, entre as 14 e 18 horas.

Os organizadores da *Semana*, quando procurados pelo *Rio Grande* para esclarecerem a finalidade do empreendimento, responderam que contavam

*com o apoio de toda a indústria e comércio locais, que prontificaram-se a contribuir moral e financeiramente para a concretização de um empreendimento deste vulto, que trará indubitavelmente, vida nova ao Cassino e, conseqüentemente, ao comércio local*³⁷⁰.

Antes da data prevista para a realização da *Semana de Turismo*, foi feita uma pequena exposição industrial, no *hall* do Hotel Atlântico, com coquetel oferecido pela LAP para recepcionar as autoridades, para atrair visitantes que buscavam na Praia do Cassino, conforto e repouso, e dessa forma começar a publicidade em torno da *Semana*.

³⁶⁸ *Rio Grande*, janeiro de 1957.

³⁶⁹ Loteamento Cidade Balneária do Cassino – Augusto Otero e O., implantado em 15/07/1958, 11.188 lotes e 355 quadras.

³⁷⁰ *Rio Grande*, 1957.

Um convênio com as agências de turismo ficou acertado, para programar viagens ao Cassino e desfrutar das *formidáveis atrações*. Os visitantes que vieram para o Balneário durante a *Semana de Turismo* eram levados à cidade em horários pré-estabelecidos para poderem gozar dos descontos especiais no comércio que apoiava a *Semana de Turismo*.

A *Semana* procurou iniciativa também por parte do poder público e o Prefeito Álvaro Pereira manifesta apoio a esta realização e a Prefeitura à disposição dos organizadores, ficando assegurado:

*a iluminação para o Cassino, o transporte para a Banda Marcial Lemos Júnior, ônibus noturnos diários, durante o período da realização e ônibus para as excursões programadas. Ainda fez contato com o Jôquei Clube, para a efetivação do "Grande Prêmio Semana de Turismo" e entendimentos com as empresas pelotenses de transportes para a criação de uma linha Pelotas-Cassino (exclusivamente durante a "Semana de Turismo")*³⁷¹.

Grande cobertura jornalística houve no período, tanto na cidade de Rio Grande como em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Diversas casas comerciais, empresas e entidades apoiaram e patrocinaram a *Semana*³⁷².

A publicidade que circulava nos jornais do período foi grande; durante três semanas, pequenas tiras ou longas matérias apareceram nos periódicos.

A *Semana de Turismo* de 1957 contou com as seguintes atrações:

“desfile da Banda Marcial do Colégio Lemos Júnior; Gincana Automobilística adulto, patrocínio do Touring Club do Brasil e gincana automobilística mirim; exposição industrial, exposição de

³⁷¹ Rio Grande, 1957.

³⁷² Segundo reportagem de janeiro de 1957, as entidades e empresas patrocinadoras da Semana de Turismo foram: Rotary Club de Rio Grande, Touring Club Secção de Rio Grande, Ures, Club de Pesca de Rio Grande, Ipiranga S/A, Cia. União Fabril, Cia. Fiação e Tecelagem Rio Grande, SAVAG, Luiz Loréa S/A, Wigg S/A, Cia. Balneária Atlântica, Eduardo Balester & Filhos, Casa Imperial, Casa Germano, Fábrica de Bolas Atlântica, Hotel Atlântico, Casa Sagres e Triunfo, Casas Sedutora, Casa Krentel, Casa dos Amadores, Posto Texaco Entrocamento, Casa Tele Rádio, Ferragem Enes, Casa Rennere, Casa Oliveira, Restaurante a Cigana, Galeria Barros, Agência Auto Geral, Super Mercados Frigo Anselmi, Casas Colombo, Dragão Modas, Sociedade Amigos do Cassino, Cunha Amaral & Cia., Moinhos Sul Riograndenses, Vinho Castelo, Casas Colombo, A Boa Viagem, A Confiança, Ferragem Cadaval, Lojas Ipiranga, Casa Helda, Alvariza & Cia., Relojoaria Cruzeiro, Vidraçaria Universal, A Triunfante, Servicentro Esso - B. Constant, Feira Paulista, Grande Libanês, Lojas Unidas, A Insinuante e Paris Hotel, Fábrica Valória, Relojoaria Suíça, Caçula da Casa Alegre, Casa David, A Rainha da Moda e Casa Lima. A respeito da inclusão do C.T.G. Mate Amargo nas festividades da Semana de Turismo, está programada uma visita dos turistas ao notável Museu desse centro de tradições gaúchas. Rio Grande, 1957..

*pintura moderna; desfiles de modas Rheingantz; visita e baile ao CTG Mate Amargo; Turfe na praia; exposição de miniaturas de trens, da locomotiva nº 89 da V.F.R.G.S. e trem elétrico; corrida de motocicletas pelo Moto Clube de Rio Grande; Campeonato estadual de pesca, organizado pelo Clube de Pesca de Rio Grande; passeios aos molhes da Barra; excursão a Colônia de pescadores Z2; visitas ao comércio, indústria e porto de Rio Grande, durante todos os dias da semana; visita ao Museu Oceanográfico; eleição de Miss Cassino e Brotinho na SAC; várias reuniões dançantes na Boite Chez Nous e Boite Blue Moon e na Sociedade Amigos do Cassino; torneio de pebolim; apresentação do Coral de Câmara da Faculdade de Filosofia da PUC; retretas pela Banda da Brigada Militar; Grande Prêmio Semana de Turismo, no hipódromo da Vila São Miguel*³⁷³.

Na abertura da *Semana* ocorreu um *grandioso baile* de carnaval oferecido pela Sociedade Amigos do Cassino, com distribuição de champanhe. Ainda no dia 10 foi oferecido um *coktail* que teve lugar no *hall* do Hotel Atlântico, cujos convites foram distribuídos antecipadamente. Uma Gincana Automobilística adulta foi outro evento realizado no primeiro dia da *Semana de Turismo*, que distribuiu prêmios aos três primeiros lugares da promoção, sendo assim distribuídos:

*primeiro prêmio, oferta da Comercial e Construtora América S.A., consiste o prêmio em primeiro, relógio de pulso de ouro, marca “Tissot” para a moça e uma caneta “Parker 51” com tampa de ouro para o rapaz. O segundo prêmio, oferta da Ipiranga S.A., para o rapaz, 50 litros de gasolina pura de proporções definidas e para a moça 19 litros de Isa Raz. O terceiro prêmio é uma caixa de “Pepsi-cola” para o rapaz e a moça*³⁷⁴.

Como foi programado, dia 11, às 10h, ocorreu a disputa de turfe na praia; foram os competidores: Moacyr Mello, com *Estrela*; Reginaldo Zogbi, com *Jurity*; Eduardo Pereira, com *Escuta* e Jorge Fuão, com *Muruti*. Eles tiveram que percorrer uma distância de 400 metros.

Já o Grande Prêmio Semana de Turismo, realizado no dia 17, teve como prêmio CR\$ 30.000,000. O Jockey Club ofereceu uma *tarde de gala especial*³⁷⁵ àqueles aficionados pelo turfe no Hipódromo da Vila São Miguel. Outra programação esportiva foi o jogo realizado

³⁷³ Rio Grande, janeiro de 1957.

³⁷⁴ Rio Grande, janeiro de 1957.

³⁷⁵ Rio Grande, janeiro de 1957.

entre os times de futebol São Paulo e Vasco da Gama, na praça de esportes, para apoiar a *Semana de Turismo*.

A Banda de Música da Brigada Militar também cooperou com as festividades da Semana de Turismo, e apresentou suas *retretas* dedicadas aos ilustres moradores, veranistas e amantes da *boa música*. O programa consistiu do seguinte:

dia 12/02 – às 21h, 1ª parte – 1) The Stars Forever – Marcha Americana – de J.F. Souza; 2) La Travata – Prelúdio – de G. Verdi; 3) Batalhão de Guardas – Marcha rancho – Oscar Geraldo; 4) Contos do Bosque de Viena – Grande Valsa – J. Strauss; 2ª parte – 1) O poeta e o camponês – Overture de F. Von Suppé; 2) Sonho Dourado – Fantasia – B. Crivelli; 3) Campo Osório – Dobrado – de A. Santos; 4) Giovanna D’Arco – Sintonia – de G. Verdi e no dia 14/02 – às 21h, 1ª parte – 1) Motivo Sinfônico – de Ático Costa; 2) Lorena – Valsa – de Euclides S. Novo; 3) Guarany – choro – Ary Barroso; 4) Gauchesca – Motivo Regional – E. Braga, 2ª parte – 1) Feirence – Dobrado Sinfônico – Paulino Sacramento; 2) Aquarela Brasileira – samba – Ary Barroso; 3) Vida de artista – valsa – Lindolfo Nascimento; 4) Invocação e Final do 3º Ato da Ópera “II Guarany” – C. Gomes³⁷⁶.

A *Semana* alcançou êxito, tanto que no *Rio Grande* do dia 12 de fevereiro de 1957 saiu a seguinte reportagem:

Êxito absoluto na Semana de Turismo. Tudo está colaborando para que esta primeira semana alcance o êxito esperado. Dias magníficos, de amena temperatura proporcionam o clima desejado para o desenvolvimento do programa de festas na praia balneária do Cassino. A repercussão que vem obtendo a Semana de Turismo em todo o Estado, onde ganhou as colunas dos jornais e obteve divulgação radiofônica, refletem-se também na chegada de inúmeros novos veranistas do interior³⁷⁷.

Com todas estas atividades realizadas ao longo desta *Semana de Turismo*, diferentes lugares constituíram-se em espaços de sociabilidade, tanto os fechados quanto os abertos, reforçando espaços tradicionalmente consolidados ou gerando novos. Neste interstício a circulação de pessoas, a profusão de acontecimentos foi mais intensa e, mesmo que efêmera, reuniu as pessoas e promoveu a interação social.

³⁷⁶ *Rio Grande*, 05/01/1957.

³⁷⁷ *Rio Grande*, 12/01/1957.

3.4. Enfim... o espetáculo do mar no Cassino

A nossa grande praia movimentou-se no domingo último reunindo ali para fora de um milhar de passeantes em uma centena de autos de Rio Grande e Pelotas. Com o tempo escaldante que tem ocorrido, o Cassino começou mais cedo a tomar mais vida, mais alacridade e mais cor. A beira mar vai sentindo a animação característica dos demais anos, através de um banho elegante, de um livro que se lê recostado na areia, na graciosidade de uma conversação amena, na beleza de um sorriso luminoso de mocinha bonita...

O cosmopolitismo da praia é uma democrata convivência em cuja alegria todos compartilham irmãmente, cavalheirescamente, porque a alegria numa estância balnear é mais alegre e mais bela quando todos se dão as mãos...

Pressentem-se já os idílios amorosos, ouvem-se pela Avenida afora, os galanteios dos namorados, perscrutam-se olhares que são verdadeiros mundos de sonhos, de tentação e de ansiedade.

O Cassino ri e sorri, como sempre, nesta época! A novel “Sociedade Amigos do Cassino” é também, uma nota de curiosidade, um assunto que interessa pelo muito que se espera das suas atividades em prol da grande praia. É principalmente uma prova de esforço e de boa vontade daqueles que criaram a Entidade e de quem tudo se espera em assuntos, diversões atraentes. No consenso unânime, o seu dinâmico presidente Dr. Isnard Peixoto é, não uma esperança, mas uma certeza de realizações frequentes.

O Cassino é praia frequentada todo ano, mas nesta altura tem mais alma, mais força física e melhor disposição espiritual. O seu cunho de sociabilidade acentua-se mais nitidamente em entretenimento que convidam à recepção gentil, à palavra amiga e agradável.

As famílias de Pelotas e as de Rio Grande unem-se no mesmo espírito de boa harmonia e de cordial compreensão, formando-se um bloco uno e amigo, revelador de um ambiente de paz, bem estar, solicitude e carinho. Para melhor, os briosos pelotenses já construíram lá ao fundo da Avenida, voltado para o mar, o seu Hotel com todos os requisitos modernos providos de água e luz em profusão, de onde se desfrutam horizontes largos e encantadores. O Cassino com pelotenses e o Cassino com riograndinos há de ser o galhardo e exemplar Cassino de sempre³⁷⁸.

³⁷⁸ Rio Grande, 06/12/1950.

Para finalizar o terceiro capítulo, organizamos uma seleção de imagens dos veranistas da praia do Cassino em seus dias de vilegiatura. Constam no Anexo 13. Eventos sociais, bailes e festividades realizados na Villa Sequeira entre o final do século XIX e a década de 1950 e alguns trechos de crônicas sociais e notícias do balneário veiculados nos jornais da cidade de Rio Grande.

Figura 101 - Banhistas da praia do Casino. Década de 1950/1960.
Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande.

Figura 102 - Momentos passados a beira mar no Casino. Passeios e festividades carnavalescas. Década de 1960. Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande.

Figura 103 - Banhistas da praia do Casino. Década de 1950. Arquivo pessoal RGE.

Figura 104 - O veraneio no Casino atrai turistas de todas as partes do Brasil. Encontro de família, primos reveem parentes que residem no Rio de Janeiro. Década de 1960. Acervo pessoal RGE.

Figura 105 - Em dias ensolarados, famílias dirigiam-se ao balneário Casino em seus automóveis ou em lambretas, como a da foto. Família passeia no Casino. Década de 1950. Acervo pessoal RGE.

Figura 106 - Jovens em passeio pela Villa Sequeira. Década de 1950. Acervo pessoal RGE.

Figura 107 - Típico veranista do Casino e seu "chalezinho" para a temporada de vilegiatura marítima. Década de 1960. Acervo pessoal RGE.

Figura 108 - Moça posa para fotografia na beira mar no Casino. Década de 1950. Acervo pessoal RGE.

Figura 109 - Aglomeração de banhistas na praia do Casino. Corrida de carros? Carnaval a beira mar? Década de 1960. Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande.

Figura 110 - Imagem dos molhes da Barra. Observam-se as vagonetas. Década de 1970.
Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/>

Figura 111 - Base de foguetes instalada no Casino. Segundo Luiz Henrique Torres, no ano de 1966 foi instalada uma base na localidade da Querência no balneário Casino com o objetivo de detalhar e estudar o eclipse total do sol. Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/> Dados de Luiz Henrique Torres de, *O Peixeiro*, 26/02/2008.

Figura 112 - Corridas de carros na praia do Casino. As corridas aconteciam nos finais de semana atraindo centenas de turistas para o local. Década de 1960. Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/>

Figura 113 - Moça posa para foto na praia do Casino. Nota-se a presença de veículos automotores na beira mar. Prática muito comum na Villa Sequeira até os dias atuais. Década de 1960. Acervo pessoal RGE.

Figura 114 - Divertimentos a beira mar. Ao fundo os molhes da Barra. Década de 1960. Acervo pessoal RGE.

Figura 115 - Banhistas dirigem-se a praia contornando as dunas próximas a beira mar. Década de 1960. Acervo pessoal RGE.

Figura 116 - Turistas em passeio pelas vagonetas. Um atrativo da praia do Casino até a atualidade, as vagonetas passaram a circular a partir da década de 1940. Década de 1960. Acervo pessoal RGE.

Figura 117 - Passeio nas vagonetas. Década de 1960.
Acervo pessoal RGE.

Figura 118 - Um domingo de sol no Casino. Crianças divertem-se. Década de 1970.
Acervo pessoal RGE.

Figura 119 - Dias de sol, dias de mar...a praia e a sociabilidade. Década de 1970.
Acervo pessoal RGE.

Figura 120 - E no entorno da Avenida Rio Grande. A interação e os divertimentos entre os veranistas em suas temporadas no Casino. Década de 1970. Acervo pessoal RGE.

Considerações Finais

A estação balnear da Villa Sequeira foi construída com o intuito de atender os lazeres das elites regionais. Seus frequentadores transitavam pela Avenida Rio Grande, a beira mar, em festividades do hotel, desfilando suas vestimentas, seu andar, sua maneira de portar-se.

Foi a forma própria de representação da elite rio-grandina, afirmando a posição de seu *status* entre os demais grupos pertencentes à sociedade da época, mostrando seu modo de vida e encenando seu “espetáculo” quase teatral, onde os “atores” satisfaziam suas emoções em meio a seus pares.

No entanto, este segmento social teve que compartilhar o espaço da Villa Sequeira com pessoas que não eram de suas relações. Desde sua fundação no início da década de 1890, entraves burocráticos e a falta de investidores fizeram com que a Empresa de Bonds Suburbanos da Mangueira e a Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar se unissem e providenciassem alterações no planejamento do balneário.

Observamos que a proposta inicial era instalar na Costa da Mangueira uma estação balnear elitizada, aos moldes europeus e que pudesse concorrer com os balneários uruguaios. No final do século XIX, Antônio Cândido Sequeira e associados buscaram investidores para o empreendimento, estabelecendo uma sociedade anônima para a construção do estabelecimento, que contaria com um hotel, um restaurante a beira mar, camarotes e barracas, lavanderia e rouparia (entrega de roupas de banho), cocheira, leiteria, serviço de água, coleta de esgoto e transporte sobre trilhos (trem e bondes).

Após a concessão para a construção do balneário, a empresa passou a lotear o terreno do 2º Distrito do município de Rio Grande, ou seja, a Costa da Mangueira e a vendê-los. Os terrenos no entorno da Avenida Rio Grande foram logo adquiridos por membros da sociedade rio-grandina e pelotense e construções elegantes passaram a adornar a paisagem da estação de banhos, dando-lhe ares europeus. Lembramos que a frente de cada *chalet* figurava a bandeira de algum país estrangeiro, orgulho de alguns veranistas de divulgar sua nacionalidade ou de se remeter a de seus antepassados.

Entretanto, a venda dos lotes de terrenos não foi suficiente para manter os estabelecimentos construídos no local e a empresa viu com "bons olhos" a possibilidade de expandir o negócio através da venda de lotes menores, a construção de um complexo de casas "populares" e a diminuição do preço das passagens de trem, disponibilizando mais vagões na de 2ª classe.

A Villa Sequeira não deixou de ter seu caráter de balneário elitizado e europeizado, mas o convívio no local definiu-se pela diversidade econômica e social dos seus frequentadores. Na Avenida Rio Grande encontravam-se os *chalets* das elites, e em terrenos mais afastados e menores passaram a surgir construções de pequenas vivendas, algumas imitando o modelo europeu, mas em pequenas proporções.

Este convívio social de diferentes segmentos sociais deu-se de forma pacífica e apaziguadora, os espaços sociais públicos e privados do balneário foram sendo delineados para cada "tipo" de público. Aqueles que podiam arcar com custos mais elevados frequentavam os salões do hotel, assistiam aos concertos, realizavam refeições regadas a bom *champagne* no *Chalet-Bufferet* e alugavam as barracas e camarotes a beira mar. Para os que não poderiam "gastar", as atrações como passeios a beira mar, as cavalgadas, o despir-se na praia sem pudor, a "pensão Leandro" e o restaurante do Manuel Português eram opções de lazer e entretenimento para "todos", ou seja, a maioria dos veranistas do "Cassino".

A Villa Sequeira ou praia do Cassino, como atualmente é denominada foi e continua sendo um espaço democrático. Sua extensão de praia permitiu e ainda permite a livre circulação de banhistas, seja a pé, em bicicletas, a cavalo ou em veículos automotores em toda sua imensidão de mar e dunas.

O planejamento e a fundação da Villa Sequeira no final do século XIX a distinguiram de outras estações balneares. Por exemplo, no Rio de Janeiro e em praias do Nordeste, o ambiente litorâneo já se fazia presente no cotidiano do ir a banhos de seus moradores, tanto com o propósito terapêutico como de divertimento. Não devemos esquecer que o clima nestas regiões propicia e incentiva as idas a praia.

As condições climáticas do litoral do Rio Grande do Sul fogem dos padrões de outras regiões do país e a vilegiatura marítima passou a ser desfrutada apenas em determinados meses do ano, mais precisamente entre os meses de novembro a março. Dessa forma, durante mais de meio século o "Cassino" encontrava-se "abandonado" pela outra metade do ano.

Outro ponto de distinção da Villa Sequeira em relação a praias do litoral norte do Rio Grande do Sul foi que em nenhum momento de seu planejamento foi discutido a construção de um hospital de saúde para o tratamento de doentes a partir do contato com as águas do mar. Na época de sua fundação, informes publicitários nos periódicos enfatizavam os benefícios dos banhos de mar e o seu poder de cura de inúmeras enfermidades. A Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar chegou a confeccionar uma pequena obra sobre a terapia marítima, citando o cronista Ramalho Ortigão e médicos europeus.

Dessa forma, o que podemos afirmar era que a Villa Sequeira não foi "construída" com a finalidade apenas de praticar a "medicina marítima", visto que não houve preocupação em fazer no local uma casa de saúde ou hospital para tratamentos de doentes. Houve sim a iniciativa de empresários e comerciantes de Rio Grande e cidades vizinhas em fundar na costa um balneário para a vilegiatura, para os divertimentos, a interação social, a sociabilidade e a prática de diversas formas de lazer. O hotel Casino foi um exemplo do que afirmamos. A principal construção da estação balnear no final do século XIX não possuía instalações para receber "adoentados", mas tinha a finalidade de promover o "jogo clandestino", bailes e festas, encenações teatrais e espetáculos circenses. Em nenhum momento encontramos fontes que levassem a evidências que na Villa Sequeira havia um local destinado a tratamentos de saúde.

A cidade de Rio Grande no final do século XIX aspirava à modernidade, e o cidadão moderno e o ambiente citadino modificaram-se para adaptarem-se as novidades do mundo ocidental. A inserção de um novo local de lazer, a Villa Sequeira no cotidiano do rio-grandino modificou totalmente o tempo destinado às férias. Do final do século XIX até os dias atuais, o balneário permanece presente nos veraneios dos moradores da cidade de Rio Grande.

São mais de 120 anos de sua fundação e a "praia do Cassino" permanece com sua extensão de areia e a imensidão de seu mar que ultrapassam as linhas do horizonte. Alguns comentam que a frequentam desde sempre, ou seja, pertencem as famílias que possuem seu *chalezinho* no Cassino há gerações gerações e costumam "retirar-se" para a praia no verão, passando ali, nas palavras de Floriano Beirão, a estação calmosa.

Os vinte e cinco quilômetros que separam o balneário de Rio Grande nunca foram um problema para o deslocamento de veranistas para aqueles prados. Primeiramente com a linha férrea e suas viagens "inesquecíveis", como relatam antigos frequentadores e depois com a

estrada de rodagem construída na década de 1920. Durante mais de trinta anos, os veranistas contaram com o transporte ferroviário e o rodoviário, facilitando a ida à praia.

Houve tentativas de promover melhorias para o Cassino, como o plano de urbanização assinado pelo engenheiro e urbanista Luiz Arthur Ubatuba de Faria, mas elas não saíram do papel. Diversos loteamentos circundam a área principal do balneário e moldam o Cassino na atualidade.

Atualmente o balneário já não pode ser denominado um bairro dormitório da cidade de Rio Grande. Milhares de pessoas elegeram o local para construção de moradia permanente e não apenas como ponto de veraneio. Diversos fatores explicam esta escolha, como o crescimento horizontal da cidade do Rio Grande para bairros afastados do centro, devido ao baixo custo dos terrenos e a expansão do sistema de transporte público. O bairro também foi o escolhido como residência por centenas de estudantes da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG), visto que muitos deles vêm de outras cidades e optam por estabelecer moradia no Cassino.

No entanto, há ainda aqueles que preferem ter o seu *chalezinho* ou, atualmente, belas casas no balneário e permanecerem vivendo os meses mais frios do ano na cidade. E a história se repete todos os anos: em dezembro uma "verdadeira mudança" acontece: malas, caixas, colchões, roupas de cama e mesa, roupas, utensílios de uso diário etc. são transportados para a casa de veraneio.

No balneário Villa Sequeira, a sociabilidade era uma prática, e a praia, a avenida e seu entorno, possuíam um caráter especial, promovendo o lazer em ambientes fechados e abertos.

A praia promove a espontaneidade dos gestos, “alivia as roupas”, torna as brincadeiras de uma leveza sem igual. No período da fundação da Villa Sequeira novas práticas estavam sendo inseridas na sociedade brasileira através de hábitos "modernos" e a "invenção" de um novo lazer a beira mar contribuiu para instigar paixões, emancipar os corpos e romantizar o momento da vilegiatura marítima.

O lazer encontrava assim novas formas de satisfação. A interação social se mostrava presente no balneário do final do XIX, obrigando ao uso de códigos de boas maneiras, com atitudes, gestos e posturas próprios do mundo “moderno”. Usufruir o bem estar de ter o corpo em liberdade, de se mostrar às outras pessoas, anunciava mudanças nos usos e costumes de uma sociedade calcada em princípios tradicionais e conservadores.

O cotidiano no balneário fez brotar sentimentos, paixões, ideias dos indivíduos. A capacidade de se relacionar, vinha à tona neste ambiente ao ar livre, e sob vários aspectos, seus frequentadores encontraram na prática dos banhos de mar uma atividade social capaz de proporcionar uma rede de sociabilidade no entorno da praia, da Avenida, e dos estabelecimentos ali implantados para receber visitantes/veranistas, que até então não era vista.

O cenário cassinense apresentou diversas modificações ao longo das décadas. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, começaram a ser construídas, ao longo da avenida principal, as vivendas conhecidas como *chalets*, casas geralmente com alpendres debruados de madeira pacientemente recortada, construídas em terrenos de quadra inteira, que enfileiravam-se diante da linha férrea, na avenida principal, arborizada com mudas de eucalipto.

Após a primeira década desde a inauguração do empreendimento, a empresa concessionária no início do século XX, a Companhia Viação Rio-Grandense foi liquidada em função de graves dificuldades financeiras, tendo o seu patrimônio arrematado, em 1909, por um particular, o Coronel Augusto Cezar de Leivas, antigo frequentador da estação balnear, que pagou um valor equivalente a 80 contos de réis e em 1914 já promovia um grande leilão de terras na Praia do Cassino do Rio Grande -Villa Sequeira, quando ampliou o loteamento em cinco quadras de cada lado do eixo inicial. Pouco tempo depois, em 1917, a planta do Balneário sofreu um novo reordenamento, passando a aparecer naquela paisagem duas grandes *plazas*, e o restante era ocupado com atividades pecuárias.

No início da década de 20, o Coronel Augusto Cezar de Leivas vendeu parte do seu patrimônio à Sociedade Anônima Companhia Balnear Atlântica, empresa então constituída com o objetivo principal de exploração da praia balnear, no Oceano Atlântico, bem como todos os negócios que para tal fim fossem necessários ou convenientes, tais como o hotel Casino, para diversões e jogos, hotel, restaurante, armazém, leiteria, serviços hidráulicos, elétricos, higiênico e de viação e todos os mais que por sua ligação com o objeto da mesma Companhia, fossem fontes de renda para ela e bem estar e conforto para os veranistas.

Tendo então transferido a concessão dos bens imóveis, móveis, utensílios semoventes, direitos, ações e privilégios, à dita Companhia, avaliados em duzentos e cinquenta e seis contos de réis, o Coronel continuou proprietário de extensas áreas de terra que,

posteriormente, passaram a ser exploradas, para fins de loteamentos, por ele e pelos seus descendentes.

Segundo os registros que encontramos o Cassino já contava, nesta década, com aproximadamente 90 prédios e uma população de veranistas que alcançava duas mil pessoas residentes.

Além da via férrea, havia sido aberta uma estrada que ligava Rio Grande à estação balnear. Esta estrada foi asfaltada na década de 40 através de um trabalho conjunto entre a Sociedade Rio-Grandense de Estradas de Rodagem, formada por pessoas que possuíam automóveis, proprietários de bens no Cassino, comerciantes e industriais, e a municipalidade, que acordaram a execução do projeto de asfaltamento de uma rodovia.

Nesta altura, o transporte entre a cidade e o Balneário já era feito através de ônibus, serviço este explorado pela Prefeitura Municipal. No final da década de 40, porém, a Empresa Karam passou a concorrer na prestação deste serviço.

O crescimento verificado na década de 40 esteve ligado, certamente, a oferta de grandes loteamentos chamados *vilas*. Já nos anos 50, o vetor de crescimento se deu através do projeto do loteamento Cidade Balneário Cassino, e outros empreendimentos similares como os loteamentos Stella Maris, Princesa do Sul, Querência e Boa Vista I, entre outros.

Com os loteamentos, começaram a surgir grandes condomínios, como o edifício *Ibajé*, o primeiro sob este regime, seguido pelos condomínios *Brasília* e *Lido*, assim como o condomínio Atlântico, empreendimento que foi construído em anexo ao Hotel Atlântico, formado por 105 apartamentos.

Em função de concepções urbanísticas vigentes à época, buscou-se criar um cinturão verde ao redor de traçado urbano, bem como procurou-se dotar o balneário de comodidades, de recreação, estacionamento, logradouros de distribuição e centralização, áreas reservadas para construção de hotéis, clube e parques.

Em meados dos anos 60 verificou-se, em áreas sobre a faixa de Marinha, o surgimento de construções modestíssimas, quase como uma favela, ocupada por uma população pobre.

Foi neste mesmo período que se deu a desativação da linha férrea que ligava a cidade ao balneário, o que se justificou, segundo a Companhia, em função dos déficits recorrentemente apresentados na exploração deste serviço.

A partir dos anos 70, a situação do balneário Cassino foi se transformando, deixando de ser um lugar exclusivo para a prática dos banhos e do lazer, e passou a receber uma população residente representada por comerciantes, aposentados, estudantes e, mais recentemente, por contingentes economicamente ativos, destacando-se professores universitários, funcionários públicos e comerciantes com atividades na zona urbana da sede distrital.

Estas mudanças mais recentes viabilizaram-se em função da melhoria dos serviços e equipamentos urbanos e de abastecimento, pelo aumento de fluxo de veículos diário entre a sede e o balneário e pela quase inexistência de uma estrutura de emprego própria.

Neste contexto, foi criada a Autarquia do Balneário Cassino, com o fim de regularizar e comercializar terrenos de Marinha, compromissando-se em investir os recursos da venda no próprio balneário; a Associação Comercial do Cassino; foram construídos equipamentos comunitários (Corpo de Bombeiros, Brigada Militar, Delegacia de Polícia, Creche e o Posto de Saúde) e o Terminal Rodoviário e a Associação Comunitária do Bairro Cassino.

Os balneários passaram de locais de tratamento terapêutico, para ambientes que ofereciam uma infinidade de distrações aos banhistas na segunda metade do século XIX. Em algumas estações balneares do mundo este novo modelo vinha sendo adotado. O local antes indicado pelos médicos para a cura de moléstias, tornou-se local de lazer.

Ao longo do tempo, com a fama dos banhos, a ideia foi oferecer aos frequentadores uma infraestrutura de hotéis que primavam pelo luxo.

*(...) as pessoas que geralmente frequentam durante o período das águas os Cassinos da Bélgica e da Alemanha não são propriamente os doentes. São as pessoas ricas e ociosas que procuram Baden ou Spa, como outras escolhem Mônaco ou o Cairo, como simples lugares de prazer e de jogo, como prazos anuais dados à moda, ao chic, ao amor fácil, à toilette ligeira. Nessa população ruidosa e garrida figuram principalmente os jogadores de profissão, as cocotes e os crevés, que não vão diretamente às águas, mas sim a roleta. O que para eles se trata de fazer saltar não são os reumatismos, são as bancas*³⁷⁹.

³⁷⁹ ORTIGÃO, Ramalho. *Banhos de caldas e águas minerais*. Livraria Universal, 1875. p. 17.

Esta nova forma de sociabilidade à beira mar, estava em voga nos países europeus e em outros países do mundo ocidental na segunda metade do século XIX. O balneário Villa Sequeira reproduziu a nova moda, contando com uma estrutura adequada para receber os banhistas, e que desde sua fundação preocupou-se com o bem estar de seus frequentadores.

Por isso, o lazer e a sociabilidade reinaram na estação de banhos da Mangueira. Os bailes, matinês, concertos, os jogos, as gincanas, os passeios de charrete na avenida, o percurso do trem, o espaço da praia e do hotel interagiram-se entre si, proporcionando o entretenimento dos seus visitantes.

Em primeiro lugar, podemos dizer que o encontro de pessoas e a interação social ocorriam tanto por estímulos espontâneos quanto induzidos. A praia, por exemplo, enquanto o atrativo maior e, portanto, mais sedutor e chamativo do balneário, constituía-se em um fator gerador de espaço de sociabilidade na medida em que a população local e do entorno se deslocava para a prática do lazer e do ócio. Porém, as formas de sociabilidade que ali se processavam não eram homogêneas, visto que diferentes usos e práticas sociais ocorriam em tempos distintos: a praia, pela parte da manhã, geralmente, era praticamente uma apropriação da burguesia, com hábitos e práticas mais refinados. Usavam barracas para se proteger do sol; ali alojavam-se e, em grupos formados por familiares ou amigos, dialogavam, trocando informações. À beira-mar, praticavam caminhadas e jogos, além do banho de mar para recuperarem o vigor físico. No período da tarde, o lugar transformava-se num espaço mais plural, diversificado, principalmente nos finais de semana, quando o trabalhador tinha sua folga semanal, enquanto a elite local voltava-se para outras atividades. Como noticiavam os periódicos da época, conforme mencionamos linhas atrás, os meios de transporte, os ônibus e o trem, lançavam milhares de pessoas no balneário. Essas pessoas utilizavam o lugar de forma mais improvisada e na maioria dos casos não dispunham nem mesmo de uma sombra para se abrigar. Mas mesmo nesta provisoriedade, agrupavam-se, segundo seus padrões, na prática do ócio e do lazer.

Além da praia e das atividades à beira-mar, outros lugares geravam espaços de sociabilidade, como a Avenida Rio Grande e os estabelecimentos comerciais, também usados por grupos sociais em temporalidades diferentes.

Num outro sentido, os eventos promovidos pela Sociedade Amigos do Cassino e os serviços oferecidos pelo Hotel Atlântico também constituíram-se em fatores geradores de espaços de sociabilidade. Observamos, entretanto, que pela base social que formava a

entidade social e frequentava o Hotel, os espaços de sociabilidade gerados destinavam-se, majoritariamente, ao agrupamento social que tinha condições de bancar as despesas, não obstante a realização de uma ou outra atividade mais aberta.

Em segundo lugar, constatamos, em alguns destes espaços de sociabilidade, a adoção de hábitos e práticas considerados entre “esquisitos” ou “modernos” para os padrões da época, principalmente por parte dos jovens. Um exemplo que aparece com maior clareza refere-se ao comportamento dos frequentadores da “Boite Chez Nous”. Podemos inferir que esta inflexão comportamental estava ligada, de alguma forma, as influências externas, como aquelas oriundas do movimento de contracultura que então tomava corpo. Essas influências, aqui desembarcando, iriam atravessar inevitavelmente as práticas sociais da juventude.

Nesse contexto, os frequentadores do balneário Cassino através do imaginário social “criado” ao longo das décadas atribuíram a ele um caráter próprio, com características específicas: uma Avenida principal construída horizontalmente em relação ao mar, extensa faixa de areia que permite o acesso de veículos automotores, os molhes da barra com suas vagonetas propiciando um belo passeio “mar adentro”, o veraneio de centenas de famílias no Cassino e a “função” da mudança nos meses de verão para o balneário e a sua condição de praia “popular”, fato este que nos chamou a atenção por contrariar o objetivo dos primeiros empreendedores - o de fundar uma estação balnear para as elites burguesas.

Referências Bibliográficas

FONTES:

Ação ordinária. Autor o Dr. Francisco Giampietro. Réus o Coronel Augusto Cesar de Leivas e sua esposa. Razões dos réus pelos advogados Drs. Carlos Ferreira Ramos e Pedro de Mello Carvalho. Sentença do Dr. Juiz de Comarca e manifestações da imprensa. Rio Grande, 24 de dezembro de 1918.

Álbum fotográfico da Companhia Viação Rio-Grandense. Estação Balnear. Livraria Universal. Echenique Irmãos e CIA. (1890-1910)

Alegações finais da Companhia Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway. Na ação que lhe move a Companhia Carris Urbanos. Rio Grande, Tipografia da Livraria Americana, 1890.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Rio Grande: Fotografias.

Atas da Junta Municipal do Município do Rio Grande do ano de 1891. 4ª Sessão Ordinária, Ofícios, Rio Grande.

Ata da Assembleia Geral Constitutiva da Sociedade Anônima Companhia Balnear Atlântica de 31/01/1923. Rio Grande.

Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da Estação Balnear da Mangueira, Laurence Hislop, 04/11/1898.

Decreto Lei nº 9.760 de 05 de setembro de 1946, capítulo I, Seção II, Artigo 2.

Escritura de venda do Casino de 24/08/1909 realizada no 2º Tabelionato de Rio Grande de notas sob o nº 165 fls. 51 a 54.

Panfleto publicitário sobre o concerto vocal e instrumental da estação balnear de 1897-1898 no Casino.

Panfleto publicitário da Sociedade Rio Grandense de Estradas de Rodagem. Apelo aos Rio-Grandenses, 01/09/1927.

Planta do balneário Villa Sequeira do ano de 1907.

Termo que assinam os Srs. Antônio Cândido de Sequeira, Antonio Manoel de Lemos Júnior, Evaristo dos Anjos Sandim, William A. Preller e Joaquim Martins Garcia, como diretores da Companhia de Bonds Suburbanos da Mangueira, como em seguida se declara, em 14/10/1888.

CENSOS do Município de Rio Grande. 1890, 1900 e 1911. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Estatutos da Companhia Balnear Atlântica de 21/11/1921. Rio Grande.

Estatutos da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar aprovados em assembleia geral de acionistas de 28 de julho de 1890. Rio Grande: Tipografia Do Artista, 1890.

Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.

Memorial apresentado aos acionistas da Companhia Carris Urbanos de Rio Grande aprovado em Assembleia Geral de 26/03/1886. Jornal Cassino, 28/01/2000.

Recordação da 1ª Missa no Casino. Rio Grande: Livraria Americana, 1899.

Regulamento Geral da Estação Balnear (Villa Sequeira), Hotel Casino e mais instalações. Rio Grande: Typ. do Rio Grande do Sul, Reis, Bastos & C., 1891.

Regulamento Geral da Estação Balnear (Villa Sequeira), Hotel Casino e mais instalações. Rio Grande: Typ. do Rio Grande do Sul, Reis, Bastos & C., 1891.

Regulamento Sanitário, decreto n. 33 de novembro de 1917. Intendente Dr. Alfredo Soares do Nascimento. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1917.

Relatório da Câmara Municipal da cidade do Rio Grande apresentado a Assembleia Provincial. Typ. do Echo do Sul. Guimarães, Oliveira e Cia., 1889.

Relatório de administração provisória desde 16 de dezembro de 1889 até 8 de novembro de 1891. Typ. do Trocadero de Reis, Bastos e C.. Rio Grande, 1892.

Relatório da Diretoria da Companhia Carris e Estrada de Ferro – Costa do Mar, apresentado em Assembleia Geral. Rio Grande, 26 de Outubro de 1893.

Relatório apresentado ao Conselho Municipal do Rio Grande pelo Capitão Carlos A. Ferreira de Assumpção, Vice Intendente em exercício e relatórios das Secretarias e Diretoria Municipais de 1902 a 30 de junho de 1903. Rio Grande: Typ. do Diário do Rio Grande, 1903.

Relatório apresentado ao Conselho do Município do Rio Grande em sessão de 1º de setembro de 1904 pelo Intendente Capitão Carlos Augusto Ferreira de Assumpção de 1º de julho de 1903 a 30 de junho de 1904. Rio Grande: Impresso nas oficinas de "O Intransigente", 1904.

Relatório do Capitão Dr. Juvenal Octaviano Müller (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 4 de setembro de 1905 e correspondente ao período de 1º de julho de 1904 a 30 de junho de 1905. Rio Grande: Oficinas de "O Intransigente", 1905.

Relatório do Capitão Dr. Juvenal Octaviano Müller (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1908 e correspondente ao período de 1º de julho de 1907 a 30 de junho de 1908. Rio Grande: Oficinas de "O Intransigente", 1908.

Relatório do Dr. Alfredo Soares do Nascimento (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1913 e correspondente ao período de 1º de julho de 1913 a 30 de junho de 1914. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1914.

Relatório do Dr. Alfredo Soares do Nascimento (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1919 e correspondente ao período de 1º de julho de 1918 a 30 de junho de 1919. Rio Grande: Oficinas a vapor do Rio Grande, 1919.

Relatório do Engº. João Fernandes Moreira (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1925 e correspondente ao período de 1º de julho de 1924 a 30 de junho de 1925. Rio Grande: Oficinas a eletricidade do Rio Grande, 1925.

Relatório do Engº. Civil Antônio Rocha de Meirelles Leite (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1928 e correspondente ao período de 1º de julho de 1927 a 30 de junho de 1928. Rio Grande: Oficinas a eletricidade do Rio Grande, 1928.

Relatório do Engº Civil Antônio Rocha de Meirelles Leite (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal em sessão de 1º de setembro de 1929 e correspondente ao período de 1º de julho de 1928 a 30 de junho de 1929. Rio Grande: Oficinas a eletricidade do Rio Grande, 1929.

Relatório do Engº. Civil Antônio Rocha de Meirelles Leite (Intendente do Município), apresentado ao Conselho Municipal na reunião de 1º de setembro de 1930 e correspondente ao período de 1º de julho de 1929 a 30 de junho de 1930. Rio Grande: Oficinas do Rio Grande, 1930.

Sentença do Juiz de Comarca de Rio Grande o Exmo. Dr. João Baptista Gonçalves no processo do Sr. Francisco Fontecielle contra o Sr. Coronel Augusto Cezar de Leivas e sua esposa. Rio Grande, 13 de janeiro de 1919.

UBATUBA DE FARIA, L.A.. *Casino: Plano de urbanização*. Projeto de L.A. Ubatuba de Faria. Município de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 1944.

Arquivo da Sociedade Amigos do Cassino (SAC):

ATA nº 1 da Reunião de Fundação da Sociedade Amigos do Cassino. Rio Grande: 13 de Fevereiro de 1950.

ATA nº 1 do Conselho Deliberativo da Sociedade Amigos do Cassino. Villa Sequeira, Rio Grande: 20 de Fevereiro de 1957.

ATA nº 2 do Conselho Deliberativo da Sociedade Amigos do Cassino. Villa Sequeira, Rio Grande: 04 de Abril de 1957.

ATA nº 3 do Conselho Deliberativo da Sociedade Amigos do Cassino. Villa Sequeira, Rio Grande: 20 de Janeiro de 1958.

ATAS das Reuniões de Diretoria da Sociedade Amigos do Cassino. 1952 (nº 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8); 1953 (nº 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16); 1954 (nº 17, 18, 19, 20); 1955 (nº 21, 22, 23, 24, 25); 1956 (nº 26, 27, 28); 1957 (nº 29); 1958 (nº 30, 31, 32); 1959 (nº 33, 34, 35, 36, 37).

ATA nº 1 da 1ª Sessão de Propaganda da Sociedade Amigos do Cassino. Rio Grande: 27 de Fevereiro de 1950.

Periódicos:

Anuário das Senhoras. Rio de Janeiro: Ed. O Malho, Ano III, 1936.

A Semana Elegante. Revista Ilustrada. Rio Grande, 23 de março de 1919. n. 2.

A Semana Elegante. Revista Ilustrada. Rio Grande, 29 de março de 1919. n. 3.

A Semana Elegante. Revista Ilustrada. Rio Grande, 05 de abril de 1919. n. 4.

A Semana Elegante. Revista Ilustrada. Rio Grande, 27 de julho de 1919. n. 7.

A Semana Elegante. Revista Ilustrada. Rio Grande, 9 de novembro de 1919. n. 12.

A Semana Elegante. Revista Ilustrada. Rio Grande, 14 de dezembro de 1919. n. 17.

A Semana Elegante. Revista ilustrada. Rio Grande, 18 de janeiro de 1920. v. 21.

A Semana Elegante. Revista ilustrada. Rio Grande, 25 de janeiro de 1920. v. 22.

Aventuras na História. São Paulo: Editora Abril, março 2007. Edição 43.

Cassino. Rio Grande, 7, 14, 21 e 28 de Janeiro e 11 de fevereiro de 2000.

Diário do Rio Grande. Rio Grande. Anos de 1890, 1891, 1892, 1893, 1896, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918.

Diário do Interior. Santa Maria/RS, 18 de janeiro de 1918.

Echo do Sul. Rio Grande. Anos de 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890, 1891, 1892, 1893, 1896, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936.

Informativo Rio Grande. Rio Grande, 18 e 26 de Janeiro de 1990.

Soamar, Rio Grande, 1995.

Jornal das Moças. Rio de Janeiro, 20 de março de 1950.

O Tempo. Anos de 1918 e 1919 e década de 1940.

Situação. Jaguarão/RS, 21 de janeiro de 1919.

Revista Máscara. Porto Alegre. 23 de fevereiro de 1918. n. 3; 16 de março de 1918. n. 6.

Rio Grande. Rio Grande. Anos de 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960.

Revista O Globo. Porto Alegre. 08 de março de 1947. n. 5; 12 de abril de 1947. n. 6.

TORRES, Luiz Henrique. *O Peixeiro*. Rio Grande, 2008, 2011, 2012.

BIBLIOGRAFIA:

AGULHON, Maurice, *La Sociabilité méridionale. (Confréries et associations dans la vie collective en Provence orientale à la fin du XVIIIe siècle)*. (Publications des Annales de la Faculté des lettres, Aix-en-Provence, série Travaux et Mémoires, n° XXXVI, 1966.)

ALVES, Francisco das Neves. *Porto e Barra do Rio Grande*. História, memória e cultura portuária. Porto Alegre: CORAG, 2008, v.1 e v. 2.

ALVES, Jorge Fernandes. Emigração e sanitismo: Porto e Brasil no século XIX. *Ler História*. Lisboa. ISCTE, n°48, 2005, pág. 141-156.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias – História social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AUSTEN, Jane. *A abadia de Northanger*. São Paulo: Editora Landmark, 2009.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. São Paulo: Editora da USP, 1980.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOURDON, Raymond (org.). *Tratado de Sociologia*. Trad. Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BAGUET, Alexander. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul/RS: Ed. UNISC, 1997.

BARCELLOS, João. Levantamento histórico sobre o balneário Cassino. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. Rio Grande: FURGS. Volume 04, out./nov./dez. 2000. <http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4c/joao.htm> Acesso: 16/04/2002

_____, João. O balneário Cassino: uma inspiração européia. *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. p. 43-48.

BARRÁN, José Pedro. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Tomo 1: La Cultura “bárbara” (1800-1860). Montevideo, Uruguay: Grupo Editor, ?. p. 103-146.

BARROS, Eliane C. & LANDO, Aldair M. Capitalismo e colonização. Os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H. (org.) *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 400.

BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: *Biennale de Paris: la modernité ou l'esprit du temps*. Paris: Editions L'Esquerre, 1982.

BEDIN, Pierri G. Olhar a cidade do Brasil, ver a modernidade à brasileira. *Biblos*. Rio Grande: Editora FURG, no. 10, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*. Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BITTENCOURT, Ézio. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional – Panorama da história de Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 1999.

BLAY, Jean-Pierre. O espaço urbano e a identidade cultural: o exemplo do Clube de Regatas do Flamengo. *Anais da XX reunião anual*. Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Curitiba/PR: SBPH, 2001, p. 107-112.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOFILL, Ricardo e VERÓN, Nicolas. L'architecture des villes. Paris: Odile Jacob, 1995, p. 127. In: PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BÖHM, João Henrique de Gal.. Mémoires relatifs à l'expédition au Rio Grande. *Simpósio comemorativo da restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Rio de Janeiro, 1976. *Anais*. Rio de Janeiro: IHGB\IHGMB, 1979, v.3.

BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 28, 2001. p. 49-69.

BOURDON, Raymond & BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ática, 1993.

BRAUDEL, Fernand. *Memórias do Mediterrâneo: Pré-História e Antiguidade*. Lisboa: Terramar, s.d.

BRESCIANI, Maria Stella M.. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BURGUIÉRE, André (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Eduardo Mattos. *A invenção de Torres: Do Balneário Picoral a criação da Praia de Torres – SAPT (1910-1950)*. Dissertação (Mestrado). UNISINOS. São Leopoldo, 2008.

CASTRO, Ana Claudia V. de. *A São Paulo de Menotti Del Picchia – Arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda, 2008.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul*. Estudos de fontes primárias da história rio-grandense acompanhado de vários textos (1605-1801). Porto Alegre: Editora da UFRGS, s.d.

CHAVES, Antonio José Gonçalves. Memórias ecônomo-políticas sobre a administração pública do Brasil: Compostas no Rio Grande de São Pedro do Sul e oferecidas aos deputados do mesmo Brasil. Quinta e última memória sobre a província do Rio Grande em particular. *Revista do IHGB/RS*. Porto Alegre, 2, 3 trim., 1922.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos avançados*. São Paulo: EDUSP, no. 11, 1991.

COPSTEIN, Raphael. Evolução urbana de Rio Grande. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 122, 1982.

CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

------. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

------. Bastidores. In: PERROT, Michele (org.). *História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra*. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

------(org.). *História dos Tempos Livres – O advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, v.17, n.1, jan.-mar. 2010. p.165-184.

COURTINE, Jean-Jacques. *História do corpo*. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

CSERGO, Julia. Extensão e mutação do lazer citadino na Itália unificada (1870-1915). IN: CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres – O advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001.

DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius. (orgs.). *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo*. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. *Estudos Avançados*. São Paulo, IEA/USP, v. 20, 2004, p. 237-251.

DE JESUS, Gilmar Mascarenhas. Do espaço colonial ao espaço da modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona, nº45, 7, 1º ago.1999. (www.ub.edu/geocrist/sn-45-7.htm).

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

D'OLIVEIRA JUNIOR, José Domingues. *A medicação marítima no tratamento da escrófula*. Porto: Typographia de Viuva Gandra, 1888. (Dissertação Inaugural apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto).

D'EU, Conde. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: EDUSP, 1981.

Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986.

DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Instituto Estadual do Livro: Porto Alegre, 1961.

DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1993.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores*. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

FALCON, Francisco J. C.. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papirus Editora, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. As máscaras da cidade. In: - *O olhar periférico*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.

FERREIRA, Helena Cristina Machado. *A construção social da praia*. Instituto Camões e Instituto Biblioteca Nacional e do livro: Guimarães, Portugal, 1996.

FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

GIBBON, Sônia A. de O.. *O Apito do Trem: Gênese e Desenvolvimento do Sistema Ferroviário em Rio Grande (RS)*. Rio Grande: FURG, 2000. (Monografia de Conclusão de Curso).

GRIECO, Sara F. Matthews. O corpo, aparência e sexualidade. In: PERROT, Michelle et al. *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Vol. 3. Sob a direção de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge. São Paulo: EBRADIL, 1991.

HALLAL, Dalila & MÜLLER, Dalila. Viagens de Recreio: as excursões em Pelotas no século XIX. *V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - SeminTUR: Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina*. UCS: Caxias do Sul, 2008.

HASSE, Manuela. Oeiras e o desenvolvimento de novos comportamentos de lazer. A valorização de um novo mundo: o mar, a praia e as férias. *Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital*. Buenos Aires/ARG, Año 4. Nº 14. Junio 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWM, Eric J.. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HÖRMEYER, Joseph. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1966.

ISABELLE, Arséne. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

JERÔNIMO, Rita. Banhistas e banheiros: Reconfiguração identitária na praia da Ericeira. *Etnográfica*. Portugal: CRIA, Vol. VII (1), 2003. pp. 159-169.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEME, Eunice. Cassino: Momentos Históricos. *Rio Grande: Fatos em Revista*. Rio Grande: Fevereiro, 1993. Pag.: 32-36.

LOVE, Joseph. A elite política. IN: - *A locomotiva*. São Paulo na federação brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 215-247.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Ingleses no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação, 1975.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura* 1. *Cadernos do Noroeste*. Série Sociologia. Portugal: Universidade do Minho, vol. 13 (1), 2000, p.201-218.

MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, Loiva Otero & ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas*. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MARTINS, Luís Paula Saldanha. Banhistas de mar no século XIX – Um olhar sobre uma época. *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*. Porto/PT: Universidade do Porto. 1 Série, Vol. V, 1989, p. 45-49.

MARTINS, Solismar Fraga. e PIMENTA, Margareth Afeche. A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais - O caso do município do Rio Grande (1874-1970). *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. Rio de Janeiro: Letra Capital/ANPUR. V. 6, n. 1/maio, 2004.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: Urbanização e modernidade*. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 1995.

MORAES FILHO, Evaristo de (org.) *Georg Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

MÜLLER, Dalila. Sociedade Harmonia Pelotense: um espaço de sociabilidade e de distinção da elite pelotense (1851-1860). *VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, 2010.

NASCIMENTO, Mara R. No andar do bonde, a vivência da cidade. *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, no. 10, 1998.

_____. *Sobre os trilhos do bonde, os caminhos de uma cidade brasileira*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, PUCRS, 1996.

NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana*. Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORTIGÃO, Ramalho. *Banhos de caldas e águas minerais*. Livraria Universal, 1875.

_____. *As praias de Portugal – Guia do banhista e do viajante*. Portugal: Livraria Clássica Editora, 1943.

_____. *Pela terra alheia. Sobre as águas do mar em Espanha*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1949.

_____. *Crônicas portuenses*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1944.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia – Pierre Bordieu*. São Paulo: Ática, 1983.

PADOIM, Maria Medianeira. Cultura Rio-Grandense – O Gaúcho e a identidade regional. IN: QUEVEDO, Júlio (org.). *Rio Grande do Sul: Quatro séculos de História*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PAIXÃO, Dario Luiz Dias. 1930-1945: A verdadeira Belle Époque do turismo brasileiro luxo e os espetáculos dos hotéis-cassinos imperam na era getulista. www.obstupr.ufpr.br/artigos/hotelaria11.pdf (Acesso: 02/12/2010).

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

PELISSARI, Marina Krüger. As elites no jornal: práticas sociais e representações na crônica “Flash social” (jornal Rio Grande – 1956-1957). *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, UFU, v. 24, no. 2, jul./dez. 2011, p. 457-473.

PEREZ, Léa. Por uma poética do sincretismo tropical. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. 18, n. 2, p. 43-44, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História da indústria sul-rio-grandense*. Guaíba: RIOCELL, 1985.

_____. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

_____. *Exposições universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. (org.). *História cultural*. Experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.

_____. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____. (coord.). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n. 53, jan./jun., 2007.

PETERSEN, Sílvia Regina. *Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

PIMENTEL, Alberto. *O Porto há trinta anos*. Porto: Livraria Universal, 1983.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais do Município de Rio Grande*. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Luciana G.. *O processo de formação do espaço no Balneário da Barra do Chuí*. Monografia (Graduação). FURG. Rio Grande, 2000.

PORTO, Lúcia. Estrada de ferro, carvão e futebol. In: URBIM, Carlos (coord.). *Rio Grande do Sul: Um Século de História*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

QUEIROZ, Maria Luiza. *A Vila de Rio Grande de São Pedro 1737-1822*. Rio Grande: Ed. FURG, 1987.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. *O Teatro da Sociabilidade: Um Estudo dos Clubes Sociais como Espaços de Representação das Elites Urbanas Alemãs e Teuto-Brasileiras*. São Leopoldo, 1850/1930. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre, 2000.

RANGEL, Susana Regina Salum e VIEIRA, Eurípedes Falcão. Comportamento demográfico da população Rio-Grandina. Período 1940-1991. *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, 1997.

RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). IN: CORBIN, Alain (org.). *História dos Tempos Livres – O advento do Lazer*. Portugal: Editora Teorema, 2001.

REICHEL, Heloísa J. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. IN: DACANAL, José H. & GONZAGA, Sérgio (orgs.) *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

REVERBEL, Carlos. *O gaúcho*. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1998.

RILKE, Rainer Maria. *A princesa branca: Cena a beira mar*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

RIO, João do. *A correspondência de uma estação de cura*. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 1992.

ROCHE, Daniel. *O povo de Paris – Ensaio sobre a cultura popular no século XVIII*. São Paulo: Edusp, 2004.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

ROQUETTE-PINTO, R.. *Relatório da excursão ao litoral e à região das Lagoas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 1962.

ROSCIO, Francisco João. Compêndio noticioso do Rio Grande de São Pedro até o Distrito e governo de Santa Catarina extraído dos meus diários observações e notícias que alcancei ao dito continente nos anos de 1774 a 1775. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, ano XXII, III e IV trimestres de 1942.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, jan./mar. 1989.

SCHNITZLER, Arthur. *Doutor Gräsler: Médico das termas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

SCHOSSLER, Joana Carolina. *"As nossas praias": Os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUC - RS. Porto Alegre, 2010.

SENNET, Richard. *Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. IN: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil República: da Belle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Cadernos Cedes*, Campinas, ano XIX, nº 48, ago./99.

SOARES, Leda Saraiva. *A saga das praias gaúchas (de Quintão a Torres) – Mais de um século de história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

STEINKE, Rosana. Entre a literatura e a história cultural: crônica de costumes ambientada em uma estância balneária.. In: *CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*. 3, 2007, Maringá, p. 866-874.

TORRES, Luiz Henrique. *Memórias do cais: O Porto Velho do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2009.

_____. *Rio Grande, 1918: A Gripe Espanhola e o colapso do cotidiano*. Rio Grande: Ed. FURG, 2008.

URBIM, Carlos. As charqueadas de Pelotas. In: - *Rio Grande do Sul: Um Século de História*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

VELLINHO, Moysés. *A formação histórica do gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1969.

VENEU, Marcos Guedes. O flaneur e a vertigem: Metrópole e subjetividade na obra de João do Rio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 3, n. 6, 1990.

VEREKER, Henry P.. *1860: Roteiro da costa do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001.

VIEIRA, Eurípedes Falcão. *Rio Grande do Sul – Geografia da população*. Porto Alegre: Sagra, 1985.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. *O limpo e o sujo*. Uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VILLWOCK, Glaucia Ennes. *Por que Amo o Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1997.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Do pudor à aridez: Da história das lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

XIMENDES, Alice Elias. *Balneário Cassino - Os terrenos de Marinha e a criação da Autarquia - ABC*. Monografia (Especialização). Curso de Pós-Graduação em História do Rio Grande do Sul. Rio Grande, 2010.

WALTON, John. *The English Seaside Resort. Social History 1750-1924*. Leicester University, 1983.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José C. de. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

----- . *O fomentismo português no final do século XVIII: doutrinas, mecanismos, exemplificações*. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 1977.

WIDHOLZER, Janeska. Os projetos de reforma urbana e a cidade moderna. *Biblos*. Rio Grande: Editora da FURG, No. 10, 1998.

WIEDERSPAHN, Oscar Henrique. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1979.

Páginas pesquisadas na Internet:

www.brasiliana.usp.br

www.flama-rj.com.br/ruas.html

www.visitbath.co.uk

www.vivasantos.com.br

<http://forrester.sf.dfis.furg.br/mea/remea/vol4c/joao.html>

www.vivapunta.com/informacion/historia.html

www.otero.com.br

<http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Caribde>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Talassoterapia>

<http://www.riograndeemfotos.fot.br/>

<http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas01.html>

<http://www.tramz.com/br/rg/rg.html>

www.zazzle.com.br

<http://arteseanp.blogspot.com.br/2012/08/imagem-semanal-banhistas.html>

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:TheGreatBathinBath\(UK\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:TheGreatBathinBath(UK).jpg)

<http://www.persee.fr>

www.piriapolis.com

ANEXOS

ANEXOS

Anexo 1:

Imagens do cotidiano da Cidade de Rio Grande do final século XIX e início do XX:

Figura 121 - No final do século XIX e início do XX, o *chic* em Rio Grande era frequentar locais como cafés, salões e confeitarias. O *Café América* foi um ponto de encontro da burguesia local. Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html>

Figura 122 - Casa comercial Palhares. Especializada em modas e tecidos. Início século XX.
Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html

Figura 123 - Interior da Confeitaria Papagaio. Estabelecimento comum no centro de Rio Grande, demonstrando a adoção de práticas "modernas" no contexto da vida social e cultural dos habitantes da cidade. Início século XX.

Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html>

Figura 124 - A loja do Pêgas foi um estabelecimento comercial "famoso" em Rio Grande pela variedade de produtos a venda e por sua intensa propaganda em jornais e revistas do município. Século XX. Disponível em: <http://www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html>

Figura 125 - Loja A Miscellanea Rio Grandense. Século XX. Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html

Figura 126 - Casa comercial *Paris na América*. Loja especializada em produtos importados como vestuário e perfumaria. Em propagandas nos periódicos da cidade enfatizava que seus produtos eram a "última moda em Paris". Século XX.
Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html

Figura 127 - Interior de uma tipografia. No alvorecer do século XX, o desenvolvimento comercial e industrial da cidade permitiu o crescimento de novos negócios, como as tipografias que se expandiram para poder atender o aumento de sua produção.

Disponível em: www.riograndeemfotos.fot.br/museuvirtual/antigas.html

Casa Martensen

Chapelaria, Modas, Perfumarias, Artigos
para senhoras, homens e crianças

Possue officina para concerto de chapéus e fabrica-se qualquer bonet.

Unicos recebedores dos afamados chapéus estrangeiros.

Borsalino
e
Christy

Rua Andradas ns. 72 e 76 - Telephone n. 361

Martensen & Irmão

RIO GRANDE — Estado do Rio Grande do Sul

Figura 128 - Casa Martensen. Ano 1919.
A Semana Elegante - Revista Ilustrada.

Companhia Predial
Paulista

A INTERNACIONAL

SÉDE SÃO PAULO

13:000\$000

POR 2\$500

E a única que tem tres
séries completas
e uma em organização

Pagamentos integraes

Informações na
Agencia geral
Rua Marechal
Floriano n. 257
Rio Grande

Figura 129 - Na *A Semana Elegante* observa-se a veiculação do marketing de lojas, cafés, restaurantes e empreiteiras de Rio Grande. Esta revista esteve presente nas leituras dos rio-grandinos, ao comentar a vida social e cultural, os acontecimentos e os eventos privados e públicos da cidade. *A Semana Elegante - Revista Ilustrada*. 1919.

Anexo 2:

Tabelas de impostos sobre atividades de diversão - 1922 e 1927

Receita Divertimentos	
Exercício de 1922	Annexo N. 6
NATUREZA DA RECEITA	IMPORTANCIA
Bailes publicos	500\$000
Companhias lyricas, dramaticas e outras	845\$000
Cinemas	2:375\$000
Cafés cantantes clubs em fórma de cabarets ou ca- sino e semelhantes	20:000\$000
Corridas de cavallos realizadas fóra de prados	631\$500
Idem nos districtos ruraes	350\$000
Rinhedeiro	400\$000
Divertimentos não previstos	30\$000
Boock maker funcconando dentro e fóra de prados	200\$000
Somma Rs.	25:331\$500

Secção de Contabilidade da Directoria do Thesouro Municipal,
em 30 de Dezembro de 1922.

O Director	O Chefe da Contabilidade
SALUSTIANO CARDOSO ESPINDOLA	JOSÉ DOS SANTOS LISBOA

Figura 130 - Fonte: *Relatório do Engº João Fernandes Moreira - Intendente. (08/09/1925, exercício 1924). Oficinas a eletricidade do Rio Grande, anexo 6.*

RECEITA	
Divertimentos	
EXERCICIO DE 1927	ANNEXO N. 6
NATUREZA DA RECEITA	IMPORTANCIA
Bilhares publicos	300\$000
Idem particulares	480\$000
Idem, nos districtos ruraes	40\$000
Bailes publicos	360\$000
Companhias lyricas, dramaticas e outras	1:560\$000
Cinemas	2:900\$000
Casas de commercio, sociedades, clubs, etc., onde haja jogos permittidos.	11:300\$000
Corridas de cavallos realisadas nos districtos ruraes.	1:140\$000
Rinhideiro	500\$000
Boock-maker que funcionar dentro ou fóra do prado	275\$000
Divertimentos não especificados.	11:533\$200
Imposto sobre entradas para diversões	55:020\$803
Somma. Rs.	85:409\$003

Secção de Contabilidade da Directoria do Thesouro Municipal,
em 31 de Dezembro de 1927.

O Director

JOSÉ DOS SANTOS LISBOA

Figura 131 - Fonte: *Relatório apresentado ao Conselho Municipal do Rio Grande pelo Intendente Antonio Rocha de Meirelles Leite na reunião de 1º de setembro de 1929 e correspondente ao exercício de 1928.* Oficinas do Rio Grande, 1929, anexo 6.

Anexo 3: Fábricas/Indústrias de Rio Grande em 1919.

Principaes fabricas e officinas existentes no Município

EM 31 DE DEZEMBRO DE 1919

Fabricas de tecidos

Companhia União Fabril. — Sociedade Anonyma, successora de Rheingantz & C. Rua Rheingantz n. Edifícios propri s. *Capital* 3.500:000\$000; *machinismos*—machinas para lavagem, fiação, tecelagem e preparo de fazendas de lan para fiação, tecelagem e preparo de fazendas de algodão e de tecelagem e preparo de aniação, machinas para officinas mechanicas, fundição e carpintaria; *utensilios* — os usuaes nas officinas indicadas, em numero de; *potencia e natureza da energia empregada*—1.130 kw., electrica, produzida por duas turbinas a vapor, sendo empregado como combustivel o carvão nacional pulverizado; *numero e idade dos operarios* — 1.024, sendo 370 homens e 71 meninos, de 12 a 70 annos, e 444 mulheres e 139 meninas, de 12 a 60 annos; *salarios diarios*—de \$700 a 14\$000; *materia prima empregada e sua procedencia*—lan do Rio Grande do Sul, algodão de S. Paulo e dos Estados productores do Norte do país e juta da Inglaterra; *produção diaria*—6.000m. de tecidos de lan, 5.000m. de tecidos de algodão e de aniação; *natureza dos productos*—de lan, baetilhas, flannels, sarjas, pannos diagonaes de fio penteado, casimiras, cobertores, ponchos, etc.; de lan e algodão, casimiras e cobertores; de algodão, algodões crús, riscados e cassinetas; *meios de comunicação para a exportação*—via maritima; *mercados consumidores*—Brasil, Uruguay e Argentina.

Fabrica de Tecelagem Italo-Brasileira. — Santo Becchi & C. Rua Senador Corrêa n. 1 (sede em Genova, Italia). Edifícios proprios. *Capital* — 1.000.000 de liras; *machinismos*—machinas de fiar, tecer e preparar fazendas de algodão; *utensilios*—lançadeiras, carreteis, massarocas, etc., etc., em numero de; *potencia e natureza da energia empregada*—450 HP, vapor, uma só motriz; *numero e idade dos operarios*—600 (mais ou menos), sendo 150 homens, de 20 a 50 annos, e 450 mulheres, de 15 a 40 annos; *salarios diarios* — homens 6\$500 e mulheres 5\$000 (medios); *materia prima empregada e sua procedencia*—algodão dos Estados de S. Paulo e Pernambuco; *produção diaria*—5.000m. de tecidos; *natureza dos productos*—cassinetas, brins, riscados, tecidos lavrados, etc.; *meios de comunicação para a exportação*—via maritima; *mercados consumidores*—Brasil.

Matadouro Frigorifico

Companhia Swift do Brasil, Sociedade Anonyma.—No Porto Novo (sede em Maine, Estados Unidos da America). Edifícios proprios. *Capital*—3.000.000 de dollars

americanos; *machinismos*—3 machinas para fabricação do frio por meio de ammoniaco, força total 1.225 HP, 3 geradores electricos, corrente alternativa 600 vts. cada, e 1 compressor de ar; *utensilios* — os necessarios para a matança de gado e preparo dos respectivos productos e sub-productos, em numero de; *potencia e natureza da energia empregada*—1.400 HP, vapor, produzida por 4 caldeiras Babck, 450 HP cada; *numero e idade dos operarios*—944, sendo 896 homens, de 27 annos, em media, e 48 mulheres, de 22 annos, em media; *salarios diarios*—homens 6\$750 e mulheres 2\$520 (medios); *materia prima empregada e sua procedencia* — gado (actualmente só bovino) do Estado do Rio Grande do Sul; *produção diaria*—1.000 cabeças (capacidade de produção); *natureza dos productos*—carnes congeladas, linguas em conserva enlatadas, extracto de carne, sêbos, oleos animaes, etc., e preparo de todos e quaesquer sub-productos do gado; *meios de comunicação para a exportação*—via maritima; *mercados consumidores*—Inglaterra e França.

Conservas alimenticias e biscoitos

Leal, Santos & C. — Ruas General Portinho n. 1 e Aquidaban n. 44. Edificios proprios. *Capital* — 1.600:000\$000; *machinismos*—diversos, requeridos pela natureza das fabricações; *utensilios*—idem, idem; *potencia e natureza da energia empregada* — 120 HP, thermo-electrica; *numero e idade dos operarios*—300, sendo 200 homens, de 20 a 40 annos, e 100 mulheres de 18 a 30 annos; *salarios diarios* — homens 6\$000 e mulheres 1\$400 (medios); *materia prima empregada e sua procedencia*—folha de Flandres dos Estados Unidos da America, farinha de trigo da Argentina e do Rio Grande do Sul, manteiga, ovos, banha, peixes, fructas, legumes, carne de bovinos, suínos, ovinos e caças, do Rio Grande do Sul; *produção diaria*—5.000 a 10.000 latas de conservas e 1.000 kilogrammas de biscoitos; *natureza dos productos*—Conservas de carne, peixe, fructas e legumes e biscoitos; *meios de comunicação para a exportação*—via ferrea, fluvial e maritima; *mercados consumidores*—Estados do Rio Grande do Sul e do Norte do país e, para as carnes, Inglaterra.

Charutos e fumos

Companhia de Charutos Pooch.—Sociedade Anonyma, successora de Pooch & C. Rua Senador Corrêa n. 51. Edificio proprio. *Capital*—1.500:000\$000; *machinismos*—machinas de granpear caixinhas para charutos, impressadoras, cortadoras, etc., *utensilios*—fôrmas, fogão seccador, pesos compressores, balanças, etc., etc.; *potencia e natureza da energia empregada*—(industria manual); *numero e idade dos operarios*—200, sendo 60 homens, 50 maiores e 10 menores de 21 annos, e 140 mulheres, 80 de 21 a 60 annos e 60 de 15 a 21 annos; *salarios diarios*—de 3\$000 a 15\$000; *materia prima empregada e sua procedencia*—Fumos de Cuba, Havana, Colonias Hollandezas e Estado da Bahia e rottillos, madeiras, etc., de produção

nacional; *produção diária*—40 a 50.000 charutos; *natureza dos productos*—charutos finos, havanezes e nacionaes; *meios de comunicação para a exportação*—via ferrea, fluvial e maritima; *mercados consumidores*—Brasil, Uruguay, Argentina e Chile.

Fabrica Alliança.—Miguel José de Araujo. Rua Uruguayana n. 39. *Capital*—90:000\$000; *machinismos*—os necessarios para o fabrico de charutos e famos desfiados; *utensilios*—idem, idem; *potencia e natureza da energia empregada*—3 HP, electrica, produzida pela uzina do Porto Novo; *numero e idade dos operarios*—20, de ambos os sex s (não temos dados sobre as idades); *salarios diarios* — 3\$000 (media); *materia prima empregada e sua procedencia*—Fumos dos Estados do Rio Grande do Sul e da Bahia, e rotulos, madeira, latas, etc., de produção nacional; *natureza dos productos*—charutos e famos desfiados; *meios de comunicação para a exportação*—vias ferrea, fluvial e maritima; *mercados consumidores*—Brasil, Uruguay e Argentina.

Calçados e alpargatas

Llopart & C.—Boulevard 14 de Julho s/n. Edifícios proprios. *Capital*—200:000\$000; *machinismos*—os necessarios para o fabrico de calçados e alpargatas; *utensilios*—idem, idem; *potencia e natureza da energia empregada*—40 HP, oleos mineral, motor Diesel; *numero e idade dos operarios*—120, sendo 65 homens de 12 a 50 annos, e 55 mulheres de 12 a 50 annos; *salarios diarios*—\$800 a 9\$000; *materia prima empregada e sua procedencia*—juta, canhamo e lona para alpargatas, e couros diversos para calçado, de procedencia nacional e estrangeira (não temos dados positivos sobre os logares de procedencia); *produção diária*—125 pares de calçados e 40 duzias de alpargatas; *natureza dos productos*—calçados e alpargatas; *meios de comunicação para a exportação*—vias ferrea, fluvial e maritima; *mercados consumidores*—Estados do Rio Grande do Sul e outros do país.

Cerveja, gazosa e semelhantes

Cervejaria Sul Rio-Grandense.—Anselmi & Schmitt. Boulevard 14 de Julho s/n. Edifícios proprios. *Capital*—600:000\$000; *machinismos*—os necessarios ao fabrico de cerveja, gazosa e syphon; *utensilios*—idem; *potencia e natureza da energia empregada*—50 HP, vapor; *numero e idade dos operarios*—40, homens, de 21 a 50 annos; *salarios diarios*—5\$000 (media); *natureza dos productos*—cerveja, gazosa, syphon, etc.; *meios de comunicação para a exportação*—vias ferrea e fluvial; *mercados consumidores*—Estado do Rio Grande do Sul.

NOTA—*Relação a completar nos trabalhos da estatística municipal de 1920. Faltam dados de fabricas de madeiras aparelhadas, caixas de madeira, saccoes de papel, mosaicos, louças de barro, licôres e vinagre, massas alimenticias, velas, sabão, calçados, vassouras, espanadores, beneficiamento de fumo e café, cortume, officinas mechanicas de fundição, etc.*

Figura 132 - Fonte: *Relatório do Dr. Alfredo Soares do Nascimento (Intendente do Município), 1º de setembro de 1920, correspondente ao período de 1º de julho de 1919 a 30 de junho de 1920. Oficinas a vapor do Rio Grande, 1920.*

Anexo 4:

Bondes e locomotivas da cidade de Rio Grande.

Figura 133 - Bonde de tração animal estacionado entre as ruas 24 de Maio e General Vitorino. Ao fundo observa-se o prédio da Casa de Beneficência Portuguesa. Rio Grande nesta época já possuía os bondes elétricos e a iluminação na cidade estava sendo instalada pela Companhia Francesa. Século XX. Disponível em: www.tramz.com/br/rg/rg.html

Figura 134 - Bonde parado na saída de fábrica em Rio Grande. Década de 1930.

Disponível em: www.tramz.com/br/rg/rg.html

Figura 135 - Interior de um vagão de trem da Companhia Viação Rio-Grandense.

Década de 1920. Disponível em: <http://www.tramz.com/br/rg/rg.html>

Anexo 5: Companhia Bonds Suburbanos da Mangueira em 30/01/1889.

Companhia Bonds Suburbanos da Mangueira				
CHAMADA DE PROPONENTES PARA FOR- NECIMENTO DE MATERIAES				
Aceita-se propostas até o dia 30 do cor- rente, no escriptorio da Companhia, á rua Marquez de Caxias, para o fornecimento total ou parcial de :				
90 duzias de taboas de pinho da provin- cia, para assoalho.				
74 ditas ditas para forro.				
400 toneladas de pedra bruta para calça- mento.				
4	estacas	de	2,m40	$\times 0,m22 \times 0,m22$
43	"	"	2,50	"
74	"	"	2,80	"
30	"	"	3,00	"
56	"	"	3,50	"
11	"	"	4,50	"
6	"	"	6,00	"
6	"	"	6,60	"
4	"	"	8,50	"
Quer cortadas nesses tamanhos, quer nas seguintes dimensões :				
104 linhas de 30 palmos				
35	"	"	40	"
31	"	"	50	"
6	estacas	de	2,m00	$\times 25 \times 0,m25$
4	"	"	3,50	"
3	"	"	5,50	"
8	"	"	6,00	"
8	"	"	8,00	"
20	"	"	10,00	"
3	"	"	10,50	"
OU SEJA :				
10 linhas de 30 palmos				
8	"	"	40	"
29	"	"	50	"
20	estacas	de	2,m50	$\times 0,m32 \times 0,m32$
8	"	"	4,50	"
3	"	"	5,50	"
2	"	"	6,50	"
8	"	"	8,50	"
3	"	"	10,50	"
OU SEJA :				
2 linhas de 30 palmos				
12	"	"	40	"
10	"	"	50	"
17 duzias de tirantes de madeira de lei				

Figura 136 - Fonte: *Echo do Sul*, 30/01/1889.

Anexo 6. Trechos e imagens do projeto de L.A. Ubatuba de Faria intitulado *Casino – Plano de urbanização. Município Rio Grande. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil* publicado no ano de 1944.

IMPORTANCIA DO CASINO COMO PRAIA POPULAR

Nos dois itens anteriores Zonas de influencia-e-preço-de-transporte- evidenciamos a importancia desse Balneario como praia popular.

E' pois indispensavel que o plano urbanistico apresente condições capazes de preencher tais funções:

- a) condução a baixo preço até o local de interesse.
- b) parque de estacionamento de veículos;
- c) bars e restaurantes economicos;
- d) diversões populares (dancings, festas, sports etc.
- e) hotéis e pensões;
- f) colonias de férias;
- g) parques amplos com abundancia de vegetação arvores de sombra;
- h) recurso medico de emergencia.

Tudo isso previmos no plano apresentado.

URBANISACÃO DO CASINO
Edificação Intermédia - estacionamento funcional

VISÃO FUTURA DO BALNEIO POPULAR
PORTO Terminal DA VIA FERREA

Anexo 7. Imagens de *chalets* e residências que fizeram e fazem da Villa Sequeira um balneário conhecido por seu "charme e glamour" à moda europeia. Imagens de 2011. Arquivo pessoal RGE.

Anexo 8. Panfleto dos leilões realizados entre as temporadas de 1913-1914 e 1915.

**Grande Leilão de Terras na
Praia do Casino do Rio Grande**

**VILLA
SEQUEIRA**

A PRAZO

ESTAÇÕES DE 1913-1914-1915

A Comprar

LEIVAS

Lotes do Balneario TERÇO
que o chalet virá em seguida

VENDA LIBERAL
SEM PREÇO PRESTABELECIDO

O dia 15 de Janeiro de 1914

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:
50 cto no acto da compra; o resto a 6 e **Próxima** ▶

GRANDE LEILÃO DE TERRAS NA PRAIA DO CASINO DO RIO GRANDE

VILLA SEQUEIRA

A PRAZO = ESTAÇÕES DE 1913-14-15 = A PRAZO

IMPORTANTE venda de terrenos em leilão e particularmente a prazos. Quatrocentos formosos lotes de 50 x 50 mts. com frente a grandes avenidas e ruas, com luz eléctrica, bonds, pomar, hotel Casino, pracas, estação ferroviária etc., etc.

A nova empresa do Casino propõe-se vender esta bellissima fracção de terra em condições de pagamentos tão liberais que permita a todos adquirir uma ou mais fracções para construir o obrigatório chalet com todos os encantos que offereça nossa inigualavel praia de bahnos.

Comprar um lote alli é assegurar uma comoda vivenda; pois a Empresa vendedora propociona aos compradores a facilidade de construir economicamente e a prazos, elegantes chalets de verão.

Rio Grande accora; seu grande porto a todos admira; a construcção de suas cloacas e o serviço de expositos que brevemente serão uma realidade, suas importantissimas fabricas e uzinas, os capitães, vidas estrangeiros arraigados cada dia mais ao seu solo e amparados pela liberalidade de suas leis e raas garantias offerecidas pelo poderes publicos; e em uma palavra esse milhar de factores que a vida moderna impõe aos povos cultos, resolvem-se todos no Rio-Grande trazendo-lhe o mais prospero e maior bem estar.

A nova Empresa do Casino dando-se perfeita conta deste estado florescente e prospero do Rio-Grande tem o proposito de intrduzir grandes obras no Hotel Balneario; instalou uma oficina electrica, aparelhos telefonicos em todos o Hotel, grande camara frigorifica; ampla lavanderia; pocos semisurgentes; plantações de arvores sombrias; bahnos tepidos; reconstruiu o edificio; estabeleceu jogos para meninos, senhoritas, cavalheiros, etc., etc.

Todas estas obras dentro de zona de dos terrenos offerecidos em venda, asseguram aos Srs compradores o bom-emprego de seu dinheiro.

Por outra parte a Empresa resolve nestes momentos, a creação de um Banco Constructor, novo elemento de prospero futuro, para o Balneario, pois que só a elle dedicará seu capital.

A comprar lotes do Balneario Casino, que o chalet virá em seguida. Venda liberal, sem preço prestabelecido.

◉ DIA 15 DE JANEIRO DE 1914

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO: 50 cto no acto da compra; o resto a 6 e 12 meses sem juros.

Voltar ◀

Anexo 9. Informes publicitários: produtos destinados aos banhos de mar. Anúncios datilografados, jornais diversos, anos diversos.

Guarda-sol, de seda, pretos e de cores para senhoras, novo sortimento, o mais chic que existe neste gênero, recebeu a Loja do Cezar. (*Diário do Rio Grande*, 05/11/1890)

Para roupas de banho

Superiores casemiras riscadinhas e xadrez de lã, preparadas para não encolher, especialidade para roupas de banho. No Rasteiro. (*Diário do Rio Grande*, 21/12/1890)

Para a Villa Sequeira

Sapatos amarelos com borracha na sola, indispensáveis nas praias de banho, para homens, senhoras, meninas e rapazes. Chegou bom sortimento no Rasteiro. (*Diário do Rio Grande*, 16/02/1892)

Guarda-sol brancos para passeios na Costa do mar a 2\$500. Ao Louvre”. (*Diário do Rio Grande*, 23/02/1892)

Au Palais Royal

Roupas de banho e sapatos para homens e senhoras. Esplêndido sortimento em tecidos especiais, diversos feitios e tamanhos, recebeu o Palais Royal.

Os feitios das roupas de banho para senhoras são elegantíssimos, a última novidade em Paris, de onde foram importados.

Sapatos de banho também para homens e senhoras, artigo chic recebeu o Palais Royal.

Roupas de banho – grande sortimento de roupas de superior casemira, para banho, garantida não encolher nem se cortar com água salgada, fabricada na Inglaterra especialmente para este fim.

Gorros de banho para senhoras no Palais Royal. Propriedade Areias Júnior. (*Diário do Rio Grande*, 16/03/1892)

Para banhos

Calçados para senhoras, homem ou crianças encontra-se grande sortimento na loja da Estrella, roupa para banho, toalha ou fazenda para a mesma, gorros, tem grande sortimento e resolvemos dar com 50% de abatimento. É de se aproveitar, é só na Loja da Estrella. Telephone 677. (*Echo do Sul*, 04/01/1894)

Banhos de mar

Roupas, toucas e sapatos. Esplêndido sortimento no Palais Royal. Observação: os tecidos de nossas roupas para banhos de mar são especiais com os feitos para senhoras e são os últimos em Paris. Os de homens além de serem de outros feitos encontra-se o clássico macacão de ponta de lã. O mais cômodo conhecido até hoje. Preços baratíssimos. (*Echo do Sul*, 09/01/1894)

Banhos de mar – Roupas e sapatos

Para homens, senhoras e crianças acaba o Palais Royal de receber uma rica coleção de roupas de feitos elegantes e em tecidos próprios para banhos de mar.

Também recebeu esplêndido sortimento de toalhas felpudas, toucas de vários feitos, capas, sapatos, bolsas para conduzir roupa para o banho e muitos outros artigos para esse fim. Roupas francesas para homens e rapazes. O Palais Royal acaba de receber da casa AD. Codchau, de Paris, um rico sortimento e variado sortimento de roupas feitas para homens, rapazes e crianças. (*Diário do Rio Grande*, 03/01/1896)

Roupas, toalhas, sapatos e toucas

Robes de chambre felpudos, sacos para conduzir roupa e outros artigos próprios para banhos, recebeu importante e variado sortimento o Palais Royal. Convém observar que nossas roupas de banho, tanto para senhoras como para homens e rapazes, são recebidos de Paris. (*Diário do Rio Grande*, 04/01/1898)

Banhos de mar

Toucas impermeáveis, sapatos especiais, toalhas, saídas de banho, de pano felpudo e muitos outros artigos próprios para serem usados em praia de banhos, encontra-se no Palais Royal. (*Diário do Rio Grande*, 07/01/1902)

Atalaia Rio-Grandense

Chapéus de sol brancos com roda enfeitada, chegadinhos pelo último vapor, bem a tempo da estação balnear”. (*Diário do Rio Grande*, 01/01/1903)

Jovem Itália

Recebeu importantes novidades para esse verão para serem usados na estação de banhos. (*Diário do Rio Grande*, 12/01/1904)

Au Palais Royal

Últimas novidades de Paris, Viena e Berlim para a atual estação de banhos. (*Diário do Rio Grande*, 07/01/1905)

Ao Pêgas Filho

Sombrinhas brancas e de cores a 8\$000. De New York. Para passeios a beira mar. (*Echo do Sul*, 10/01/1908)

Anexo 10. Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da Estação Balnear da Mangueira, Laurence Hislop, 04/11/1898.

“Tendo a honra comunicar a V.S. que no dia 1º de dezembro do corrente ano, será inaugurada Estação Balnear para a próxima temporada de verão.

Situada na praia do Oceano Atlântico ao Sul da Barra do Rio Grande, neste Estado, reconhecida entre todas as praias de banho do Oeste do continente da América do Sul como uma das mais aprazíveis, onde os preços são os mais módicos, cada ano vai se aumentando a afluência dos visitantes e famílias de diversos pontos do Estado, aproveitando-se deste lugar, tão higiênico, qual agradável.

Disposto de 36 quartos e um excelente “Salle a Manger”, de um pessoal habilitado para o “Cuisine” da primeira ordem, o serviço do hotel nada deixará a desejar aos mais exigentes hóspedes. Por 60\$000 por mês se aluga um bom quarto de solteiro, mobiliado ou por 80\$000 um com cama de casal, com todo serviço preciso. Por 120\$000 por mês, a razão de 4\$000 por dia, haverá serviço de almoço, jantar e café da manhã.

A toda hora, mediante preço módico, apronta-se nos quartos de banho do hotel, banhos de água fria e quente.

Para o divertimento dos visitantes há grandes salões de concerto, baile, bilhar e tiro ao alvo. A cancha, toda arborizada, cercada, sobre cuja relva, haverá semanalmente corridas de “cyclistas, athleticos, hippodrome”.

Ao longo da praia acham-se 200 camarotes e 36 barracas para os banhistas, com pessoal habilitado para atender aos seus interesses.

Pela transvia entre o Cassino e a praia haverá constante comunicação, como também, quando for preciso, se fará passeios e “pic-nics” pelos arrabaldes do Bolacha e Senandes. Entre Rio Grande e o Cassino diariamente curso de trens de passageiro pela via férrea, e possuindo a Companhia Viação suas próprias linhas de telefone e telégrafo há toda facilidade para os moradores comunicarem-se com Rio Grande, Pelotas e até as praças de todo o mundo.

O serviço postal acha-se bem determinado, encarregando-se a direção da remessa de toda a correspondência que for dirigida a Caixa nº 34 no correio do Rio Grande.

Nos pátios do hotel há dois esplêndidos jardins e grandes caramanchões onde os hóspedes podem ter serviço de mesa, nos dias de maior calor ou quando lhes aprouverem.

A direção apresentará aos freqüentadores neste ano um novo serviço de limpeza e esgotos, que for completamente reformado e que se achará ao par dos melhores dos centros populosos. Todo o estabelecimento tem tido a devida reforma e aprontamento para a estação vindoura.

Haverá jogos de bilhar, bagatela, tiro ao alvo, jogo de bala, croquer, lawn tennis, quoits, buil board, derby, cavalinhos e outras novidades a chegar da Europa.

Foi argumentado o serviço de água potável, com um novo algibe, colocado no hotel para o serviço exclusivo do mesmo, isto, para facilitar maior suprimento aos moradores das casas, que são fornecidas do grande algibe construído no ano passado. O grande caramanchão foi reformado de maneira a ser o lugar mais aprazível no Casino.

Achando-se tratados para toda a estação de 1º de dezembro de 1898 a 30 de abril de 1899, quase todas as casas da propriedade da Companhia Viação no Cassino, roga-se aos ilustres arrendatários, cujos nomes se acham anotados no livro dos registros, a favor de entrarem no escritório da mesma Companhia, na rua Marquês de Caxias, Rio Grande, com a importância do arrendamento de cada casa alugada, certos, que do findo daquele prazo serão alugadas pela taxa mensal de duzentos mil réis por cada casa, a contar de 1º de dezembro de 1898 até 30 de outubro de 1899 aqueles que a pretendem, ficando a direção, sem compromisso algum perante os arrendatários

que até 31 de outubro de 1898 não tiverem feito entrega da importância de seiscentos mil réis por cada casa tratada por toda a estação.

Pensão do hotel com quarto e cama de solteiro por mês 180\$000, a razão de seis mil réis por dia.

Dos quartos do lado do mar restam poucos para alugar, somente aceita-se pedidos para quartos daquele lado, e do lado dos trilhos, a correr o aluguel de 1º de dezembro de 1898 em diante.

Antecipando nesta estação grande concorrência a estação, onde este ano acha-se contratados a construção de quatro “chalets” elegantes, além dos que já existem e onde os compradores dos terrenos vão edificar para serem instalados no próximo verão, a direção roga aos pretendentes as casas e quartos que ainda restam se alugar, a andarem suas ordens com a máxima brevidade.

Para toda a estação acham-se tratadas casas as seguintes famílias, algumas com duas e três casas cada uma:

Rio Grande – Coronel Joaquim P. Salgado, Coronel C. Campello, Dr. Leonel Gomes Velho, Rev. Luvien Lee Kinsolving, Srs. Paul Stoss, Carl Engelhard, Chas Bateman, Francisco E. Belfort, Henrique Kulcke, João Gottwald, Luiz A. Otero, Domingos Vaz Dias, Joaquim Domingues Pereira.

Pelotas – Barão São Luiz, Conselheiro Francisco A. Maciel, Srs. Francisco Nunes de Souza, Martin Bidart Filho, E.G. Lefevbre.

Porto Alegre – Coronel Manuel Py, Dr. Possidonio M. da Cunha, Dr. Eugenio C. Malheiros, Comendador Antonio Roiz Tavares.

O “chalet” da praia acha-se tratado para toda a estação a família do Illmo. Senador Ramiro Barcellos.

Em breve ser vos há submetido o novo regulamento para a próxima estação e antecipando a honra de uma visita neste verão ao Casino”.

Subscrevo-me com toda a estima dos Estados Unidos, **Laurence W. Hislop – Diretor Gerente.**

Anexo 11. Panfletos do concerto vocal e instrumental da temporada de 1897-1898 e da abertura da capela em 1899.

CONCERTO VOCAL E INSTRUMENTAL
O PRIMEIRO DA
ESTAÇÃO BALNEAR DE 1897-1898
NO
CASINO

A comissão de senhoras promotora da obtenção de meios para a edificação de uma *Capella* na

VILLA SEQUEIRA

tem o prazer de convidar a todos quantos se interessam pela prosperidade de uma tão apprazível praia de banhos, a offerecerem uma esportula, segundo a generosidade e a possibilidade de cada um, para esse fim piedoso, e a gozarem, ao mesmo tempo, de alguns momentos de agradável diversão no bello salão do *Casino*.

Domingo, 30 de Janeiro de 1898

DE 1 ÀS 3 HORAS DA TARDE

(Começando a MATINÉE logo depois da chegada do trem de excursão do Rio Grande)

Não havendo convites especiaes, aproveita a comissão a opportuidade para dirigir um appello aos sentimentos religiosos e ao bom gosto musical dos dignos moradores e hospedes da *Estação Balnear* e dos estimaveis excursionistas das cidades de Pelotás e do Rio Grande, — tornando extensivo este convite geral á illustrada e sempre prestimosa imprensa, á todos os distinctos Clubs e outras prestativas associações, das duas cidades visinhas e amigas, que quizerem honrar esta festa artistica e utilitaria com as suas apreciaveis presenças, — confiando no obsequioso comparecimento do maior numero de fave-recedores.

O concerto, dirigido pelo maestro Sr. Victor de los Rios, tem o gracioso desinteressado concurso dos reputados e applandidos artistas lyriccs :

Sra. D. Estrella Ontiveros. — 1ª tiple.

Sr. B. Monteverde. — 1º tenor.

Sr. Ernesto Paz. — 1º barytono.

Sr. Mariano Coscolluela. — 1º baixo ;

dos distinctos e sympathicos amadores Srs. E. R. Hawkins e Eutasio J. e das intelligentes e esperançosas jovens em seguida mencionadas, estudiosas executantes da *Estudiantina Rio-Grandense*, ensinada e dirigida pelo mesmo maestro Sr. Victor de los Rios.

A MATINEE

dividir-se-ha em duas partes, com o seguinte

PROGRAMMA

1ª PARTE

- A) **Guarany**— (MAHCHA INDIANA—, para piano a 4 mãos)—*Carlos Gomes*—, executada pelas jovens DD. Therezinha e Angelina Ferraz.
- B) **Tempestade**— (ARIA PARA BAIXO,— *Chapi*—, cantada pelo Sr. M. Coscollano
- C) **Il Secreto**. —(ROMANZA PARA BARYTONO)—, *Rotoli*—, cantada pelo Sr. E. R. Hawkins.
- D) **Lucia de Lamermoor**. —(ARIA PARA SOPRANO)—, *Donizetti*—, cantada pela Sra. D. Estrella Ontiveros.
- E) **Fra Diavolo**. — (GRAN SOLO DE CYTHARA)—, executado pela Sra. D. Clara Poester.
- F) **Tristia**. — (MELODIA PARA CANTO)—, *Dionesi*—, cantada pelo tenor Sr. Monteverde.
- G) **L'Oblio**. — (ROMANZA PARA BARYTONO)—, *Celestino*—, cantada pelo Sr. E. Paz.
- H) **Forza del Destino** (DUO PARA TENOR E BARYTONO, DO 3º ACTO,— *Verdi*—, cantado pelos Srs. Ernesto Paz e Eufasio Job.
- I) **Il Guarany** (GRAN DUO DE SOPRANO E TENOR)—, *Carlos Gomes*—, cantado pela Sra. D. Estrella Ontiveros e pelo Sr. Monteverde.

Todos os números de canto são acompanhados ao piano pelo maestro Sr. Victor de los Rios.

INTERVALLO DE UM QUARTO DE HORA

2ª PARTE

Preenchida pela *Estudantina Rio-Grandense*, regida, ao violino, pelo maestro Sr. Victor de los Rios, constando dos seguintes numeros:

- J) **Hamburgo**. — (MAZURKA DA ESTUDIANTE HESPAÑOLA FIGARO)—, *Granados*.
- K) **Paso Doble**. — (ESTUDIANTE FIGARO)—, *Juarranz*.
- L) **Gran Jota**. — (ESTUDIANTE FIGARO).

Executada pelas seguintes estimaveis jovens:

Bandolins : — DD. Nenê Bordagorry, Alice Ramos, Cecilia Poester, Dora Pereira, Esther Pêgas, Sylvia Mello, Antonia Futuro, Antonia Joaquina Vianna, Zezé Ferraz e Therezinha Ferraz.

Bandurras : — DD. Zaida Pinheiro e Anna Corrêa.

Violinos : — DD. Jovina Costa, Clara Poester, Judith Pereira, Rodolphina Mello e Luizinha Ferraz.

Violões : — DD. Augusta Ramos, Alberta Cabodi, Blandina Costa, Herminia Ferraz e Quininha Ferraz.

Violoncello : — D. Angelina Ferraz.

Castanholas : — DD. Julia Mariath e Maria Trindade.

Pandeiros : — DD. Olga Ribeiro, Bernardina Fuão, Aida Pinheiro, Alice Pereira, Luiza Cardozo, Lucia Aveiro, Isaura Coelho, Georgina Vannddgen e Sara Cardozo.

A entrada é franca. Achar-se-ha á cargo de uma commissão de senhoras o recolhimento das esportulas com que os Srs. espectadores, com toda a expontaneidade, quizerem favorecer esta obra pia.

Espera-se da delicadeza dos dignos cavalheiros o offerecimento das melhores localidades ás Exmas familias.

Typ. Trocadero

Brochura produzida para a celebração da primeira missa realizada na Capela da Villa Sequeira.

Conteúdo da brochura em comemoração pela inauguração da Capela da Villa Sequeira.

GRANDE FESTIVAL

no

CASINO RIO-GRANDENSE

no

DOMINGO, 19 de MARÇO de 1899.

Para auxiliar a construção de uma de uma capela, sob a invocação de Jesus, Maria e José, que perpetua a memória da primeira Igreja erigida no litoral do Rio Grande, as excelentíssimas senhoras e os distintos cavalheiros atualmente na Estação Balnear, resolveram promover os seguintes atos que oferecem aos habitantes das cidades próximas – Rio Grande e Pelotas.

MISSA

Celebrada pelo ilustrado Vigário reverendo Octaviano Pereira de Albuquerque, terá lugar às 10 horas da manhã uma missa, com acompanhamento de órgão e canto.

O ato religioso se efetuará com o maior brilhantismo, devendo a ele assistir todas as pessoas que se acham na Mangueira.

MATINÉE

A 1 hora da tarde dar-se-á começo ao imponente concerto, dirigido pelos insignes maestros Cavalcanti, Garbini e Guimarães, e em que tomam parte notáveis amadores e distintos cavalheiros de residência provisório no Casino.

Será observado o seguinte:

PROGRAMA

Matinée Musical sob a regência do maestro Eduardo Cavalcanti com o galante concurso de Exmas. Sras. E dos Srs. Professor Garbini e do Exímio pianista Carlos Guimarães.

1ª PARTE

1º Coro – Verdi – Lombardi pelas Exmas. Senhoras: Olga Maciel, Alayde Maciel, Margarita Galibern, Adelina Ribas, Maria Moreira Paiva, Candoca Machado, Alayde Maurell, Gertrudes Harvey, Maria José M. Chaves, Maria Luíza Duclos, Sara Moreira, Elisabeth Nieckele, Judith Sá, Isabel Hislop, Dora Maciel, Alice Moreira Chaves, Thereza Ferraz, Hermínia Ferraz, Angelina Ferraz, Luíza Ferraz, Julieta da Silva, Joaquina Ferraz, Maria José Ferraz, Clara Julien e Anna Antônia Vianna.

2º Romanza Miphistofele – Boito – para tenor pelo distinto amador Sr. E. Job.

Anexo 15

3º Solo de violino pelo distintíssimo amador Sr. Fábio Barros.

4º Romanza para barítono Perche – Felipe – pelo distinto amador Sr. José Conceição.

5º Ernani – solo para piano pela inteligente menina Maria Trindade.

6º Mililoti – La Notte – dueto pelas distintas amadoras DD. Elisabeth Nieckele e Judith Sá.

7º Solo de violino pelo maestro Cavalcanti.

2ª PARTE

8º Gottschalk – ‘Hynno Nacional’ pelo ilustre pianista Sr. Carlos Guimarães.

9º Papini – *Delírio Del Cuore*, romanza para soprano pela distinta amadora Sra. D. Emília Märck, com acompanhamento de piano pela exma. Sra. D. Paula Cardozo de Mattos.

10º Mayerbeer – *Africana*, ária pela talentosa amadora Sra. D. Bernardina Nunes Alves.

11º Paoletti – *Te voglio amae*, romanza pela exímia virtuosa D. Maria Moreira Alves.

12º Solo de violino pelo maestro Cavalcanti.

13º Tosti – *Ninon*, romanza para barítono pelo distinto amador Ricardo Hauchine.

14º Cavalcanti – *Mire usted* – pela Estudantina Casinense, composta das Exmas. Senhoras Maria Luisa Duclos, Hermínia Ferraz, Maria Moreira Paiva, Quininha Ferraz, Luizinha Ferraz, Maria José Ferraz, Thereza Ferraz, Dora Maciel, Clara Julien, Georgina Maciel, Adelaide Tavares, Angelina Ferraz, Alayde Maciel, Adelina Ribas, Cleonice Barros, Izabel Hislop, Antonia Futuro, Alice Schmidt, Morena Dornelles, Maria Trindade, Ottilia Maciel, Branca Seixas, Conceição Nunes Vieira e dos Srs. José Borges da Conceição, Fábio Barros, Antonio Tavares, Gustavo Pöock.

A porta do salão uma comissão receberá as espórtulas.

SOIRÉE

As 8 horas da noite, nos salões do Casino. Principiará suntuoso baile que se deve prolongar até meia noite.

Anexo 12. Eventos sociais, bailes e festividades realizados na Villa Sequeira entre o final do século XIX e a década de 1950 e alguns trechos de crônicas sociais e notícias do balneário. Jornais diversos.

Pic-Nic

Foi simplesmente esplêndido o “pic nic” que ante-ontem realizou-se na Mangueira, oferecido pelos banhistas do Bolaxa aos da Villa Sequeira. Foi uma festa campestre como não há exemplo de outra igual, não só na reunião que era seletíssima como na abundância do serviço e boa ordem e cordialidade que sempre reinaram. (Diário do Rio Grande, 05/04/1892)

Pic-Nic

O dia 3 de abril amanheceu verdadeiramente enfarruscado, fortes e repetidas bátegas de água fustigavam as areias brancas, que cercam a Villa Sequeira e os zínco que cobrem o Cassino. O 3 de abril amanheceu com uma cara de governado deposto pelas ondas populares, floriantemente levantadas pelos ataques à imprensa, às liberdades públicas, ao tesouro, que por vazio já não teme ataques, enfim por um milhão de razões invocadas nesses momentos supremos.

O desapontamento era imenso, o 3 de abril era o dia do pic nic oferecido pelo Bolaxa à Villa Sequeira e tudo parecia perdido, os dedos de rosas da aurora estavam molhados e sem forças para abrirem as portas do Oriente, o sol ia ficar fechado na sua caixinha forrada de cetim azul, rodeada de nuvens pardacentas, açoitadas pelos aguaceiros que vinham do mar alto.

Tudo estava perdido, no entanto, tudo se salvou, graças à intervenção de uns moços quase irados que as moças que podem tudo fizeram aos aguaceiros, às nuvens carregadas ao vento, ao sol. Ninguém resiste às moças, o almirante que durante os ciclones manobra a não sereno, intemerato e na hora do combate, quando a voz de abordar retumba forte, primeiro que ninguém salta ligeiro, levando a morte a coriscar na espada, foge medroso, arreia o pavilhão, ante um sorriso e o abanar de um leque.

O general que o sol da glória iluminou, com a fronte crustada dos combates, que nunca desmaiou ao sibilar das balas, bate em continência a espada gloriosa, se virgem que sonhou passa sorrindo, envolta nas brancuras invejadas pelo gelo que o sol bate na serra, pela espuma que o mar deixa na praia.

A chuva fez como o general e como o almirante: não resistiu as moças. O sol abriu a sua caixinha azul e inundando o mundo com a sua luz brilhante, gritou: ao Bolaxa! À Villa Sequeira: ao Pic Nic! A pedra já estava lançada, vamos ver se podemos contar como foi que ela rolou.

Às 10 horas e 40 minutos, um trem especial posto à disposição dos habitantes da Villa Sequeira, chamava-os com o apito agudo da locomotiva, era a hora marcada, poucos momentos depois desembarcavam na parada do Belmiro os convidados para o pic nic do Bolaxa.

Um grupo enorme de moças, entre as quais se desfraldava o estandarte do Bolaxa, formado de bandas azul e cor de rosa, tendo no centro bordada uma bolaxa adornada com um artístico B., cavalheiros e música esperavam os convidados na parada, e reberam-nos com vivas jubilosos e ao som harmônico dos instrumentos musicais.

Seguiram depois, todos juntos para o lugar do pic nic, uma soberba figueira, onde não penetravam os ardores do sol.

Bancos, cadeiras, redes, balanços e as grandes e estendidas raízes da figueira, encheram-se logo de senhoras, crianças e cavalheiros, que ao som harmonioso das harpas e violinos e da banda musical do distinto batalhão de artilharia, entregaram-se ao prazer da dança.

O Bolaxa tinha mandado cunhar uma medalha comemorativa do pic nic, a qual tinha na face gravados uma grande figueira e ao lado um sol que despontava brilhante no horizonte, com o seguinte distico em redor: O Bolaxa à Villa Sequeira. O.D.C., e no verso: 3 de abril de 1892.

As medalhas que com uma fita cor de rosa foram entregues a cada um dos convidados pelas moças do Bolaxa, foram gravadas pelos estimáveis cavalheiros Dantas e Nunes.

A um dos lados da figueira e debaixo de um grande toldo, estava estendida uma mesa de 80 palmos de comprimento, inteiramente coberta de uma infinita variedade de iguarias, de doces, frutas, vinhos e licores, em quantidade tal, que resistiu até aos últimos ataques, que lhe levavam

consecutivamente o apetite de trezentos convivas, aos quais o ar do mar, combinado com o do campo, davam seguidamente a voz de renovar o assalto.

A um dos lados da figueira via-se uma fogueira enorme rodeada de espetos, onde os assados com couro de uma gorda vaquilhana mostravam-se dourados, e sobre o burralho os churrascos de garantia, de peito e ao redor da fogueira, meia dúzia de guascas acorados atiçavam o fogo e molhavam os assados com salmoura.

Era o fogão gaúcho, esse fogão que por tantas vezes tem inundado de luz e de calor a Pátria brasileira, que há de servir-lhe de farol no futuro, que lhe tem servido até hoje de atalaia vigilante.

Era o fogão, esse fogão tornado célebre, tantas vezes, pelo grande patriota, que quase aquela mesma hora, junto aos secros de Bagé, rodeado pessoalmente ou pelo pensamento, por tudo quanto este Estado possui de mais alevantado pelo talento, pela bravura e pelo patriotismo. Plantava a palavra verde da esperança, rasgando novos horizontes a esta terra tão alta outrora, tão enxovalhada hoje, tão devastada pela ignorância, pela especulação e ridículas doutrinas”. (*Diário do Rio Grande*, 08/04/1892)

Estação Balnear - Excursões para a Villa Sequeira

Os banhistas vem em grande quantidade, não só de Rio Grande, como de Porto Alegre, Pelotas, Bagé e de outros. A natural afluência de excursionistas foi muito avultada. (*Diário do Rio Grande*, 23/02/1890)

Excursões ao Casino

A Companhia concessionária vai executar aos domingos novos horários de trens de excursões para a estação de banhos. Pela quantia de 1\$000 pode o público gozar do excelente passeio à Costa do mar, apreciar a magnífica praia de banhos e fazer seus “piki-nickis” à sombra das grandes varandas dos camarotes e do magnífico chalet-buffet da praia, que se acha perfeitamente sortido, de forma a satisfazer o mais exigente paladar, em tudo o que se refere a um bom restaurante.

Para maior realce destes passeios, conta-nos que a Companhia pretende adicionar-lhes uma magnífica banda de música que tocará na grande área do Casino e praia até as 7 ¹/₂ horas da noite.

Ora, tendo a Companhia magníficos salões para baile e concerto nos quais as quartas-feiras, sábados e domingos podem os Srs. Excursionistas gozar dessas agradáveis diversões pelo mais módico preço que se pode imaginar, mesmo porque no Casino as refeições e líquidos não custam mais nem são inferiores as de qualquer dos melhores hotéis da cidade”. (*Diário do Rio Grande*, 01/02/1896)

Excursões ao Casino

Realizou-se ante-ontem a excursão a estação de banhos ao preço de 1\$000. Preço insignificante em relação a distância e ao conforto que oferece o passeio. Graças aos recursos de que dispõe aquele estabelecimento, o excursionista pode passar ali agradavelmente o dia, sem nada lhe faltar, quanto a comodidade e alimentação.

Para a distração teve jogos no vasto salão, passeios ao longo da praia e descanso sentados comodamente nas varandas das edificações a beira-mar.

A banda de música ‘Floresta Rio-grandense’ tocou no Casino até as 8 horas da noite, fazendo ouvir as diversas peças do seu repertório. (*Diário do Rio Grande*, 04/02/1896)

Excursões

Para o Casino há dois trens de excursão, sendo o primeiro ao meio dia e o segundo as 5 da tarde. Qualquer deles proporcionará um excelente passeio. (*Diário do Rio Grande*, 01/01/1898)

Villa Sequeira – Hoje, ao meio dia, haverá trem de excursão entre esta cidade e a Villa Sequeira. (*Diário do Rio Grande*, 14/01/1900)

Trens de excursão para a Villa Sequeira com saída de Rio Grande. (*Diário do Rio Grande*, 15/01/1901)

Excursões para a estação balnear

Sábados e domingos.

Quem precisa tomar banhos de mar deve ir a estação balnear da cidade do Rio Grande, primeiro estabelecimento da América do Sul neste gênero. (*Diário do Rio Grande*, 11/01/1902)

Trens de excursão para o Casino, saindo da cidade aos sábados. (*Diário do Rio Grande*, 26/01/1905)

O carnaval no Casino

A aprazível estação balnear, de tanta utilidade no ponto de vista terapêutico, como no local de reunião de uma sociedade seleta e distinta, que afluem todos os pontos de Estado. Durante toda a semana que precedeu o domingo de carnaval, notou-se grande animação entre os que se acham em vilegiatura naquela magnífica praia de banhos. O ‘confetti’, as serpentinas, as borboletas, as flores tiveram ali grande extração, de tal forma que o vasto salão-restaurante ficou convertido num campo de batalhadores, vendo-se esparsos no soalho e suspensos dos cabides, dos lustres, etc., destroços da batalha.

Os lutadores não se davam tréguas, mesmo durante as refeições cruzavam-se os fogos em todas as direções, com um entusiasmo e ardor que davam agradabilíssima idéia do contentamento de que todos estavam possuídos.

Efetivamente a alegria, durante esses dias de folia chic, delicada, inofensiva, transparência radiante em todas as fisionomias.

No grande salão das diversões, dançou-se animadamente ao som de excelente orquestra, sendo de notar que tomaram parte nas danças até os veteranos, os homens graves e sisudos, o que dá idéia ao entusiasmo que reinou durante aqueles dias no Casino, mas sobretudo no domingo.

Na terça-feira, 18, é que a animação e o entusiasmo triplicaram, graças, em grande parte, ao “grupo das primaveras”, título bem apropriado, pois as jovens que o compunham representam efetivamente a mais risonha, a mais prazenteira e encantadora primavera da vida.

Este grupo formosíssimo, pelas jovens que a compunham e pelo gosto e elegância das fantasias, entrou ruidosamente nos diversos chalets sendo em todos acolhido com expansões de vivo contentamento e fidalgas maneiras.

Em todas essas belas e confortáveis vivendas, por entre o espocar do champagne e o cruzar de ditos espirituosos, passaram-se momentos deliciosos.

Terminada a visita dirigiu-se o simpático grupo, sob uma chuva de ‘confetti’ e serpentinas, e de uma ovação entusiástica, para o salão das danças, começando então uma das mais belas soirées a fantasia que ali se tem realizado.

A meia noite terminou o baile, que foi tanto mais agradável quanto foi organizado do improviso, sem proceder preparativos mais ou menos aparatosos.

Para sábados e domingos próximos estão projetadas novas e atraentes diversões para as quais se esperam muitas Exmas. Famílias da cidade, aos quais, com a sua presença darão ainda mais brilho as festas da nossa saudável e bela estação balnear. (*Diário do Rio Grande*, 21/02/1896)

Casino

No domingo, dia 23, foi o carnaval sepultado com todas as honras no Casino. Durante o dia um gracioso grupo precedido de Zé Pereira, visitou as diversas habitações, no meio de um ruído infernal

promovidos pelo rufar de tambores e latas vazias. As 8 horas da noite começaram a afluir as famílias ao salão, e em poucos minutos estavam ocupadas todas as cadeiras. Pouco depois um grupo fantasiado, ao som de violões, tambores e outros instrumentos, dava entrada no salão, tendo entusiástica recepção por parte deste grupo tornou-se saliente uma que acompanhada pelos maviosos sons de violões, contou chistosas modinhas alusivas a moradores do Casino. As 8 ¹/₂ horas começou o baile, notando-se muitas fantasias de gosto, entre as quais duas senhoras, que por 3 vezes mudaram de vestuário, sendo por isso muito difícil serem reconhecidas. As danças correram com muita ordem e entusiasmo, estando o salão literalmente cheio e havendo animado jogo de ‘confetti’ e serpentinas. O salão achava-se ornamentado modestamente com verdes e serpentinas entrelaçadas em toda a extensão, fazendo ali muito bonito efeito. O baile terminou a 1 hora da manhã, sempre animado e com grande concorrência. (*Diário do Rio Grande*, 27/02/1896)

Matinée

No Casino da Villa Sequeira dão um concerto vocal e instrumental os distintos artistas Sra. Virginia Arnold, Forti e Luiz Volta. Os dois primeiros são cantores de ópera italiana, e o terceiro habilíssimo professor de clarineta. São dignos de apreço. (*Diário do Rio Grande*, 21/02/1892)

Espetáculo no Casino

Muito concorridos os dois espetáculos dados pela Companhia italiana de operetas nas noites de sábado e domingo no salão do Casino da estação balnear. A lotação ficou completa. No Fra-Diavolo, Ottonello fez grande sucesso cantando em voz de falsete um dos trechos da bela ópera cômica. A Companhia dará mais espetáculos ainda hoje, quinta, sábado e domingo na estação balnear. (*Diário do Rio Grande*, 24/01/1893)

Casino

A banda de música da sociedade Mutualidade que é composta do pessoal das fábricas de tecidos da Cia. União Fabril apresentou-se no Casino no domingo dia 1°. (*Diário do Rio Grande*, 03/03/1896)

Villa Sequeira

Ante ontem se realizou uma soirée dançante no Casino. O baile teve início as 9¹/₂ horas da noite e uma orquestra desta cidade dirigiu-se para lá. (*Diário do Rio Grande*, 24/01/1898)

No Casino

Exibiu-se no Casino ante ontem o afamado artista De Feo, cognominado homem-orquestra com o seguinte programa:

1ª parte:

- 1° Esther. Marcha militar.
- 2° Poeta e paisano. Sinfonia.
- 3° Les patineurs. Valsa.

2ª parte:

- 1° Ainda. Pot-pourri.
- 2° Quarteto. Imitação de piston, trombone, violino e violoncelo.
- 3° A sentinela. Marcha militar”. (*Diário do Rio Grande*, 19/02/1900)

No Casino

Teve lugar ante ontem no salão do Casino, o sarau musical e dramático em benefício da capela que se está construindo. A parte musical foi dirigida pelo distinto maestro Sr. Eduardo Cavalcanti, auxiliado pela Exma. Sra. D. Hermínia Antônio Ramos. O programa do festival foi organizado com fino gosto artístico, constando dele escolhidas composições de Carlos Gomes, Denza, entre outros mestres. Um graciosa comédia foi representada pelas Exmas. Jovens Lucy Sequeira, Carolina Azambuja, e Alice Ramos e pelos Srs. Arthur Lawson e Epaminondas Guimarães. A espórtula fica ad libitum da generosidade dos convidados. Pelo correio foi feita larga distribuição de convites. (*Diário do Rio Grande*, 12/02/1901)

Estação balnear

Na aprazível praia do Casino, em instalações da Companhia Viação Rio-Grandense, acham-se no gozo dos banhos de mar, os seguintes cavalheiros e Exmas. Famílias:

- De Porto Alegre: Comendador Antônio Rodrigues Tavares, Hemethero Mostardeiro, Pedro Benjamin de Oliveira, João Manoel Pereira Maciel, Dr. Alcibíades M. Rangel, Heitor Carneiro.
- De Rio Grande: Dr. José d'Ayrosa Galvão, Alfredo Rheingantz, Coronel Antonio Chaves Campello, Dr. Manuel Antônio Afonso Reis, Capitão tenente Borges Leitão, Abelino Vieira da Silva, Fritz Engel, Fritz Luschinger, José Francisco da Silveira, Dr. Bernardo Piquet Carneiro, José Martins, Domingos José Vaz Dias, José Mena, Virgílio Peres, Dr. Francisco Gomes Velho, D. Carolina Bezerra.
- Do Rio de Janeiro: Antônio dos Santos Castro.
- De Pelotas: Coronel Domingos Jacinto Dias, Dr. Antônio Simões Lopes, Dr. José Chaves, Senhora Viscondessa da Graça, Antônio Maria Ferreira, Dr. Eduardo José de Moura, João B. Casanova, Coronel Adalberto Lupi.
- De Camaquã: Boaventura Centeno.
- De Bagé: D. Carlota Cortes Paixão.
- De Santa Maria: José Antônio Moraes Chaves.
- De Mato Grosso: Coronel Miguel d'Oliveira Paes. Todos com suas Exmas. Famílias e mais os Srs. Coronel Manoel Simões Lopes, Manoel Luiz Monteiro, do Rio Grande.

Grande parte das instalações da Companhia que ainda não se acham ocupadas estão reservadas para Exmas. Famílias a chegar em breve de vários pontos deste estado e de fora dele. Estão estabelecidas diversas casas de negócios, restaurante pertencente aos Srs.:

Antônio Pereira Monteiro, restaurante do chalet a beira mar;
 Leandro e Companhia, armazém de gêneros alimentícios;
 Avelino Silveira, salão de barbeiro e bazar de miudezas;
 Antônio Mariano Grant, secos e molhados e bazar de miudezas;
 Victor Rombys, secos e molhados;
 Annibal C. Mirapalheta, açougue e tambo;
 Firmino R. de Lima, idem;
 Arthur da Silva Freitas, tambo;
 J. M. Guimarães, idem.

Em chalets de sua propriedade acham-se as Exmas. Famílias dos Srs. Charles Nieckele e Comendador Miguel F. Moreira e no do Sr. Comendador Carlos Guilherme Rheingantz, a sua Exma. Mãe D. Maria Rheingantz com a família. (*Diário do Rio Grande*, 15/01/1896)

Estação balnear

Continuam a afluir os banhistas a aprazível estação balnear no Casino. De Rio Grande: Antônio Campos Assumpção e família, Dr. Alípio Corrêa, Amadeu Suzini, Porfírio R. da Trindade e família e Antônio Ribeiro Guimarães e família. De Pelotas: J.B. França de Mascarenhas e família. De Porto Alegre: D. Maria Athenaes de Macedo e família, Prócoro A. de Abreu e família, José Maria Fernandes Granja e família, A.M. Araújo, Agostinho Marques Ventura e família, Arthur Alvim, Edmundo Abreu e Mademoiselle Delauthier. (*Diário do Rio Grande*, 21/01/1896)

Estação balnear

Vai a crescente animação à estação balnear da Villa Sequeira. No vapor 'Humaitá' chegaram ante ontem da capital do Estado diversos cavalheiros, e em breve esperam muitos outros assim como de Rio Grande e de outras localidades. Acham-se já ocupando casas da Companhia os seguintes cavalheiros com suas famílias: Coronel Antônio C. Campello, Paul Stoos, Reverendo C. Kinsolving, Dr. A. Pinto da Rocha, José dos Santos Moreira da Cunha, Dr. Carlos F. Ramos, Dr. Eugênio Pinto Cardoso Malheiros, Major Frederico Ernesto B. Dias, Dr. M. Affonso Reis, Coronel João B. Mascarenhas, Dr. D. Lopes de Almeida, F. Guterres, F.W. Cartwright, B. Lopes Palhares e C. Engelhardt. Estão de casas tomadas e devem chegar brevemente os Srs. Luiz de Otero, D.J. Vaz Dias, Albino J. da Cunha, Paulo Luschinger, Hemetério Mostardeiro, Joaquim D. Pereira, Francisco P. Belfort, D. Dorothea Lorena, Martin Bidart Filho e outros. Até ante ontem só havia quatro casas disponíveis.

Este e outros fatos denotam que a nossa aprazível e confortável estação balnear vai se impondo ao apreço das pessoas que necessitam fazer uso dos banhos de mar e de quantas conhecem as vantagens que ela proporciona, sob todos os pontos de vista.

Nos quartos estão por enquanto os Srs. Francisco Macedo Couto, Dr. Nabuco de Gouvêa, Eduardo de Azevedo Souza e sua Exma. Família, um empregado de Banco inglês, cujo nome ignoramos. Por diversas pessoas desta cidade de Pelotas estão tomados vários quartos. Cremos poder assegurar que a estação, este ano, correrá animadíssima não só devido à concorrência de hóspedes como a variedade de distrações organizadas pela gerência. (*Diário do Rio Grande*, 09/01/1898)

Pelo Casino

Animadíssimo. Atrativos determinados pelas numerosas pessoas que ali foram buscar novos ares para retemperar o organismo esgotado pelas lutas cotidianas. Nota-se desusada familiaridade entre os veranistas. Grande afluência de famílias. (*Echo do Sul*, 01/02/1905)

Da Villa Sequeira

- Em trem expresso chegou sábado as 19:00h a estação Miramar, a exma. família do Sr. Coronel Francisco Antônio Lopes.
- Sábados e domingos nos salões do Casino houve animadas reuniões familiares, dançando até a meia noite. Ao piano se fez ouvir o prof. Sr. A. Tagnini.
- De Pelotas chegaram ao Casino a exma. viúva D. Constança Pinto, sua gentil filha e o Sr. Heitor Pinto. Da mesma procedência também chegaram a família do Sr. Francisco Sparenberg.
- De Porto Alegre os srs. H. Brito e o Dr. Alípio Canteiro.
- Do Rio de Janeiro o Sr. Álvaro Barcellos Mariante e filhos e o Sr. Antônio Gonçalves Carneiro e filhos.
- Na gerência do Casino está o Sr. José Antônio Soeiro, um dos empregados mais antigos da Cia..
- No escritório da Companhia o guarda livros o jovem Raul Werneck que dá explicação para aluguel de cômodos.
- O escritório onde funciona o aparelho telefônico está a cargo do Sr. Alcides Soares de Lima.
- O hotel está funcionando com regularidade estando a gerência o Sr. José Rodrigues da Costa e o auxiliar Chico Bones.
- A cooperativa da Cia. está bem sortida tendo também bem montada a confeitaria e tem como gerente o Sr. Alcides de Oliveira.
- Os bondes que funcionam para a praia fazem as viagens de 5 em 5 minutos com regularidade.
- No escritório da Cia. tem as seguintes cartas para serem procuradas pelos interessados:
- João Vega, Fermiano José Silveira, Constante Marques de Oliveira e José J. Terra na estação do Senandes.
- O trem de excursão de domingo trouxe 150 passageiros.
- De São Paulo chegou o Dr. Fonseca Rodrigues que está no chalet da praia. (*Echo do Sul*, 16/01/1906)

Baile no Casino

Um grupo de exma. senhorinhas das que na atual temporada fazem o encanto do Casino, organizou para a tarde de domingo próximo no grande salão de festas um baile de fantasiados para o qual a animação aumentou a cada hora. Já há fantasias em preparo e já há muito quem se divirta com esta festa, gozando com o velho brocardo: "o melhor da festa é esperar por ela". Desta feita porém o amexim falhará pois, pelos preparativos e pelo entusiasmo que os preside, a festa vai deixar a expectativa a perder de vista tão melhor será. A pedido das emas. famílias ali em veraneio será levada a cena sábado próximo no teatro Mira Mar do Casino a revista em dois atos. (*Echo do Sul*, 22/02/1916)

Carnaval no Casino

A petizada que se encontra veraneando no Casino resolveu homenagear ali o Deus Momo, realizando depois de amanhã as 19:30h no grande salão de festas um baile de máscaras para o qual reina grande entusiasmo. A festa terá por diretores as meninas Fortuna Terra Lopes, Diva Magalhães, Ernestina Osório, Haydée Costa Pereira, Manuela Chaves Barcellos e Alba Monteiro e os petizes Fernando R. Osório, Octavio de Souza Leite, Manuel Nascimento, João Chaves Barcellos, Francisco L. Osório e Antero Masset. Baile interessante. Fantasias de muito espírito, elegantes e luxuosas. (*Echo do Sul*, 14/02/1917)

Crônica Cassinense

Do carnet do nosso repórter do Casino: Em toda parte há repórteres mundanos e no Casino também há. Daí surge a crônica que segue feita por um deles que, refugiado aqui do calor da cidade procurou a frescura da beira mar aonde a par das delícias que a praia oferece também quer ser snob que é hoje a coisa mais chic na sociedade. Ser snob é coisa hoje tão fácil que todo mundo o é, e esta criação no Brasil foi obra na situação em que nos achamos em relação as outras nações onde há vida elegante. Assim é que no Brasil antigamente não havia mundo elegante e, depois de certa época começou-se a falar português com palavras estrangeiras, diz-se sempre que tomar chá e fazer-se five-o-clock-tea, que madame fulana apresentou-se em tal festa encantadoramente chic em gabardine bleue, arranjou-se os gentleman set e vê-se tudo up-to-date entre senhoras que, embora com vestido de caça, servem o "samovar" e jogam lawn tennis ou bridge.

O repórter mundano precisa portanto ser snob e no Casino precisa haver snobismo para ser uma praia verdadeiramente chic. Snobismo, elogios as mulheres. Tudo será elegante e começaremos já a falar da temporada no Casino com elegância e sinceridade.

Festa promovida pela empresa em comemoração do Natal, não houve a concorrência que o Coronel Leivas esperava porque as elegantes não apareceram. Houve pouca gente e se não fosse a Missa do Galo para disfarçar o desarranjo da máquina cinematográfica que parecia estar em oposição a boa vontade dos que ali foram festejar aquele dia tão alegre e tão bonito teria sido uma noite sonolenta para os que precisavam esperar o trem de regresso a madrugada. Na noite de ano bom, isto é, passagem do ano vimos no salão do Casino uma ceia elegante e alegre onde o humor dos convivas dava a nota chic da entrada do ano no Casino. Compareceram a essa alegre reunião os srs. Hipólito Santos, o Capitão Tenente Andrade Leite, Carlos Cuello, Pedro Pinto Lima e drs. Fernando Martins Fernando Pereira acompanhados das exmas. esposas.

Ouvimos frases esparsas e pedaços de brindes espirituosos onde a verve de cada um se manifestava a cada momento, a par da obediência mais severa das regras do protocolo e da fiel observância dos preceitos para a manutenção da linha como é de praxe na etiqueta. A alegria reinou sempre na convivência deliciosa daquela gente e só alta noite dissolveu-se o grupo e, com a sua saída apagou-se o salão e estava feita a entrada do ano novo neste belo recanto do mundo...

Vimos também uma alegre reunião em casa do sr. Gustavo Feddersen onde um violino bem tocado dava uma impressão poética a este pedaço de terra tão calmo e tão descuidado.... (*Echo do Sul*, 04/01/1918)

O Casino

Amanhã é o dia da moda no Casino. A empresa querendo que esse dia seja o mais chic da semana preparou várias festas para os veranistas e ao mesmo tempo procurará melhorar o menu no hotel. (*Echo do Sul*, 14/01/1919)

No Casino

Ontem no salão de festas do Casino realizou-se um magnífico espetáculo de cinema e variedades ao qual principalmente deu uma esplêndida nota de distinção a enorme e escolhidíssima concorrência que a ele assistiu. Aquele salão achava-se regurgitando e de tal forma que numerosas famílias impossibilitadas de prestarem no mesmo resolveram passar para o refeitório onde improvisaram uma brincadeira que ocorreu muito animada. O programa do espetáculo agradou. Muitos aplausos. (*Echo do Sul*, 31/01/1920)

Derby Club Pelotense								
Programma da 1ª corrida extraordinária a realizar-se domingo, 18 de Janeiro de 1920, às 14 horas, no Casino								
Nº	Nomes	Peso	Pelfo	Idade	Sang.	Filiação	Coras	Proprietarios
1º Parelho—Empresa Atlantica—600 mts.—Premios: 150\$ ao 1º e 30\$ ao 2º lugar								
1	Marcos	54 kls.	Coloado	3 annos	12/16	Barbela	Verde e Branco	O. Noronha
2	Cléa	49 "	Zaino	3 "	5/4	Bowley	Ouro e Preto	Vicente B. Taites
3	Barbulo	54 "	Alauão	5 "	1/2	N. N.	Azul e Branco	Nepilão
4	Calvete	54 "	Detendo	5 "	1/2	N. N.	Branco	L. Gouveia
5	Morera	54 "	Zaino	5 "	7/8	Sobranceiro	Azul	Col. Antonio Cavalli
6	Jackie	54 "	"	2 "	4/4	N. N.	Verde e Preto	And. Gouveia
2º Parelho—Derby Club—800 mts.—Premios: 180\$ ao 1º e 36\$ ao 2º								
1	Onicron	55 kls.	Calvado	4 annos	13/15	Barbela	Azul e Branco	Genito Almeida
2	Jacy	55 "	Zaino	3 "	5/15	Aras	Ouro e Preto	S. J. de S. Mendes
3	Joaninha	55 "	Colvado	3 "	7/8	Senador	Azul e Branco	S. Derby
4	Dulcina	48 "	"	5 "	7/8	Bowley	Verde e Branco	Dr. A. Silveira
3º Parelho—Francisco Rheingantz—600 mts.—Premios: 150\$ ao 1º e 30\$ ao 2º								
1	Prata	55 kls.	Colvado	3 annos	P. S.	Schiffman	Azul e Branco	Dr. Mantiqueira
2	Mascote	48 "	Zaino	4 "	2/8	Barbela	Verde e Branco	Dr. S. Mendes
3	Morera	48 "	"	3 "	2/8	Colvado	Azul	Col. Antonio Cavalli
4	Camila	57 "	Detendo	3 "	P. S.	Colvado	Branco	Dr. G. Pereira
5	Mallala	48 "	Zaino	4 "	7/8	Sobranceiro	Branco	Col. Antonio Cavalli
4º Parelho—Veranistas do Casino—1000 mts.—Premios: 350\$ ao 1º e 70\$ ao 2º lugar								
1	Paula	55 kls.	Zaino	3 annos	12/15	Aras	Ouro e Preto	S. J. de S. Mendes
2	Jole	55 "	Alauão	2 "	P. S.	Taites	Azul	Dr. Almeida
3	Joaninha	48 "	Colvado	4 "	12/15	Barbela	Azul e Branco	"
4	Karlina	55 "	"	3 "	P. S.	Schiffman	Verde e Branco	Col. Antonio Cavalli
NOTA: O animal que fizer paradeiro perde para todos os outros. A gerencia reservase o direito de alterar a ordem dos pargos.								
A. Octavio Noronha								

Echo do Sul, 17/01/1920.

Echo do Sul, 24/01/1920.

Echo do Sul, 30/01/1920.

Echo do Sul, 11/02/1920.

No Casino

Amanhã, sábado será oferecido a noite nos salões da Empresa Balnear Atlântica no Casino um banquete a oficialidade do cruzador brasileiro "Paraná" que se acha em nosso porto. Seguir-se-á um baile para o qual acham-se animadíssimos os preparativos dos veranistas da elegante praia. (*Echo do Sul*, 28/01/1921)

No Casino

Acha-se no Casino um profissional convidado pela diretoria da Cia. para tirar um filme cinematográfico. O filme será tirado no sábado e no domingo, reinando grande entusiasmo entre os veranistas. (*Echo do Sul*, sexta, 10/02/1922)

Companhia Balnear Atlantica
CASINO
Trens de excursão

A Companhia Balnear Atlantica Casino,
 chama a atenção do publico para os trens de excursão que cor-
 rem aos domingos, sahindo da Estação Maritima para o Casino às
 5,45—7,50—11,45—14,15—17,06 horas, com o preço de 1\$600 a
 passagem de ida e volta.

Naquella aprazivel praia os srs. excursionistas encontrarão
 serviço de hotel e bar de primeira ordem a preços reduzidos.

1.a pag. 2.a ord.

Echo do Sul, 16/01/1923.

No reinado da loucura no Casino

Constituiu um verdadeiro sucesso o grande baile organizado pelos veranistas do Casino. O vasto salão de diversões da nossa praia de banhos estava ornamentado simplesmente mas com bastante gosto e propriedade, tornando-se insuficiente para conter o grande número de pares que tomaram parte nas danças e sendo necessário transformar o grande salão de refeições em salão de baile. O número de convidados foi grande, tanto daki como de Pelotas, bem como veranistas do Bolaxa do Senandes. Sras. e senhorinhas ostentaram lindos e custosos vestidos. Foi grande o número de fantasias. O jogo de confete e serpentina foi enorme e as batalhas de lança perfume concorridas. A orquestra foi aumentada e o baile durou até as 5:00h da manhã de domingo. Foi um verdadeiro sucesso. Domingo houve anunciada matinê as 15:30h para crianças sendo graciosa a rainha Rozina Araújo e sua corte recebida com prolongadas salvas de palmas. (*Echo do Sul*, 14/02/1923)

Tráfego para o Casino

Sabemos que influentes pessoas locais lembraram a aquisição de carros automotores para o tráfego no ramal do Casino, ideia que fizeram chegar ao conhecimento da Viação Férrea a fim de ser estudada convenientemente. Dessa forma, o transporte de passageiros se tornaria mais econômico para a estrada e as viagens seriam mais rápidas e mais contínuas facilitando a qualquer pessoa a utilização dos ricos banhos de mar da nossa incomparável praia balneária. Em todo caso sabemos que na próxima estação de banhos terá um serviço de transportes irrepreensível, somando-se os senões notados neste ano e permitindo horários cômodos e seguros. (*Echo do Sul*, 29/02/1924)

Echo do Sul, 05/01/1924.

Echo do Sul, 24/01/1924.

No Casino

Cada dia que passa mais se acentua o movimento de veranistas no Casino e que ali vão gozar as delícias daquela praia balnear. Todos os chalets já estão ocupados e o hotel já tem bastantes hóspedes apesar das explorações que alguns procuram fazer para desacreditá-lo. Realmente, algumas pessoas mal intencionadas andam espalhando que no hotel tudo é mais caro e que há deficiências disto e daquilo. Não são verdades, pois aquele hotel está magnificamente instalado não lhe faltando nada.

Quanto ao fato dos preços das refeições terem aumentado não é motivo para alarme, pois se houver um acréscimo de 1\$000 em compensação a cozinha está melhorada e mais farta. As bebidas custam o mesmo que na cidade. Falta telefone e o leite. Muitos hóspedes se tem queixado por não poderem servir-se de telefone, pois as telefonistas tem ordens de não dar ligações que não sejam do exclusivo interesse do hotel. Isto é incorreto. Os hóspedes pagam por este serviço e devem desfrutá-lo. Quanto ao leite pedimos a atenção do Sr. Intendente para enviar ao Casino este produto que é ali vendido com uma porcentagem de água aproximadamente de 50%. (*Echo do Sul*, 19/01/1925)

Os trens do Casino

Reclamação para a lotação dos trens. Trata-se da forma brutal por que são transportadas as bagagens, apanhadas com violência e com violência atiradas de grande distância aos respectivos vagões. (*Echo do Sul*, 22/01/1926)

Companhia Balnear Atlantica
(CASINO)
Costa do Mar – Rio Grande
 O arrendatario RENATO ANTONIO VASQUES oferece
 aos veranistas excellent serviço de Hotel.
Concertos diarios
Jogos diversos
Preços modicos
 Para mais informações com os agentes
J. Britto Lyra Comissões e Representações
 R. Andrades Neves 43. Rio Grande

Echo do Sul, 02/01/1926.

Echo do Sul, 25/02/1926.

Domingo no Casino

Quase pereceu afogado o Sr. Lourenço Klemmer que perdendo o pé foi levado pelas ondas até longe, fiando visível perigo de vida. Foi salvo pelo Sr. Alípio Silva e Eugênio Marchese. Chamamos a atenção ao arrendatário Sr. Renato Antônio Vasques pelo fato de não se encontrarem número suficiente de salva vidas. Domingo quando se procurou estavam longe da praia e enredados em cordas o que dificultou a sua necessária utilização. Outros reparos: As casinhas de banhos requerendo limpeza e que se lhes varra a areia acumulada seguramente na altura de dois palmos e a latrina do local apresenta aspecto inteiramente falho de higiene. (*Echo do Sul*, 09/02/1926)

Uma grande festa

Haverá uma grande festa no Casino promovida por elementos de destaque dali e das estações próximas e entusiastas da nossa Associação Rio-Grandense de Estradas de Rodagem. Esta constará de corridas de automóveis e de cavalos na praia, além de outras diversões de caráter popular. A noite haverá grande concerto com números de muito valor artístico a par de outros mais leves. (*Echo do Sul*, 25/01/1926)

O cinema no Casino

Um dos atrativos do Casino como aliás em toda a parte era a cinematografia, cujas exhibições ali eram feitas até ontem em determinados dias da semana. Durante o ano passado a empresa arrendatária fornecia-se de fitas nesta cidade, porém mandou vir buscar de Pelotas as películas, mais modernas e menos dispendiosas. Devido a desentendimentos, Pelotas cortou o fornecimento. Dessa forma, os veranistas do Casino ficarão sem cinema. É de se lastimar. Uma vez que o cinema era local frequentadíssimo naquela deliciosa praia. (*Echo do Sul*, 01/02/1927)

Echo do Sul, 03/01/1927.

No Casino

As corridas de 24 de fevereiro. Regulamento das corridas de automóveis que em benefício da Sociedade Estrada de Rodagem do Rio Grande terão lugar no dia 24 de fevereiro de 1927 na praia do Casino:

Artigo 1 - Serão corridas as seguintes provas:

- a) 1ª categoria - percurso de 10km;
- b) 2ª categoria - percurso de 20km;
- c) 3ª categoria - percurso de 60km;
- d) categoria livre;
- e) prova "fora" - percurso de 10km.

Artigo 2 - Os carros serão classificados nas três seguintes categorias:

1ª - Ford, Chevrolet, Overland 4 cyl., Gray, Rugby, Overland Whippet e Fiat 501 (série).

2ª - Jewett, Oldsmobile, Dodge, Essex, Overland Six, Locomobile Jr. 8, Chrysler, Willy Knight, Oakland, Fiat 502 e 503.

3ª - Hudson, Buick (Standard e Master), Fiat 501 Sprinter, N.A.G. - Sprinter, Chrysler 70, Chandler e Gardner 8 cyl..

Artigo 3 - Os carros inscritos só poderão concorrer a prova de suas categorias ou as de categoria superior. (*Echo do Sul*, 10/02/1927)

O jantar dançante

A nota mais chic nestes dois últimos dias no Casino foi o jantar dançante efetuado nos salões do hotel Casino. A assistência foi enorme e seleta e as danças prolongaram-se até as primeiras horas de domingo. O número de pares foi elevado e o entusiasmo tocou ao auge a despeito da formidável cera que a orquestra fez durante a noite. (*Echo do Sul*, 06/02/1928)

O Casino progride

Como consequência direta da construção e tráfego da estrada de rodagem nesta cidade para o Casino está entrando este em franco progresso. nota-se ali por toda a parte a execução de várias obras de edificação e remodelagem sendo de destacar entre outras as que estão mandando fazer os srs. Eugênio Marhese, dr. Vaz Dias Júnior, Albertino Moraes, Carlos dos Santos Souza e Gustavo Pooch Junior. Será arrendatário do hotel e anexos na futura estação o sr. Sylvio Rêgo a quem não faltam habilitações para tal serviço pretendendo o mesmo introduzir desde logo em todas as dependências do estabelecimento grandes melhorias que muito contribuirão para o maior conforto e agrado dos veranistas. Podemos ainda noticiar que a municipalidade por seu turno no desejo de auxiliar todos esses empreendimentos vai ordenar a reconstrução a cimento armado da ponte de madeira próxima ao Bolaxa e embelezar a Av. Rio Grande que é a artéria principal do Casino desde a Estação da Viação Férrea até a praia. Nesta ordem de ideias não será também estranha a sua iniciativa a desapropriação do denominado chalet dos dois bicos que tanto enfeia a Avenida em questão por estar no meio da mesma e em péssimo estado de ruína. Sabemos mais que a partir do mês de março as diárias serão baixadas para 15\$000 e as famílias com mais de 4 pessoas gozarão o abatimento de 10%. (*Echo do Sul*, 24/02/1928)

Echo do Sul, 28/01/1928

Revestiu-se de raro esplendor o baile a fantasia realizado sábado no vasto salão da Empresa Balneária Atlântica. A ornamentação era belíssima e dela se encarregaram os srs. Dominiciano Ribeiro, Geraldo Velloso, Raul Riff e Ayrton Py sob a direção do jovem Carlos Silva. A iluminação era verdadeiramente feérica. Desde cedo principiaram a chegar a nossa bela estação de banhos onde era intenso o movimento, onde os convidados desta cidade e de Pelotas. De Pelotas chegaram as 14h. As 23h tiveram início as danças com a polonaise em que tomaram parte 150 pares. Até as 05:30h. Prêmio para a fantasia mais original: estojo de perfume Caron e um leque de plumas rosa. Vencedoras as senhorinhas Carmen Guilayn e Alice Llopart. (*Echo do Sul*, 04/02/1929)

Convescote de gallistas

Realizou-se domingo no Casino na residência do Sr. João Lima, sub intendente naquele Distrito um suntuoso pic nic no qual tomavam parte diversos amigos, pessoas inclinadas pelo mesmo sport. O convivas partiram desta cidade as 10h da manhã em diversos autos com destino a residência daquele referido Sr., os quais foram alvos de atenção e carinho. Para esta festa foram assados dois carneiros e servidas bebidas em local acompanhado ao som de uma Corliona tocada pelas mãos hábeis do Sr. Alberto Mengatto, gallista mesmo de fato. Todos puderam apreciar a cavalaria coudelaria, tendo a frente o famoso zaratu reprodutor reconhecido. (*Echo do Sul*, 24/01/1930)

Ônibus para o Casino

Movimento para o Casino deve-se a regularidade do serviço de transporte de passageiros é feito nos ônibus de propriedade do Sr. João ferreira dos Santos. Nos pontos mais movimentados da cidade e da praia estão afixados cartazes com os horários a serem observados durante este mês e o de fevereiro. Dias úteis parte de Rio Grande as 20:15h e regressa as 23:30h. Veraneio: A fim de passar a estação calmosa no Casino deverão chegar hoje de Porto Alegre as exmas. famílias do Dr. Camilo Martins Costa, Alfredo Dilemburg e Dr. Pedro Vergara. (*Echo do Sul*, 13/01/1931)

Echo do Sul, 24/02/1932.

Todas as noites soirée dançante no salão do hotel. O ônibus partirá da praça Teles as 20:15h regressando as 23 horas. Baile de máscaras nos salões do hotel. Bandos garrulos de máscaras, fantasias berrantes e de bom gosto, muita alegria, riso e satisfação num ambiente de requintada elegância deu uma nota ultra chic e de grande efeito social. (*Echo do Sul*, 25/02/1932)

Picolé do Casino

Os afamados picolés Casino não contém matérias nocivas a saúde e são manipulados com todo o esmero e asseio de hábil profissional a vista do público e somente com frutas, leite e ovos frescos. No Pascal Casino. (*Echo do Sul*, 03/01/1933)

Viajantes para o Casino

Vieram de Porto Alegre em trânsito para o Casino aonde vão veraneiar os drs. Ulisses Nonohay e Sarmento Barata, médicos ali residentes. Vieram de Porto Alegre devendo seguir para o Casino onde passarão a estação calmosa o Dr. Camilo Martins Costa do Partido Republicano Rio Grandense e exma. família. De Porto Alegre para o Casino o Dr. Florência Igartus, médico residente na capital do estado. Com destino ao Casino, onde vai veraneiar veio de Porto Alegre onde reside o Dr. Donato di Donato conhecido cirurgião. (*Echo do Sul*, 19/01/1933)

Echo do Sul, 15/01/1932.

A garota do futelo

Um dos maiores encantos da praia do Casino é incontestavelmente você embora lá apareça só de vez em vez e ainda assim acompanhada e controlada pelo nosso querido secretário. Misto de anjo e demônio, varinha de esfinge a decifrar, você é um caso sério. As partidas de "foot-ball" em que toma parte derrotando sempre os atletas que se apresentam cujo jogo é canja pra você deixam muita gente falando sozinha e com merecimento a apanhar papel. Suas pernas morenas, nervosas serpentes a Rachel Torres lembram poemas de Bilac e sonetos de Vicente Carvalho.

Você é um perigo constante para a humanidade. Todos gostam de você e você não gosta de ninguém e ri de todos, que pena. Você é uma chispa de fogo a penetrar a alma de quantos a veem de longe embora. Você é um curto circuito nas instalações arteriais dos veranistas. Quando você cansa de jogar e vai mergulhar o seu corpinho de diabrete irrequieto no glauco elemento, as ondas se espreguiçam lascivamente e fecham as pálpebras de espuma como que esperando o nirvana adorável da sua posse. Você domina na glória imortal da carne e da beleza. Você encanta no misticismo arcástico de esfinge indecifrada. Você calcina pelas crateras diante de seus olhos, vomitando o fogo interno que o consome, incompreendida os ouvidos que lhe compreende. Ass. Português. (*Echo do Sul*, 25/02/1933)

No Casino

As primeiras horas do dia de ontem fiscais de higiene compareceram ao Casino e entraram inesperadamente de agir junto ao comércio dali, visitando e inspecionando armazéns, açougues e vendas de leite. Segundo nos informa a delegacia de Higiene local foram inutilizadas ali muitas garrafas com leite adulterado. Também do açougue dali de propriedade do Sr. Narola Fonseca sub intendente foi apreendido um peso de chumbo de 200 gramas preso a um dos pratos da balança de pesar carne. O proprietário este açougue será multado.

Na praia o policial ali destacado e um fiscal de veículos coibiram certos abusos de banhistas, providência que merece aplausos. Achamos que o posto policial dali deveria fornecer mais guardas para cuidar o trânsito nas avenidas do Casino, onde a velocidade dos automóveis é um perigo para os veranistas. (*Echo do Sul*, 15/01/1934)

O Casino

Foi muito festejada a entrada do Ano Novo na Villa Sequeira no nosso grande e belo balneário Atlântico. Por todo o dia de ontem foi numeroso o número de visitas no Casino. A excelência da nossa praia de banhos continua a ser acentuada. Recente abertura oficial da estação balnear. Cito o jornal da Manhã de Porto Alegre: "O Rio Grande do Sul possui também como outros lugares do Velho Mundo uma invejável e encantadora praia de banhos. Não há ninguém nem mesmo forasteiro que tenha vindo de Rio Grande onde ela está situada, que não se gabe, orgulhoso do conforto e a excelência do Casino". Com a abertura da estação balneária a 15/12 grande tem sido o movimento de passageiros para aquele aprazível recanto, principalmente este ano, mais cheio que os outros. A temporada de agora reveste-se de especial atração pelos sensíveis melhoramentos introduzidos no Casino, destacando-se a sua nova e poderosa instalação de luz elétrica que abastece não só o hotel e a empresa como o povoado daquela magnífica praia que está ao alcance de qualquer bolso. (*Rio Grande*, 02/01/1935)

**Aos srs. veranistas
do Casino**

Comunicamos que diariamente, das 18 horas em diante se encontrará á venda na conhecida **PONTO CHIC**, o saboroso pão quente da tarde, fabricado com fermento «Fleischman» pela **PADARIA MACIEL**, assim como os apreciados «Biscuitos» e «Bolinhas».

MIRANDA & FERNANDES
30-3

Rio Grande, 25/01/1935.

**Sociedade Rio Grandense de Estradas
de Rodagem**

Convite

A Sociedade Riograndense de Estradas de Rodagem, tendo obtido da Prefeitura Municipal permissão para dar caráter festivo á entrega, ao trafego, da nova estrada de rodagem Rio Grande — Casino, convida aos seus associados e o publico em geral para o ato, que terá lugar amanhã, ás 17 horas, na Estação da Vieira, partindo o prestido de automoveis da Vila Siqueira, ás 16,40 horas.

Rio Grande, 11 de Fevereiro de 1933.

A DIRETORIA

Echo do Sul, 11/02/1933.

Leilões Miranda

Agencia fundada em 1915
UNICA DE PRIMEIRA CLASSE — FONE 633

Importante Leilão
de bem localizados predios e terreno
no **CASINO**

—Optimo emprego de Capital—
Local de 1.º ordem — Proximo ao Hotel

1.º LOTE
Leilão de uma boa casa de madeira, tendo amplas comodidades, coberta com telhas francezas e zinco —grande algibe, um superior FORNO proprio para padaria, edificado em terreno proprio, que mede 13 metros por 20 de fundo.

2.º LOTE
Uma casa de material recentemente construida, coberta com telhas francezas, tendo 6 boas peças com luz directa, algibe etc. etc., medindo 12 metros de frente por 20 de fundo.

3.º LOTE
Um magnifico terreno de esquina medindo 12 metros de frente por 20 de fundo, contiguo aos lotes acima.

A' rua Republica esq. Santa Victoria
Muito proximo ao HOTEL do CASINO

Quinta-feira 10 do corrente às 2 hs. da tarde

Rio Grande, 09/01/1935

Rio Grande, 11/01/1935

Veraneio escolar

Entre as obras de assistência social instituídas na Itália pelo regime fascista constam-se as do Campeggio Mussolini e das colônias de férias escolares muito simpáticas pelas suas finalidades educadoras e eugênicas. Em Porto Alegre sob os auspícios do Consulado Geral da Itália foi fundado o Campeggio Mussolini há 3 anos e a Colônia Marina Rosa Mattoni há 2 anos.

Este ano as férias educativas e de retemperamento físico proporcionados por estes institutos serão na nossa aprazível praia balneária atlântica da Villa Sequeira. Montam a 155 veranistas, petizes e as pessoas que os acompanham como instrutores e zeladores. Os pequenos que vem pelo pacote Itapé chegarão aqui segunda pela manhã. Desembarcados serão conduzidos ao Real Vice Consulado Italiano onde farão a 1ª refeição sendo após transportados para o Casino. Ali sendo alojados no chalet Luchsinger devidamente adaptado. As camas e demais materiais destacados as acomodações dos pequenos já chegaram. O veraneio será de um mês. A assistência médica aos veranistas foi confiada ao Sr. Dr. Caetano Annella, Vice Real Cônsul da Itália. (*Rio Grande, 02/01/1937*)

Baile burlesco no Casino

Hoje com início as 22 horas terá lugar nos amplos salões do Casino Balnear Atlântico um grandioso baile burlesco denominado de "Noite no Haway". (*Rio Grande, 29/01/1944*)

Trens para o Casino

O prefeito solicita o restabelecimento dos trens diários. A propósito da suspensão dos trens da linha Rio Grande - Casino, o nosso ilustre prefeito o Dr. Roque Aita Jr. passou hoje ao diretor geral da Viação Férrea o Sr. Coronel João Valdetaro Amorim de Mello o fonograma que abaixo transcrevemos: Solicito dada senhoria mandar restabelecer restantes costumeiros trens diários para a Villa Casino a fim das classes menos protegidas de fortuna possam também usufruir os benefícios aquela praia proporciona a saúde e ao corpo. Antecipamos agradecimentos. (*Rio Grande, 19/01/1944*)

Roupas de banho

De "lan" e de borracha para crianças, senhorinhas e senhoras. Calções de "lan" para homens. As últimas criações da moda de praia. Recebeu variadíssimo sortimento a Casa Colombo. A casa dos bons artigos. (*Rio Grande*, 03/01/1944)

Vende-se na Villa Sequeira uma boa vivenda parte de material e parte de madeira, recentemente construída com todos os requisitos de higiene e conforto a preço módico. Precisa-se também comprar um terreno naquela Villa. Informações com Eliú Araújo na Bacelar, 305. (*Rio Grande*, 05/02/1945)

Indo ao Casino visitem todos os dias o hotel Casino que lhes proporciona horas agradáveis. Saídas dos ônibus para este fim de semana todos os dias as 20:40h retornando as 0:30h exceto aos sábados quando o regresso é as 01:30h. (*Rio Grande*, 15/01/1946)

Terrenos na Villa Stela Maris em pleno Atlântico a 3km do Casino. Aproveitem o 1º loteamento a preço de propaganda. Os interessados serão atendidos diariamente das 18:30 as 21h a Rua Carlos Gomes 583. (*Rio Grande*, 04/01/1949)

Ótima oportunidade no Casino. Terrenos de grande futuro próximos a praia e a avenida magnificamente situados em lotes de 10x25 ou 20x25 metros. Informações nesta redação. (*Rio Grande*, 20/01/1949)

O Cassino

A nossa grande praia movimentou-se no domingo último (3/12) reunindo ali para fora de um milhar de passeantes em uma centena de autos de Rio Grande e Pelotas. Com o tempo escaldante que tem ocorrido, o Cassino começou mais cedo a tomar mais vida, mais alacridade e mais cor. A beira mar vai sentindo a animação característica dos demais anos, através de um banho elegante, de um livro que se lê recostado na areia, na graciosidade de uma conversação amena, na beleza de um sorriso luminoso de mocinha bonita... O cosmopolitismo da praia é uma democrata convivência em cuja alegria todos compartilham irmãmente, cavalheirescamente, porque a alegria numa estância balnear é mais alegre e mais bela quando todos se dão as mãos... Presentem-se já os idílios amorosos, ouvem-se pela Avenida afora, os galanteios dos namorados, perscrutam-se olhares que são verdadeiros mundos de sonhos, de tentação e de ansiedade. O Cassino ri e sorri, como sempre, nesta época! A novel "Sociedade Amigos do Cassino" é também, uma nota de curiosidade, um assunto que interessa pelo muito que se espera das suas atividades em prol da grande praia. É principalmente uma prova de esforço e de boa vontade daqueles que criaram a Entidade e de quem tudo se espera em assuntos, diversões atraentes. No consenso unânime, o seu dinâmico presidente Dr. Isnard Peixoto é, não uma esperança, mas uma certeza de realizações frequentes. O Cassino é praia frequentada todo ano, mas nesta altura tem mais alma, mais força física e melhor disposição espiritual. O seu cunho de sociabilidade acentua-se mais nitidamente em entretenimento que convidam à recepção gentil, à palavra amiga e agradável. As famílias de Pelotas e as de Rio Grande unem-se no mesmo espírito de boa harmonia e de cordial compreensão, formando-se um bloco uno e amigo, revelador de um ambiente de paz, bem estar, solicitude e carinho. Para melhor, os briosos pelotenses já construíram lá ao fundo da Avenida, voltado para o mar, o seu Hotel com todos os requisitos modernos providos de água e luz em profusão, de onde se desfrutam horizontes largos e encantadores. O Cassino com

pelotenses e o Cassino com riograndinos há de ser o galhardo e exemplar Cassino de sempre. (*Rio Grande*, 06/12/1950)

O Cassino por Floriano Beirão

Com o formidável calor escaldante e insuportável que fez domingo último, a nossa população em muitos e muitos milhares, refugiou-se todo dia na encantadora Vila Siqueira, onde se deliciou com a frescura da sua água e a carícia da sua brisa. Junto do oceano, a brisa e a vizinhança da água eram agradabilíssima, ao mesmo tempo que os pulmões dilataram-se, libertos da sufocação da cidade.

Neste domingo mais que nunca a grande praia encheu-se de gente, despejados pelas extensas composições da Viação Férrea e pelos ônibus da Prefeitura e Empresa Karam que trabalharam ininterruptamente desde as primeiras horas da madrugada até depois da meia noite. Com a permanência do ramal do Cassino a população pobre do Rio Grande continua desfrutando uma felicidade invejável, com três cruzeiros ida e volta tem a água límpida, de frescura maravilhosa. Banha-se todo o dia, come umas fatias de carne assada e bananas, dorme uma soneca numa boa sombra, e feliz, regressa cheia de pesar porque já é noite alta. Nosso Cassino, sem rival no Estado, quiçá no Brasil, apesar de seu ar de distinção, é uma vasta praia eminentemente popular, esplêndida para os que dela necessitam. O povo chegava em onda pelo trem aos milhares, coalhava a orla reluzente das águas e não deixava livre quadrado de areia por muitos quilômetros além. É que aquela vida de um dia, a beira-mar, é realmente aconselhável para a saúde, é como quem diz que um cheque de saúde ao portador... Por toda a parte autos e ônibus de Pelotas e de outras cidades do Estado. Num grupo de porto alegres ouvimos este comentário: “O Cassino é um paraíso que a natureza oferece ao povo riograndino. Depois da oficina sombria e quente, o operário tem a vastidão; depois da casinha apertada, mal arejada, tem o mar e as redondezas arborizadas de agradáveis sombras, com ótimos hotéis, casas comerciais tão sortidas e alinhadas como as melhores da cidade”. As crianças pulavam com deslumbramento, faziam buracos na areia ou chapinhavam na água tépida. E como nós nos sentimos satisfeitos com a felicidade daquelas crianças, numa chilreada de alvoroço incontido, torradas pelo sal e impregnadas de iodo, adquirindo mais peso, maior liberdade de movimento e até hábitos mais disciplinados como se verdadeiramente houvessem sido renovador nas suas condições físicas e morais que apresentavam antes de iniciar a temporada! (*Rio Grande*, 24/01/1951)

A Lourinha da praia

Entre as famosas sereias do Cassino uma merece destaque especial. Tentarei descrevê-la, mas assim como o pintor, muitas vezes, não retrata fielmente a formosura do modelo, não sei se a minha frase revelará a beleza da mocinha loura. Diariamente, às 10 h, mais ou menos, ela aproxima-se da praia. Os seus cabelos louros, afagados pela brisa, lembram um trigal ondulante, acariciado por um zé firo sutil.

Após retirar o bolero ela deita-se na areia e o sol lá do alto, deve suspirar muito, contemplando aquele corpo esbelto, aquelas linhas maravilhosas que sem dúvida, rivalizam com os mais belos modelos de Fidia e Miron. Seus olhos brilhantes são duas gemas puríssimas, dignas de adornar a mais rica das Coroas de um príncipe indiano e os seus lábios carmíneos se assemelham a dois rubis preciosos, capazes de ofuscar o encanto de um entardecer. Nela, tudo é mocidade, tudo é alegria, tudo é beleza! Quando essa lourinha mergulha nas águas esverdeadas do oceano, as ondas, como a recordar o nascimento de uma nova deusa, rejubilam-se num alarido de chilreantes espumas. E ela soberana incontestável sorri complacente para suas subditas venturosas. Eu, ao longe, penso: - Como te chamas lourinha da praia? Sei que moras numa linda casinha amarela, povoada de sonhos azuis e percebo, muito bem, o teu encanto de viver. (*Rio Grande*, 10/02/1951)

O nosso Cassino

Os nossos amigos uruguaios não se cansam de proclamar as maravilhas dos seus formosos balneários. A publicidade na imprensa do nosso país é intensa e milhares de brasileiros já estão gozando as delícias de Punta del Este, San Rafael e Piriapolis.

Enquanto isso ocorre aqui bem perto, a gente fica pensando com tristeza no abandono a que foi relegado a nossa inigualável praia Atlântica. O nosso Cassino vive esquecido. A temporada deste ano está fracassada. O cronista que acompanha com pesar a decadência do Balneário riograndino, lança um apelo a “SAC” para no futuro, fazer alguma coisa, tomando iniciativas de alta envergadura, pois assim, poderá provar a razão da sua existência. Por Valério. (*Rio Grande*, 16/01/1952)

O nosso Cassino

A tarde magnífica de anteontem, atraiu para a nossa praia atlântica, uma grande parte da população, que fugiu assim dos rigores da pesada canícula.

Mais de dez mil pessoas se transportaram para o Cassino, utilizando todos os meios de locomoção. E, embora sem atrativos outros, aquele local aprazível viveu um dia movimentadíssimo. Na semana passada, atendendo à solicitação da “Sociedade Amigos do Cassino” que agora vem de eleger seu presidente, o estimado médico Sr. Dr. Laviera Maino Laurino, esteve em contato com os seus dirigentes, o dedicado Prefeito Municipal. O nosso amigo Sr. Frederico Buchholz, ouviu os anseios e as reclamações prometendo atendê-los à medida do possível. (*Rio Grande*, 29/01/1952)

O Cassino

A praia do Cassino já foi mais procurada do Estado. No tempo em que os balneários vizinhos de POA não passavam de lugarejos, sem conforto, desprovidos de meio de comunicação eficiente, a Vila Siqueira convergiam todos os veranistas do RS. Os nos correram. Nós, lamentável e inexplicavelmente, estacionamos, enquanto os metropolitanos, mais progressistas, arrojados, empreendedores, encurtando as distâncias com boas rodovias, transformaram os vilarejos em aprazíveis praias, famosos centros de atração. O Cassino, hoje, tem sérios problemas. Capão da Canoa, Torres, Tramandaí, Imbé e mesmo as praias de Santa Catarina recebem o grosso dos veranistas e a Vila Siqueira, aos poucos, vai caindo no ouvido. Mas nada de derrotismo! Devemos lutar em prol da nossa praia. Não há necessidade, para valorizá-la, de uma ampla publicidade. O expediente é bem diverso. Silenciosa, mas eficientemente vamos trabalhar. Urbanizemos a Vila, asfaltamos as ruas, a fim de que surjam as vivendas. Há uma circunstância natural que as praias do norte não nos podem roubar. O Cassino está muito próximo da cidade, ligado por ótima faixa de asfalto, enquanto as do norte, situam-se a quilômetros de POA. Hotéis, o Cassino já possui capazes de satisfazer os veranistas, propiciando-lhes uma agradável estada, com comodidade suficiente. O que cumpre realizar, como já mencionamos é o aprimoramento do que existe atualmente. Sanear as transversais onde se amontoa o lixo, secar os valos onde a água estagnada serve de habitat para as larvas de mosquitos, arborizar os passeios, calçar algumas ruas centrais, aumentar e regularizar o tráfego durante o período de veraneio, enfim, pequenas coisas, que unidas, formarão um conjunto apreciável de realizações capazes de cativar os veranistas e aqui fixá-los por muitas temporadas. O governo municipal e os Amigos do Cassino devem levar essa obra a bom termo. Há necessidade de uma ação conjunta, integrando num só bloco a atividade do poder público e do elemento privado, pois com essa dosagem de esforços mútuos, muito se pode provar! (*Rio Grande*, 25/02/1952)

O que vai pelo Cassino

Neste início de temporada nota-se aqui um movimento desusado: possivelmente devido, em grande parte as obras de urbanização iniciadas pelo poder municipal. Segundo estamos informados foi o carinho demonstrado este ano pelos dirigentes da nossa comuna por esta magnífica praia – rota internacional de turismo que animou os concessionários do serviço de Alto-falante da V.F.R.G.S. a estenderem a sua cadeia de rádio difusão até esta localidade. Foi uma idéia feliz que se concretizou, porque em fase da pureza e suavidade de som do moderno, aparecem agrado em cheio a população local. A longa prática dos responsáveis pela propaganda, cuja inauguração oficial ocorreu a 14 do corrente, é que na dependência direta do maior o menor grau de sadio bairrismo dos riograndinos. Domingo passado foi levado aos ares do Cassino a seguinte crônica, que diz alguma coisa sobre o progresso local. Isso é a vida...

Todos os conglomerados humanos tem o seu núcleo central, o seu eixo, o seu coração como se costuma dizer, aliás com muita propriedade. Foi inspirado, não padece dúvida o criador da imagem, do perfeito símile, visto que é justamente nesses pontos onde palpita a vida com mais intensidade. O nosso querido Cassino, como todas as localidades, possui também o seu coração que promete tornar-se dentro em breve, bastante pujante. Pode dizer-se que no momento atual, ele ainda é pequeno e será verdade, pois os seus limites, salvo melhor juízo estão compreendidos mais ou menos, pelos importantes prédios seguintes: O majestoso edifício do Hotel Atlântico, em ampliação; a formosa Igreja Nossa Senhora do Brasil; o grupo de construções denominado pitorescamente de “Quadro” e o esplêndido estabelecimento comercial e industrial “Padaria e Bar São Jorge”, um dos mais bem instalados, no ramo de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Dentro desse perímetro se encontra ainda o tradicional armazém “Ao Ponto Chic” criado pela ação dinâmica do grande amigo desta terra Sr. José Ferreira dos Santos e continuado pelo esforço persistente do Sr. Fonseca Moraes.

Não poderíamos terminar esta ligeira e desataviada crônica sem falar, ao menos de passagem na SAC. Hoje em face de franco desenvolvimento e que tem sido a grande animadora do progresso desta localidade. Por outro lado as importantes obras de urbanização tão promissora e iniciadas pela Prefeitura do Município estão despertando o interesse público. É de presumir-se portanto que esse centro, esse simpático centro, futuro não muito remoto venha a tornar-se um ponto de extraordinário

movimento diurno e noturno, como o das grandes capitais de vilegiatura do país e do estrangeiro, com feéricos e artísticos anúncios luminosos com boa música em profusão...porque isso é a vida. Por Eliú Araújo. (*Rio Grande*, 19/12/1952)

Um domingo de sol

Calmo, extraordinariamente calmo, amanheceu o dia. Um sol grande e vermelho despontou no horizonte, prenunciando a grande canícula que se faria sentir a tarde. O mar, o verde mar dos poetas, formava de raro em raro, leves ondas que vinham beijar suavemente às brancas areias da praia. Toda a natureza parecia sorrir. O oceano era um convite insinuante aos veranistas a refrescarem os corpos sedentos nas suas águas frescas e agradáveis.

Grande espaço da extensíssima praia do Cassino se encontrava coalhado de gente e de veículos automotores. Barracas de lona de variedades cores, em grande número pontilhavam a aprazível praia, dando um tom a mais na paisagem, já em si mesma tão bonita. O espetáculo era tão lindo que talvez um Van Gogh não se animasse a reproduzi-lo na tela. Mas, é verdade que magnífico domingo de sol, que praia...que verdadeira maravilha! Entretanto, há ainda um elevado número de entes humanos que não podem gozar as delícias de um domingo de sol no Cassino por várias circunstâncias. A maior dificuldade talvez ainda seja a carência de transportes, apesar dos esforços do Sr. Lennini, que inegavelmente muito tem melhorado esse serviço. A procura, todavia, é tão grande que somente a conjugação dos serviços rodô e ferroviários com uma forte dose de boa vontade, poderiam atendê-la.

Há muitos anos a V.F.R.G.S. suspendeu o trem da noite aos domingos, do ramal Cassino. Deveria restabelecê-lo em benefício do povo da gloriosa “Noiva do Mar” esta grande Oficina de Trabalho, na frase lapidar do inimigo mestre das letras jurídicas, desembargador Celso Afonso Pereira. Este trem propiciaria melhor oportunidade a milhares de pessoas de um bom dia de vilegiatura na esplendorosa praia do Cassino.

Também em certos dias deveriam ser restabelecidos os carros motores da Viação Férrea do RS, que foram suprimidos na época da última grande guerra por escassez de combustível. O transporte é o sangue que vintea qualquer localidade. Suprimindo esta só poderia ir definhando e desaparecendo.

Por isso batemo-nos por um bom serviço de transporte para o Cassino para o seu fortalecimento, atendendo, ao mesmo tempo, o interesse dos menos aquinhoados da fortuna, que dependem tanto dos transportes coletivos. Por Eliú Araújo. (*Rio Grande*, 06/01/1953)

O Cassino por Floriano Beirão

O Cassino, nestes dias quentíssimos de verão, é o nosso melhor e mais aprazível refúgio. Essa maior praia do Estado, quicá do Brasil é um convite permanente e sedutor à necessidade absoluta de repouso, de revigoramento, distraindo-nos, com deleite na doce contemplação das ondas do mar a se estenderem nas areias douradas molhando meigamente os nossos pés. E se não quisermos passar o dia fitando a orla marítima, temos a serenidade acolhedora dos seus hotéis, agora muitíssimo confortáveis: temos também a sombra dos arvoredos ou o silêncio das grandes e místicas solidões.

O ilustre Dr. Belmiro Pêgas sobre as crianças na praia:

- uma temporada à beira mar é excelente para a formação do caráter, para a estruturação da personalidade, como lição e ensinamento da natureza em ambientes próprios;
- nada melhor para a saúde do corpo, do que o sol, o ar puro, a água, o contato com as coisas belas, puras, da terra e sobretudo do nosso adorável Cassino. (*Rio Grande*, 28/01/1954)

O Cassino por Floriano Beirão

As férias são um bem muito necessário para quem trabalha um ano inteiro. As férias servem para tudo e para todos, possuindo na verdade, um poder salutar de recuperação. Por isso deviam ser obrigatórias. Estas considerações, surgiram, ontem, no Cassino, bem junto do mar. Apesar de perto do meu Rio Grande, eu me sentia bem longe do mundo. No Cassino o mar é afável, as ondas quebram-se longe e vem amortecendo em espuma até a orla da praia. A praia do Cassino nada têm de abrupta ou de

insolente, é acessível, acolhedora, entrega-se ao Mar sem resistências nem atritos. (*Rio Grande*, 22/12/1955)

Moradores e veranistas do Cassino querem a herma do fundador num lugar público – meritória iniciativa tomaram alguns moradores e veranistas do Cassino, visando a volta da herma do fundador daquele balneário para um dos canteiros centrais da Avenida Rio Grande, tanto com o sentido de dar maior amplitude à homenagem que se prestou como também para que a Vila Siqueira ostente em lugar público, um monumento. O movimento é liderado pelo Sr. J. Hormain de Almeida, que em companhia do sub-prefeito do Cassino solicitou a nossa colaboração, a fim de que se enderece a Cia. Balnear Atlântica, o justo pedido de colocação, a herma em que está retratado o busto de Siqueira, no canteiro central que, em boa hora, a DPF encarregou-se de ajardinar com apurado gosto. O busto do fundador da Vila Siqueira, foi inaugurado numa avenida perpendicular à principal artéria daquela Vila banearia e posteriormente com o fechamento da referida avenida, passou a figurar no pátio do Hotel Atlântico. Julgamos que a recolocação da herma de Siqueira em lugar público encontrará a melhor acolhida por parte da direção da Cia. Balnear Atlântica, pois será mais um atrativo na paisagem urbana da aristocrática Vila Siqueira. (*Rio Grande*, 22/12/1956)

O Cassino

Entrou o verão, estação que é esperada, ansiosamente, por todos e, muito principalmente, pelos pais que estão convencidos da necessidade de seus filhos enrijecerem a saúde, com os saudáveis banhos-de-mar e sol. Nosso Município possui uma das melhores praias que se possa exigir: “A PRAIA DO CASSINO”. Não sabem, entretanto, os riograndinos dar o devido valor a tamanha riqueza e permanecem de mãos cruzadas, comodamente, esperando que a natureza se encarregue também do complemento necessário e indispensável, a fim de facilitar que um maior número possível de pessoas usufruam seus benefícios. O Cassino está abandonado! Isso é inegável, e não há quem possa destruir esta lamentável verdade. A culpa, entretanto, é nossa, somente nossa, ou seja, dos riograndinos. Queixam-se alguns de que o Estado tem olhado por outras praias do Atlântico e nada tem olhado por outras praias do Atlântico e nada tem feito pelo Cassino, que a Comissão de Turismo preocupa-se em melhorar outros municípios e nada faz pelo Cassino. Mas a culpa, ainda, continua a ser nossa. Nosso comodismo vai a tal ponto, que nem para exigir nossos direitos encontramos tempo. Não temos direito de nos queixar. O que devemos fazer é tomar atitudes definitivas e concretas. Reclamando por escrito e pessoalmente, sem cessar aquilo que é justo e necessário. Que tem o Cassino hoje, mais que há 50 anos atrás? Apenas energia elétrica, cuja rede foi construída na gestão do Dr. Roque Aita Jr. E uma estrada de rodagem que os poderes públicos fizeram, em consequência da pressão que então, sofriam dos membros da Sociedade de Estradas de Rodagem, que a custa de mensalidades de seus abnegados associados e doações de firmas locais, deram início a estrada, construindo, inclusive, pontilhões de concreto armado. Afora estas duas obras de importância, o Cassino estacionou. O povo do Rio Grande, não tem mais direito de gozar sua praia, pois o trem que circulava todos os anos, não mais circula. O serviço de ônibus da Prefeitura é insuficiente para atender o movimento em sábados, domingos e feriados, a fiscalização sumiu e o lixo é jogado em qualquer canto sem responsabilidade, formando ambiente favorável à criação de moscas. Constroem chalés sem fossa asséptica. Não se plantou uma só árvore que proporcione sombra, aqueles que não possuem chalés. Não existem sanitários públicos tão necessários quanto indispensáveis. Dirão alguns: é culpa do Prefeito. Não, não é somente do Prefeito, é também nossa e, muito principalmente, da Sociedade Amigos do Cassino, pois, a esta cabe zelar pelo Cassino, procurando os responsáveis exigindo, sugerindo tudo o que pode e deve ser feito. O Cassino não é mais um luxo. É uma necessidade. Os médicos aconselham. É lógico que os favorecidos da sorte não tem maiores problemas, pois podem possuir chalés, construções próprias ou enfrentar as elevadas despesas com hotéis ou aluguéis de casa, mas o que não está em condições de enfrentar tão elevadas despesas e necessita de condução de uma sombra para acampar, de um sanitário, não pode atender as determinações ou conselhos de seus médicos, e os que, corajosamente, resolvem enfrentar todas as dificuldades como sejam: o transporte, a falta de sombra e a falta de sanitários, tem ainda, pela frente, o problema da mosca e da sujeira. À SAC deixamos aqui o nosso apelo para que cuide dessa praia que é nossa, como se fosse a mesma cuidada por nossos

vizinhos, pois se soubermos cuidar não tenham dúvida de que o poder público se verá obrigado a cuidar também. (*Rio Grande*, 10/01/1957)

Pequenos detalhes negativos na temporada do Cassino

O Cassino indiscutivelmente, é um dos melhores balneários do Estado. Queiram ou não queiram os eternos inimigos das nossas plagas, fizemos o primeiro e o mantemos no primeiro posto. Poderá haver coisa igual, em matéria de praia marítima e vila balneária; melhor, porém é discutível. Mas, é preciso cuidar muito, é preciso preservar o que possuímos, fazendo desaparecer todos os detalhes negativos que a nossa praia possa apresentar. Por isso estamos sempre vigilantes, observando, ouvindo os observadores e pedindo as providências, sempre que estas se tornem necessárias. Há alguns dias, pessoa que nos merece o melhor crédito, chefe de família dos mais exemplares, que diariamente, nesta temporada, leva seus filhos para o agradável e saudável banho de mar, solicitou as nossas colunas para estas observações: corridas de cavalos e de automóveis em plena praia do Cassino. Ambas constituem perigo para os banhistas, e uma, além do mais tem sido espetáculo deprimente, que merece as vistas da novel Associação Riograndina de Proteção aos Animais. Os automóveis, frequentemente são vistos em desabalada corrida, rumo sul ou rumo norte, em direção ou dos balneários novos que se seguem ao Cassino. É verdade que os motoristas inconsequentes imprimem velocidade aos seus automóveis de passarem pela área cercada, na qual se concentra a maior parte dos banhistas, mas é preciso convir que, por esta época, a extensão da praia tomada pelas pessoas que buscam o banho de mar excede a referida área. Há crianças por todos os lados e convém lembrar que no ano passado, houve perdas de vida sob as rodas de automóveis. Quanto aos cavaleiros de calção que participarem de corridas em plena praia, ao mesmo tempo que oferecem perigo as pessoas que ali se encontram, exigem a interferência da Associação de Proteção aos Animais em vista do sacrifício a que submetem os cavalos, alugados por meia pataca. Em dias de calor intenso, os animais suarentos andam quilômetros e quilômetros em todas as direções, levando, sobre o dorso, cavaleiros dos pesos mais variados que vez por outra, fazem-nos correr, desabaladamente, em competições sui generis. Estes pobres animais dão a impressão de que vão cair a qualquer momento, exaustos, para exalarem o último suspiro, num sacrifício estúpido. Fazendo tais referências, providenciem e colaborem para que o Cassino seja, efetivamente o melhor balneário do Estado. (*Rio Grande*, 16/01/1957)

Cassino merece mais consideração

Temos uma das melhores praias balneárias do Sul do país. Isto dizemos de boca cheia, orgulhosos do presente que a natureza nos deu e da iniciativa de alguns saudosos riograndinos, que souberam aproveitá-lo em época bastante adversa para pensar em turismo por este recanto do Brasil. Mas, já estamos temerosos quanto à possibilidade do Cassino baixar de posto, cedendo lugar a outros balneários mais novos, porém melhor aquinhoados pelos governos. A prefeitura, por exemplo, não pode ficar de braços cruzados auferindo, apenas os impostos que lhe dá a Vila Balneária e a renda que, na estação de veraneio consegue para os cofres de sua autarquia de transportes coletivos. Precisa, sem dúvida, mais do que ninguém cuidar o que existe e melhorar as condições atuais do Cassino. A luz, que era intensa em toda a Vila Sequeira, desde que se estenderam cabos da central elétrica para aquela localidade, está na condição de lamparina. Qualificá-la de fraca não é dizer a verdade, a luz elétrica, no Cassino é para darmos de barata, fraquíssima, insuficiente para à iluminação pública ou particular; a força pior ainda. Os aparelhos elétricos estão sendo substituídos, mas residências dos veranistas por sucedâneos que funcionam a querosene. Acresce notar que o Cassino – graças à Deus – não é, apesar, a Avenida Rio Grande. Veranistas daqui e outras cidades empregaram vultosas somas na construção de boas casas, em ruas paralelas ou perpendiculares à artéria principal. Entretanto, só na Avenida Rio Grande e em duas quadras perpendiculares, há pavimentação para comodidade do trânsito de veículos. Nas demais, há buracos na cinza ou cinza nos buracos. Todos querem colaborar para um novo surto de progresso do Cassino com o objetivo de firmá-lo na invejável posição que ainda ostenta entre os demais balneários do Estado. Até a Brigada Militar tem emprestado sua

Banda de Música, aqui sediada, para audições noturnas na Vila Sequeira, bastando, para isto, que a autarquia municipal lhe conceda um ônibus, no qual sejam transportados os músicos e os instrumentos. E a prefeitura? Vai conceder ao Cassino os benefícios que ele merece, como atração máxima em qualquer programa de turismo da zona sul?... (*Rio Grande*, 19/01/1957)

O Cassino

Todo o brasileiro é um bairrista apaixonado. Nós riograndinos não constituímos exceção. Mas em dizermos que a nossa praia de mar, que o nosso velho Cassino é uma das melhores praias do Rio Grande do Sul, não vai bairrismo algum. Ligado à Rio Grande por uma excelente estrada asfáltica, na qual não se gosta mais de 20 minutos de percurso; ligado a Pelotas, segunda cidade do Estado, por uma faixa de cimento, na qual não se gasta mais de cinquenta minutos de percurso; situado à quinze minutos de um Aeroporto, localizado à vinte minutos de duas estações férreas, localizado a vinte minutos do único porto marítimo do Estado, Cassino desfruta de uma posição privilegiada no cenário das praias gaúchas. Tudo isso à natureza deu de presente ao Cassino. E o presente foi régio. E o presente tratado com carinho, poderia ter se transformado em notável região de turismo, trazendo para o nosso município arrecadação das mais apreciáveis. Infelizmente tomamos aquilo que a natureza nos deu e o estamos usando sem outros melhoramentos. No governo do prefeito Dr. Roque Aita Jr., o Cassino ainda conheceu dias de esplendor. O aludido prefeito estendeu a luz e a força até a praia atlântica; construiu excelente estrada asfáltica, iniciou os estudos para a construção de uma hidráulica e o estabelecimento de um serviço de esgotos. Cassino progrediu naquela época. De lá para cá está abandonado. Não apenas nada mais fez o poder público, como também permitiu que alguns serviços já em funcionamento, como a luz, entrassem em completa degringolada. E o Cassino restou o abandono. A prefeitura não se preocupa pela nossa praia. Dizer que o Cassino possui nos dias de hoje, luz e força é lirismo dos mais cândidos. Aquele vagalume que o SRGE fornece, não pode ser chamado de luz. Sem água continua o Cassino. Pavimentação das ruas, com exceção da Avenida Rio Grande e de mais duas ou três, não é feita há muito tempo. Nem serviço de limpeza mantém a prefeitura numa das melhores praias do Rio Grande do Sul. É lastimável o abandono a que está relegado o Cassino. Enquanto isso as demais praias do litoral atlântico estão progredindo com celebridade. Quando acordamos para a realidade será muito tarde. Continuamos apenas a desfrutar do presente que a natureza nos deu. (*Rio Grande*, 22/01/1957)

Cassino, Praia a relembrar

Um pouco de história, em pílulas...da melhor praia do Sul do Atlântico, em plaga: brasílicas. A época de minha investidura na prefeitura municipal, vim encontrar-me a braços com o magno problema do transporte coletivo a servir a nossa estância marítima. É o que o Sr. José Ferreira Santos, que incontestavelmente, foi um dos fortes pioneiros do desenvolvimento da sede do 2º distrito do Rio Grande, explorava até então, uma linha de ônibus ligando este distrito à nossa cidade. Se os veículos nessa oportunidade não possuíam o luxo, a comodidade, o conforto dos que hoje trafegam na magnífica rodovia, prestavam no entanto, inestimáveis serviços aos moradores ao longo do percurso entre a cidade e o Cassino e aos que buscavam esta localidade para o veraneio, graças ao reconhecido espírito de servir, de prestimosidade e do cavalheirismo do Sr. Santos, que com seus filhos, tanto quanto ele, atendiam pessoalmente aos passageiros e residentes rurais no distrito. Feitos os estudos necessários passamos a adquirir ônibus dos que, então, havia de melhor, e QUANTUM SATIS, para preencher a lacuna que a iniciativa particular deixara a descrição do administrador recém vindo. Construímos na Vila Siqueira, uma garagem para abrigar os ônibus que ali pernoitavam, dotando-a de telefonia, tudo para atender o serviço de emergência, à noite e para facilidade do tráfego. Estávamos, sem o querer a fincar a estaca zero, como se diz agora, do que viria a ser, mais tarde, os Serviços Riograndinos de Transportes Coletivos.

Não ficamos indenes da crítica mal sã dos fazedores de obra feita, sobretudo, pela circunstância a que nos vimos obrigados de fixar preço de passagem um pouco mais alto que o da linha Ferreira dos Santos, daqueles que não simpatizam com a administração estatal e dos que já exploravam a

demagogia populista, no asseverar como fazem ainda hoje de que o cassino e praia para GRAN FINOS, embora desmentidos pela realidade dos fatos, quando noventa por cento dos que frequentam essa praia não fazem parte do “café society” termo ao sabor dos enfatuados de hoje. Mantínhamos um serviço, pode-se dizer irrepreensível, satisfazendo, enormemente, a todos pontualidade nos horários, pessoal de primeira ordem, veículos confortáveis, sem qualquer espírito de comercialidade, com o único escopo de servir a nossa terra e a nossa gente, sob a direção de meu velho amigo Sr. João Rocha de Meireles Leite correto e acertado na sua gestão. Roque Aita Jr. (*Rio Grande*, 25/01/1957)

Retretas da Banda da Brigada no Cassino

Conforme já temos noticiado, a Banda de Música do Batalhão de Guardas vem executando todas as quinta-feiras concorridas retretas no Cassino, atualmente o ponto de reunião do que de melhor existe na Sociedade do Sul do Estado.

A concorrência de numeroso público atesta a forma como foi apreciada a iniciativa do Comandante do Batalhão de Guardas, fazendo com que o coeso conjunto musical que obedece a batuta do Tenente Francisco Santos uma vez por semana compareça ao largo fronteiro ao Hotel Atlântico, para delícia dos amantes da música.

Amanhã quinta-feira, dia 7, a retreta constará de duas partes distintas. A primeira, constante de música séria, terá o seguinte desenrolar:

- 1- Major Eduardo Machado – dobrado – de A. Macedo
- 2- Honra e Trabalho – motivo sinfônico – de G. de Fillipa
- 3- Lembrança de Cachoeira – dobrado – de Klin Torres
- 4- Carinhoso – choro – de Pixinguinha
- 5- Cavalaria Rusticana – Intermezzo – F. Mascagni

A segunda parte constituir-se-á na execução de música para o carnaval de 1957 (sucessos) pelo conjunto Regional composto de elementos da Banda de Música.

Assim, teremos o prazer de mais uma vez ouvir o harmonioso conjunto do Batalhão de Guardas que tantos aplausos tem colhido em suas magníficas exposições na cidade e ultimamente em suas retretas dedicadas aos moradores e veranistas do Cassino. (*Rio Grande*, 06/02/1957)

O Cassino por Floriano Beirão

Quando o calor, como neste ano, aperta demasiado a cidade apresenta fisionomia diferente, dando idéia de se haver produzido nela, uma verdadeira mutação. Desde os primeiros dias caniculares deste janeiro, canícula de que não há memória ter havido outra igual, o êxodo para a praia do Cassino vem se verificando em número espantoso, dias havendo em que nossas ruas, escaldando sob um sol intenso, incomum ou um mormaço de sufocar, parecem despovoadas. Então aos sábados de tarde e aos domingos. (*Rio Grande*, 08/02/1957)

O Cassino por Floriano Beirão

A praia do Cassino, sedativa, bucólica e sonhadora, há muitos anos não teve tanta ‘liga’ como neste verão escaldante de 1957. Forçada pela alta e assustadora temperatura uma grande colmeia humana vai ali passar o dia num doce esquecimento, olhos perdidos na contemplação da sua paisagem, espírito vagando entre as nuvens, no deleite das quimeras, que se entristecem no silêncio, na abstração e na saudade... E perambulando pelas ruas, pela praia gozando a sombra do arvoredor, os encalorados acalmam os nervos na atmosfera serena e repousante apreciando a elegância e os trejeitos graciosos de tantas mocinhas bonitas, atraídas pelo valor terapêutico do nosso grande mar. Apesar de contra indicado para a minha arteriosclerose foi nessa doce amenidade que retemperarei ontem as energias gastas e varri da alma atormentada as minhas inquietações e os meus pesadelos, que me vão consumindo e envelhecendo precocemente. Na grande praia do Cassino tudo é quieto, lírico, embalador, como se, de repente chegássemos a um novo mundo muito diferente da nossa pacata cidade, mundo em que não faltam nesta aliciante e sadia temporada primorosa cronistas como Zicil e Myriaz, a registrar em nossa Imprensa, na justa medida, os encantos da vida social que ali se

desfrutam elegantemente. Sem a menor dúvida, o Cassino é uma sugestiva paisagem acolhedora na benignidade do clima na radiosa modéstia do seu viver, nas lembranças do seu passado, no espumar das suas ondas, na placidez da sua existência e na eficácia do seu poder hidrológico. Naquela praia imensa parece caber todo inteiro numa perfeita miniatura, um mundo de felicidade onde a vida, sem excessos nem complicações decorre mansamente, pacatamente, repleta de suavidades maravilhosas. Decorre tão mansa e suavemente, meu caro leitor como a doce poesia das ondas marinhas a beijarem cariciosamente os pés dos milhares de brotinhos que ali acorrem a fazer da Vila Siqueira uma praia da maior elegância, um verdadeiro Parque Palaciano. São fulgurantes imagens de beleza, esses brotinhos. Passeando para os contemplativos que, deslumbrados pela irradiação da carne impenitente, seguem ao longe e ao perto, essas sedutoras silhuetas, com os olhos mergulhados em profundo êxtase... . (Rio Grande, 16/02/1957)